**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS**

Áurea Esteves Serra

**AS ASSOCIAÇÕES DE ALUNOS DAS ESCOLAS NORMAIS DO BRASIL E DE
PORTUGAL: APROPRIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO (1906-1927)**

**MARÍLIA
2010**

Áurea Esteves Serra

**AS ASSOCIAÇÕES DE ALUNOS DAS ESCOLAS NORMAIS DO BRASIL E DE
PORTUGAL: APROPRIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO (1906-1927)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira.
Linha de pesquisa: Filosofia e História da Educação no Brasil.

Orientadora: Professora Dra. Ana Clara Bortoleto Nery.

**MARÍLIA
2010**

Ficha Catalográfica
Serviço de Biblioteca e Documentação – UNESP – Campus de Marília

Serra, Áurea Esteves

S4877a As associações de alunos das escolas normais do Brasil e de Portugal: apropriação e representação (1906-1927) / Áurea Esteves Serra. – Marília, 2010.
290 f. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2010.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery.
Bibliografia: f. 192-230.

1. Escola Normal. 2. Associações. 3. Periódicos.
4. Formação de professores - Brasil. 6. Formação de professores - Portugal. I. Autor. II. Título.

CDD: 378.81

Áurea Esteves Serra

**AS ASSOCIAÇÕES DE ALUNOS DAS ESCOLAS NORMAIS DO BRASIL E DE
PORTUGAL: APROPRIAÇÃO E REPRESENTAÇÃO (1906-1927)**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Ana Clara Bortoleto Nery

Dr Pedro Pagni

Dr. Bruno Bontempi Junior

Dra. Márcia de Paula Gregorio Razzini

Dr. Joaquim Pintassilgo

Marília, 09 de fevereiro de 2010.

A Deus. Por tudo!

Para

Alvaro Esteves (*In memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Esta tese significa a culminância de uma trajetória acadêmica. Muitas pessoas contribuíram para a minha formação, me presenteando com sua amizade, me ensinando com seu exemplo. Apoiaram-me e estimularam ao longo dos anos. Como é impossível citar todas, expresso minha gratidão a todos aqueles que porventura não tenha citado aqui.

Agradeço a Deus, por ter me dado tranqüilidade de espírito perante todas as dificuldades enfrentadas para realização desta tese.

À minha orientadora, prof^a. Ana Clara Bortoleto Nery, pela orientação, pelo apoio e pela amizade que nasceu fruto da pesquisa e pelas orientações e contribuições para elaboração desta tese. E também pelo incentivo quanto ao estágio no exterior, oportunidade essa de grande aprendizado acadêmico e cultural.

Ao professor Dr. Joaquim Pintassilgo, que com todo cuidado permitiu que minha estada em Portugal fosse a mais proveitosa possível quanto à orientação oferecida.

Aos professores: Luiz Carlos Barreira e Pedro Angelo Pagni, pela participação no exame de qualificação, momento em que ofereceram sugestões para elaboração desta tese.

Aos colegas do GEPAEFE, companheiros de trabalho, nas disciplinas cursadas e nos congressos. Em especial, ao Émerson, Jaqueline e Leila.

À SME de Birigui, Renata Nogueira, prof. Paulo Batista de Souza e prof^a Sônia Regina Guaraldo o apoio concedido quanto às licenças especiais.

A Capes, pela bolsa de Estágio de Doutorado no Exterior que me propiciou uma oportunidade de me dedicar integralmente aos estudos.

À equipe da Seção de Pós-Graduação da UNESP de Marília/SP.

Aos amigos André, Giovani, Lica, Lucas, Luzia, Rafael, Zeca e Arnaldo pelo “levar e trazer” Birigui – Marília e Lucy pelo Birigui – São Carlos, livros, documentos etc e ao amigo frei Flávio pela mediação junto à escola de Guaratinguetá.

Às responsáveis pelos acervos: ESEC – Dra. Margarida; ESELx – Dra. Stella e prof. Moreirinhas; IPP – Dra. Ótilia; Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – Maria Isabel; Archives Institut J.-J. Rousseau – François Bos; Archives Jean Piaget – Silvia Parrat Dayan; Acervo “Caetano de Campos” – CENP/SEE – Fabiana Valeck Oliveira e equipe; Acervo da Escola Estadual “Alvaro Guião” – profª Alessandra Arce e Instituto de Estudos Educacionais “Sud Mennucci” – Ivanilde. Aos diretores dessas instituições quero expressar o meu reconhecimento pela forma simpática e acolhedora que fui recebida.

Aos colegas: Luiz Carlos Barreira e Soalnge Franzói pela leitura e observações, Andréa Ramos pela revisão ortográfica e Maria Luzinete Euclides, pela normalização bibliográfica.

Aos meus familiares, esposo Antonio, avô Manoel Esteves (in memorian), pai Alvaro (in memorian), mãe Antonia (in memorian), irmãos Amauri, Amaurilio, Amarildo e Alvaro, irmãs Aureli, Alcilene e Amanda e aos sobrinhos (as) Alexandre, Bruna, Caroline, Felipe, Guilherme, Pietro e Roberto, pela paciência quanto a minhas ausências e o meu carinho de tê-los em minha vida.

Aos muitos amigos e amigas brasileiros conhecidos em Lisboa, pesquisadores como eu, que aventuraram-se na pesquisa no exterior, em especial a Bernadete, Cecília, Christianni, Dimas, Dulcyene, Edeniro, Gladys, Lourdes, Reginaldo e Rosimeire e muitos outros que cruzaram o meu caminho, como a Kátia de Moçambique. Meu abraço carinhoso.

Aos amigos e amigas que cultivei: Lisboa – Lucy, Moreirinhas e Stella, Genebra – Fiorenzo, Lucineide e Carmélia, Bruxelas – Chantal e Mário. Meu agradecimento pela ajuda quanto à pesquisa, e passeios culturais. E ainda aos amigos (as) de Lisboa um agradecimento especial aos casais Meire e Jackson, Cínthia e Ricardo, aos amigos do grupo de Taizé, do grupo Metanóia, as monjas do convento do Lumiar pela recepção e acolhimento, em especial a Stella, a Lucy, a Célia, Ir. Maria José e tantos outros.

Estudantada

Um normalista, um artigo num jornal; dois normalistas, um
jornal; tres normalistas, um Gremio.
Um atheneuenses, um “sportman”; dois atheneuenses, um
campeonato; tres atheneuenses, uma excursão ao interior.
Um gymnasiano, um gymnasiano; dois gymnasianos, um
“choro”; três gymnasianos, uma Rainha.
Um cezariano, um “shoot”; dois cezarianos, um “time”; três
cezarianos, um jogo com o Atheneu.
Um alumno na Faculdade, um academico; dois academicos, um
“trote”; tres academicos, uma photographia numa estatua da cidade.
Um liceuense, um soldado; dois liceuenses, um
pelotão; tres liceuenses, uma passeata pela cidade.
Um academico de Commercio, um estudante ás direitas; dois academicos
de commercio, um “falhão” para ir ao cinema;
tres academicos de commercio, um Tiro de Guerra.
Um diocesano, um passeio ao Bosque dos Jequitibás; dois diocesanos, uma
Academia de Letras; tres diocesanos, um Club Recreativo.
(Revista de Ensino, 1914).

Resumo

A partir da seleção de cinco periódicos (jornais e revistas) organizados por normalistas de duas Escolas Normais do Brasil e de três de Portugal, no período de 1906 a 1927, esta tese tem como objetivo compreender e analisar as associações de alunos existentes nessas escolas nesse período. São analisados os periódicos brasileiros: *Excelsior*, revista do Grêmio Normalista “22 de Março”, da Escola Normal de São Carlos-SP; *O Estimulo*, revista do Grêmio Normalista “2 de agosto”, da Escola Normal da Capital-SP; e os periódicos portugueses: *O Alvorecer*, quinzenário pedagógico da Escola Normal do Porto; *Educação Feminina*, jornal do Órgão das Normalistas de Lisboa, da Escola Normal Primária de Lisboa e *Os Novos*, revista da Associação dos Alunos da Escola Normal Primária de Coimbra. Trabalhando numa perspectiva comparada, o procedimento dessa análise, se centra nos dispositivos tipográficos e nos conteúdos dos artigos dos periódicos, tendo como eixo metodológico as idéias de Roger Chartier, Michel de Certeau e Carlo Ginzburg. Os resultados obtidos confirmam que esses periódicos funcionaram como dispositivo e normatização da formação de professores nas respectivas Escolas Normais através das associações de alunos. No Brasil trata-se de um projeto de formação controlado pela administração pública e em Portugal um projeto pautado no desenvolvimento do *self-government*.

Palavras-chave: Escola Normal. Associações. Periódicos. Formação de professores no Brasil e em Portugal.

Abstract

From the selection of five periodics (newspapers and magazines) organized by two normale students from Brazil and three from Portugal, in the period of 1906 until 1927, this thesis has as objective understand and analyze the student's associations in this period of time. Are analyzed Brazilians' periodic: Excelsior, magazines of Gremio Normalista "22 de março" Normal School from São Carlos – SP; O Estimulo, Magazine of Grêmio Normalista "2 de agosto" from Normal School of capital – SP; and portuguese's periodics: O Alvorecer, a fortnight pedagogical of Normale School from Porto; Educação feminina, periodical from Órgão das Normalistas de Lisboa, of the Primary Normal School from Lisboa and Os novos, magazine of the students association of Primary Normal School from Coimbra. Working on a comparative perspective, the procedure of such analysis, focuses on typographical devices and on the content of periodical articles of the periodics ones are considered, having as methodologic axle the ideas of Roger Chartier, Michel de Certeau and Carlo Ginzburg. The results confirm that these periodics had functioned as normatization of the formation of teachers in the respective Normal Schools through the student associations. In Brazil it is a training project controlled by public administration and in Portugal a project based on the development of self government.

Key-words: Normal School. Associations. Periodics. Teacher's formation in Brazil and in Portugal.

Lista de ilustrações

Ilustração 1 - Periódico <i>Educação Feminina</i> , página 1 do número 7, publicado em 22/09/1913.	49
Ilustração 2 – Periódico <i>O Alvorecer</i> , página 1 do número 1, publicado em 25/04/1912.	59
Ilustração 3 - Periódico <i>O Alvorecer</i> , página 1 do número 23, publicado em 25/04/1913.	59
Ilustração 4 – Periódico <i>Os Novos</i> . Capa do número 3, publicado em 12/03/1926...72	
Ilustração 5 – Subtítulo que aparece na página de rosto da revista <i>O Estimulo</i>	100
Ilustração 6 – Trecho selecionado da ata de 30/10/1909 da sessão do Gremio Normalista “Dois de Agosto”	103
Ilustração 7 – Revista <i>O Estimulo</i> . Capa do número 29, publicado em 102/08/914.....	107
Ilustração 8 – Selo da tipografia Augusto Siqueira & Comp., encontrado no verso da capa dos livros de atas de 1909 da Escola Normal Secundária da Capital.....	109
Ilustração 9 – Esse clichê encontra-se na parte superior de quase todas as páginas da revista <i>O Estimulo</i> . Digite o título do capítulo (nível 2)	109
Ilustração 10 – Página número 6, do número 1 da revista <i>Excelsior!</i> , publicada em 22/03/1911. Digite o título do capítulo (nível 3)	116
Ilustração 11 – Revista <i>Excelsior!</i> . Capa do número 3, publicado em 1913.....	117
Ilustração 12 - Capa localizada junto a encadernação de várias edições da revista <i>O Estimulo</i>	157
Ilustração 13 – Capa do convite para comemoração do 49º aniversário da Escola Normal da Capital, 1929.....	174
Ilustração 14 – Interior do convite: Programa da comemoração do 49º aniversário da escola, 1929.	174

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Categorias elencadas para o estudo.....	141
Gráfico 2 – Textos escritos por homens e mulheres.....	142
Gráfico 3 – Tipos de textos escritos pelos autores dos periódicos.....	143
Gráfico 4 - Resumo dos temas elencados para o estudo.....	181

Lista de quadros

Quadro 1 – Associações e impressos - 1910 a 1930 – Portugal.....	41
Quadro 2 – Escolas normais, associações e impressos - 1906 a 1927 – Brasil.....	91
Quadro 3 – Aspectos da materialidade 1.....	154
Quadro 4 – Aspectos da materialidade 2.....	159

Lista de siglas

ABE – Associação Brasileira de Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas

CPP – Centro do Professorado Paulista

ESEC – Escola Superior de Educação de Coimbra

ESELx – Escola Superior de Educação de Lisboa

ESMAE – Escola Superior de Música e de Artes do Espetáculo

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

GEPAEFE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Administração da Educação e Formação de Educadores

IPP – Instituto Politécnico do Porto

PDEE - Estágio de Doutorado no Exterior

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

SME – Secretaria Municipal de Educação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UNESP/FFC – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” / Faculdade de Filosofia e Ciências – campus de Marília/SP

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
PARTE 1 – ASSOCIAÇÕES DE NORMALISTAS PORTUGUESES.....	35
CAPÍTULO 1 – Associação da Escola Normal Primária de Lisboa e respectivo periódico.....	42
1.1 O associativismo estudantil na Escola Normal Primária de Lisboa.....	42
1.2 Educação Feminina: uma tentativa de concretização do self-governament.....	49
CAPÍTULO 2 – Associação da Escola Normal do Porto e respectivo periódico.....	53
2.1 O associativismo estudantil na Escola Normal do Porto.....	53
2.2 O Alvorecer: conexão entre normalistas.....	58
CAPÍTULO 3 – Associação da Escola Normal Primária de Coimbra e respectivo periódico.....	69
3.1 O associativismo estudantil na Escola Normal Primária de Coimbra.....	69
3.2 Os Novos: divulgação da pedagogia moderna.....	71
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS - As associações de normalistas portugueses, seus periódicos (<i>Educação Feminina</i> , <i>O Alvorecer</i> e <i>Os Novos</i>) e seus autores.....	75
PARTE 2 – ASSOCIAÇÕES DE NORMALISTAS BRASILEIROS.....	86
CAPÍTULO 4 – Associação da Escola Normal Secundária da Capital e respectivo periódico.....	95
4.1 O associativismo estudantil na Escola Normal Secundária da Capital.....	95
4.2 O Estimulo: um projeto administrativo.....	107
CAPÍTULO 5 – Associação da Escola Normal Secundária de São Carlos e respectivo periódico.....	112
5.1 O associativismo estudantil na Escola Normal Secundária de São Carlos	112
5.2 Excelsior!: divulgação da pedagogia republicana.....	117
CONSIDERAÇÕES PARCIAIS - As associações de normalistas brasileiros, seus periódicos (<i>O Estimulo</i> e <i>Excelsior!</i>) e seus autores.....	126

PARTE 3 – OLHARES ENTRECruzADOS: POR UMA HISTÓRIA	
COMPARADA.....	138
CAPÍTULO 6 - Tecendo comparações: aproximações e diferenças entre as associações de alunos.....	139
6.1 As Associações de alunos e escolas normais: questões políticas.....	146
6.2 Os impressos: aspectos tipográficos.....	152
6.3 Os impressos: questões educacionais.....	161
6.3.1 Associação e Impressos: formação dos futuros professores.....	165
6.3.2 Os impressos estudados: uma dimensão técnica e instrumental ao cotidiano escolar.....	175
6.3.3 Apropriações dos saberes e práticas pelos alunos nas revistas e jornais normalistas	176
6.4 Cruzando os olhares.....	181
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	189
REFERÊNCIAS.....	195
BIBLIOGRAFIA DE APOIO TEÓRICO	204
FONTES DOCUMENTAIS PRINCIPAIS.....	213
FONTES DOCUMENTAIS	213
ACERVOS, ARQUIVOS E SITES CONSULTADOS	229
APÊNDICES.....	234

INTRODUÇÃO

A invenção do historiador que escolhe o documento, extraíndo-o conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende de sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio.
(LE GOFF, 1994, p. 103).

Esta tese de doutorado teve por preocupação central a realização de um estudo comparado sobre as associações de alunos das escolas de formação de professores da escola primária, no Brasil¹ e em Portugal, entre os anos de 1906 e 1927. O propósito foi analisar o processo de criação das associações de alunos nesse tipo de escola. Nesses termos, as questões referentes à concepção de associação estudantil e o papel do aluno são centrais neste texto, pois pensa-se que o papel destes postulava ser portador da modernização e renovação cultural proposta para esse período. Foram eleitas as Escolas Normais do Estado de São Paulo por ser este um dos estados brasileiros a apresentar a implantação e consolidação da formação docente como um projeto renovador de formação. E também devido à questão geográfica, o imenso território brasileiro. Penso que para se trabalhar com as demais unidades de federação seria necessário um projeto com pesquisadores dos vários estados brasileiros, como, por exemplo, o que resultou o livro *As Escolas Normais no Brasil: do Império à República*, organizado por Araujo, Freitas e Lopes, publicado pela Alínea Editora, 2009.

Compreende-se por associação estudantil a definição proposta por Lima (1925, p. 25): “a associação é um gremio escolar e post-escolar, constituindo um organismo federal: agrega todos os órgãos associativos da escola.” Tendo essa compreensão que associação estudantil é um grêmio que agrega **todos os órgãos associativos** de uma escola reconheço por “associações estudantis” neste trabalho os grupos de alunos que se organizam em torno dos nomes/termos: associação, grêmio, órgão, liga, centro cívico e mesmo grupo. Isto porque nos documentos estudados sempre percebi que havia um grupo de alunos por trás das determinadas organizações.

A escolha do período se deu pela localização de dados e documentos sobre as associações e os impressos produzidos pelos grêmios normalistas (Grêmio Normalista “22 de março”, Grêmio Normalista “2 de agosto”, Órgão das Normalistas de Lisboa, Associação dos Alunos da Escola Normal do Porto e Associação dos Alunos da Escola Normal Primária de Coimbra), das escolas eleitas para o estudo (Escola Normal Secundária de São Carlos, Escola Normal Secundária da Capital, Escola Normal Primária de Lisboa, Escola Normal do Porto e Escola Normal

¹ A descentralização do ensino no Brasil foi promulgada pela primeira vez em 1834. No período em foco nesta tese, o ensino primário e a formação de professores eram competências dos Estados. Assim sendo, cada Estado desenvolveu este nível e esta modalidade de ensino de formas distintas.

Primária de Coimbra), assim como seus respectivos periódicos (*Excelsior!*, *O Estimulo*, *Educação Feminina*, *O Alvorecer* e *Os Novos*).

Os cinco títulos reunidos e analisados neste trabalho foram publicados entre 1911 e 1927. Assim, o recorte temporal considerado, entre 1906 e 1927, decorre da identificação da criação de uma das associações de alunos e as publicações localizadas. A data inicial corresponde à criação da associação de alunos o Grêmio Normalista da Escola Normal da Capital – São Paulo, em 1906, e a data final marca o encerramento das publicações, especificamente a publicação *Os Novos*, da Associação da Escola Normal Primária de Coimbra, e também a última edição localizada da revista *O Estimulo*, do Grêmio Normalista da Escola Normal da Capital.

A ideia da pesquisa surgiu a partir da leitura do projeto de pesquisa *Divulgando Práticas e Saberes: a produção de impressos pelos docentes das Escolas Normais do Brasil e de Portugal*², coordenado pela Prof^a. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery, que teve por finalidade a realização de um estudo comparado entre Brasil e Portugal a partir da análise dos impressos produzidos pelos docentes das Escolas Normais, nos dois países, entre os anos de 1911 e 1950. Nessa pesquisa verificou-se que os periódicos publicados pelas Escolas Normais de Portugal eram, em sua maioria, de responsabilidade dos alunos. No caso brasileiro, foram localizados, inicialmente, os periódicos *Excelsior!* e *O Raio Verde*, ambos da Escola Normal Secundária de São Carlos. Assim, comecei a questionar a existência desses periódicos e o papel que as respectivas associações exerciam na formação de professores. Por outro lado, posso considerar, também, que minha experiência pessoal como Diretora de Escola junto à Secretaria Municipal de Educação de Birigui³/SP, professora no curso *PCN em Ação*, docente do curso de Pedagogia, Matemática e Administração da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui/SP e membro do colegiado do Curso de Pedagogia, Conselheira Municipal de Educação e coordenadora de associações e ONGs me instigou a desenvolver a investigação. Assim, dessas experiências surgiu o meu interesse em estudar não só a organização de associações, como também os impressos e a formação de professores, que foram se definindo como campo de trabalho.

² Este projeto contou com apoio financeiro da FAPESP, nas modalidades Auxílio à Pesquisa e Bolsa de Pesquisa no Exterior.

³ Adoto em todo este trabalho as normas previstas no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. E para os títulos de documentos e citações de trechos, utilizo a ortografia original da época.

Entre março de 2002 e outubro de 2004, fui aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP-Marília, nível de mestrado, desenvolvendo pesquisa sobre Instituto de Educação e formação do professor alfabetizador⁴. Essa pesquisa resultou na dissertação intitulada *A formação do professor alfabetizador no IE “Prof. Stélio Machado Loureiro”, de Birigui/SP (1961-1976)*.

Com o objetivo de contribuir para a compreensão da história da formação do professor alfabetizador no Brasil, abordei nessa dissertação os principais aspectos do modelo para essa formação implementado no IE “Prof. Stélio Machado Loureiro”, de Birigui/SP, que funcionou entre 1961 e 1976. Desenvolvi tal trabalho por meio da utilização de procedimentos de recuperação, reunião, seleção, organização e análise de fontes documentais (matrículas de alunos, jornais de época, livros tombo, e outros) e bibliografia especializada relativas à formação do professor alfabetizador no período em questão.

Em 2005, participei do processo de seleção para o Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP-Marília, nível de doutorado, ingressando como aluna regular, em 2006, sob orientação da professora Dr^a. Ana Clara Bortoleto Nery. Nessa condição, passei também a integrar o *Grupo de Estudo e Pesquisa em Administração da Educação e Formação de Educadores* (GEPAEFE), na linha de pesquisa *Formação de Educadores: memória e perspectivas*, que desenvolveu o projeto *Divulgando Práticas e Saberes: a produção de impressos pelos docentes das Escolas Normais do Brasil e de Portugal (1911-1950)*, e que agora desenvolve o projeto *Biblioteca Histórica da Escola Normal de Piracicaba: constituição do acervo, circulação de modelos culturais e formação do leitor*, ambos com Auxílio FAPESP e sob a coordenação da Prof^a. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery.

Conforme explicitado acima, esta investigação é parte integrante do projeto *Divulgando práticas e saberes*. Este último, por sua vez, foi desenvolvido no âmbito do projeto de cooperação internacional, *História da Escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais com sede na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa*, sob a coordenação do prof. Dr. Joaquim Pintassilgo, e na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, sob a coordenação da

⁴ Nessa condição, passei também a integrar o Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (GPHELLB)⁴ e a equipe executora do Projeto Integrado de Pesquisa “Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano” (PIPELLB)⁴, ambos coordenados pela professora orientadora Dra Maria do Rosário Longo Mortatti.

Prof^a. Dra. Marta Maria Chagas de Carvalho. Este projeto possui várias outras articulações, sendo a principal delas, o estudo de periódicos enquanto fontes e a formação de professores. Assim, esta tese insere-se neste universo, o trabalho de estudo iniciou-se a partir dos periódicos selecionados.

Dentre o vasto conjunto de trabalhos produzidos pelo grupo, destaco o livro *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais*, organizado por Pintassilgo, Freitas, Mogarro e Carvalho, em 2006, e o capítulo *Movimento associativo, circulação do impresso e apropriação de modelos pedagógicos em Portugal e no Brasil na primeira metade do século XX: uma contribuição para os estudos de história da educação comparada*, publicado no livro *História(s) Comparada(s) da Educação*, organizado por Marta Maria de Araújo, em 2009.

Quanto ao grupo GEPAEFE e seus projetos, li os textos resultantes das pesquisas realizadas pela Prof^a. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery e as orientadas pela mesma professora, apresentando, assim, algumas pesquisas pertinentes ao tema em estudo.

Um dos principais trabalhos desenvolvidos no grupo coordenado pela Prof^a. Dr^a. Ana Clara Bortoleto Nery (2007) é o CD-ROM *Divulgando Práticas e Saberes: a produção de impressos pelos docentes das escolas normais do Brasil e de Portugal*, trabalho este que trata do registro, especialmente de fontes documentais, assim temos sua preservação e disponibilização para o público interessado: produção que trata do registro, especialmente de fontes documentais, importante para a preservação e disponibilização para o público interessado, uma experiência de garimpar e decodificar as fontes realizadas pelo grupo de pesquisa quanto à preservação dos arquivos educacionais e a construção do conhecimento.

Nery (2006), no artigo intitulado *Periódicos educacionais portugueses: circulação e apropriação de modelos culturais*, se ocupa dos textos escritos pelos professores e publicados nos impressos das Escolas de Formação de Professores, para Escola Primária em Portugal, entre 1911 e 1950. Esses artigos apresentam indícios de saberes e práticas que circulam nas referidas escolas portuguesas em dois momentos distintos: o primeiro – de 1911 a 1930 – com as Escolas Normais Primárias e o segundo – de 1930 a 1950 – com as Escolas do Magistério Primário. A pesquisa realizada por Nery aponta as diferenças entre essas duas fases na história da formação de professores em Portugal com relação à circulação de modelos

educacionais nos periódicos estudados. Para a análise das fontes, a autora tem como referencial as ideias de Chartier sobre representação e apropriação e atenta para o fato de que, olhando para o mapa formado pelo estudo, tem-se uma compreensão do papel dessas instituições na formação do campo educacional português e na circulação das ideias da educação nova.

Em *Raízes da formação dos administradores escolares: associativismo discente nas Escolas Normais do Brasil e de Portugal (1911-1930)*, os autores Ana Clara Bortoleto Nery, Áurea Esteves Serra e Emerson Correia da Silva (2007) abordam práticas presentes nas Escolas Normais do Estado de São Paulo e de Portugal no período da 1ª República, onde tais práticas tinham por finalidade formar o normalista para as práticas colegiadas a serem desenvolvidas nas escolas primárias. Esse artigo tem como objetivo principal compreender as feições assumidas pelas associações discentes nas instituições de formação do professor primário, momento em que ainda não havia cursos de formação de diretores de escola.

No artigo *Associativismo discente nas Escolas Normais do Brasil e de Portugal (1911-1930)*, os autores Ana Clara Bortoleto Nery e Emerson Correia da Silva (2006) têm como objetivo compreender as feições assumidas pelas associações discentes nas instituições de formação do professor primário, a partir da análise dos periódicos editados pelas associações, que refletem seus objetivos. Os autores traçam um perfil da formação desse alunado que carrega informações sobre o funcionamento das escolas normais. O artigo fornece uma análise da materialidade dos periódicos ao entendê-los como suportes materiais das práticas pedagógicas.

Emerson Correia da Silva (2007), em seu Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia (TCC) intitulado *O professor ideal em Excelsior! (1911-1916)*: a revista dos alunos da Escola Normal de São Carlos, aborda aspectos da formação do professor primário mediante análise do periódico *Excelsior!*, publicado pelo Grêmio Normalista da Escola Normal de São Carlos.

Já em sua dissertação de mestrado em Educação, intitulada *A configuração do habitus professoral para o aluno-mestre: a Escola Normal Secundária de São Carlos (1911-1923)*, Emerson Correa da Silva (2009) tem por objetivo compreender os aspectos da constituição do campo educacional paulista entre os anos de 1911 e 1923, com especial atenção para escola normal instalada na cidade de São

Carlos/SP. Como resultado, Silva observou a constituição de um “habitus” professoral específico, centrado na difusão de uma imagem do professor republicano, progressista e liberal.

Em seu TCC de Curso de Pedagogia, intitulado *Revista da Escola Normal de São Carlos*⁵ (1916-1923): a formação do professor, Jaqueline Rampeloti Ozelin (2006) trata da análise histórica de uma fonte primária, utilizando como embasamento teórico os conceitos de materialidade, apropriação e representação propostas por Roger Chartier. Ozelin tem como objetivo principal compreender quais saberes são privilegiados pelo grupo que dirige o periódico e que orientavam a formação dos alunos normalistas, chegando à conclusão que a *Revista da Escola Normal de São Carlos* se constituiu em um veículo de divulgação de ideais entre alunos e docentes dessa instituição durante as primeiras décadas da República brasileira.

De acordo com Leila Maria Inoue (2007), em seu TCC de Curso de Pedagogia, intitulado *Divulgando “novos” ideais de formação docente: a Revista de Educação 1921-1923*, seu objetivo foi compreender as formas pelas quais a *Revista de Educação*⁶ pretendeu fazer a propaganda da Reforma da Instrução Pública de 1920, em São Paulo, por meio da divulgação de saberes e práticas para a formação dos professores primários. A autora partiu do estudo da materialidade, do ciclo de vida e do conteúdo, trabalhando apoiada num conjunto de investigações que se baseiam na História Cultural, em especial nas premissas de Chartier, chegando à conclusão, com sua análise, que a *Revista de Educação* se constituiu em uma estratégia editorial para divulgar as medidas estruturais e pedagógicas propostas pela Reforma.

Já em seu trabalho de mestrado em desenvolvimento, intitulado *Nacionalismo através dos impressos: a Revista de Educação (1921-1923) e a coleção Atualidades Pedagógicas (1931-1945)*, Leila Maria Inoue (2008) tem por objetivo analisar as ideias nacionalistas que orientaram a formação de professores primários na década de 1920 e no Período Vargas, tomando como fonte principal o periódico educacional denominado *Revista de Educação*, publicado pela antiga Escola Normal de Piracicaba, estado de São Paulo, entre 1921 a 1923, e também os

⁵ Periódico publicado pelos professores da Escola Normal de São Carlos, com 13 números, que teve como colaboradores, dentre outros, João de Toledo, Carlos da Silveira e Firmino de Proença.

⁶ Periódico publicado pelos docentes da Escola Normal de Piracicaba, entre 1921 e 1923, tendo como principal articulador o então professor de Pedagogia da referida escola Lourenço Filho.

livros da Coleção Atualidades Pedagógicas, publicados pela Companhia Editora Nacional, entre os anos de 1931 a 1945. A autora busca compreender e analisar quais eram as implicações das ideias nacionalistas na formação de professores primários que os impressos mencionados divulgavam e como essas questões emergem nas publicações.

Destaco que, dado meu interesse inicial pelo tema e após sua delimitação para pesquisa, o trabalho centrou-se na eleição das fontes primárias, estabelecimento de relações com as secundárias e seleção de literatura de apoio para sustentar a investigação e interpretação de dados coletados.

Quanto ao estágio de doutoramento, fiquei lotada na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, para a realização do referido estágio⁷ sob co-orientação do Prof. Dr. Joaquim António de Sousa Pintassilgo. Após a leitura de *A imprensa de educação e ensino: repertório analítico* (séculos XIX-XX), do professor Nóvoa, elaborei um quadro com os impressos selecionados tendo como critério norteador a publicação de normalistas entre os anos de 1910 e 1930. A partir da elaboração do quadro, defini quais os periódicos de Portugal seriam usados como fontes: *Os Novos* – Coimbra, *Educação Feminina* – Lisboa e *O Alvorecer* – Porto.)

Tanto no Brasil, como em Portugal, na investigação em Educação encontram-se poucos estudos sobre alunos, e, designadamente, ao seu associativismo. Assim, este estudo teve por objetivo investigar as associações estudantis, entidades organizadas dentro das escolas normais, nas principais questões educacionais que se apresentam, no Brasil e em Portugal, ao longo de duas décadas. Não é, portanto, uma pesquisa sobre todas as manifestações do movimento associativo estudantil das escolas normais nas suas tendências político-ideológicas, mas o que registro é prioritariamente a criação dessas organizações de alunos, a materialidade dos periódicos e o papel desempenhado por elas na formação dos normalistas.

⁷ Estágio de Doutoramento no Exterior – PDEE, CAPES - Processo: BEX0357/07 – 3, Área: EDUCAÇÃO, Período: De 06/08/2007 até 20/01/2008.

Ressalto que as fontes documentais⁸ escolhidas foram localizadas: *Excelsior!*, na Biblioteca da Unidade Especial de Informação e Memória da Universidade Federal de São Carlos (UEIM) e na Escola Estadual Dr. Álvaro Guião, na cidade de São Carlos/SP, *O Estimulo*, no arquivo “Caetano de Campos” lotado na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas do Estado de São Paulo (CENP), São Paulo/SP, os exemplares do periódico *O Alvorecer*⁹, em Portugal, na Biblioteca Nacional, em Lisboa, e na Biblioteca Pública Municipal do Porto, e os exemplares de *Educação Feminina* e *Os Novos*¹⁰ foram localizados na Biblioteca Nacional, em Lisboa. Cabe ressaltar que, no período em foco, foi publicado o periódico o *Raio Verde*¹¹ pela Escola Normal de São Carlos/SP.

É possível encontrar nos periódicos selecionados um espaço privilegiado às reflexões acerca das associações de alunos, como um instrumento de afirmação e propagação de seus ideários culturais, literários, e políticos. Através dos textos (artigo e matérias) que tratam das questões propostas e suas análises, busquei compreender as estratégias de criação e representação dessas associações e a divulgação das ideias, o que possibilitou encontrar elementos de constituição do discurso sobre o futuro educador na imprensa.

Justifico o estudo acima pelas seguintes razões básicas:

- investiga o movimento associativo estudantil normalista na década de 1920.
- apresenta informações sobre o movimento estudantil normalista da década de 1920 no Brasil e em Portugal, elementos importantes para o estudo da formação de professores em ambos os países.

⁸ Em todo processo da pesquisa, defrontei-me com as dificuldades comuns à pesquisa histórica e a localização das fontes documentais. No Brasil, isso foi muito mais difícil porque na maioria das escolas a resposta era “quando mudamos de sala, muita coisa se perdeu”. Refiro-me aqui às demais escolas do estado de São Paulo, porque no caso dos acervos das duas escolas em questão encontrei pessoas dispostas a ajudar e muito documentos. Já em Portugal, a situação é muito diferente, lá os acervos foram preservados e quando permitida a realização da pesquisa, era com facilidade que localizava as fontes documentais. Encontrei também muitas pessoas dispostas a ajudar em Lisboa e Coimbra, porém, no Porto não tive acesso ao antigo acervo da Escola Normal.

⁹ A Biblioteca Nacional, em Lisboa possui exemplares de *O Alvorecer* somente a partir do n. 2 e a Biblioteca Pública Municipal do Porto desde o n. 1.

¹⁰ Também localizei um exemplar de *Os Novos*, o de n.3 na Biblioteca da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx).

¹¹ Informo que após inúmeras tentativas não foi possível localizar as edições do periódico *O Raio Verde*. Somente tive acesso a uma das páginas desse periódico através da prof^a. Ana Clara Bortoleto Nery.

- contribue para os estudos sobre a formação de professores no Brasil e em Portugal, sobretudo ao dar voz a um dos agentes desta formação: o aluno.

Considerando-se as razões acima, que enfocam uma investigação sobre o movimento estudantil normalista que tenha por referência as associações discentes e seus respectivos periódicos, propus, acima de tudo, avançar nas informações e na compreensão daquilo que permita perceber o modo de formar o professor.

Uma quarta razão pode ser justificada porque o trabalho com periódicos educacionais, na perspectiva da História Cultural, possibilita a reconstrução histórica das práticas específicas desenvolvidas pelos autores, como também permite redesenhar os leitores visados por tais práticas, portanto a importância do estudo dos periódicos na sua materialidade. A partir do próprio impresso é possível recompor os projetos específicos como estratégias que visam a públicos leitores característicos.

Os dados coletados nesta tese consistem, por um lado, na identificação e localização dos periódicos portugueses e brasileiros publicados nas primeiras décadas do século XX nas escolas normais com a participação de alunos, por outro lado, na circunscrição e transcrição de trechos destes periódicos, em que registrei expressões que denotam a composição das associações de alunos, o ensino e as práticas escolares e, por consequência, a formação de professores primários, uma vez que o que “estava em jogo”, era a formação de um tipo de cidadão moralizador da sociedade.

Dentre as questões surgidas ao trabalhar numa perspectiva comparada, destaco: por que as escolas normais, apesar de suas semelhanças, possuem formas distintas, no Brasil e em Portugal? Assim, as associações de alunos também tiveram características distintas em ambos os países, sobretudo quanto à natureza de cada uma delas?

Neste contexto, a investigação realizada não aspira a mais do que a constituir-se como uma contribuição parcelar, seja do ponto de vista teórico, seja do ponto de vista empírico, limitando-se a uma aproximação assumida mais problematizante do que conclusiva, oportunizando, assim, novas pesquisas.

Logo, com esta pesquisa, apresento a realização do estudo comparado entre Brasil e Portugal, tendo os periódicos como fontes, ponto de partida para o estudo das associações de alunos das Escolas Normais, e também como objeto, enquanto materialização das práticas. O objetivo foi realizar uma comparação de

acordo com o que propõe Nóvoa (1995), ao afirmar que “[...] a comparação é uma história de sentidos e não um arranjo sistematizado de fatos: os sentidos que as diferentes comunidades dão às suas ações e que lhes permitem construir e reconstruir o mundo” (NOVOA, 1995, p. 83).

Ainda para esse autor (1996), o que permite comparar dimensões geográficas, a princípio distintas – como neste estudo em que a dimensão Brasil se limita ao estado de São Paulo e a dimensão Portugal ao país todo –, é que nesta proposição o

[...] conceito de comparação adquire novas conotações, deslocando-se da referência tradicional inter-países para dimensões simultaneamente intra e extra-nacionais, isto é centradas nas comunidades de pertença dos actores locais e nos processos de regulação ao nível internacional. (NÓVOA, 1996, p. 11-12).

Para Schriewer (1990), a educação comparada, além da visão descritiva, precisa ter também a função explicativa, porque “[...] a investigação comparada não consiste na comparação, e sim na explicação.” (SCHRIEWER, 1990, p. 80).

Voltando para Nóvoa (1998, p. 51-54), em uma perspectiva crítica, aponta que o projeto de comparação não é apenas a descrição de um sistema ou análise de um problema, mas vai além dos processos de inovação e de mudança. Esse projeto de comparação não pode apenas ser consequência da força de decisão política; ele visa, sobretudo, a uma aproximação com os autores educativos e à compreensão dos instrumentos de tomada de consciência e de emancipação.

Partindo de tais premissas e tendo em vista a realização da pesquisa, defini como objetivo geral contribuir para compreensão do papel das associações de alunos das escolas de formação de professores no Brasil e em Portugal e como objetivos específicos:

- Identificar as associações de alunos que produziram os periódicos *Excelsior!* e *O Estimulo* – Brasil, e *Educação Feminina*, *O Alvorecer* e *Os Novos* - Portugal, por meio de suas produções e identificar outras associações da mesma natureza.
- Conhecer os processos de organização das associações de alunos das escolas de formação de professores em ambos os países.

- Verificar quais discursos foram privilegiados nos textos escritos pelos alunos das escolas de formação de professores, Escolas Normais, nas publicações por eles organizadas, tendo em vista aproximar-se dos conhecimentos que circulavam por tais escolas.

- Analisar os periódicos das associações de alunos das escolas de formação de professores tendo como base as seguintes questões:

- Que questões estavam em maior evidência e eram mais discutidas?
- De que maneira era preconizada a formação de professores?
- De que maneira foram apresentadas as experiências vividas durante a formação?

Trata-se de um olhar mais aproximado sobre a formação de professores para a escola primária, uma vez que as associações de alunos, bem como suas publicações, são reveladoras de práticas institucionais e da circulação de saberes pedagógicos, não mais sob o foco dos pedagogistas, mas sob o ponto de vista, ainda que autorizado, dos alunos – futuros professores em formação.

Para Amaral (2002), abre-se a perspectiva de um sujeito a ser perscrutado: o aluno. A autora ainda escreve: “É o ator estudante que se manifesta, que registra, que inscreve a sua manifestação através dos impressos, que passam a ser novas fontes e/ou objetos de pesquisa que é a instituição educacional.” (AMARAL, 2002, p. 120).

Ainda para Amaral (2002), os jornais, revistas, boletins informativos, almanaques e periódicos fornecem muitas possibilidades de leitura das várias dimensões da vida escolar, especialmente em relação ao espaço discente e docente. Assim também verifico a autoria, quem são esses sujeitos/alunos que escrevem nos periódicos selecionados para este estudo, pois é sabido que, na maioria das vezes, as associações de alunos eram as responsáveis pela produção dos periódicos estudantis, os quais surgiam por iniciativa individual de determinados alunos ou turmas, e ainda outros por sugestões dos diretores e professores. Assim, o estudo dos periódicos em questão, também com foco nos alunos/autores, sugere uma nova perspectiva ainda pouco explorada pelos pesquisadores: a escuta do aluno.

Apresentam-se, assim, os periódicos *Excelsior!*, *O Estimulo* – Brasil e *Educação Feminina*, *O Alvorecer*, *Os novos* - Portugal como exemplos de organização de associações.

Para orientar a investigação, formulei as seguintes questões:

- Com que necessidades e com quais finalidades foram criadas as associações de alunos nas escolas normais?
- Quais as semelhanças e diferenças entre as associações brasileiras e portuguesas e suas respectivas publicações?

Com essa finalidade, consulteí várias publicações, de diversos pesquisadores. Quanto ao trabalho com impressos destaco: Catani (1989), Nery (1993, 1999, 2009), Nóvoa (1997), Catani e Bastos (1997), Bastos (1997), Carvalho (1998), Catani e Sousa (2001) e Barreira (2004).

Denice Barbara Catani, em sua tese de doutorado intitulada *Educadores a Meia-Luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918)*, defendida em 1989 e publicada em 2002 pela Editora da Universidade São Francisco, realiza um trabalho acerca da revista de ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX, buscando reconstruir o ciclo de vida do periódico e a compreensão da história dos investimentos dos professores paulistas, enquanto profissionais, no trabalho de delimitação e organização do espaço destinado ao debate das questões relativas ao ensino. Tendo por objetivo concretizar sua proposta também situa o lugar ocupado por uma entidade profissional como a “Associação” e sua iniciativa em manter um periódico especializado no processo de constituição do campo educacional paulista.

Nery (1993), em sua dissertação de mestrado intitulada *A Revista Escolar e o Movimento de Renovação Educacional em São Paulo (1925-1927)*, trata da participação da Revista Escolar no movimento de renovação educacional em São Paulo, sendo esta uma publicação mensal editada entre 1925 e 1927 pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, com 33 números. Nery apresenta o periódico em questão, constatando que, com a publicação dessa Revista, organizou-se um grupo de oposição a ela. Nery ainda realizou uma análise de seu conteúdo com a finalidade de saber qual a contribuição da Revista Escolar ao movimento renovador da época.

Nóvoa (1997), em seu projeto *Repertório Analítico da Imprensa de Educação e Ensino (séculos XIX – XX)*, afirma que:

[...] a imprensa é o melhor meio para apreender a multiplicidade do campo educativo, como afirma Pierre Caspard quando deixa clara a intenção do grupo francês em contribuir para uma 'história total da educação'. De facto, a imprensa revela as múltiplas facetas dos processos educativos, numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos etc), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas instâncias de socialização das crianças e jovens. A imprensa constitui uma das melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo. (NÓVOA, 1997, p. 12).

Para Catani e Bastos (1997, p. 5), a imprensa periódica educacional “[...] feita por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou outras instituições (sindicatos, partidos políticos, associações e Igreja [...])” constitui um *corpus* privilegiado para se compreender os modos de funcionamento do campo educacional. Nessas publicações circulam informações sobre o trabalho e práticas docentes, a organização do sistema de ensino, reivindicações dos professores, entre outros temas. Segundo as pesquisadoras, esses periódicos contêm e oferecem dados importantes para a compreensão da História da Educação e do ensino. Também para essas pesquisadoras, o acompanhamento da origem e o ciclo de vida da imprensa periódica educacional legitima o conhecimento das lutas que se travaram dentro do campo e também permitem investigar e conhecer a participação dos agentes produtores do periódico, principalmente no que se refere à elaboração dos discursos que estabeleceram as práticas exemplares.

É nesse sentido que se pode afirmar a dupla alternativa que as revistas de ensino oferecem aos estudos histórico-educacionais ao serem tomadas simultaneamente como fontes ou núcleos informativos para a compreensão de discursos, relações e práticas que as ultrapassam e as modelam ou ao serem investigadas, de um ponto de vista mais interno, se assim se pode dizer, quando então configuram-se aos analistas como objetos que explicitam em si modalidades de funcionamento do campo educacional. (CATANI; BASTOS, 1997, p. 7).

Segundo Bastos, “[...] Prescrevendo determinadas práticas, valores e normas de conduta, construindo e elaborando representações do social, a imprensa pedagógica afigura-se como fonte privilegiada de estudo [...]” (BASTOS, 1997, p. 173).

Outro trabalho consultado foi o texto de Marta Maria Chagas de Carvalho, *Por uma História Cultural dos Saberes Pedagógicos*. Para Carvalho (1998), o impresso interessa como objeto no duplo sentido: “como dispositivo de normatização pedagógica, mas também como suporte material das práticas pedagógicas”. (CARVALHO, 1998, p. 35). Para essa autora, tomar o impresso em sua materialidade implica tratá-lo como objeto cultural com suas marcas de produção e de seus usos. Um procedimento de investigação com vários campos:

[...] história das edições, histórias das políticas educacionais concretizadas nas prescrições legais e regulamentadas que estabelecem padrões e procedimentos para a sua produção, distribuição e uso; história da escola, entendida como instituição que é produto histórico da intersecção da pluralidade de dispositivos de normatização e de práticas de apropriação; história dos saberes pedagógicos que, veiculados pelo impresso, normatizam as práticas escolares, constituindo objetos de intervenção; história cultural dos usos sociais dos saberes escolarizados como currículo e disciplina escolar. (CARVALHO, 1998, p. 36).

Nery (1999), em sua tese de doutoramento *A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*, publicada em 2009 pela editora da UNESP, parte do estudo de quatro periódicos publicados no período, analisa o funcionamento do campo educacional paulista, tendo em vista a constituição e atuação da Sociedade de Educação. Nesse estudo, os periódicos são tomados como fontes essenciais para a compreensão do funcionamento da referida associação e como objeto de disputas dos atores envolvidos nas embates travados no campo.

Catani e Sousa (2001), no projeto de pesquisa *Imprensa Periódica Educacional Paulista (1890-1995)*, partem do reconhecimento da necessidade de conhecer e registrar publicações pedagógicas existentes no estado de São Paulo, capital e interior. Produziram e editaram o *Catálogo de Periódicos Educacionais* com o objetivo de facilitar as pesquisas nessa área, como também organizaram guias sobre as temáticas “formação/educação feminina” e “formação de professores/saberes pedagógicos”. A produção desse catálogo resultou na localização de 456 revistas publicadas em São Paulo, entre 1890 e 1996. Segundo as autoras, “tais revistas encontram-se descritas a partir de suas características e de sua disponibilidade pelos acervos.” (CATANI; SOUSA, 2001, p. 246).

Também consultei o texto *Estudo de periódicos: possibilidades para a história da educação brasileira*, particularmente o tópico *Jornal Nosso Esforço: Órgão do Curso Primário do Instituto de Educação de São Paulo (1936-1939)*, de Barreira. Segundo Nóvoa (1993)¹² apud Barreira et al. (2004), o jornal escolar é caracterizado mais diretamente

[...] como imprensa de educação e ensino e assemelha-se a outras publicações produzidas no contexto escolar, tais como revistas estudantes, anuários, almanaques escolares. Por ser uma produção de alunos, elaborado e confeccionado no espaço próprio da escola, o autor ressalta sua importância como 'uma fonte insubstituível para o estudo da evolução das práticas escolares, das realidades institucionais e do comportamento dos diferentes actores educativos'. (BARREIRA et al., 2004, p. 427).

Barreira et al. (2004) utilizou o *Jornal Nosso Esforço* como fonte privilegiada para investigar as práticas escolares e o projeto político-pedagógico que modelou o Curso Primário anexo ao Instituto de Educação da Universidade de São Paulo. Concluiu que as práticas escolares identificadas no *Jornal Nosso Esforço* possibilitam inúmeros elementos da dinâmica escolar para análise, sendo um deles o discurso da civilidade que instaurava a ordem escolar do Curso Primário do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, entre 1936 e 1939.

Após mapear as produções realizadas pelos professores das Escolas Normais do interior do estado de São Paulo em trabalhos anteriores, Nery se deparou com alguns periódicos publicados nessas instituições por alunos, no período entre 1911 e 1923. A partir desta constatação, as publicações das Escolas Normais passaram a ter dimensões ainda maiores nos trabalhos sobre formação de professores desenvolvidos por essa pesquisadora. Assim, em sua tese de livre-docência *Em busca do elo perdido: a ação reformadora de Oscar Thompson e a formação de professores (1911-1923)*, a autora teve por objetivo analisar e discutir aspectos da estruturação do campo educacional paulista. Nery (2009) demonstrou que a Reforma Sampaio Doria, em relação à formação docente através das Escolas Normais, apenas veio concentrar num único ato legal as ações e aspirações de Thompson ao longo da década de 1910. Para essa autora

¹² Trata-se de NÓVOA, António. *A imprensa de educação e ensino – repertório analítico (séculos XIX e XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

Este período é de intensa circulação de princípios pedagógicos, através de impressos e através de práticas. Na busca da conformação de uma cultura republicana que teria na Escola Normal o espaço de aprendizagem e disseminação, imprensa pedagógica e práticas cívico-patrióticas se revestem de uma cultura pedagógica. É visível na análise dos periódicos publicados nas Escolas Normais paulistas, dos impressos que compõem a biblioteca escolar e de práticas como o associativismo discente a confluência de saberes pedagógicos que acabam por proporcionar a formação pedagógica do aluno-mestre. (NERY, 2009, p. 163).

Esta pesquisa insere-se nos estudos sobre história da educação, campo da História Cultural, utilizando como embasamento teórico os conceitos de materialidade, apropriação e representação propostos por Roger Chartier.

Chartier (2002) constrói o livro *A história cultural*: entre as práticas e representações a partir de noções de “representação, prática, apropriação”. (p. 27). Para esse autor, o conceito de apropriação, tomado por empréstimo de Certeau (1994), define o consumo cultural como uma operação de produção que embora não fabrique nenhum objeto, assinala a sua presença a partir da maneiras de utilizar os produtos que lhes são impostos. As práticas de apropriação (táticas) são o contraponto às operações (estratégias) que visam a disciplinar e regular o consumo cultural. São “as práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as figuras.” (CHARTIER, 2002, p. 27).

Quanto ao conceito de representação, Chartier designa o modo pelo qual “em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler” (p. 17) por diferentes grupos sociais. A construção das identidades sociais seria o resultado de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma. (CHARTIER, 2002, p. 73).

Segundo Carvalho (1998), “[...] trabalhando com as representações que agentes determinados fazem de si mesmos, de suas práticas, dos outros agentes, de instituições – como a escola – e dos processos que as constituem.” (CARVALHO, 1998, p. 33), é possível historicizar a linguagem das fontes, originando novos temas de pesquisa que privilegiam os sujeitos envolvidos e as práticas culturais. Assim, investigando impressos de destinação pedagógica, busca-se compreender esses impressos por meio das práticas e representações (CHARTIER, 2002).

Quanto à materialidade, fiz uso da perspectiva de análise, “arqueologia dos objetos”, buscando nesse tópico dos impressos compreender as práticas de que foi produto e de que é hoje resíduo. Assim, os periódicos em questão constituíram-se, por um lado, em fonte de informação e, por outro, em objeto material de investigação.

Outro conceito utilizado é o de estratégia, proposto por Certeau (1994). Esse autor chama de “estratégia”: [...] o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ainda para esse autor, a estratégia existe na medida em que se observa o outro de um lugar do qual se apresenta como algo visível e delimitado e se tem poder sobre ele. Esse lugar baseia-se na disciplina, na “microfísica do poder” (CERTEAU, 1994, p. 46).

Também fiz uso do conceito “paradigma indiciário”, utilizado, dentre outros autores, por Ginzburg (1989). O paradigma denomina-se “venatório, divinatório, indiciário ou semiótico”. (p. 111).

Trata-se, como é claro, de adjetivos não-sinônimos, que no entanto remetem a um modelo epistemológico comum, articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si pelo empréstimo de métodos ou termos-chave. (GINZBURG, 1989, p. 170).

[...]

Essa idéia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas. Minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais [...] (GINZBURG, 1989, p. 177).

Para o desenvolvimento da pesquisa documental e bibliográfica, foram consultados acervos e instituições, no Brasil, em Portugal, Bruxelas e Genebra, e *sítes*, relacionados no final desta tese. Todo material localizado nesses acervos e instituições, embora nem todos utilizados no desenvolvimento desta estudo), encontram-se arrolados ao fim deste trabalho com intuito de colaborar com outras pesquisas.

Esta tese está estruturada em três partes, com seis capítulos.

A primeira parte, intitulada *Associações de Normalistas Portugueses*, é composta de três capítulos, que tratam das associações das escolas normais portuguesas selecionadas para o estudo e seus respectivos periódicos.

A segunda parte, intitulada *Associações de Normalistas Brasileiros*, é composta de dois capítulos, que tratam das associações das escolas normais brasileiras selecionadas para o estudo e seus respectivos periódicos.

Nessas duas primeiras partes, apresentei uma breve introdução do assunto tratado, traçando, após a apresentação das Escolas Normais, suas respectivas associações de alunos e periódicos, algumas considerações em cada uma delas.

A terceira parte, intitulada *Olhares entrecruzados*: por uma história comparada, trata finalmente do capítulo seis, a comparação quanto às associações e quanto aos periódicos. Este olhar cruzado ocupa-se da dimensão comparada da análise, apresentando os referentes quanto às escolas normais, associações de estudantes e os periódicos.

Ao final, são apresentadas as considerações finais, referências, instituições, acervos e *sítes* consultados, seguidos de oito apêndices contendo os quadros elaborados para o estudo.

PARTE 1

ASSOCIAÇÕES DE NORMALISTAS PORTUGUESES

“A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas.”(FEBVRE, 1953, p. 428).

Esta parte apresenta as escolas e os periódicos portugueses selecionados para esta pesquisa, assim como as associações e os alunos envolvidos.

De acordo com Carvalho (1985), com a Reforma da Instrução de Costa Cabral¹³, de 1844, são criadas escolas normais na cidade de Lisboa e do Porto, mas estas não vieram a se concretizar. Somente em 1860 é que foram criadas as escolas de formação de professores para a Escola Primária, Escolas Normais Primárias.

Ainda de acordo com Carvalho (1985), em 19 de setembro de 1839, no Palácio de Sintra, Júlio Gomes da Silva Sanches propôs que o objetivo inicial das Escolas Normais fosse a formação de professores primários, proporcionando conhecimentos específicos para o exercício da profissão docente a todos os que nela ingressavam. Esse período foi marcado pelo aparecimento de várias deficiências no nível do ensino primário que tanto os governos liberais quanto os da 1ª República se esforçaram por resolver, mantendo em funcionamento as Escolas Normais Primárias.

Com o advento da República, em 1910 até meados de 1926, Portugal vive um período de grandes mudanças. Em 1911, acontece a reforma da instrução infantil, primária e normal mediante o Decreto de 29 de março. O programa republicano incluiu toda uma reforma da instrução, principalmente no ensino primário. O ensino primário elementar era obrigatório, com a duração de três anos, para crianças de 7 a 10 anos; o ensino primário complementar, com duração de dois anos, para crianças de 10 a 12 anos; e o ensino primário superior, com duração de três anos, para adolescentes de 12 a 15 anos.

De acordo com Marques (1991), com exceção da Escola Oficina n. 1 de Lisboa, destes graus de ensino

[...] só funcionou regularmente o ensino elementar. O complementar não chegou a entrar em vigor, sendo extinto em 1919. Quanto ao ensino superior, durou apenas seis anos lectivos, de 1919-20 a 1924-25 e não foi além de 52 escolas.

¹³ Costa Cabral (Conde de Tomar), por decreto de 20 de setembro de 1844 – reforma da instrução restabelece o plano de Rodrigo da Fonseca (decreto de 11 de agosto de 1935, que determina a abertura de duas escolas normais masculinas, uma em Lisboa e outra no Porto), em relação às escolas normais de Lisboa e Porto, ficando o governo autorizado a instalá-las. Porém mesmo com a aprovação desse regulamento a escola normal primária de Lisboa para o sexo masculino só foi inaugurada em 1862.

[...] as escolas primárias superiores voltaram a aparecer com o ministro Helder Ribeiro. A Ditadura novamente as extinguiu, em junho de 1926. (MARQUES, 1991, p. 527).

Em 1901, foi criado o primeiro sistema de formação de professores para o ensino secundário – liceus, escolas industriais e escolas comerciais. Uma nova etapa começou a ser desenvolvida a partir da reforma de 1901, quando os estudos de pedagogia e psicopedagogia apresentaram um novo olhar, especialmente em virtude dos estudos de Claparède, envolvendo a psicologia e a pedagogia, que coincidiram com a criação do Instituto Jean Jacques Rousseau, em Genebra; Claparède destacava que a escola deve ser ativa, procurando ao máximo estimular a atividade da criança.

No ano seguinte, em 19/09/1902, ocorreu a regulamentação do ensino normal primário, o curso passou a ter a duração de três anos.

Assim, as escolas receberam em Portugal, ao longo do tempo, diferentes denominações. No período de 1911 a 1930, eram Escolas Normais Primárias e, a partir de 1930, por ato normativo, passaram a se chamar Escolas do Magistério Primário.

Em 05 de outubro de 1910, quando foi proclamada a República em Portugal, existiam escolas normais primárias em Lisboa, Porto e Coimbra, havendo ainda escolas para habilitação ao magistério nas sedes de todos os distritos, com exceção de Santarém.

De acordo com o Decreto de 29 de março de 1911, especificamente no documento “Reforma do ensino em Portugal”, a reforma foi organizada por categorias de ensino: ensino infantil, primário e normal; ensino profissional; ensino artístico; ensino da educação física; e ensino superior (PORTUGAL, 1989).

Na categoria ensino infantil, primário e normal, o documento n.1, “Reforma do Ensino Infantil, Primário, Normal” apresenta no artigo 31, parágrafo único, uma novidade para a época: “o regime destas escolas é o da co-educação dos sexos” (1989, p. 6).

Assim, com essa reforma do ensino normal primário, por Decreto de 29/03/1911, foram criadas três escolas normais primárias, em Lisboa, Porto e Coimbra, em regime de co-educação. Essa reforma é suspensa em 16 de Dezembro, continuando o ensino normal primário a funcionar nos moldes da

legislação anterior. Portanto, o ano de 1911 marcou o início do modelo republicano de formação de professores. As três escolas normais primárias citadas acima foram novamente criadas pela Lei nº 233, de 7 de julho de 1914, regulamentada em 10 de fevereiro de 1916 (BAPTISTA, 2004, p. 113).

Durante toda a 1ª República Portuguesa (1910-1926), pequenas alterações foram realizadas nas escolas Normais Primárias depois de criadas.

Em Portugal, uma das primeiras iniciativas de associação estudantil surgiu na Escola Oficina N.1, em Lisboa. Esta, segundo Lima (1925), foi fundada em uma assembleia geral, em 13 de março de 1910, sendo chamada de *A associação dos alunos da Escola-Oficina N. 1 – “A Solidária”*¹⁴. Lima (1925), no texto *A autonomia dos educandos*, escreve que:

A associação é um gremio escolar e post-escolar, constituindo um organismo federal: agrega todos os órgãos associativos da escola. Cada turma forma, com todos os alunos que são sócios da associação, uma “Solidária”, com tantas secções quantas são as da associação. (LIMA, 1925, p. 25).

Outras iniciativas de associação estudantil em Lisboa vieram logo em seguida, como a “Solidárias” do Liceu Pedro Nunes¹⁵ e da Escola Normal Primária de Lisboa.

Teixeira Bastos, no artigo *A participação dos estudantes na administração escolar*, publicado no Boletim da Escola Normal Superior de Coimbra, que reúne textos da revista francesa *L'Éducateur Moderne*, discorre sobre a experiência com associações estudantis de vários países. Dentre os vários exemplos descritos, destaquei, segundo o autor, a escola pública 125 de Manhattan – Nova York. Os alunos dessa escola

[...] tem mostrado pela sua conduta passada estarem preparados para as responsabilidades do governo autónomo e serem capazes de apreciar os seus benefícios, é-lhes outorgado êste estatuto de govêrno autónomo, para os orientar e aperfeiçoar no seu exercício.
[...]

¹⁴ “A *Solidária* é constituída pelos alunos da Escola Oficina N.1; isto é, uma associação escolar e post-escolar”. (LIMA, 1925, p. 149).

¹⁵ Em minhas pesquisas, encontrei vários documentos sobre a associação escolar do Liceu Normal de Lisboa Pedro Nunes, como, por exemplo: o estatuto, anuários, regulamento geral. As referências completas desses se encontram ao final desta tese.

O estatuto cria na escola uma associação, com o nome 'Escola autônoma 125' de que podem fazer parte todos os alunos [...] (BASTOS, 1930, p. 5-6).

Bastos ainda se refere que talvez fosse chegada a hora de a experiência portuguesa de “Associação Escolar” do Liceu Pedro Nunes se adaptar ao modelo americano pautado no estatuto do governo autônomo – *Pupil Self-government*.

Para Adolfo Lima¹⁶, *Associação Acadêmica* pode ser o conjunto dos corpos docente ou discente de um país, a própria corporação formada por professores e alunos, a própria escola ou o conjunto de escola. Este autor ainda trata que compreende por associação “Solidárias” certos

[...] agrupamentos de carácter menos duradouro, ou de fins especiais, que se destina a promover representações teatrais, festas, saraus, audições de música e canto coral, orfeões, tunas e bandas; projecções de películas, concursos artísticos, de danças típicas, de trajes regionais populares, de competências desportivas, excursões, manifestações autuístas, comemorações patrióticas e humanitárias; albergues para excursionistas, campos de jogos, etc. (LIMA, 1925, p. 1386).

Em seguida, ele discorre sobre os vários tipos de associações, porém, a que merece destaque aqui é a associação de estudantes. Para Lima, as associações de estudantes são aquelas que reúnem estudantes “de todas as escolas, graus e especialidades de uma cidade ou de um país”. (p. 1386).

Com esses indícios sobre associação de estudantes debruço-me na leitura do repertório intitulado *A imprensa de educação e ensino: repertório analítico* (séculos XIX-XX), organizado pelo professor Antônio Nóvoa¹⁷ e seus colaboradores, no qual encontrei relacionadas publicações sobre a educação e o ensino português e suas respectivas associações.

Elaborei o quadro 1 a partir desse repertório, tendo como critério o período e o tipo de impresso, isto é, os impressos que envolviam a participação dos alunos. Assim, para uma melhor visualização, apresento, no quadro 1, o período, o título da

¹⁶ Enciclopédia Pedagógica Progredior, dirigida por Adolfo Lima. Porto: Livraria Progredior, s.d.

¹⁷ Trata-se de NÓVOA, António. *A imprensa de educação e ensino: repertório analítico* (séculos XIX-XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

associação¹⁸, o nome do impresso, local de impressão e número de páginas. Informo que relatei os publicados entre 1910 e 1930 com objetivo de selecionar fontes para este estudo e também verificar a presença da imprensa estudantil nesse período.

Período	Associação	Impresso	Local	Páginas
1 Abr. 1911 – 23 Jan. 1912	Propriedade dos alunos e alunas da Escola Normal do Porto	<i>O Esforço</i>	Porto	4pp. / 8pp.
25 Abr. 1912 – 25 Abr. 1914	Órgão dos Normalistas do Porto	<i>O Alvorecer</i>	Porto	4pp.
7 Abr. 1912 – 26 Jun. 1912	Grupo de alunos da Escola Normal da Guarda	<i>O Normalista</i>	Guarda	4pp.
6 Nov. 1912 – 10 Abr. 1913 / 10 Fev. 1916 – 4 maio 1916 / 29 Nov. 1917 – 24 Jan. 1918 / 17 Abr. 1920 – 5 Jun. 1920	Órgão dos Normalistas de Braga. Órgão dos alunos da Escola Normal de Braga. Quinzenário humorístico e literário dos alunos da Escola Normal de Braga	<i>O Despertar</i>	Braga	4pp.
1 Abr. 1913 – 22 set. 1913	Órgão das Normalistas de Lisboa	<i>Educação Feminina</i>	Lisboa	6pp.
16 Abr. 1913 – 16 Ago. 1913	Revista quinzenal	<i>O Futuro</i>	Porto	8pp.
1 Maio 1913 – 1 nov. 1913	Órgão dos Normalistas de Faro	<i>O Novato</i>	Faro	4pp.
15 Fev. 1913 – 15 Fev. 1914	Órgão dos alunos da Escola de Ensino Normal de Évora	<i>A.E.I.O.U.</i>	Évora	4pp.
16 Abr. 1914 – 26 Jun. 1914	Grupo de estudantes da Escola Normal de Faro	<i>O Normalista</i>	Faro	4pp.
1 Fev. 1915 – 11 Abr. 1915	Grupo de estudantes normalistas de Aveiro	<i>Luz e Vida</i>	Aveiro	4pp.
15 Dez. 1915	Grupo de alunos da Escola	<i>O Normalista</i>	Portaalegre	4pp.

¹⁸ Como já mencionado na introdução desta tese, reconheço por “associações estudantis” neste trabalho os grupos de alunos que se organizam em torno dos nomes/termos: associação, grêmio, órgão, liga, centro cívico e mesmo grupo. Isto porque nos documentos estudados sempre encontrei um grupo de alunos em tal organização, como é o caso por exemplo do Órgão das Normalistas de Lisboa. O órgão é o periódico publicado, mas também considero o grupo que dirige esse periódico, uma vez que órgão é “uma entidade, sociedade, instituição, pessoa jurídica estabelecida para fins específicos. Entidade que exercita qualquer função social, política ou administrativa, ou pessoa investida no poder de representá-la por lei ou pelo estatuto” (DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS, 2004).

– 11 Jan. 1915	Normal de Porto Alegre			
10 Fez. 1916 – Nov. 1916	Grupo de alunos da Escola do Ensino Normal de Viseu	<i>O Normalista</i>	Viseu	4pp.
6 Dez. 1916 – 10 Mar. 1917	Órgão das 1ª e 2ª classes da Escola Normal de Porto Alegre	<i>O Independente</i>	Portaalegre	4pp.
2 Ago. 1916 – 10 Fev. 1918	Órgão dos Alunos da Escola Normal de Castelo Branco	<i>O Albicastrense</i>	Castelo Branco	4pp. / 6pp.
20 Nov. 1919 – 22 Jan. 1920	Órgão dos alunos da Escola Superior de Castelo Branco	<i>Eco Pedagógico</i>	Castelo Branco	4pp.
25 Jan. 1922 – 1 Fev. 1923	Órgão dos alunos da Escola Normal Primária do Porto	<i>O Porvir</i>	Porto	2pp. / 4pp.
18 Dez. 1925 – 12 Mar. 1926 / Fev. 1927	Revista dos alunos da Escola Normal de Coimbra	<i>Os Novos</i>	Coimbra	8pp. / 10pp.
25 Dez. 1919 – 8 Abr. 1920	Propriedade dos alunos da E.P.S. (Curso para o Magistério)	<i>O Educador</i>	Faro	4pp.
8 Mar. 1930 – 8 Abr. 1930	Liga dos antigos Alunos	<i>Escola Remoçada</i>	Coimbra	8pp. / 16pp.

QUADRO 1 - ASSOCIAÇÕES E IMPRESSOS - 1910 a 1930 – PORTUGAL

Fonte: NÓVOA, António. (Dir.). *A imprensa de educação e ensino: repertório analítico* (séculos XIX-XX). Lisboa: Instituto de inovação Educacional, 1993. (Memórias da educação, 1).

Observando o quadro 1, verifiquei que, no período compreendido entre 1910 e 1930, é relativamente grande o número de associações estudantis organizadas dentro das escolas normais que produzem periódicos estudantis, aqui, no caso de Portugal, constatei que são 19, dentro das características por mim atribuídas.

Com este quadro, foi possível selecionar os três periódicos portugueses para o desenvolvimento deste estudo. Como já mencionado anteriormente um dos critérios foi o período e impressos produzidos e organizados por alunos e outro critério adotado para seleção foi a localização das escolas normais, isto é, Coimbra, Lisboa e Porto, cidades de referência para a educação em Portugal.

CAPÍTULO 1

ASSOCIAÇÃO DE ALUNOS DA ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE LISBOA E RESPECTIVO PERIÓDICO

1.1 O associativismo estudantil na Escola Normal Primária de Lisboa

As primeiras tentativas para a formação de professores primários em Portugal datam de 1816 na escola instalada na Calçada da Ajuda, em Belém, no Quartel da Guarda dos Corpos, em Lisboa; depois, em 1835, por iniciativa de Rodrigo da Fonseca Magalhães, por meio do Decreto 11 de agosto, porém não concretizada. Somente em 1839, abre-se uma escola normal em Lisboa e cria-se uma em Coimbra – Portaria de 19 de setembro¹⁹.

No entanto, em Lisboa, na Freguesia de Marvila, no palácio e quinta pertencentes à Casa de Abrantes, a escola foi inaugurada em 21 de abril de 1862, com a presença do rei D. Luís e do ministro Anselmo José Braacamp. De acordo com Gomes (1996, p. 36), “por Decreto de 20 de Outubro de 1863, Anselmo José Braacamp aprova o regulamento da Escola Normal Primária para o sexo feminino no distrito de Lisboa”. Essa escola teve como seu primeiro diretor o professor Luís Filipe Leite.

Quanto às escolas normais primárias de Lisboa, funcionaram desde 1862, sendo a Escola do Magistério Primário de Lisboa criada em 1930, pelo Decreto de 19/07/1930. Essa escola dá continuidade às antigas escolas normais primárias destinadas à preparação de professores para o ensino primário e infantil. O edifício que abriga esta escola está situado na Quinta dos Marrocos em Benfica, foi construído especificamente para o desenvolvimento de atividades ligadas ao ensino normal, inaugurado em 10 de dezembro de 1916. Para Irene Lisboa, diretora do jornal “Educação Feminina”, um dos objetos deste estudo, e suas colaboradas, o edifício da Escola Normal Primária, anteriormente situado no Calvário, estava em péssimas condições, necessitando de um novo prédio. No artigo “Ao correr da pênha”, assinado por Irene, esta tece uma crítica ao aspecto físico da escola “As

¹⁹ Para maiores informações ver: GOMES, Joaquim Ferreira. *Estudos para a História da Educação no século XIX*. 2. ed. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1996, especialmente o capítulo 1 “Escolas normais para habilitação de professores primários”.

salas são feias e pouco cômodas, como vê [...] tenha cuidado a minha amiga ao pisar o pavimento desta que agora atravessamos, porque se está absolutamente vasia como vê, é por ter ameaçado a ruir”²⁰. (EDUCAÇÃO FEMININA, 1913, p. 1)²¹.

A aluna Irene do Céu Vieira Lisboa frequentou os três anos do curso normal da *Escola Normal de Lisboa para o Sexo Feminino*, compreendidos respectivamente em 1910/1911 primeiro ano, 1911/1912 segundo ano, 1912/1913 terceiro ano. Esse curso estava organizado a partir da reforma de 1911, decreto de 29 de Março de 1911, que consistia na reforma do ensino infantil, primário e normal, como já foi mencionado anteriormente.

As disciplinas para o curso normal, distribuídas na grade curricular, eram: Português; Francês; Arithmetica; Geometria; Moral, direitos e economia; Pedagogia; Historia; Geographia; Sciencias naturaes (Zoologia, Botanica, Geologia e mineralogia); Calligraphia; Desenho; Lavoros; Música; Gymnastica. Analisando o *Livro das medias de frequencia nos tres annos do curso normal*, observamos que a aluna Irene Lisboa, no primeiro ano, obteve médias mensais de 11 a 17; no segundo ano, de 12 a 17; e no terceiro ano, de 12,5 a 20. Podemos observar um progresso significativo da aluna quanto ao seu aproveitamento, principalmente no terceiro ano, quando era diretora do jornal *Educação Feminina*.

Quando Irene Lisboa era aluna normalista nesse período, havia escolas normais primárias para o sexo feminino e para o sexo masculino. A coeducação começa a partir do ano letivo de 1914/1915 para Nóvoa (1987, p. 667) “l’école normale pour le sexe masculin de Lisbonne, qui est depuis longtemps installée à Santos, déménage dans l’édifice de l’école féminine à Calvário”. E, para Monico (2005), após a revolução de 5 de outubro de 1910, os próximos anos, 1911 a 1914, são considerados politicamente anos muito difíceis:

Se, noventa anos após os acontecimentos, tem-se o direito de afirmar que os novos dirigentes de Lisboa não tiveram trabalho fácil, deve-se igualmente salientar que eles não souberam ou não puderam – por conta de medidas muito radicais, especialmente sobre o plano religioso e as rivalidades pessoais – negociar isso com relação a uma história portuguesa. A aprendizagem do poder será dolorosa: as lutas

²⁰ Ver EDUCAÇÃO FEMININA. Quinzenário pedagógico, literário e científico. Órgão das Normalistas de Lisboa, n. 5, 09 de junho de 1913.

²¹ Informo que as bibliografias extraídas a partir dos cinco periódicos em questão não estão registradas nas referências, uma vez que inúmeras páginas desta tese teriam que ser dedicadas a esse trabalho. Essas informações podem ser encontradas nos quadros localizados nos apêndices.

interiores e as ameaças exteriores tornarão impossíveis toda a estabilização rápida do governo. Desde seu início, a república está em alerta. Ela não terá o estado de Graça: talvez a espera – e o trabalho fácil – sejam muito grandes. (MONICO, 2005, p. 222).²²

Monico (2005) tece uma reflexão, como é possível observar, apresentando as questões que, nas suas considerações, tornam esse período bastante difícil, uma aprendizagem do poder. Esse exercício de aprendizagem do poder vai se apresentando nas medidas administrativas.

A construção do edifício principal e das duas escolas anexas ficou a cargo do arquiteto Arnaldo Redondo Adães Bermudes, que, em 1913, ganhou um concurso público para elaboração do projeto de construção da escola. Essa construção levou alguns anos para ser concluída, como podemos verificar nas palavras do diretor da escola Adolfo Lima, proferida na reunião do Conselho de Instrução no ano de 1918: “há uma morosidade das obras do edifício de Benfica, morosidade devido às circunstâncias actuais”²³. (LIMA²⁴, 1918, p. 22). Para alguns autores, essas “circunstâncias actuais” dizem respeito ao governo autoritário de Sidónio Pais, envolvido no conflito mundial na Europa e África (1ª Guerra Mundial), clima associado à conjuntura da crise econômica.

De acordo com Moreirinhas Pinheiro²⁵ (1988), “Os detractores da nova Escola designavam-na jocosamente por *Sorbonne de Benfica*. No edifício funcionou,

²² Si, quatre-vingt-dix ans après les événements, on est en droit d'affirmer que les nouveaux dirigeants de Lisbonne n'ont pas eu la tâche facile, on doit également souligner qu'ils n'ont pas su, ou pas pu – à cause de mesures trop radicales notamment sur le plan religieux et à des rivalités personnelles – négocier ce tournant de l'histoire portugaise. L'apprentissage du pouvoir sera douloureux : les luttes intérieures et les menaces extérieures rendront impossible toute stabilisation rapide du régime. Dès ses débuts, la république est aux aguets. Elle n'aura pas d'état de Grace : peut-être l'attente – et la tâche aussi – sont-elles trop grandes. (MONICO, 2005, p. 222).

²³ Ver ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE LISBOA *Livro de Actas do Conselho de Instrução*. Lisboa, 1918-1919.

²⁴ Lima não menciona na ata quais seriam essas circunstâncias atuais, mas penso ser devido ao contexto político-econômico a morosidade das obras, segundo Monico (2005), anos difíceis, pois em abril de 1918 travou-se a batalha de La Lys, na Flandres, na qual o exército alemão impôs uma pesada derrota. Os soldados portugueses foram desmoralizados nas batalhas da 1ª Guerra Mundial, que causaram grandes perdas a Portugal.

²⁵ De acordo com Glória (2009), José Eduardo Moreirinhas Pinheiro nasceu em 1923 em Coimbra, onde iniciou a sua atividade de professor do ensino primário. Em 1959, foi nomeado professor efetivo da Escola do Magistério Primário de Lisboa. Mais tarde, tornou-se diretor desta escola até 1988, quando esta passou a denominar-se Escola Superior de Educação de Lisboa, sendo nomeado responsável pela organização da seção dos reservados do Centro de Documentação e Informação da biblioteca. “Aposentado desde 1993, continua a pesquisar na biblioteca da escola e a dar a conhecer, a investigadores nacionais e estrangeiros, o espólio ali depositado”. (MOREIRINHAS PINHEIRO, J. E. *Inventário de livros raros e desconhecidos: memória da Escola Portuguesa (do séc. XVII ao séc. XX)*. Lisboa: Edições Colibri: Instituto Politécnico de Lisboa, 2009).

de 1919 a 1930, a Escola Normal Primária de Lisboa; de 1930 a 1988, Escola do Magistério Primário. Atualmente é ocupada pela Escola Superior de Educação”. (PINHEIRO, 1988 apud SANTANA; SUCENA, 1994, p. 346).

Moreirinhas Pinheiro (2002), porém, ressalta:

Começaram a chamar-lhe, ironicamente, “a Sorbonne” de Benfica. Mas ainda assim, vejam que a consideram o arremedo de uma das mais ilustres instituições culturais da Europa. Na sua pequenez e na sua modéstia, a “Sorbonne” de Benfica trabalhou, e os mestres obrigados, de começo, a publicar as lições que professassem como condição das suas nomeações definitivas, cumpriam integralmente esse até então preceito de alta moralidade profissional. Publicaram as suas lições, tornaram conhecida a sua orientação, a sua cultura, deram o flanco á crítica. [...] E mesmo a despeito de haver cessado a obrigatoriedade da publicação das lições, os mestres de Benfica continuaram produzindo trabalhos da sua especialidade, versando alguns assuntos inteiramente novos na literatura pedagógica nacional [...] (PINHEIRO, 2002, p. 36-37).

Nas considerações de Moreirinhas Pinheiro,²⁶ a escola de Benfica realmente podia ser considerada a “Sorbonne” de Benfica, porque se tratava de uma instituição em que grande parte dos professores possuía formação universitária, produziam material, como é o caso de António Aurélio da Costa Ferreira, João da Silva Correa, André Valasco, entre outros. Relata, ainda, que era uma instituição muito “à frente” do seu tempo. Enquanto as demais instituições ensinavam os professores a alfabetizar com a cartilha maternal de *João de Deus*²⁷, a “Sorbonne” de Benfica já trabalhava utilizando processos e técnicas globalizadoras²⁸. Como, por exemplo, podemos comprovar no *Boletim Pedagógico nº 1*, que trata do campo didático das experiências de Montessori e Decroly²⁹.

No período em que a aluna Irene Lisboa estudou, os conteúdos propostos para o ensino tinham uma carga pautada na teoria positivista, influências da República, assim como também no movimento da Escola Nova. A teoria filosófica do

²⁵ REPÚBLICA PORTUGUESA. *Decreto n. 6:351 de 16 de janeiro de 1920*. Regulamento Interno da Escola Normal Primária de Lisboa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1920.

²⁶ Pinheiro, José Eduardo Moreirinhas, Entrevista concedida em 14/08/2007.

²⁷ Ver: JOÃO DE DEUS, *Cartilha maternal*. Lisboa: Convergência, 1977. (1ª impressão 1876).

²⁸ *Boletim Pedagógico nº 1*, encomendado por António Sérgio aos professores Alberto Pimentel Filho e João da Silva Correia, publicado pela Imprensa Nacional no ano de 1923-1924. Esse boletim trata de instruções sobre jogos de leitura a partir do campo didático das experiências de Montessori e Decroly.

²⁹ Para maiores informações ver: BOLETIM PEDAGÓGICO Nº 1: *Instruções sôbre jogos de leitura*. Portaria nº 3:891, Lisboa: Ministério da Instrução Pública, Imprensa Nacional, 1923-1924.

positivismo/naturalismo estava presente na formação de Irene Lisboa, assim como de seus colegas. Isso aparece no jornal *Educação Feminina* quando abordam conteúdos patrióticos, como, por exemplo, o artigo que trata da Festa da Árvore, as conferências que tratam de Camões e dos reis e ainda a divulgação das teorias centradas no movimento da educação nova divulgadas particularmente por Ferrière que chegam a Portugal e eram disseminadas por Adolfo Lima, António Sérgio e Álvaro Viana de Lemos. Podemos dizer que Irene era influenciada principalmente pelas ideias desse movimento da Escola Nova e foi uma aluna redatora, que inseria muitas críticas sobre o ensino e a escola, o que transparece em seus artigos nos quais compactua fielmente com as concepções de uma educação nova.

Podemos dizer que a sua formação envolvia a Pedagogia dos meios (Pedagogia técnica) e a Pedagogia dos fins (Pedagogia teleológica). Estava presente em sua formação a ideologia política, o republicanismo, a concepção de democracia, assim como a vontade de uma escola nova, diferente, pois muitos autores, como, por exemplo, José Augusto Coelho, já apresentavam alguns pensamentos pautados no movimento da Educação Nova³⁰, apesar dessas ideias serem mais frequentes em Portugal, a partir dos anos 1920, quando muitos professores iam até a Suíça e Bélgica estudarem.

De acordo com Baptista (2004), podemos concluir que, na 1ª República, os alunos eram preparados dentro do mito do homem novo, aquele “de espírito revoltado, que analisa, pensa, reflete e investiga para mudar e inovar” (p. 113), assim, é possível supor como Irene Lisboa era formada.

No livro *A Escola Normal de Lisboa e a formação de professores: arquivo, história e memória*, organizado por Pintassilgo e Serrazina (2009), pode ser encontrado um conjunto de textos resultantes de pesquisas diversas sobre a Escola Normal Primária de Lisboa, e depois Escola do Magistério Primário. Os autores dos capítulos desse livro apresentam alguns pontos da história da escola normal de Lisboa e ainda tratam da ideia de que, para ser professor, era necessária uma formação relativamente longa no interior de instituições, concepção que foi se delineando ao longo da primeira metade do século XIX e se consolidou na segunda metade do mesmo século, em particular a partir do início de funcionamento da Escola Normal Primária de Lisboa (Marvila), em 1862, destinada à formação de

³⁰ José Augusto Coelho foi o impulsionador da Sociologia em Portugal. E esta ciência trouxe um grande contributo para as Ciências da Educação.

professores de instrução primária do sexo masculino. Em 1866, teve início na Escola Normal Primária de Lisboa para o sexo feminino (no Calvário). Em 1930, na passagem da Ditadura Militar para o Estado Novo, essas escolas são denominadas Escolas do Magistério Primário, apresentando um percurso vital próprio e, ainda que contextualizado, dotado de uma autonomia relativa e definindo uma cultura própria.

Quanto ao Órgão das Normalistas de Lisboa, 1913, da Escola Normal Primária de Lisboa, no período da publicação de seu respectivo periódico, o jornal *Educação Feminina*, segundo informações³¹ concedidas pelo professor Moreirinhas Pinheiro, não tinha nenhum vínculo com a Escola Normal Primária de Lisboa, direção ou professores, era um órgão totalmente independente organizado pelas próprias alunas e que nada foi encontrado até a presente data que registrasse a organização desse grupo de normalistas. O que temos são somente as informações contidas no próprio periódico. Mas apresentei aqui outras informações encontradas nos documentos da escola analisados sobre associações nesta escola abrangendo o período delimitado na tese para estudo.

Segundo Adolfo Lima, em janeiro de 1918, foi criada uma associação de Estudantes na Escola Normal Primária, que funcionava ainda no Calvário. Segundo esse autor, “[...] a associação serviu de ponto de apoio a uma maior liberdade na escola e aos primeiros passos para o regime coeducativo de sexos [...]”, promovia sessões de arte e organizava conferências, festas de teatro, excursões etc. (LIMA, 1925, p. 24).

A associação teve pouco tempo de existência, porque, ainda durante o ano de 1918, a Escola foi transferida para as novas instalações, ainda inacabadas, da Quinta de Marrocos, em Benfica. Adolfo Lima escreve que, logo após a mudança da escola para Benfica, tratou de fundar “uma associação escolar, e que durou enquanto fomos director.” (LIMA, 1925, p. 24).

O que encontrei nos arquivos da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx) é o *Regulamento Interno da Escola Normal Primária de Lisboa*³², de 16/01/1920 que, no capítulo VII, *Da associação escolar, cantina e caixa escolar* apresenta em seus artigos o seguinte:

³¹ Entrevista concedida pelo prof. Moreirinhas Pinheiro em 17/08/2007.

³² REPÚBLICA PORTUGUESA. Decreto n. 6:351 de 16 de janeiro de 1920. *Regulamento Interno da Escola Normal Primária de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1920.

Art. 125º O tipo da associação deve ser misto, organizado sob o padrão português denominado “Solidárias” em que a gerência é exercida por alunos e professores numa comunhão de actividade, tendo todos iniciativa e interessando-se e dedicando-se todos pela associação comum, formando um todo homogénico e solidário.

Art. 126º Essa associação visa a manter as mais estreitas relações amistosas entre professores e alunos, podendo aqueles exercer mais eficazmente a sua acção educadora.

Art. 127º A associação terá quatro secções, cujo objectivo especial visa ao aperfeiçoamento e á educação dos sócios sob os aspectos fisiológicos, estético, intelectual e social.

Art. 128º A cada uma delas presidirá um professor sócio da associação e eleito pelas assembleas de turmas.

Art. 129º A associação dos alunos funcionará em dependências da Escola, especialmente consagradas a esse fim. (REPÚBLICA PORTUGUESA. Decreto n. 6:351, 1920, p. 21).

Vale ressaltar aqui que provavelmente esse regulamento deve ter tido por base o regulamento da Escola Oficina N.1 (1914) ou o do Liceu Normal de Lisboa Pedro Nunes (1916), uma vez que ambos tratam do padrão de organização portuguesa de associações, “As Solidárias”. Nesse regulamento, no capítulo “Das Solidárias”, vale destacar que para esta associação cabia a tutela de um professor que seria seu presidente, tal qual aponta o art. 128.

Apesar da existência do regulamento, não encontrei nada nos arquivos da ESELx que comprovassem o funcionamento de alguma associação.

Outro documento encontrado sem data de publicação é o *Estatuto da Associação Académica da Escola do Magistério Primário de Lisboa*³³. Esse documento apresenta sete capítulos que tratam dos seguintes assuntos referentes à associação acadêmica: Capítulo 1 – Disposições gerais; Capítulo 2 – Dos sócios, Capítulo 3 – Da junta dos Delegados; Capítulo 4 – Da Direção; Capítulo 5 – Das comissões de fiscalização; Capítulo 6 – Dos fundos; Capítulo 7 – Disposições finais. Pinheiro (2007), após os vários estudos realizados, chega à conclusão que a provável data de publicação desse documento deve ser o ano de 1933. Informou, durante a entrevista, que chegou a essa conclusão após estabelecer uma relação com outros documentos. O certo é que, pela denominação, o documento é posterior a 1930.

Um fato que me chamou atenção é que os únicos livros atas da *Associação Académica da Escola do Magistério Primário de Lisboa* existentes nos arquivos da

³³ *Estatuto da Associação Académica da Escola do Magistério Primário de Lisboa* impresso na Tipografia do Reformatório Central de Lisboa “Padre António de Oliveira”.

ESELx são bastante posteriores, datam de 24/01/1946 e 07/03/1948. Há também mais dois livros atas correspondentes às secções de Papelaria e do Conselho Fiscal. Essas secções aparecem com outra nomenclatura no art. 2º do *Estatuto da Associação Académica da Escola do Magistério Primário de Lisboa*.

1.2 *Educação Feminina*: uma tentativa de concretização do *self-governament*

Educação Feminina - Órgão das Normalistas de Lisboa é um quinzenário literário, científico e artístico em seu primeiro número e, a partir do segundo número, um quinzenário apenas pedagógico, literário e científico. Apresenta um número de páginas que varia de quatro a seis, sendo adquirido mediante assinatura trimestral.

Ilustração 1 – Periódico *Educação Feminina*, página 1 do número 7, publicado em 22/09/1913.

Este trata de diversos temas e entre eles encontram-se: os problemas do ensino normal, da orientação pedagógica e da aplicação de métodos de ensino; a escola e sua ligação com o meio e a família; o favoritismo escolar, as cantinas escolares e a sua função social; as dificuldades de aprendizagem das crianças

abandonadas; os edifícios escolares; as conferências pedagógicas, entre outros. Continha, ainda, seções de “Humorismo”, “Passatempos”, “Charadas”, “Anúncios comerciais” etc.

Verifica-se que, na primeira página do primeiro número, há uma comissão editorial composta por: Diretora, Irene Vieira Lisboa, Redatoras Gerentes, Alice Barbosa E. Oeiras e Dulce de Sousa Faria, Editora, Ilda Moreira, Propriedade da Empresa da EDUCAÇÃO FEMININA, composto e impresso na TIPOGRAFIA CEZAR E PILOTO, localizada na Rua da Conceição da Glória, 38 e 40. Nesta mesma página, há um artigo de apresentação intitulado *Considerações Oportunas*, no qual são apresentados os objetivos da publicação de um jornal normalista. Há, ainda, duas frases: “A verdade e a justiça por lema” e “A franqueza e a simplicidade por mestres” e mais dois artigos: *Conferências e Prática* e *A Festa da Árvore*. A redação e administração do jornal eram realizadas na casa da aluna Ilda Moreira, na Rua do Comércio, 31, 3º. A assinatura era por três meses, na importância de 200 réis. As despesas efetuadas com a tipografia e a distribuição contavam com a contribuição de casas comerciais mediante os anúncios publicados no jornal. Há, a partir do primeiro número, os anúncios sobre “Livros de Ensino”, do Professor Ulysses Machado, “Papeleria e Tipografia”, de M. Corrêa dos Santos, “A Polycommercial – papeleria, tipografia, livraria, encadernação, estereotipia e fabrica” de carimbos de borracha, “A Nacional” – tipografia e “Educação feminina” – Quinzenário das normalistas de Lisboa. A partir do segundo número, temos o acréscimo do anúncio “Obras para o ensino primário”, por Augusto Luiz Zilhão; a partir do terceiro número, “Terra livre” – semanário anarquista. Do quarto número até o sexto, são acrescentados mais três anúncios: “Paris em Alcantara” - Retrozeiro e Alfayateria, “Aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras” – Pharmacia Drack Bairrão, “Gonzaga & Souza, Successor” – artigos para bordados, a matiz e a branco. No número sete, há dois espaços vagos, em branco: “Livros de Ensino”, do Professor Ulysses Machado e “Obras para o ensino primário”, por Augusto Luiz Zilhão.

Os sete números publicados conservavam, de modo geral, no seu curso de vida, um mesmo estilo tipográfico na disposição organizada das colunas e formato das letras. O que muda é o *layout* da primeira página quanto ao título e ilustração. No primeiro número, temos somente um trabalho com letras e, a partir do segundo

número, temos também uma ilustração feita pela aluna Ilda Moreira, como é possível visualizar na ilustração de n.1.

O jornal *Educação Feminina* possuiu uma vida efêmera, somente seis meses de existência, sendo proibido pelo Conselho Escolar da Escola Normal Primária de Lisboa, isto porque, além da parte literária e dos temas educativos, sua diretora “[...] inseria vivas e humorísticas críticas ao ensino, aos professores e às alunas.” (PINHEIRO, 1990, p. 133).

Moreirinhas Pinheiro (1990), com base em informações prestadas por Ilda Moreira, apresenta a seguinte descrição desse episódio:

Irene “foi chamada ao gabinete dos professores algumas vezes” por causa do jornal. “Aí era censurada e aconselhada sobre a orientação que lhe devia dar, e até lhe disseram: A senhora escreve com uma pena muito aguda e um dia pica-se... Picou-se e ficou ferida... O jornal foi proibido pelo Conselho Escolar. Mas que euforia, enquanto durou! A extinção do jornal magoou-a muito e exacerbou a sua rebelião”. Os professores nunca viram com bons olhos a existência desta publicação. Não há notícia de nenhuma palavra de compreensão ou estímulo dirigida pelos docentes às promotoras de tão interessante iniciativa. Porquê? Quais as razões que teriam levado o Conselho Escolar a proibir o jornal? (PINHEIRO, 1990, p. 134).

Moreirinhas Pinheiro (1990) relata que não se encontrou nada nos arquivos da Escola Normal do Magistério Primário de Lisboa a respeito desse assunto. Porém ele, professor Pinheiro, apresenta algumas hipóteses:

Primeira – Irene escrevia com uma pena muito “aguda”, principalmente os suetos da secção Em Foco, que “inseria vivas e humorísticas críticas ao ensino, aos professores e às alunas”;

Segunda – Irene dava acolhimento, nas colunas do jornal, a artigos que criticavam o governo, atitude que não deveria agradar a Tomás da Fonseca, combatente e propagandista das idéias republicanas e da democracia burguesa;

Terceira – Irene revelara, através de atitudes e do acolhimento publicitário dado ao jornal Terra Livre, certa simpatia por pessoas e idéias anarquistas;

Quarta – Irene revelara-se, na Escola Normal, uma jovem livre e independente e por isso mesmo olhada pelos professores com preconceituosa desconfiança e oculta admiração.

Por uma destas razões ou talvez por todas elas, o jornal tinha os seus dias contados. O jornal foi proibido! (PINHEIRO, 1990, p. 135).

Observando as hipóteses levantadas por Pinheiro e diretamente os textos escritos por Irene Lisboa, é possível “remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (GINZBURG, 1989, p. 152) e concluir que Irene Lisboa incomodava a todos pela forma crítica que tinha ao expor as situações da escola e do ensino, era uma normalista que não aceitava a realidade conservadora e estagnada de seus colegas, de seus professores e de seus administradores.

Para Gouveia (1992), foi a autenticidade de Irene que, anos mais tarde, “levou o seu afastamento do ensino” (p. 11) e essa mesma autenticidade que levou à proibição do jornal *Educação Feminina*. Ela mesma afirma sua lealdade e sinceridade com aquilo que faz, como exemplo tem-se o artigo “Ao correr da pena...”, publicado no jornal de número cinco.

CAPÍTULO 2

ASSOCIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL DO PORTO E RESPECTIVO PERIÓDICO

2.1. O associativismo estudantil na Escola Normal do Porto

A Escola Normal do Porto foi instalada, em 1883, final do século XIX, em edifício próprio, mandado construir pela Monarquia para esse efeito, entre a Rua da Alegria e a Rua Rampa da Escola Normal. Neste edifício funciona, hoje, a ESMAE³⁴ e a Biblioteca Pública Municipal do Porto, construção classificada como património arquitetónico do Porto. A Escola Normal do Porto, ex-Escola do Magistério Primário, foi integrada no Instituto Politécnico do Porto, em 1986.

No ano de 1911, o diretor desta escola foi o senhor José Guilherme Parada da Silva Leitão. Em 1922, assume a direção Henrique Santana, professor da cadeira de Didática e futuro diretor das Escolas de Aplicação anexas à Escola do Magistério³⁵. De 1944 a 1949, assume a direção da escola o senhor Eleutério Correia de Melo.

A notícia da nomeação de Henrique Santana é publicada no quinzenário *O Alvorecer* – um dos objetos de estudo desta tese –, no texto intitulado *Henrique de Sant’Ana*, sem indicação de autoria. Um aluno que parece ser o redator descreve a empolgação pela nomeação de Henrique de Santana para diretor da Escola Normal.

Quando nosso jornal estava prestes a entrar na máquina, chegou-nos a notícia da nomeação dêste distinto professor para director das Escolas Normais do Porto.

Folgamos com a notícia porque têmos recebido, no curto espaço de tempo em que com êle convivêmos, sobêjas provas de que Sua Excelencia alia á sua alta competencia profissional, um espirito de retidão e justiça. (SEM AUTOR, 1913, p. 3).

Quanto à Associação dos Alunos da Escola Normal do Porto, informo que durante a pesquisa no Instituto Politécnico do Porto (IPP) – Biblioteca Central, onde

³⁴ Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo (ESMAE), instituída em 1994.

³⁵ Informações em *O Clarão*, n. 3, p. 1, dez. 1931.

se encontram lotados os arquivos da antiga Escola Normal do Porto³⁶, tive acesso a poucos documentos, em que nada encontrei sobre a constituição associativa da escola. Somente no próprio órgão dos alunos: *O Alvorecer - Propriedade dos primeiranistas da Escola Normal do Porto*, publicado entre 1912 e 1914, por esta associação encontro algumas pistas da existência da mesma.

Em *O Alvorecer* de n.22, publicado em 9 de abril de 1913, registra-se: “Há dois anos que um grupo de valorosos acadêmicos dessa cidade tomou arranjada iniciativa da fundação de uma Associação de Estudantes.” (VASCONCELOS, 1925, p. 1). É, provavelmente, outro estudante, que não assina o texto, que publica neste mesmo exemplar o artigo intitulado *A sessão solene no Teatro Águia d’Ouro*, sobre a solenidade que registrou a fundação da associação de estudantes: “A academia do Porto esteve em festa no dia 5. E essa festa foi altamente significativa. E’ que, realizadas as suas aspirações, fundada a sua Associação de classe, conquistados estavam os seus meios de defesa.” (p. 1).

O estatuto, porém, somente foi aprovado tardiamente na Assembleia Geral de 25 de Janeiro de 1917³⁷. O estatuto da Associação dos Estudantes da Escola Normal do Porto foi localizado na Biblioteca Nacional em Lisboa e é composto por XI capítulos, distribuídos da seguinte forma: Capítulo I – Denominação, sede e fins; Capítulo II – Sócios: Sua classificação e admissão; Capítulo III – Deveres e Direitos dos sócios; Capítulo IV – Penalidades; Capítulo V – Fundos sociais; Capítulo VI – Benefícios; Capítulo VII – Assembleia Geral; Capítulo VIII – Junta Directora, Capítulo IX – Conselho Fiscal; Capítulo X – Eleições; e Capítulo IX – Disposições Gerais.

De acordo com a redação do estatuto, a associação tinha por objetivo “promover a maior solidariedade entre os associados, concorrendo para uma educação integral por meio de jogos desportivos, conferências, excursões, passeios e visitas de estudo, etc”. (p. 3). Isto é mais detalhado no Capítulo VI – Benefícios, no inciso 2º, quando trata das “regalias”, o que a associação proporcionará a todos os associados: “festas, saraus, conferências, e outros actos recreativos e educativos”;

³⁶ Informo que durante o estágio em Portugal não tive acesso ao arquivo, pois segundo informações este estava sendo organizado. Tentei novamente em junho de 2008 quando estive no Porto por ocasião do congresso Luso-brasileiro e também não obtive resultado e também em 2009, via e-mail, e a resposta continua a mesma: “o acervo esta sendo organizado”. O que me forneceram no período do estágio foram alguns livros de registros que se encontram relacionados em Instituições e Acervos consultados ao final desta tese.

³⁷ ESTATUTOS. Associação dos Estudantes da Escola Normal do Porto – Aprovado em Assembleia Geral de 25 de Janeiro de 1917. Porto: Tipografia Mendonça, 1917.

“redução nos preços das livrarias, espectáculos, passagens nos Caminhos de Ferro, etc”; “estabelecimento duma cooperativa de consumo, iniciada pela venda de livros e utensílios escolares”. (p. 9). Percebe-se, no conteúdo deste parágrafo, como é organizada a formação do professor, uma educação pautada em diversas atividades extraescolares.

Pude confirmar o desenvolvimento dessas atividades no próprio quinzenário *O Alvorecer*, Órgão dos Normalistas do Porto, no qual há muitos textos que registram a atuação da associação junto ao que se propõe a fazer.

Nos trechos abaixo, descrevi algumas práticas escolares a partir das notícias publicadas no periódico, sendo muitas da comunidade extraescolar. O objetivo aqui foi verificar se o grêmio atendia ao que estava proposto em seu estatuto. Assim, em seguida, tendo como pauta a cronologia da publicação, registrei alguns exemplos: no exemplar de n.5, publicado em 22 de junho de 1912, no texto *Sarau Camoneano*, sem autoria: “Promovido pela Associação dos Estudantes do Porto, realizou-se no dia 10 do corrente, no teatro Sá da Bandeira, um sarau em comemoração do aniversario da morte do grande cantor das glórias portuguesas.” (p. 3). Também no exemplar de n.21, publicado em 11 de março de 1913, no texto Conferências de estudo: “Subordinada ao tema – *Os calcarsos nas construções* – realizou-se, como tínhamos noticidade, no dia 19 de fevereiro, no salão nobre das Escolas Normais do Porto, a segunda das conferências e estado organisadas pelo ilustre diretor das mesmas Escolas.” (p. 3).

Há outro registro no exemplar de n. 23, intitulado *Tuna Acadêmica do Porto*, publicado em 25 de abril de 1913: “A tuna acadêmica portuense, realiza no próximo domingo a 1ª excursão deste ano a Ovar. E’ de esperar que pelo seu seletíssimo programa obtenha grande sucesso. Á tuna acadêmica pois, muitas prosperidades.” (p. 2).

Em 13/05/1913, no exemplar de n. 24, no texto *No nosso meio*, registra-se: “Realizou-se no dia 27 d’abril uma conferência feita pela Exma Sra. D. Margarida Mendes Pinto, aluna terceiranista da Escola Normal do Porto, a qual mereceu a nossa admiração e a de quantos se achavam presentes”. (p. 3).

Em 27/05/1913, no exemplar de n. 25: “Realizou-se no dia 17 dêste mês, um lindo sarau promovido pelos alunos do bem conceituado Colegio Firmêsa.” (p. 3). Ainda neste exemplar, registra-se: “Realizou-se no dia 19 do corrente uma

conferencia pronunciada pela exma. sr^a D. Maria do Carmo Campos Melo, em que mostrou quanto eram vastos os seus conhecimentos.” (p. 3).

Em 11/06/1913, no exemplar n. 26: “Efectuou-se dia 1 do corrente, uma conferencia pelo aluno do 3º ano, Roxendo Fernandes dos Santos, o qual prendeu vivamente a atenção do público. Exprimiu-se duma maneira deslumbrante, evidenciando, mais uma vez, os seus dotes oratórios. As nossas felicitações.” (p. 2).

Em 23/12/1913, na edição de n. 31, texto *Tuna Academica do Porto* regista-se:

Começaram há dias na sede da Associação dos Estudantes os ensaios da Tuna académica do Porto. E' de esperar que este grupo de briosos rapazes empenhados pelo engrandecimento da Academia façam florescer no meio Academico este RAM estético que é uma das mais belas artes do mundo. A Tuna Academica do Porto, fundada só há dois anos vem-se apresentando sempre briosamente ensaiada nas diferentes excursões que tem promovido obtendo assim brilhantes sucessos. (p. 3).

As edições de n. 32 e n. 33, publicadas em 1914, tratam dos preparativos para o carnaval, registrando: “Tem-se trabalhado afanosamente nos preparativos para o cortejo carnavalesco dos Estudantes. Espera-se um resultado exímio.” E no texto *No meio académico – Carnaval dos Estudantes*: “Continuam os trabalhos carnavalescos para o cortejo dos estudantes do Porto. E' de prever que a chegada do senhor Voltaire, nos venha trazer momentos muito alegres.” (p. 3).

Já a edição de n. 35, de 21/03/1914, no texto *Festa da Arvore nas Escolas anexas á Escola Normal do Porto*, regista a presença da associação na festa da árvore, como é possível verificar mais adiante, uma festa de grande significado nesse período em Portugal. “Decorreu animada e revestida do maior brilhantismo esta atraente e simpática festa de carinho e amor. Não podia deixar no olvido uma festa de crianças pois isso seria um crime para o qual não havia perdão de espécie alguma.” (p. 1).

Na edição de n. 36, de 16/04/1914, é registrada no texto *O dia 25 de Abril* uma notícia sobre a festa em comemoração ao aniversário do jornal *O Alvorecer*: “Como já noticiamos realiza-se no dia 25 corrente um sarau literário e musical, comemorando o aniversario do nosso jornal. Este dia que tanto representa para nós, principalmente por ser o 2º e ultimo aniversario não podia passar despercebido.” (p.

1). Ainda no mesmo exemplar, no texto *Escola Normal do Porto*, o autor trata da fundação de uma associação que cuidará da elaboração do estatuto.

Consta-nos que deve realizar-se muito breve no salão nobre desta Escola uma assembléia geral afim de se tratar da fundação de uma Associação para a qual se trabalha afanosamente na elaboração dos Estatutos.

Esta grandiosa obra que foi iniciada o ano passado pelos alunos da terceira classe, não podia de modo algum ficar no olvido. (p. 3).

A partir do excerto transcrito, é possível afirmar que até o presente ano, 1914, não havia um estatuto da Escola Normal, nesse momento é que isso começa a ser organizado, e somente votado e publicado em 1917, como já citado anteriormente.

Na edição n.37, de 25/04/1914, os alunos continuam a registrar o aniversário do jornal com o texto *Salve 25 de abril de 1914 – 2º aniversario do jornal “O alvorecer”*: “Comemora-se hoje o segundo aniversario da fundação do nosso querido jornal – O Alvorecer.” (p. 1). No mesmo exemplar, no texto *Uma semana de gloria!*, da autoria de Sousa, esse escreve:

Findaram os trabalhos do Primeiro congresso pedagógico do Sindicato de Professores Primarios de Portugal. Estamos ainda bem sob essa deliciosa pressão que nos deixou aquela atmosfera de entusiasmo e de fe no futuro duma Patria, que não morre, enquanto por ela pulsarem corações cheios de vida e de generosas aspirações, como os que se reuniram no magnífico salão do Jardim de Passos Manoel. (SOUSA, 1914, p. 2).

Após a descrição proposta, verifiquei nos artigos selecionados que a associação de normalistas cumpria com o que estava no estatuto localizado, colocando em prática o que era prescrito pelo mesmo sem ter sido aprovado e publicado, pois a publicação do mesmo acontece, como já se viu, depois das edições do periódico analisado. A partir do conteúdo do periódico, pode-se dizer que o estatuto foi elaborado, mas não publicado.

2.2 O *Alvorecer*: conexão entre normalistas

O *Alvorecer*, um quinzenário pedagógico, literário e científico, Órgão dos Normalistas do Porto³⁸, publicado de 25 de abril de 1912 a 25 de abril de 1914, constitui-se de um jornal de quatro páginas. A responsabilidade pelo referido jornal, num primeiro momento, foi dos Primeiranistas (alunos) da Escola Normal do Porto e, mais tarde, desde seis de agosto de 1912, dos Segundaristas (alunos) da Escola Normal do Porto. Como diretores e editores, o jornal teve os alunos: Justino de Vasconcelos, até abril de 1913, e, a partir de 25 de abril de 1913 até 25 de abril de 1914, quando se encerra a publicação deste, Manoel Pinto Barbosa. O jornal ainda possuiu alguns alunos tidos como colaboradores principais e outros como colaboradores esporádicos.

O *Alvorecer* procura valorizar a função das escolas na educação e no progresso social. A ideia desenvolvida constantemente em suas páginas é a de que, a partir da ação educativa, podem-se criar condições para desenvolver o país. Justino de Vasconcelos, enquanto dirigiu o jornal, assumiu uma posição crítica perante as medidas direcionadas aos alunos do ensino normal.

No primeiro número, há somente um trabalho com letras, como é possível visualizar na ilustração de n.2, esse layout permanece até a edição de número 19.

³⁸ Órgão criado na Escola Normal do Porto desde 23 de fevereiro de 1913.

Ilustração 2 – Periódico *O Alvorecer*, página 1 do número 1, publicado em 25/04/1912.

A partir do número 20, publicado em 23/02/1913, o *layout* muda, tem-se junto ao título uma ilustração, como é possível visualizar na ilustração abaixo de n.3.

Ilustração 3 - Periódico *O Alvorecer*, página 1 do número 23, publicado em 25/04/1913.

Este periódico apresenta, em suas páginas iniciais, artigos referentes às questões da área educacional e, na sequência, o espaço é preenchido também com pequenos artigos educativos e textos literários, isto é, seções regulares de “Literatura e Ciência”, “Folhetim”, “Galeria de Colegas”, “Carta de Inglaterra”, “Vida Teatral” – informações e comentários sobre os espetáculos da cidade –, “Correio de *O Alvorecer*” e a última página é reservada à “Publicidade”.

As despesas efetuadas com a tipografia e a distribuição contavam com a contribuição de casas comerciais mediante os anúncios publicados: “Livraria Moderna e Papelaria”, de João Gonçalves, “Livraria Portuense”, de Lopes & C^a., “Livros de Ensino”, do Professor Ulisses Machado, “Imprensa Civilização – Casa fundada em 1878”, de Viuva Lemos & Gonçalves, e “O Alvorecer” – Quinzenario pedagógico, literário e científico. A partir do exemplar de número 13, há também “Estabelecimento de fazendas e miudezas por junto e a retalho”, de José Pinto Barbosa. A partir do exemplar de n. 14, nota-se uma diagramação diferente para o *layout* dos anúncios, a “Livraria Moderna e Papelaria” ganha um espaço maior e a “Livraria Portuense” passa a ocupar a lateral esquerda da página. A partir do exemplar de n. 24, o espaço destinado a “Livraria Moderna e Papelaria”, de João Gonçalves, passa a ser ocupado por: “Puxada a fieira - Lampada Philips”, representante M. Gompels – Porto, “Bebam o vinho fino – marca Finissimo”, da casa M. Gompels – Porto, “Aos alunos da Escola Normal e ao publico” – Alfaiataria de Francisco Pinto do Carmo, “Uma excepção! – aviso os alunos da Escola Normal e o publico em geral”, Francisco José Fernandes Junior, “Papelaria Augusto Reis – artigos escolares e objetos d’escritorio”. A partir do exemplar de n. 29, foram acrescentados mais dois anúncios: “Vieira & Silva – Fabricantes” e “Borges & Irmão – Banqueiros” – agencia no Porto, Lisboa e Rio de Janeiro. Uma assinatura de *O Alvorecer* por três meses custava a importância de 200 réis. Observei que, nos primeiros números de *O Alvorecer*, os anúncios estavam relacionados com a educação e, a partir da edição de n. 24, há uma diversificação de anúncios, apresentando produtos de outras áreas.

Muitos são os temas tratados nesse periódico, porém os que mais se destacam são: problemas de organização do ensino e ação do Estado; o papel do professor na educação moral, o ensino religioso e o ensino laico, as escolas móveis e da assistência escolar ao combate do analfabetismo, educação feminina,

necessidade de especialização técnica, os processos educativos com base no desenvolvimento das novas doutrinas e as atividades escolares.

Na edição de n.2, publicada em 10/05/1912, no texto intitulado *Infamia! Infamia! Infamia!*, que não está assinado, o autor ou autora trata das normas internas da escola, alegando que eles, os alunos, tiveram seus direitos violados:

Os alunos das Escolas Normais estão sendo vítimas das maiores violências.

A última, porém, é de tal ordem, que não pôde ficar sem o nosso veemente protesto.

Com que direito nos obrigam agora, depois de ter estabelecido a média de 10 valores para a passagem de classe, a apresentar maioria de notas de bom nas principais disciplinas?

Porque razão calcam os nossos direitos?

Julgavamo-nos com o ano concluído e surge-nos uma barreira.

Pois havemos de transpô-la, ainda que seja necessário empregar a violência

Têmos sido até hoje um rebanho de escravos, prontos a obedecer ao menor gesto do seu senhor.

Temos sido humildes, respeitadores e ordeiros. A cautela, senhores do alto! A resignação também tem limites. Pôde ser que a injustiça nos obrigue a sêmos violentos e desordeiros.

Assiste-nos o direito de protestar contra tal iniquidade.

Protestemos, pois, todos.

Colegas, alerta!

Querem violar os nossos direitos!

Não queiramos que nos apodem de cobardes. Apregoêmos bem alto, para que todos nos ouçam, que chegou a hora de dizermos da nossa justiça!

Haja união e a causa será nossa!

Abaixo a opressão!!! (p. 5).

Na edição de n. 3, publicada em 27/05/1912, outro texto sem autoria, intitulado *A'lérta!!...*, dá a impressão de que se trata do mesmo aluno dando continuidade ao assunto abordado no número anterior.

Aproxima-se o momento de pôr um remate ao vexame que foi lançado a alguns milhares de indivíduos!...

E' necessário ter coragem, muita coragem!...

Colegas, nada de cobardia!!..

E se algum atraioar os seus colegas, a maldição de nós todos caia sobre êle.

Para a frente, pois!!...

União, mas união cerrada!...

Que os alunos das Escolas Normais, saibam defender os seus direitos violados!!...(p. 1).

Ainda no mesmo exemplar, o aluno Vasconcelos, no texto *Não pode sêr!!!...*, lembra a todos que o sr. Ministro já havia se posicionado quanto a este assunto

Ora, como este artigo é um absurdo para quem vê as coisas com um bocadinho de bom senso, os alunos das Escolas Normais solicitaram o ano passado do snr, Ministro do Interior, a concessão de passagem de classe aos que obtiveram a média de 10 valores em cada disciplina e que a falta de média numa disciplina não influísse na sua aprovação.

Foi-lhes concedido o que pediam. (VASCONCELOS, 1912, p. 1).

Na edição de n. 4, publicada em 08/06/1912, Vasconcelos escreve o texto *Ora ainda bem...*, noticiando que os alunos foram atendidos em suas reivindicações.

Ora ainda bem que as nossas reclamações foram atendidas.

Ainda bem que o nosso brado de justiça atingiu as instancias superiores.

O senhor Ministro do interior, compreendendo que a ordem transmitida em telegrama para todas as Escolas normais era uma arbitrariedade e representava a perda do futuro de centenares de individuos apressou-se em remediar o êrro cometido. (VASCONCELOS, 1912, p. 1).

Nesta mesma edição, no texto intitulado *Ainda o caso das notas*, sem autoria, o autor escreve sobre a solidariedade prestada por alunos normalistas de outras escolas normais.

Temos recebido varias cartas e bilhetes postais dos nossos colegas das Escolas Normais, felicitando-nos pela atitude que tomamos em face da nossa questão. Agradecemos.

E cá estamos sempre firmes no nosso pôsto, resolvidos a defender os nosso direitos.

A todos os que enfileirara ao nosso lado, na luta contra esta iniquidade, o nosso profundo reconhecimento. (p. 2).

Na edição de n. 5, publicada em 22/06/1912, dois artigos apresentam o posicionamento dos alunos. Em *Fora as injustiças*, o autor questiona o abuso do professor da cadeira de Moral e Desenho:

Ha um professor na Escola Normal d'esta cidade, que foi nomeado ha dois mezes para reger interinamente as cadeiras de Moral e Desenho.

Ora, este senhor já se julga em *palacio conquistado*.

Está a classificar certos alunos injustamente, relativamente a outros. Cautéla com as injustiças, porque nós cá estamos para responder aos *espíritos modernos*.

O Snr. Director necessita de mais um pouquinho de energia para reprimir estes abusos; porque, se assim não fôr, não lhe reconhecêmos competencia para dirigir um estabelecimento d'esta natureza. Lembre-se sua excelencia, que já tem havido troca de palavras *azêdas* entre este professor e os seus alunos.

E demais... é um professor de moral!... (p. 3).

E no texto *Representação*, o autor trata de uma revindicação geral, a ser realizada por todos os normalistas do país.

Os alunos do 1º ano da Escola Normal do Porto enviaram hontem uma representação ao snr. Ministro do Interior, que será entregue, juntamente com a das outras Escolas do país, pelos nossos colegas da Escola Normal de Lisboa.

Nesta representação, pede-se ao ...(ilegível) Ministro que as aulas sejam encerradas em 10 do mes corrente e não em 31 de julho, como se pretende fazer.

E' muito justo esse pedido, tanto mais que pouco poderêmos aproveitar durante o mês de julho, porque o serviço de exames, exactamente, vai atrazar a boa marcha dos exercicios escolares.

Portanto, parece-nos que o snr. Dr. Duarte Leite praticará em acto de justiça, atendendo à reclamação dos alunos das Escolas Normais. (p. 3).

Na próxima edição, publicada em 06/07/1912, de n. 6, o autor escreve sobre a justa solicitação realizada ao Ministro do interior, no texto *Um Pedido Justo*.

Os alunos do primeiro ano das Escolas Normais fizeram ao snr. Ministro do interior um pedido justo, e nome da Razão e da legalidade.

Quando corria como provavel uma extensão, ate ao fim de julho, do ano escolar para os alunos do primeiro ano das Escolas Normais, apresentou-se ao snr. Ministro do interior uma representação onde se expunha a sem razão de tal medida, e as suas consequencias desastrosas no concernerente á vida económica dos normalistas. (p. 1).

Na edição de n. 9, publicada em 21/08/1912, no texto *O Mal Não Tem Cura!...*, Vasconcelos, seu autor, conclama seus colegas alunos para se unirem a favor do professor primário.

União! União!

Eis o brado que, de ha tempos para cá, nós vemos assomar constantemente aos lábios do professor primário.

Unamo-nos, porque o monumento é de luta e o professorado primário português precisa de ter um gesto que o emancipe por completo da tirania e opressão de *quem pode, quer e manda!*

Unamo-nos para fazer valer nossos direitos! Unamo nos pelas nossas reivindicações! Unamo-nos, enfim, porque assim exige o bom noe, o prestígio da classe! (VASCONCÉLOS, 1912, p. 1).

Nesta mesma edição, no texto *Os meus amigos*, assinado por S. R., este tece um elogio ao colega Justino de Vasconcelos:

Quem está, pois, sempre alérta?

Quem véla sempre por nós?

E's tu ilustre colega, Justino de Vasconcelos, a quem devemos muito e a quem eu rendo o preito de sincera estima e homenagem. E a nós, irmãos de trabalho, que nos compete? Auxilia-lo com todas as nossas forças e boa vontade.

Sejamos, pois, unidos e em breve tornaremos grande esta classe que quasi se encontra despresada.

A'vante amigos, e a vitoria será nossa! (S.R., 1912, p. 3).

Na edição de n. 11, publicada em 25/09/1912, no texto *Escola Districtal da Faro*, o autor, que não assina o texto, tece um comentário sobre um conflito existente entre os alunos e mestres da escola de Faro.

Sabêmos tambem que se fazem falsas acusações, verdadeiras calunias, a alguns dos nossos colegas daquela Escola que, naturalmente dotados de bom senso, tiveram a audacia de censurar o procedimento dos mestres.

Criaram, pois, em redor de si um atmosfera de malquerenças que se traduz por um mesquinho desejo de vingança da parte dos mestres arvorados em *tiranos*. (p. 2).

Na edição de n. 12, publicada em 22/10/1912, no texto *Vergonha! Vergonha! Vergonha!*, o aluno Vasconcelos escreve sobre a indisciplina da academia portuguesa:

Porque tudo isto se segue immediata e subitamente, como consequencia inevitavel de tanto descalabro, de tão vergonhoso estado de coisas, a maior e mais extraordinaria indisciplina da academia portuguesa.

Essa indisciplina pode ser a causa de grandes movimentos, de extraordinárias transformações. (VASCONCELOS, 1912, p. 1).

Ainda nesta mesma edição, no texto *Achaques de estupidez*, sem autoria, o autor aborda uma questão interna quanto à determinada categoria de funcionário, no caso, os serventes:

Na Escola Normal do Porto dão-se frequentemente acontecimentos singulares.

Ali, é claro, ha senhores que, sem direito, **em tudo mandam** e não ha um senhor que, com direito, **mande em tudo** e faça entrar aquilo na ordem. (grifo do referido autor).

Os tais senhores que em tudo mandam são os serventes(!!!!). Ate são capazes de bater o pé ao senhor director!...

Os alunos sujeitam-se às vezes a insultos a que talvez um galego de esquina respondêsse com a biqueira da bota!... (p. 2, grifo do autor).

Na edição de n. 14, publicada em 20/11/1914, no texto *O Despertar*, o autor trata da classe normalista como sendo uma classe unida, que expõe sua situação.

E de mãos dadas, unidos por fortes e indissolúveis laços de solidariedade, ao abrigo das mesmas aspirações, ambicionando a conquista do mesmo ideal, aquecidos pelo mesmo entusiasmo e pugnando cobertos pela mesma bandeira, seremos em breve vitoriosos.

A classe normalista vai reconhecendo a necessidade urgente de manifestar publicamente a sua situação.

E para o nosso campo vêm desertando dia a dia os que até agora se conservavam numa letargica e abominável indiferença.

Cada vez nos convencemos mais de que a vitória ha-de ser nossa. (p. 2).

Com os trechos de textos destacados, encontrei subsídios para afirmar que os alunos da Escola Normal do Porto, seja discordando, concordando, aceitando, fazendo sugestões ou reivindicações, tinham um posicionamento crítico perante os administradores escolares e governamentais. No entanto, constatei que somente o aluno Justino de Vasconcelos assinava o que escrevia, os demais alunos provavelmente tinham medo de alguma represália, pois criticavam muitas tomadas de decisões e reivindicavam outras, porém não assinavam os textos. Para a sociedade como um todo, estavam reservados muitos Atos Institucionais ou leis emanadas pelo Executivo: “consta-nos que, apenas no Parlamento seja discutida a questão do funcionamento das Escolas Normais” (O ALVORECER, 1912, p. 3) e,

nessa situação, o periódico *O Alvorecer* pareceu ser um canal político para os alunos manifestarem-se perante os atos e leis educacionais que lhes dissessem respeito.

Um fato curioso que me chamou atenção foi a disputa que acontece nesse grupo de normalistas. No exemplar de *O Alvorecer*, n. 22, publicado em 09/04/1913, Vasconcelos, no texto *A todos os meus colegas*, escreve:

Por motivos alheios á minha vontade, sou obrigado a deixar a direção de <O Alvorecer>.

A todos aquêles que, no decorrer da minha curta e humilde vida jornalística, me honraram com sua estima, os protestos de minha imorredora gratidão. A todos os colegas em geral, um abraço de saudade que pactue a minha eterna e leal camaradagem.(p. 2).

E, no número seguinte, outro aluno, Torres, escreve o texto *Clama ne cesses*, defendendo que *O Alvorecer* precisa continuar:

E' esse, pois, o nosso programa, é essa a missão que nós, colaboradores e fundadores do que se deve a existência e continuação do <Alvorecer> é também a vós, caros colegas de um e outro sexo, que tanto tendes concorrido com a conservação, e continuidade da nossa obra; e muito principalmente a vós, colegas da Escola Normal de Faro, que de tão longe nos tendes ajudado com a vossa assinatura, e vosso apoio e solidariedade; e muito especialmente a vós, caras colegas e alunas da nossa escola, que tão garbosamente nos tendes também ajudado e... inspirado, até com a angelica ternura desse amor puro, casto e santo com que heis de dedicar-vos á educação e instrução das tenras criancinhas. (TORRES, 1913, p. 2).

Na edição de n. 24, publicada em 13/05/1913, a situação de disputa parece continuar. No texto *Satisfazendo*, sem autoria, o autor trata do assunto tecendo uma crítica ao antigo diretor, Justino C. de Vasconcelos.

Os abaixo assignados, actuaes empregados do <Alvorecer>, reunidos em assemblêa, resolveram declarar o seguinte a respeito á exigência que o antigo director Justino C. de Vasconcelos, apresentou á ultima hora.

1º Que o sr, Manuel Pinto Barbosa, actual director não podia convocar a reunião exigida pelo sr. Justino Cerqueira de Vasconcelos sob a pena de ser deposto, porquanto é inadmissivel que, passando-se quase um mês, o antigo director venha demonstrar a sua inocência nas culpas que lhe atribuem, quando podia muito

bem faze-lo na reunião que se efectuou para a sua justa deposição e a que nem teve a delicadeza de assistir, fazendo-se representar pelo tipo por quem não temos a mínima consideração. (p. 2).

E a discussão continua como verifiquei no exemplar de n. 25, publicado em 27/05/1913, no texto *Parece impossível*, sem autoria:

Não era nossa intenção voltar a ocupar as colunas desde jornal com artigos concernentes á nossa defesa (porque outra coisa não temos feito), mas devido á critica nojenta e revoltante do Sr. Justino Vasconcelos, mais uma vez o fazemos.
Parece impossível que na sua revista, onde se discutem assuntos de alta moralidade, tenham cabimento essas suas frases salpicadas de gangrena e tão repassadas de calunia e inveja! (p. 2).

A revista, a qual se refere o autor, trata-se de *O Futuro*, uma revista quinzenal de pedagogia, ciências e literatura, dirigida por Justino de Vasconcelos de 16 abril de 1913 a 16 de agosto de 1913. Pude supor que o aluno Justino de Vasconcelos rompe com o grupo de *O Alvorecer* e em seguida organiza *O Futuro*.

Como já foi possível verificar pelo período mencionado, *O Futuro* tem uma vida bastante efêmera e, de acordo com Nóvoa (1993, p. 469), “este periódico nasce de uma cisão entre os responsáveis de *O Alvorecer* apesar de continuar a registrar a colaboração de alunos da Escola Normal do Porto [...]”.

Os alunos responsáveis pelo *O Alvorecer* demonstravam estar atentos aos professores que não exercem sua função de servidores da instrução nacional e destacavam o surgimento de outros jornais e revistas de mesmo cunho. Isso mostra que o movimento dos estudantes em diferentes instituições possuía alguma articulação ou pelo menos uma comunicação. Ressalta-se aqui, a atenção dada aos professores tidos como “relapsos”, isso dá impressão ser uma característica do aluno Vasconcelos quando de sua participação na organização de *O Alvorecer*, mas quando não se entende mais com os colegas e sai da organização de *O Alvorecer*, funda ele um outro jornal nos mesmos moldes da publicação da qual fazia parte, intitulado *O Futuro*.

De acordo com Nóvoa (1993, p. 469), no periódico *O Futuro*, publicam-se não só artigos sobre a educação e o ensino, mas também é composto por seções que publicam “lições práticas” e divulgam conhecimentos específicos. Além da

participação de alunos da Escola Normal do Porto, como já citei, tem-se um professor e outros professores, colaboradores externos de outras escolas.

O aluno Justino de Vasconcelos escreve no n.1, publicado em 16 de abril de 1913: “aperfeiçoar inteligências, educar e moralizar e o nosso fim. O nosso Futuro preparará o Futuro da Pátria”. (p. 1).

CAPÍTULO 3

ASSOCIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA E RESPECTIVO PERIÓDICO

3.1. O associativismo estudantil na Escola Normal Primária de Coimbra

Em Portugal, no século XIX, foram vários os esforços para institucionalizar a formação em Escolas Normais. A Reforma de Rodrigo da Fonseca Magalhães, de 11 de agosto de 1835, propunha a criação de Escolas Normais Primárias em Lisboa e no Porto e, no reinado de D. Maria II, foi criada a Escola Normal Primária de Coimbra, formalizada pela Portaria de 19 de setembro de 1839 - Diário do Governo n.º 225, de 23 de Setembro:

Sendo presente a Sua Majestade a Rainha, que na Cidade de Coimbra não se acha ainda constituída a Escola Normal Primária e de Ensino Mútuo, como era indispensável, a fim de que, sob a direcção e inspecção do Conselho Geral Director do Ensino Primário e Secundário, se pudessem ter feito os ensaios e observações necessárias para o complemento prático do mesmo ensino. [...]; Há por bem Ordenar o seguinte: 1º O Conselho Geral Directos de Ensino Primário e Secundário fará logo constituir, na Capital do distrito Administrativo de Coimbra a Escola Normal Primária e de Ensino Mútuo [...] (p. 29).

Em 1928, a escola de Coimbra, assim como a de Braga e de Ponta Delgada, foram fechadas, devido à redução da despesa pública, sendo a sua extinção formalizada pelo Decreto de 12 de abril de 1928. A reacção que se fez a esta medida levou o governo da ditadura a decretar a sua reabertura em 21 de agosto de 1928.

É neste período de turbulências políticas, década de 1920, que os alunos da Escola Normal Primária de Coimbra produziram a revista *Os Novos*, um dos objetos deste estudo.

Logo após a implantação da República, foi nomeado diretor das escolas normais de Coimbra o pedagogo e colaborador da imprensa pedagógica, António Cândido de Almeida Leitão, ficando encarregado de proceder a fusão das escolas do sexo masculino e do sexo feminino, isto é, implantar a co-educação dos sexos, uma forma de se trabalhar a formação de professores. Nos anos de 1920, Leitão se constitui numa referência considerável no período mais importante da formação de

professores do ensino primário durante a 1ª República, mas, embora sejam intensos os movimentos pedagógicos na cidade de Coimbra nesse período, Leitão optou por assumir uma postura mais institucional. Porém, em seus textos, discorre sobre a Pedagogia, sobre a arte de ensinar sob o ponto de vista científico. Para António Leitão, o exercício do professorado exige, simultaneamente, “uma vocação e uma ciência, tornando-se necessário que o ensino normal se encarregue de as estimular, sublinhando os aspectos pedagógicos e metodológicos”. (CASTELO, 2003, p. 706).

Na condição de diretor, assegura o período de transição até a criação das novas instituições de formação de professores, prometidas desde a primeira hora pelo regime republicano. É nomeado membro da comissão encarregada, em 1916, para proceder aos trabalhos preparatórios para a instalação da nova Escola Normal Primária de Coimbra, presidida por José Caeiro da Mata. Este assume a direção da nova escola até ao final dos anos vinte, constituindo uma referência importante no período mais importante da formação de professores do ensino primário durante a 1ª República. Como já mencionei anteriormente, durante esse período, a escola foi encerrada em abril de 1928 e reaberta em agosto do mesmo ano, em virtude dos vários protestos. De 1942 a 1945 foi diretor o Sr. Dr. Mario dos Santos Guerra. Entre 1946 e 1949, dirigiu a instituição o Sr. Dr. Francisco de Sousa Loureiro.

Quanto à Associação dos Alunos da Escola Normal Primária de Coimbra, localizei somente em um documento que, em 6 de março de 1911, foi fundada na Escola Normal para o sexo masculino de Coimbra, uma associação com a denominação de *Caixa Escolar dos alunos da Escola Normal para o sexo masculino de Coimbra* com a finalidade de proporcionar aos alunos a aquisição de noções sobre caixas escolares, impulsionar o progresso educativo por meio de excursões e visitas de estudo, entre outros. Em nenhum outro documento foi encontrado por mim informações que se referissem à associação dos alunos dessa escola normal, somente localizei o título de outro estatuto: *ESTATUTOS. Associação dos Estudantes da Escola Normal do Porto – Aprovado em Assembleia Geral de 25 de Janeiro de 1917. Porto: Tipografia Mendonça, 1917*³⁹, na Biblioteca Nacional, em Lisboa.

³⁹ Informo que durante os seis meses em que permaneci em Lisboa solicitei por inúmeras vezes o referido estatuto e a resposta era sempre a mesma “está em restauro”. Retornando a Lisboa em junho de 2008 sendo feita novas solicitações, a reposta foi: encontra-se em restauro.

Localizei no periódico *Os Novos*, publicado por esta associação estudantil, na edição de n.1 de 18/12/1925, o objetivo da associação junto à comunidade escolar e sociedade:

Não nos suscita a vaidade, nem nos estimulam, tam pouco, paixões exageradas. A nossa revista é simplesmente o órgão dos alunos desta Escola, que, animados de boa vontade, desejam comunicar a todos os colegas, por meio da escrita, variadas opiniões de interesse á classe e estabelecer o intercambio de ideias e pensamentos dos alunos de todas as Escolas Normais. (p. 1).

Na edição de n. 3, publicada em 12/03/1926, no texto *Aos Alunos da Escola Normal Primária de Coimbra*, escrito pelo professor António Sérgio, registra-se o aval deste professor na publicação de *Os Novos*:

Começo por cumprimentá-los, meus moços camaradas, pela iniciativa que tomaram de fundar a sua revista, e pelo generoso e nobre espirito que sinto animar tão bela obra. Bravíssimo, meus caros amigos! Mostraram aí ser gente jovem com juventude na sua alma: coisa que, como sabem, está sendo raríssima em Portugal. (SERGIO, 1926, p. 5).

Os Novos conta diretamente com o apoio do professor Álvaro Viana de Lemos e a colaboração dos professores Afonso Duarte, César Porto e António Sérgio.

3.2 *Os Novos*: divulgação da pedagogia moderna

Os Novos, Revista dos alunos da Escola Normal de Primária de Coimbra, publicada em 18 de dezembro de 1925, em 12 de março de 1926 e em 17 de fevereiro de 1927, constitui uma revista de periodicidade eventual, composta de 8 a 10 páginas. As revistas de n. 2 e 3 têm suas capas ilustradas com figuras de um intelectual português, como é possível visualizar na ilustração de n. 4. O número avulso era vendido por 1\$00 e a série de três números por 2\$50. A composição e impressão do primeiro número foram por conta da Tipografia Reis Gomes de Coimbra e os demais números pela Tipografia Operária de Coimbra. Este periódico não apresentava anúncios comerciais, somente sugestões de leituras recomendadas pelos *Os Novos*.

Os responsáveis pela revista são: o Editor e Administrador, Virgílio Fagulha, o Redator Principal, Vitorino Morais, o Corpo Redacional, Alice Neves, Martinho Rebelo, Belmira Brigido, Joaquim Calheiros e Irene Abreu, os Secretários, Mário Nogueira e Martinho Rebelo desde o número 2.

Os Novos, Órgão dos Normalistas da Escola Normal de Primária de Coimbra, é uma publicação de iniciativa estudantil que trata das questões educativas e particularmente as que envolvem a Escola Normal Primária de Coimbra, questões estas que contam com o apoio do professor Álvaro Viana de Lemos.

Ilustração 4 – Periódico *Os Novos*. Capa do número 3, publicado em 12/03/1926.

Suas páginas contêm artigos didático-pedagógicos e seções de caráter literário. Seções do tipo: “*Os Novos e a Imprensa*”, “*Leituras que Os Novos recomendam*” e “*Os Nossos Poetas*”. Muitos são os temas abordados nessa revista, os que mais se destacam são: problemas administrativos do ensino; edifícios escolares; missão educativa dos professores, questões pedagógicas e profissionais, o papel da Educação Física no ensino primário, entre outros.

O último número, publicado em 1927, é dedicado ao Centenário de Pestalozzi, intitulado “Número comemorativo do centenário de Pestalozzi”, publicado em 17/02/1927, em comemoração aos 100 anos da morte de Pestalozzi. No texto *1827 – Pestalozzi – 1927*, o autor, que não se identificou, tece uma comparação com as demais instituições a respeito dessa tomada de decisão dos normalistas em comemorar os 100 anos da morte de Pestalozzi.

Pelas cartas que recebemos e pelas notícias de várias revistas e jornais pedagógicos, vê-se que não fomos só nós, que nos lembramos de o homenagear. Semelhante facto só é motivo para nos regosijarmos todos, pois isso traduz bem a unidade de sentir que liga os educadores portugueses e estrangeiros, em volta de um nome que simbolisa a escola ideal, essa que ambicionamos renovadora e sempre anseosa de perfectibilidade, como devendo ser a mais bela e necessária instituição humana. (p. 1).

Ainda neste exemplar, encontram-se vários textos a respeito de cartas recebidas do exterior, como é o caso do texto *Dos professores da Escola de Obercrinitz (Saxe), Alemanha*, enviado à comissão organizada para o centenário de Pestalozzi e estes afirmam o que está acontecendo em seu país:

O nosso Ministério da Instrução Pública, também por um decreto nos ordenou, do mesmo modo, que se chamasse a atenção das crianças, dos pais e da imprensa, para as idéas pedagógicas, humanitárias e sociais de Pestalozzi.

O decreto recomenda não só uma semana de Pestalozzi de 18 a 25 de Fevereiro, mas uma comemoração efetiva, integrada em certas disciplinas como por exemplo na história. (RINGEL; ZSCHAMMER, 1927, p. 4).

Nesta edição comemorativa, temos a participação de muitos colegas de outros lugares da Europa, como no exemplo acima, e, ainda, outras cartas, a do Le Ministre de Suisse, de Edith Liebold – alunos da escola de Obercrinitz, da Saxónia, entre outras. Tudo indica que toda comunidade educacional tinha o mesmo pensamento, pois é sabido que Pestalozzi exerceu grande influência em vários países da Europa. Mas como entender tal situação? Como fica a questão da educação nova frente a essa situação? Seria porque Pestalozzi é considerado um defensor da escola popular extensiva a todos e porque ele reconhece firmemente a função social do ensino? Assim, penso que as ideias de Pestalozzi sobre a vida social constituem-se a base do desenvolvimento infantil, cabendo à escola a

importante tarefa de oferecer condições para que a criança possa exprimir, através de suas atividades, a vida em comunidade; e que o êxito da educação depende do enriquecimento, por parte da escola e dos educadores, das condições que possibilitem estreitar as relações entre atividades instintivas da criança, interesses e experiências sociais; que a educação possui a missão de reorganizar, reconstruir e revitalizar continuamente a experiência democrática de vida dentro e fora dos limites da escola.

Para o professor Afonso Duarte (1927), “Celebrar o centenário de Pestalozzi, em Portugal, é um verdadeiro acto revolucionário. Falar de Pestalozzi, discípulo de Rousseau? Falar de Pestalozzi, o apóstolo da Educação nova, o mestre [...]”. (OS NOVOS, 1927, p. 8). Como se sabe, Pestalozzi ficou conhecido como o “educador da humanidade”, para alguns autores foi um dos grandes discípulos da Revolução Francesa, introdutor de uma nova técnica pedagógica. Considero que, por causa desses motivos destacados, ele foi tão venerado pelos alunos da Escola Normal de Coimbra. De acordo com Nery (2006), este exemplar teve repercussão internacional, pois se trata de apropriação e circulação de um modelo cultural. As formas da disseminação e da apropriação das teorias de Pestalozzi não são exatamente as mesmas, porque os novos dispositivos formais (técnicos, visuais, físicos) que o apresentam ao seu leitor, na década de 1920, com certeza modificam as suas condições de recepção e de compreensão. (CHARTIER, 1997, p.158).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

AS ASSOCIAÇÕES DE NORMALISTAS PORTUGUESES, SEUS PERIÓDICOS (*EDUCAÇÃO FEMININA*, *O ALVORECER* E *OS NOVOS*) E SEUS AUTORES

Após a análise de alguns trechos de textos (artigos e matérias), fundamentada na História Cultural, em Chartier e suas categorias como *representações*, *prática* e *apropriação*, fui observando os modelos de formação de professores explícitos e implícitos nos periódicos portugueses, divulgados pelas associações de normalistas.

Segundo Roger Chartier (2002), a História Cultural

[...] tem como objetivo principal identificar a forma como os diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler.[...] Desta forma pode-se pensar a história cultural do social tomando por objeto a compreensão de formas e dos motivos, isto é, partindo das representações do mundo social, na qual os atores que dela fazem parte, possam traduzir as suas posições e interesses de forma objetiva, e que de forma paralela, descrevem a sociedade tal como pensam que ela seja, ou gostariam que fosse. (CHARTIER, 2002, p. 16-17).

É possível perceber que nesta forma de representação está o fato de que a linguagem, o discurso e a palavra são os principais portadores dos conteúdos representacionais. Sendo assim, fez-se necessário identificar e considerar como simbólicos todos os signos, atos ou objetos. E, neste contexto, o termo simbolização tem por objetivo representar algo, e por meio dele é que se pode fazer a apreensão da realidade educacional das escolas envolvidas na produção dos respectivos periódicos das associações de alunos.

Para Chartier (2002), a realidade possui a dimensão da representação: ela deve ser apreendida pelos sujeitos sociais por meio de imagens. É mediante as práticas que a realidade se materializa, ou seja, as práticas visam ao reconhecimento de uma identidade social, mostrando uma maneira própria de estar no mundo por intermédio de formas institucionalizadas. A dimensão da apropriação, sendo a maneira pela qual os indivíduos interagem com a realidade, tem por objetivo

uma história social das interpretações que são sociais, institucionais e culturais e inscrita nas práticas que as produzem.

Dessa forma, cada periódico apresenta em seus textos suas individualidades, realidades. De acordo com Chartier (2002), não são de forma alguma discursos neutros; ao contrário, produzem estratégias e práticas sociais, escolares e políticas, basta retomarmos a participação do aluno Justino de Vasconcelos e da aluna Irene Lisboa. Estes tendem a impor uma autoridade menosprezando outros discursos, justificando suas escolhas e condutas. Trata-se aqui, então, de uma disputa na qual um indivíduo ou um grupo procura impor a sua concepção de mundo, os seus valores e o seu domínio. Esse tipo de conduta é bastante presente nos alunos Irene Lisboa e Justino de Vasconcelos, ambos dirigentes dos respectivos periódicos *Educação Feminina* e *O Alvorecer*.

Parece que os dirigentes desses órgãos normalistas acreditavam que somente era possível mudar o país por meio da educação, do comprometimento. Colocavam a educação como fator de resolução dos problemas sociais que Portugal enfrentava no momento: “Lutar, trabalhar pela Escola, o mesmo é que pretender o rejuvenescimento deste paiz” (VASCONCELOS, 1912, p. 1). Era necessário reivindicar uma boa formação, para na sequência resolver o problema da alfabetização das massas.

Na edição de n.7 de *Educação Feminina*, no texto *Coimbra heroica*, o autor escreve: “Será possível que queiram comparar o estado de analfabetismo em que infelizmente jaz o nosso povo, com o progresso da Belgica, Alemanha, França, Inglaterra, Suíça, etc?” (A.C., 1913, p. 2) e, em *O Alvorecer*, Vasconcelos afirma: “compenetrem-se disto os nossos governos e terão ocasião de verificar a utilidade do ensino da moral filosófica nas Escolas Normais.” (VASCONCELOS, 1912, p. 1). E continua:

Como querem os senhores governantes que as Escolas Normais preparem professores á altura da sua missão, se olham estas coisas com uma extraordinaria e vergonhosa indiferença? Se continuarmos assim, a instrucção não pode progredir, porque os professores que sairem das Escolas Normais hão necessariamente de ser professores mediocres. (VASCONCELOS, 1912, p. 1).

Segundo Gomes (1996), trata-se de uma situação paradoxal, porque, na primeira década do século XX, Portugal tem mais de 700 freguesias sem escolas, há uma procura muito grande pelo ensino normal, mais de 500 alunos se matriculavam

a cada ano e havia mais de “1.900 diplomados pelas escolas normais sem colocação... Verdadeiramente, a criação das escolas não é apenas uma questão de vontade política!” (GOMES, 1996, p. 57).

O que parece haver é um problema nacional de condução da educação e os representantes desses dois periódicos, *Educação Feminina* e *O Alvorecer*, se mantêm informados, opinam e têm coragem de posicionar-se. Com isso, ocorrem conflitos a partir dos quais esses representantes/dirigentes deixam o grupo.

Segundo Chartier (1990), não é possível entender uma História Cultural desconectada de uma História Social, posto que suas representações são produzidas a partir de papéis sociais. Ele afirma seu entendimento de que não há real oposição entre mundo real e mundo imaginário. O discurso e a imagem, mais do que meros reflexos estáticos da realidade social, podem vir a ser instrumentos de constituição de poder e transformação da realidade. Desta forma, a representação do real, o imaginário, é em si, um elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo.

As representações coletivas são consideradas, ao mesmo tempo, matriz e efeito das práticas construtoras do mundo social. O imaginário, tido como um sistema de ideias-imagens de representações coletivas, é considerado o outro lado do real. Assim, as representações coletivas, que são formas de organização do conhecimento da realidade, embora essa realidade seja também uma construção social, fornecem sistemas de valores indispensáveis para a vida dos grupos sociais na medida em que regulam a organização simbólica e inconsciente da realidade para todos os indivíduos de uma determinada comunidade.

A esse respeito Chartier (1990) enfatiza que: as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam; daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem as utiliza. Assim, mediante a análise dos discursos dos alunos é possível identificar boa parte do cotidiano da instituição escolar e o seu percurso histórico. Por meio das falas desses atores/alunos, é possível perceber, então, a representatividade da instituição escolar, da associação e do periódico, tanto no âmbito local como regional. Portanto, com o estudo das representações, procura-se compreender como a realidade é construída e como o discurso desses alunos contém em si estratégias de interesses determinados. No caso aqui das

instituições escolares, das associações e dos periódicos, o estudo do discurso é muito importante, torna-se imprescindível, pois é por meio desses que se encontrou a possibilidade de construir interpretações sobre o itinerário histórico das associações estudantis, conferindo-lhe, assim, uma identidade cultural e educacional.

Sendo assim, o estudo das representações sociais ajudou no processo de compreensão da construção da realidade no caso dos periódicos portugueses, a apreensão do discurso predominante, possibilitando construir interpretações sobre a identidade cultural e educacional; identidade essa pautada nos moldes da pedagogia moderna quanto à formação teórico-prática, uma preocupação com a formação dos futuros professores e sua “missão” enquanto educador. Tal preocupação também se estende às políticas educacionais, às cantinas escolares, aos prédios escolares, ao analfabetismo, ao país.

Os periódicos funcionavam sempre como um órgão do grupo de normalistas, amparado por tipo de associação que dava sustentação à produção do periódico, exceto no caso de *Educação Feminina*, que foi uma produção independente da administração da escola e de seus administradores, tanto que estes não o aprovaram, mas não deixa de ter por trás disso um grupo, uma associação de alunos, uma tentativa “de concretização do chamado *self-governent*”. (PINTASSILGO; SERRA, 2009, p. 84).

No bojo que desencadeia as discussões sobre as associações e seus respectivos periódicos, busquei relacionar neste momento essa engenharia aos autores dos periódicos. Para isso, no apêndice “E”, encontram-se relacionados os autores destes periódicos portugueses: jornal *O Alvorecer*, da Escola Normal do Porto, jornal *Educação Feminina*, da Escola Normal Primária de Lisboa, e a revista *Os Novos*, da escola Normal Primária de Coimbra. Tratei dos autores e do número de artigos publicados com o objetivo de mapear, principalmente, os autores alunos. Quanto à revista *Os Novos*, localizei fontes documentais que contribuíram para o mapeamento de todos os nomes relacionados aos textos da revista⁴⁰. Consultei, assim, para maiores informações, os livros: termo e posses, notas, termo de exames, folha de vencimento pessoal, notas, aproveitamento, frequência e comportamento, entre outros com o objetivo de mapear quem são os alunos,

⁴⁰ Vale fazer um parênteses e lembrar que contei com uma enorme colaboração por parte da diretora da Biblioteca da ESEC, Dr^a Margarida Paiva e seus assistentes.

professores e outros. Além dos alunos, constatei que escreviam para a revista *Os Novos*, três professores, sendo eles Afonso Duarte, Agostinho Jorge da Silva e Álvaro Viana de Lemos.

Afonso Duarte⁴¹, nos anos de 1920, encontrava-se muito envolvido com a inovação da escola, principalmente com a educação nova e foi um dos colaboradores na imprensa de educação e, assim, participou dos periódicos da Escola Normal de Coimbra.

Agostinho Jorge da Silva,⁴² no período em que foi professor da Escola Normal de Coimbra, cursou licenciatura em Letras na Faculdade de Letras do Porto, e, nas palavras de Nóvoa (2003), foi identificado no papel “[...] indubitavelmente o de um “educador” ou de um “pedagogo” no mais sentido da palavra.” (p.1312),e, ainda segundo Nóvoa (2003), é um aplicador da pedagogia moderna.

Alvaro Viana de Lemos⁴³ foi um grande educador português, que se dedicou à Escola Normal de Coimbra de 1919 a 1934. Lemos desempenhou várias funções em Coimbra e uma delas foi ser colaborador da revista *Os Novos*. Foi também um importante educador que trabalhou na divulgação do movimento da educação nova em Portugal.

Há dois professores colaboradores externos: António Sérgio e César Porto. Para Nóvoa (2003), António Sérgio⁴⁴ é um dos intelectuais de referência do século XX português. Nos anos de 1920, este educador elaborou cinco breves eixos do desenvolvimento estratégico da pedagogia a ação reformadora.⁴⁵ É nesse período que participou como professor colaborador da revista *Os Novos*. António Sérgio manteve-se ligado aos círculos da educação nova até 1927, depois disso a ditadura o obrigou ao exílio.

Segundo Nóvoa (2003), um dos grandes impulsionadores da educação

⁴¹ Para maiores informações, ver PAULO, João Carlos. Joaquim Afonso Fernandes Duarte. In: NÓVOA, António. (Dir.). *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: Edições Asa, 2003. p. 510-511.

⁴² Para maiores informações, ver REAL, Miguel. George Agostinho Baptista da Silva. In: NÓVOA, António. (Dir.). *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: Edições Asa, 2003. p. 1312- 1317.

⁴³ Para maiores informações, ver FIGUEIRA, Manoel Henrique. A acção de Álvaro Vieira de Lemos e a Escola Nova em Portugal. *Escola Moderna*, n. 4, 5ª série, 1998.

⁴⁴ Para maiores informações, ver páginas 1291-1300 do livro NÓVOA, António. (Dir.). *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: Edições Asa, 2003 e também HAMELINE, Daniel; NÓVOA, António. Autobiografia inédita de António Sérgio (Escrita aos 32 anos no Livre d’Or do Instituto Jean-Jacques Rousseau – Genève. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 29, fev. 1990.

⁴⁵ Ver, especialmente, NÓVOA, António. (Dir.). *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: Edições Asa, 2003. p. 1296-1298.

nova, em Portugal, foi César Porto⁴⁶, que foi diretor e professor da Escola-Oficina n.1, desempenhando importante papel quanto à autonomia dos alunos. Mais tarde, ele teve uma importante participação no movimento associativo dos professores e nas suas teses sobre reflexão educativa e pedagógica. Para Barreira (2006), um maçom, republicano e muito conservador

Quanto aos demais autores, são, provavelmente, todos alunos, uma vez que temos 16 textos sem autoria e alguns outros textos que são reproduções. Constatase, assim, que, na revista *Os Novos*, os textos escritos em sua maioria são de alunos. O aluno que mais participa é Martinho Rebelo, com cinco textos. No exemplar de n. 2, publicado em 10/02/1926, o aluno Vitorino Moraes escreveu o texto intitulado *Quando eu fôr professor*:

Aos mais pequeninos ensinarei a lêr e a escrevêr; a lêr não no livro, mas na natureza imensa e bela; a escrever não no papel, mas nos seus próprios espíritos que eu abrirei ao mundo exterior. Ensinar-lhes-hei a balbuciar: família, pátria, humanidade! (MORAIS, 1926, p. 4).

É possível asseverar, por meio dos textos publicados nos periódicos, que na formação há um grande teor de civismo, de amor a pátria.

Em *Educação Feminina*, somente os alunos normalistas participavam da redação dos textos e seleção de algumas reproduções, escritores em sua maioria portugueses. A aluna que mais escrevia era Irene Lisboa, uma vez que a ela é atribuída a autoria de 34 textos.

Em *Educação Feminina*, o foco parece mudar um pouco, provavelmente por ser outro período da história, anos de 1910. No exemplar n.4, publicado em maio de 1913, no texto *A nossa correspondência*, a autora, que tudo indica ser a aluna Irene Lisboa, escreve: “Sr. D.B.A.F - O vosso artigo sobre o professorado precisa de remodelação, e se vos desejais fazer, com imenso gosto o publicaremos. Seria bom falar menos em pátria, porque é assunto já um bocadinho gasto e dar ao vosso estilo mais firmeza e mais rigor”. (p. 3). Irene parece não aceitar que a colega trate muito da pátria. Mas, no exemplar de n. 5, publicado em junho, no texto *Camões e sua*

⁴⁶ Para maiores informações, ver CASTELO, Cláudia. In: NÓVOA, António. (Dir.). *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: Edições Asa, 2003. p.1114-1117.

obra, encontrei uma homenagem a Camões, escrita pela aluna Lucinda Dias, a partir de uma conferência:

[...] procurarei nesta minha ligeira palestra, prestar em nome da Escola Normal uma singela homenagem á memoria desse grande gênio que foi Luis de Camões.
Há decerto no coração de todos vós uma scentelha desse grandioso culto, e não admira que assim seja; ele está gravado na alma de todos os portugueses com um só nome: << Pátria!>>, e a pátria é ele na sua mais sublime concepção. (DIAS, 1913, p. 1).

Ainda neste texto, a autora continua:

E Camões e Lusiadas completam a nacionalidade portuguesa!
Eles são a cristalização dos sentimentos nobres dum povo, são as suas alegrias, as suas glórias, as suas tristezas e amarguras.
Nos Lusiadas não fala um poeta, é a voz de uma geração de nimitá transmitindo-se á posteridade, é a única relíquia salva desse pélagos medonho para onde rolou o nosso passado glorioso.
E Camões, o nimitável trovador dos feitos lusitanos é ao mesmo tempo o pintor fiel e dedicado das maravilhas da natureza. (DIAS, 1913, p. 1).

Como se pode perceber, a questão do nacionalismo também está presente em *Educação Feminina*, principalmente nas referidas conferências. Para Pintassilgo e Serra (2009, p. 83),

parece ser a expressão clara de algumas das principais concepções que permeavam tanto o projeto como o currículo da Escola Normal, designadamente no que se refere ao ideal de formação integral das alunas, ao laicismo, ao cientismo e ao patriotismo que constituíam linhas de força da pedagogia republicana [...]

Quanto ao periódico português quinzenário *O Alvorecer*, também não localizei fontes documentais que contribuíssem para o mapeamento de todos os nomes relacionados aos textos do jornal. Consultei, assim, para maiores informações, o livro de *Termo de posse conferida aos professores da Escola Normal do Porto – Sexo feminino e depois mista*⁴⁷, com o objetivo de mapear os professores desse período e verificar se eles escreviam para o jornal *O Alvorecer*. No apêndice

⁴⁷ ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Termo de posse conferida aos professores da Escola Normal do Porto – Sexo feminino e depois mista*. Porto, 1882-1919.

“F”, foi possível observar que nem o diretor e nem os professores relacionados neste quadro escreviam para o jornal dos normalistas. Mas vale ressaltar que há muitos textos assinados por professores, como podemos visualizar no apêndice “E”.

Nóvoa (1993), quando trata dos colaboradores de *O Alvorecer*, em seu Repertório, também não discrimina as ocupações que os mesmos venham a ter naquele período. A partir disso, considere que possivelmente os autores são quase todos alunos normalistas, porque encontrei somente uma autora que assinava como Eugênia A. Leite Braga – professora oficial. O que observo, também, é que muitos dos textos publicados eram enviados por normalistas de outras escolas normais de Portugal, pode-se dizer que havia uma conexão entre os normalistas. Isso também é possível de ser verificado no apêndice “F” desta tese, exemplo: “Raul Cabrita – aluno da Escola Normal de Faro”.

A presença de determinados alunos é considerável, como é a dos alunos Justino de Vasconcelos, que escreveu 24 textos, Anselmo P. de Vasconcelos, que escreveu 25 textos, Manoel Pinto Barbosa, que escreveu 17 textos, José C. De Vasconcelos, que escreveu 13 textos. O que percebi é que se tratava de uma equipe muito atuante e atenta aos acontecimentos gerais da formação e do ensino, como já se viu no capítulo anterior na questão da autonomia desses alunos.

Concluindo, *O Alvorecer*, como já mencionado anteriormente, continuou a ser publicado quinzenalmente até abril de 1914, com Manoel Pinto Barbosa à frente da direção, tendo a ideia de que [...] “só através de uma forte acção educativa é possível criar condições para o desenvolvimento do país.” (p. 34). Observei que, enquanto Justino de Vasconcelos estava à frente do jornal, tinha uma posição mais crítica em relação às medidas que diziam respeito aos alunos do ensino normal, já com Manoel Pinto Barbosa a situação tornou-se mais amena. Um fato que chama a atenção é que os textos mais críticos, em sua grande maioria, não apresentam autor.

Quanto aos temas civismo, patriotismo e nacionalismo, localizei os textos que se encontram relacionados nos parágrafos que seguem.

Na edição n. 3 de *O Alvorecer*, publicada em 27/05/1912, no texto *Excursão a Parêdes*, seu autor, provavelmente o aluno Alves, parece descrever um procedimento: “Por fim, depois de uma pequena refeição, passamos o resto do tempo em jogos e passeios pelas galerias. De regresso á Escola, durante o

percurso, foram entoadas canções patrióticas e levantados muitos vivas á Pátria, á Republica, á Instrução, etc.” (ALVES, 1912, p. 3).

Na edição n. 5, publicada em 22/06/1912, no texto *O amor ao passado é a nossa Ressurreição*, o aluno Vasconcelos tece um comentário sobre dois ilustres portugueses: “Em dois nomes está resumida principalmente a vida e a essencia de Portugal: O Gama e o Camões. Num feito sem exemplo e num poema sem modelo. Estes são os gloriosos abonadores da nossa independencia e liberdade.” (VASCONCELOS, 1912, p. 2).

Na edição de n. 6, publicada em 06/07/1912, no texto *O Ensino da Moral*, o aluno Vasconcelos chama a atenção para que não se ignore que Portugal é a pátria dos valentes:

Porque não caminhamos ao lado dos outros paizes civilizados?
Porque suspendemos a nossa marcha no caminho da civilização e
ficamos de braços cruzados a vêr somente avançar os outros
paizes?
Não serêmos já portugueses? Esqueçemos, porventura, que
Portugal é berço de herois, pátria de valentes e túmulo de gigantes?!

(VASCONCELOS, 1912, p. 1).

Ainda na mesma edição, no texto *O amôr patrio*, o aluno Esteves discorre sobre o amor pela pátria:

O amor pátrio é innato do coração do homem de bem. Desde
creanças que nos acostumamos a ver a nossa casa, ela é a Pátria;
mais tarde já não é só a casa mas também o pomar; mais além a
freguezia, o concelho, o districto, a provincia – enfim o paiz.

(ESTEVES, 1912, p. 2)

Na edição de n. 7, publicada em 19/07/1912, no texto *Minha Pátria*, o autor fala da pátria com adoração: “O’ Pátria minha adorada, / Pátria do meu coração, / a tua fronte aureolada / tem dos astros o clarão / e d’aurora os meigos brilhos / alcançados por teus filhos / como amôr e devoção.” (CABÓS, 1912, p. 2). Isso caracteriza um poema dedicado à pátria.

Ainda no mesmo exemplar, no texto *A Educação Nacional*, o autor Souza escreve sobre a educação e a ação patriótica:

Para isso é preciso que a educação do povo seja nacional, para que
todos nós, futuros professores primários, numa união cerrada e num

arranco patriótico levantemos Portugal e o levêmos á vanguarda dos povos bem instruidos.
 Preparemo-nos pois, para essa ação patriótica. (SOUZA, 1912, p. 3).

Na edição de n. 12, publicada em 22/10/1912, no texto *Vergonha! Vergonha! Vergonha!*, o aluno Vasconcelos aborda: “É preciso, sobretudo, que Pougall tenha um arranco verdadeiramente patriótico, que todos os seus filhos se unam num amplexo fraternal e trabalhem colectiva e desinteressadamente para o mesmo fim – o *resurgimento da Pátria Portuguesa*.” (VASCONCELOS, 1912, p. 1).

Na edição de n. 29, publicada em 29/11/1913, no texto *Viva a Pátria livre!*, o autor Torres escreve sobre o 1º de Dezembro⁴⁸

Passa por nós nesta ocasião a época histórica – 1º de Dezembro.
 Nenhum português brioso, que sinta aquecer-lhe o peito o sangue da sua raça, pôde deixar passar este dia sem aclamar e saudar freneticamente a Pátria. Também nós, Também o nosso modesto jornal, impresso nesta época, não podia deixar de soltar um brado de Amor da Pátria, exaltando os heróis de 1640. (TORRES, 1913, p. 1).

Na edição de n. 32, publicada em 24/01/1914, no texto *A Renascença e seus efeitos*, o autor C.A. convoca os colegas para tirar a pátria do caos que se encontra, espelhando-se na figura de Camões.

Orgulhemo-nos, pois, de pertencer a esta pátria e trabalhem para a sua prosperidade, porque, volvendo os olhos para o passado, vemos homens insignes; uns, cantando os feitos heróicos dos portugueses, como Camões; outros, assombrando o mundo com o valor da sua espada como Albuquerque.
 Façamo-nos descendentes destes grandes homens que abrilhantam a nossa historia para assim levantar-mos a nossa querida pátria do caos e que jaz. (C.A., 1914, p. 2).

Verificando os autores dos três periódicos, confirmei que a grande maioria dos autores são os alunos normalistas, os quais vivem uma experiência de posicionar-se frente ao grupo e a sociedade. Para Arenilla (1979, p. 42)

⁴⁸ Dia da Restauração da Independência de Portugal. A Restauração da Independência é a designação dada à revolta iniciada em 1º de Dezembro de 1640 contra a tentativa de anulação da independência do Reino de Portugal por parte da dinastia filipina, e que vem a culminar com a instauração da Dinastia Portuguesa da casa de Bragança. É comemorada anualmente em Portugal por um feriado no dia 1º de Dezembro. (www.sapo.pt/11378.html, acesso em 20/05/2009).

[...] os conselhos de jovens ao autorizarem os jornais da escola, proporcionam aos jovens uma experiência da vida pública no seio dos estabelecimentos e um direito à palavra ensinando-os a respeitar as prescrições fundamentais sobre a liberdade das pessoas e a independência da escola em matéria de religião ou de política⁴⁹.

Assim, considere que os normalistas em torno de um conselho escolar e da elaboração de um periódico estariam desenvolvendo o tipo de prática escolar proposta, o *self-government*. Assim, concluí com Carvalho (1985):

À instrução cívica estava indissoluvelmente ligado o sentimento patriótico, como aliás sempre estivera desde a instauração do regime republicano, mas agora procurando novos espaços para a sua intromissão... a criação de associações escolares dirigidas pelos alunos onde se cante o hino nacional, se pratique o culto da bandeira, se comemorem datas históricas nacionais e se exaltem os homens notáveis de Portugal. (CARVALHO, 1985, p. 686).

Enfim, as Escolas Normais portuguesas adequadas à democracia proposta pela Primeira República estabelecia a educação cívica pelo método do *self-gouvernement*, proporcionando uma autonomia dirigida à organização das associações de alunos. Essa proposta de matriz americana é divulgada em Portugal especialmente por Adolfo Lima.

⁴⁹ Para maiores informações ver: A construção da autonomia nos diferentes níveis de escolaridade. In: ARENILLA, Louis et al. Dicionário de pedagogia. Lisboa: Instituto Piaget, 1979. DULIBIN, C. *Du travail autonome à l'aide au travail personnel*. Paris: INR, 1993. MARBEAU, V. *L'Innovation dans l'enseignement secondaire: le travail autonome des élèves*. Estrasburgo: Conselho da Europa, 1979.

PARTE 2

ASSOCIAÇÕES DE NORMALISTAS BRASILEIROS

“Deve - se atribuir maior importância aos raros casos em que a documentação tem caráter dialógico isto é, que sejam identificáveis fragmentos (relativamente imunes a deformações) da cultura que a perseguição se propunha cancelar”. (GINZBURG, 1991, p. 24).

Como já mencionado na introdução desta tese, foram eleitas as Escolas Normais do Estado de São Paulo por ser este um dos estados brasileiros a apresentar a implantação e consolidação da formação docente como um projeto renovador de formação. No caso específico das duas escolas selecionadas, foram vários outros fatores: primeiro, a localização de periódicos organizados por alunos e publicados sob a responsabilidade dos grêmios; segundo, os períodos em que foram criadas as escolas; terceiro, a localização geográfica, uma na capital e a outra numa região geográfica de grande desenvolvimento agrário do estado; e por último, a descentralização do ensino iniciada no período imperial e reafirmada na constituição de 1890, que expressa a responsabilidade dos Estados e Municípios quanto à instrução primária e a profissional, inclusive o ensino normal.

Dentre o período em estudo, 1906-1927, há um grande impulso no ensino normal a partir de 1910, tanto pela necessidade da formação de professores quanto por questões políticas que acabaram por determinar o quadro paulista das Escolas Normais. Na primeira década do século XX, a formação de professores no Estado de São Paulo acontecia na Escola Normal da Capital e em cinco Escolas Complementares. O que pode ter motivado discussões em torno da necessidade de melhorar a formação dos professores das escolas primárias foram as influências do modelo americano aliadas à necessidade de professores para lecionar no interior do Estado de São Paulo, resultando nas modificações efetuadas a partir de 1911⁵⁰.

O início da década de 1910 até o final da década de 1920, define a consolidação de modelo de formação de professores no Estado de São Paulo. A necessidade de criação de Escolas Normais pelo interior do Estado era uma reivindicação dos tempos iniciais da República. No entanto, é no período analisado que a formação de professores passa a ocorrer na Escola Normal, a qual se torna uma instituição uniformizada ao final da década de 1920. Assim, da coexistência de instituições distintas de formação – Escola Normal e Escola Complementar e Escola Normal Primária e Escola Normal Secundária – passou-se à definição de uma única instituição: a Escola Normal.

De acordo com Tanuri (1979), a Escola Normal e Escola Complementar, seus respectivos currículos permaneceram inalterados até 1911, quando, mediante o

⁵⁰ Para maiores detalhes ver: TANURI, Leonor Maria. *O ensino normal no estado de São Paulo: 1809-1930*. São Paulo: USP, FE, 1979. (Estado e Documentos, 16).

Decreto n.2025, de 29/03/1911, as “Escolas Normais” passaram a se denominar “Secundárias” e as “Complementares”, “Escolas Normais Primárias”, com exceção da Escola Normal Secundária de São Carlos, criada em 1910, e da Escola Complementar de Itapetininga, que passou a ser Escola Normal Secundária de Itapetininga.

Para Rodrigues (1930, p. 410),

A conversão das Escolas Complementares em Escolas Normas Primarias implicava por certo em desvirtuamento, mas esse desvirtuamento era um mal necessário: cumpria evitar, mesmo com sacrifício dos princípios theoricos, de cursos logicamente hierarchisados, que depois de tantos dispendios com a remodelação da Escola Normal, viesse por fim a ficar sem solução o problema de um ensino efficiente destinado aos filhos do povo, que formam a maioria da população escolar do Estado.

Antes do Decreto n.2025, foram várias as reformas e decretos que estruturaram o currículo e alteraram os planos de estudo, com matérias divididas por séries etc. Após a reforma de 1911, a Escola Normal continuou passando por reformas, porém nenhuma tão significativa que mudasse o modelo estruturado anteriormente. Cabe aqui lembrar que a Escola-Modelo, criada com a reforma efetuada por Caetano de Campos pelo Decreto de 12/03/1890, continua a vigorar com a denominação de Escola Anexa, na maioria das Escolas Normais do interior. Em 19/12/1917, pela Lei n.1579, é instituído o Curso Complementar em dois anos para suprir a carência da formação de professores, funcionando como etapa preliminar da Escola Normal.

O curso proposto pela “Escola Normal Primária” era organizado em quatro anos para alunos de ambos os sexos, em separado. Seu currículo era centrado na formação geral, acompanhado de práticas de formação pedagógica (NERY, 2009). Para Tanuri (1979), na grade curricular a partir do 2º ano, tem-se a disciplina de Pedagogia, no 4º ano, a disciplina de Educação Cívica. Destaca-se, ainda, que os “exercícios práticos de ensino” eram desenvolvidos nas Escolas-Modelo, que, com a Lei n.930 de 13/08/1904, funcionavam nos Grupos Escolares e, segundo Nery (2009), também nas Escolas Isoladas.

Segundo Tanuri (1979), o curso proposto pela “Escola Normal Secundária” era organizado em quatro anos para alunos de ambos os sexos, em separado. Seu currículo passou a ter grande função propedêutica, apesar da característica

humanista. Abrange várias áreas do conhecimento, um caráter mais específico e multifocal.

As dez Escolas Normais, sendo três secundárias e sete primárias, existentes nesse período, resistiram aos obstáculos encontrados, como a baixa procura dos alunos em determinadas escolas e ao antagonismo de alguns professores quanto à manutenção de todas as escolas. Por outro lado, as Escolas Normais Livres⁵¹ franqueadas a partir de 1927 alcançaram números bastante superiores às públicas já em 1928. Com esses dados, é possível concluir que havia demanda não atendida pelas normais públicas, demonstrando a existência de uma política educacional insuficiente para o atendimento dos candidatos ao ensino normal pelas instituições públicas. Por outro lado, o franqueamento das Normais Livres – em sua maioria, escolas confessionais – representou o atendimento dos interesses dos católicos, que atuaram na Associação Brasileira de Educação (ABE), que, em muitos casos, estavam à frente dessas escolas. As Normais Livres foram equiparadas às públicas, provando a consolidação do modelo. É nesse contexto que encontramos a Escola Normal da Capital e a Escola Normal de São Carlos.

Para Couto de Magalhães apud Hilsdorf (1986), a criação das associações de alunos em São Paulo, no final do século XIX e início do século XX, está relacionada à produção cultural acadêmica, isto porque os alunos organizavam um órgão de veiculação – jornal ou revista –, tendo, na maioria das vezes, uma associação estudantil. Para Morse apud Hilsdorf (1986), na Província de São Paulo, por volta de 1850, editavam-se 47 periódicos e a maior parte dessa publicação cabia à imprensa acadêmica. Ainda segundo esse autor, durante o Império, 25% da produção periódica eram editadas diretamente por estudantes. Para Magalhães apud Hilsdorf (1986), em 1860, eram atuantes 10 associações, cujas produções podem ser relacionadas à história da produção cultural acadêmica junto às da criação das associações estudantis. Dentre essas associações, considero que pode estar o Grêmio Literário “Arcadia Normalista” da Escola Normal da Capital, fundado por Oscar Thompson, em 24 de fevereiro de 1890; enquanto aluno dessa escola, Oscar Thompson concluiu o curso normal no ano de 1891.

⁵¹ Escola Normal Livre era uma escola mantida por iniciativa privada para formar professores. A esse respeito, ver, especialmente, Tanuri (1979).

No início do século XX, esse processo de produção acadêmica relacionado às associações estudantis continuou principalmente nos ginásios, nas escolas normais e nos institutos de educação criados a partir do *Código de Educação do Estado de São Paulo*, Decreto n.5.884 de 21/04/1933. Porém, com as mesmas características apresentadas por Hilsdorf (1986), no século XIX, a maior parte dessas publicações acadêmicas tinha uma vida curta, um jornal muitas vezes durava um ano. Quando terminava o ano escolar e os estudantes saíam de férias, encerrava-se um ciclo de lutas, uma fase da vida, e, quando voltavam no ano seguinte, iniciava-se um novo jornal (p. 53-54).

Considereei que as associações como grêmios e centros cívicos que surgiam na primeira metade do século XX foram sendo propagadas fortemente até meados da década de 1970 nos grupos escolares, nas escolas normais, nos institutos de educação.

Esse tipo de organização e produção tornou-se muito intenso, somente deixando quase de existir na década de 1970/80. É possível confirmar isso em vários trabalhos, como, por exemplo, em Pirolla (1988), algumas publicações das associações da escola estadual de São Carlos/SP, *O Fenômeno*, *O Atletário*, *O Pernilongo* (1972) e *O Curioso* (1973) e também com Serra (2007) algumas publicações das associações da escola estadual de Birigui/SP na década de 1970:

O IE também publicava seus jornais: *Vanguarda Estudantil – Voz Escolar do Instituto de Educação* “Professor Stélio Machado Loureiro”; *A Escola em Marcha*, do Centro Cívico “Rui Barbosa” e o do Grêmio Estudantil “Monteiro Lobato”, todos publicados mensalmente. (SERRA, 2007, p. 87-88).

Assim, pude considerar com os exemplos acima, que o associativismo estudantil faz parte da cultura escolar das escolas estaduais paulistas.

Nos anos de 1910, as escolas normais do Estado de São Paulo possuíam associações estudantis, conhecidas por grêmios. Confirmei isso na “Revista do Ensino”, publicada pelo *Organ da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo*. Assim, elaborei o quadro n.2 com alguns dados coletados nessa revista como, por exemplo, o nome das agremiações, escolas e periódicos e também fiz uso do livro de Camargo (2000). Porém, não foi possível localizar registros, como documentos a respeito desses grêmios, nos arquivos das respectivas escolas

normais, bem como nos demais arquivos do estado de São Paulo referentes a todas as associações elencadas no quadro 2.

ESCOLAS	ASSOCIAÇÃO	PERIÓDICO
Brás ⁵²		
Botucatu (não obteve informações)	Gremio Normalista “16 de maio”	<i>O Normalista</i>
Campinas	Gremio Normalista “Álvares de Azevedo”	<i>O Normalista</i>
Capital - São Paulo	Gremio Normalista “2 de agosto”	<i>O Estimulo</i>
Casa Branca (não obteve informações)		
Guaratinguetá ⁵³	Gremio Normalista “18 de abril”	
Itapetininga ⁵⁴		
Piracicaba ⁵⁵	Gremio Normalista de Piracicaba	<i>Mentor</i>
Pirassununga ⁵⁶	Gremio Normalista “11 de junho”	
São Carlos	Gremio Normalista “22 de março”	<i>Excelsior</i>

QUADRO 2 - ESCOLAS NORMAIS, ASSOCIAÇÕES E IMPRESSOS - 1906 a 1927 – BRASIL

Fonte: REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. São Paulo: Typographia Tolosa, anno XI, n. 1, mar. 1912. Publicação bimestral.

De acordo com os registros da ata publicada na primeira edição da revista *Excelsior!*, publicada em 15/11/1911, no dia 27 de março de 1911, foi fundado o *Grêmio Normalista Literário e Pedagógico* da Escola Normal de São Carlos. O

⁵² Em pesquisa nos acervos da Escola Estadual “Padre Anchieta”, antiga Escola Normal secundária do Braz, nada localizei sobre associação e publicação de periódicos normalistas. Somente encontrei dois ofícios acusando o recebimento da revista “O Estimulo” – Orgam do Grêmio Normalista “2 de Agosto” da Escola Normal Secundária da Capital e do Gremio Normalista “16 de maio” da Escola Normal de Botucatu.

⁵³ A responsável pelos arquivos da Escola Estadual Rodrigues Alves de Guaratinguetá, Bete Calil, informou que eles não possuem documentação desse período, devido a um incêndio que destruiu vasta documentação do arquivo e do descaso no arquivar que deteriorou muito o material. (agosto de 2009).

⁵⁴ Não obtive informações sobre o grêmio da escola normal da cidade de Itapetininga, mas localizei através de minha orientadora, em um jornal da referida cidade, uma referência a existência do grêmio: “O 7 de Setembro pelo Gremio Normalista de Itapetininga”.

⁵⁵ Em Piracicaba, nada foi encontrado sobre associação estudantil e respectiva publicação, somente livros que contêm o carimbo do grêmio, confirmando sua existência, segundo Leila Maria Inoue, bolsista (FAPESP-IC), participante do projeto *Integrado Divulgando Práticas e Saberes: a produção de impressos pelos docentes das Escolas Normais do Brasil e de Portugal (1911-1950)*, que realizou pesquisa na Escola Estadual Sud Mennucci sobre o tema: “*Novos Ideais de Formação Docente: a Revista de Educação (1921-1923)*”.

⁵⁶ A responsável pelos arquivos da EE Pirassununga, Carmen Mistieri, informou que eles possuem pouca documentação referente a esse período, e que somente existe um livro de registros que confirma a existência do Gremio Normalista “11 de junho”. (agosto de 2009).

grêmio normalista recebeu o nome de *Grêmio Normalista* “22 de Março” por ter sido este o primeiro dia de aula da Escola Normal Secundária de São Carlos.

Várias revistas, boletins, jornais surgiram no período de 1911 a 1973, na Escola Normal de São Carlos, publicados pelos grêmios, ligas, centros cívicos, entre outros. Dentre essas publicações, é possível citar de acordo com a relação elaborada por Pirolla (1988): 1911, *O Excelsior* ; 1911, *O Estudo*; 1917, *O Raio Verde*; 1928, *O Sorriso*; 1929, *O Normalista*; 1933, *O Paulista*; 1936, *Sociologia*; 1939, *Anuário*; 1940, *Suplemento Estudantino*; 1941, *Boletim do Clube de sociologia e História do Brasil*; 1963, *O Estudante*; 1972, *O Fenômeno*, *O Atletário*, *O Pernilongo*; 1973, *O Curioso*.

Segundo Pirolla (1988), a revista *Excelsior*, 1911, como já mencionei, e *O Normalista*, 1929, eram publicações do Grêmio “22 de Março” e *O Estudante*, 1963, do órgão Centro Cívico “22 de Março”. As demais publicações pertenciam a outros órgãos, como clubes, jornais de classe, jornais de professores, entre outros. Em meados de 1929, segundo Pirolla (1988), o Grêmio Normalista “22 de Março” passou a ser denominado Centro Cívico “22 de Março”. De acordo com Pirolla (1988), o periódico *O Raio Verde* era uma publicação quinzenal da mocidade normalista. No entanto, encontram-se, no próprio exemplar⁵⁷ do periódico, indícios de que o mesmo era publicado pelo Grêmio “22 de Março”, em uma nota que trata da eleição da diretoria do grêmio e outra da comemoração da fundação do mesmo.

Outro exemplo de publicação de grêmios foi o jornal *O Ribeirense* (1929), segundo Camargo (2000), o mais antigo e o primeiro jornal de estudantes da cidade de Rio Claro/SP – Brasil, que não deixa de existir e sim as associações que o assumem e que mudam durante o período. Esse jornal aparece em 26 de setembro de 1929 e circula até junho de 1958.

Com o objetivo de conhecer os tipos de associações e suas nomenclaturas, relacionei a seguir as 12 associações que publicaram e fizeram circular *O Ribeirense*, lembrando que o nome da escola também muda de acordo com os decretos do governo estadual: *Orgam dos estudantes do Instituto Joaquim Ribeiro*; *Orgam do Centro Litterario Joaquim Ribeiro*; *Órgão do Centro Literário Erasmo Braga*; *Órgão Interno do Ginásio do estado ‘Joaquim Ribeiro’*; *Centro Cívico Erasmo Braga*; *C.C. Erasmo Braga*, *Colégio Estadual e Esc. Normal Cel. Joaquim Ribeiro*;

⁵⁷ Exemplar localizado pela profa. Dra. Ana Clara Bortoleto Nery.

Órgão interno do Colégio e Escola Normal Joaquim Ribeiro, Centro Cívico Erasmo Braga; Órgão Interno dos Associados dos C. C. Erasmo Braga (Col. Est. Esc. Normal Joaquim Ribeiro); Órgão Interno do Colégio Estadual e Escola Normal Joaquim Ribeiro; Órgão Oficial do Centro Cívico Erasmo Braga, Grêmio dos Alunos do Colégio Estadual Joaquim Ribeiro; Órgão do Centro Cívico 'Erasmo Braga', Instituto de Educação Joaquim Ribeiro.

Em alguns documentos localizados, encontrei nos textos registro do intercâmbio que acontecia entre as associações de alunos, referente aos periódicos publicados. Na *Revista do Ensino*, verifiquei que a revista *O Estimulo* era permutada com a revista *Mentor*, do Gremio Normalista de Piracicaba, com a revista *Excelsior!*, do Gremio Normalista “Vinte e Dois de Março”, da Escola Normal Secundária de São Carlos e com o Gremio da Escola Normal Secundaria do Braz. Localizei essa informação em um ofício no arquivo da EE Padre Anchieta. Outro dado foi localizado num outro ofício referente à permuta com o Gremio Normalista “16 de Maio”, da Escola Normal de Botucatu. Localizei tal dado em um ofício⁵⁸ dirigido ao presidente do Grêmio Normalista “2 de Agosto”, acusando o recebimento da revista *O Estimulo* pelo diretor da Escola Normal do Bras. Também outra informação foi localizada no ofício⁵⁹ de n.199, dirigido ao presidente do Grêmio Normalista “16 de maio”, referente ao recebimento do periódico desse grêmio, Escola Normal de Botucatu.

Ainda quanto ao intercâmbio entre as associações, há informações na própria revista *Excelsior!* sobre a distribuição desta revista do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março” para o Grêmio “12 de Outubro”, da Escola de Pharmacia da Capital, para o Gremio “16 de Maio”, da Escola Normal de Botucatu e para o Gremio “18 de Abril”, da Escola Normal de Guaratinguetá.

A partir desses registros, verifiquei que este intenso trabalho de circulação dos periódicos entre as associações fazia parte do modelo de formação adotado no estado de São Paulo para a formação de professores, uma vez que localizei na revista *Excelsior!*, edição n.1, publicada em 15/11/1911, a transcrição da ata da fundação do grêmio normalista da Escola Normal São Carlos que: “a leitura dos estatutos do Gremio da Escola Normal da Capital de S. Paulo, estatutos estes que

⁵⁸ O DIRECTOR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DO BRAZ. Correspondência acusando o recebimento da revista “O Estimulo” – Orgam do Grêmio Normalista “2 de Agosto”. São Paulo, 29 de outubro de 1913.

⁵⁹ O DIRECTOR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DO BRAZ. Ofício n. 199 dirigido ao presidente do Grêmio Normalista “16 de maio”. São Paulo, 21 de novembro de 1914.

seriam também observados em o novo grêmio, salvo as alterações que pelos socios fossem votadas” (p. 6). Com tal registro, é possível concluir que o estatuto do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março” tenha as mesmas características e é cópia do estatuto do Grêmio Normalista “Dois de Agosto” da Escola Normal da Capital.

Outro fato que chama atenção é o nome que os grêmios recebem. Analisando o quadro 2, observei que cinco grêmios têm datas (dia e mês) como título de nomes, um procedimento que parece seguir um “modelo”. No caso da Escola Normal de São Carlos, o Grêmio Normalista “22 de Março” recebe este nome “[...] por ter sido este o primeiro dia de aula na Escola Normal desta cidade”. (A REDAÇÃO, 1911, n. 1, p. 6). O grêmio da Escola Normal de Guaratinguetá recebe o nome de *Grêmio Normalista “18 de abril”* em virtude de que, em 18 de abril de 1904, a escola foi transferida para edifício próprio mediante a Lei Municipal nº 179, de 11/01/1903, que autorizava a compra do prédio que pertencera ao Visconde de Guaratinguetá (REVISTA COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DA ESCOLA ESTADUAL “CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES” 1902-2002, 2002, p. 12).

Quanto aos demais grêmios, interpretando os sinais, as pistas e os indícios, há algumas suposições. O grêmio da Escola Normal da Capital recebe o nome de *Grêmio Normalista “2 de Agosto”*, provavelmente em virtude da instalação da escola em 2 de agosto de 1880, uma vez que havia sido fechada em 30 de junho de 1878. Quanto à escola de Pirassununga até a presente data não tive nenhuma pista⁶⁰.

⁶⁰ De acordo com as afirmações de Ginzburg (1991) posso concluir, no que diz respeito ao paradigma indiciário que “trata-se de formas de saber tendencialmente mudas – no sentido de que, como já dissemos, suas regras não se prestam a ser formalizadas nem ditas”. (p 179), é o autor que tem que buscá-las.

CAPÍTULO 4

ASSOCIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DA CAPITAL E RESPECTIVO PERIÓDICO

4.1 O associativismo estudantil na Escola Normal Secundária da Capital

O memorialista Rodrigues (1930) e vários pesquisadores têm tido como objeto de estudo a Escola Normal da Capital – SP e, dentre eles, citei Tanuri (1979), Hilsdorf (1986) e Monarcha (1999). Também abordei aqui o relatório apresentado pela comissão que organizou a coletânea *Centenário do Ensino Normal em São Paulo 1846-1946*. A partir desses autores, discorri sobre a trajetória da Escola Normal da Capital até o ano de 1977.

A Escola Normal de São Paulo, localizada na capital do Estado, foi a primeira e durante um longo período, a única escola de formação de professores do estado de São Paulo. Talvez, por conta deste fator, após a criação das demais escolas normais paulistas, ela tenha se tornado protagonista da história da formação de professores. De acordo com Tanuri (1979, p. 75), “São Paulo foi, sem dúvida, o primeiro Estado brasileiro a iniciar a organização sistemática e a expansão do ensino elementar e normal, atribuindo a este último, lugar prioritário nas preocupações reformistas.”

Esta escola foi criada em 16 de março de 1846, por decreto do Governo Provincial, funcionando no edifício contínuo à velha Catedral da Sé somente para alunos do sexo masculino. Nesse período, teve um único professor, Dr. Manuel José Chaves, que ministrava todas as matérias do curso. A escola foi fechada em 1867 por escassez de verbas para sua manutenção por ocasião da aposentadoria do prof^o Dr. Manuel José Chaves. Para Monarcha (1999, p. 45), o prof^o Dr. Manuel José Chaves “inaugura a tradição dos ‘bacharéis-mestres’ da Escola Normal Paulista”, uma trajetória profissional e intelectual marcada pelas Ciências Jurídicas e Sociais.

Foi reaberta em 1875, passando a funcionar num setor do edifício da antiga Faculdade de Direito, passando, nesse momento, a ser permitida a matrícula de discentes do sexo feminino, mas, para as alunas, as aulas eram ministradas no Seminário da Glória, e os professores eram os mesmos do curso masculino.

A escola foi novamente fechada em 1878 porque a frequência era baixa, havia deficiências quanto à instalação e material didático. No entanto, de acordo com Monarcha (1999), dois anos depois, foi aberta definitivamente em 2 de agosto de 1880. Nesse momento a escola foi reaberta por Laurindo Abelardo de Brás, presidente da Província de São Paulo pela terceira vez. O curso Normal, que nesse período era de dois anos, foi ampliado para três e enriquecido no seu corpo docente e com desdobramentos de várias cadeiras.

De 1880 a 1881, a escola funcionou num edifício da Rua do Tesouro e esteve posteriormente localizada no Fórum Civil, sendo depois transferida para o edifício da Rua da Boa Morte, nº 39, onde funcionou até 1884 devido às condições precárias do prédio. De acordo com Monarcha (1999, p. 112), “segundo os memorialistas, consta que o imperador Dom Pedro II, ao visitar a Escola Normal, por ocasião de uma viagem a São Paulo, qualificou-a de ‘pardieiro’”.

Dr. Caetano de Campos, ao assumir a direção da Escola Normal em janeiro de 1890, traçou o plano de reforma do ensino, preocupando-se desde logo com a construção de um grandioso edifício para a Escola Normal e escolas anexas. Essas escolas foram criadas pelo próprio Dr. Caetano de Campos e eram dirigidas pelas professoras Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e Miss Márcia Browne. Foi a partir da influência de Caetano de Campos que surgiu a Lei n. 27, de 12 março de 1890, reformando a Escola Normal, e, convertendo em escolas modelos, as escolas preliminares anexas.

De acordo com os memorialistas, Prudente de Moraes, enquanto Governador do Estado de São Paulo autorizou, em 1890, a construção da nova escola no Largo dos Curros, mais tarde conhecido como Largo da Palha, hoje Praça da República. Mas, segundo Monarcha (1999), o local era conhecido como “antigo Largo 7 de abril”⁶¹ (p.187). Caetano de Campos morreu em 1891, não chegando a ver finalizada a construção do novo edifício, inaugurado somente em 02/08/1894. Para Monarcha (1999), esse edifício apresenta um estilo arquitetônico inovador, pautado no “neoclassicismo com diferentes ênfases e o ecletismo” (p. 185), e

⁶¹ De acordo com Raposo (2000) até 1817 a Praça da República era conhecida como “Largo dos Curros” porque neste lugar haviam sido construídos currais e uma arena para corridas de cavalos e touros. Em 1821 o anfiteatro para touradas foi demolido e o terreno recebeu o nome de “Largo da Palha” porque ali terminava a Rua da Palha. A partir de 1827 os estudantes da Academia de Direito começaram a freqüentá-lo e assim em 1865 este local passa a ser chamado de “Largo 7 de abril”. Mas em 1887 volta a ser palco das corridas de touros promovidas pelos circos ambulantes. Daí prevalece o nome popular “Largo dos Curros” até ser inaugurado o edifício da Escola Normal. (p. 56).

“destinado a abrigar o Curso Normal, a Escola-Modelo Preliminar 'Antonio Caetano de Campos', a Escola-Modelo Complementar e o Jardim de Infância” (p. 186).

Segundo Hilsdorf (2008), com a reforma de 12/03/1890, procurou-se transformar as aulas Anexas a partir do modelo da matriz americana “onde os alunos-mestres deveriam replicar a prática do ensino intuitivo e concreto pelas lições das coisas, ocupando-se menos da Escola Normal, para a qual destinava os estudos científicos.” (HISDORF, 2008, p. 104).

Com a reforma de 1911, houve várias mudanças quanto às Escolas Normais, como já foi tratado no início desta parte. Vale salientar que, segundo Tanuri (1979, p. 137), a Escola Normal da Capital gozava de “autonomia didática na elaboração de seus programas de ensino, os quais eram organizados pelos respectivos professores de cada disciplina e submetidos à Congregação”. Isto era para as Escolas Normais Secundárias. Já as Escolas Normais Primárias, “sucedâneas das antigas complementares, receberiam, como estas, programas expedidos pela Secretaria do Interior.” (TANURI, 1979, p.137).

Em 1920, com a Lei nº 1.750, o Diretor Geral da Instrução Pública, Sampaio Doria, reformou a Instrução Pública do Estado, e as escolas (Escola Normal, Escola Normal Primária e Escola Normal Secundária) da Escola Normal da Capital foram reunidas em uma só, com o nome de Escola Normal de São Paulo. Em 1921, as Escolas Normais Oficiais apresentavam o currículo organizado em cadeiras e aulas, distribuído em quatro anos. Para Tanuri (1979, p. 136), “a uniformização dos estabelecimentos de ensino de formação de professores, estenderam-se a todos eles os mesmos privilégios e, conseqüentemente, ampliavam-se as oportunidades de utilização da escola normal como trampolim para os estudos superiores.”

A escola foi transformada em Instituto de Educação no ano de 1933, por Fernando de Azevedo⁶², funcionando, assim, até 1938. De 1938 a 1939, a escola passou a ter o nome de Escola Modelo, sob a direção do Dr. Antonio Firmino de Proença, e, em 1946, passou a ter o nome de Instituto de Educação “Caetano de Campos”.

⁶² Fernando de Azevedo exerceu vários cargos no magistério brasileiro e dentre eles: Reformador da Instrução Pública do Distrito Federal (1927-1930); Redator do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932; Reformador da Instrução Pública de São Paulo (1933).

A escola teve o nome de Instituto de Educação “Caetano de Campos” até 1976, e, a partir de 1977, a escola passou a se chamar Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Caetano de Campos”.

Monarcha (1999), em seu livro *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*, trata da Escola Normal de São Paulo, que se tornou motivo de orgulho e referência intelectual, apesar dos sucessivos desmandos políticos e jogos de interesse que marcaram a trajetória da mais significativa instituição deste estado, entre 1840 e 1930. Utilizando a metáfora de origem religiosa da oposição entre “luzes e trevas” – que se refere ao “Estado ilustrado e o povo inculto”, em que a luz (educação) vai chegando aos poucos para a população inculta – o autor afirma que “[...] para os instituidores da República, a instrução popular – a Escola Normal e a instrução primária – é um centro multiplicador das luzes, que colocam as idéias em marcha, impulsionando a história em direção ao progresso e à liberdade” (MONARCHA, 1999, p. 172).

Olhando para a trajetória da Escola Normal da Capital no período em questão nesta pesquisa, 1906-1927, verificam-se, como já foi apontado acima, algumas vezes que a estrutura curricular passa por adequações em virtudes das Leis e Decretos publicados a partir dos anos de 1890 até as duas primeiras décadas do século XX. Vale salientar que, neste período, o conteúdo desenvolvido nos planos de estudo na Escola Normal da Capital sofre influência positivista. Para Monarcha (1999), tem-se “a influência dominante das leituras positivistas, irradiada pela Escola Normal de São Paulo” já na década de 1880. Ainda para esse autor:

A bem-sucedida difusão da filosofia positiva de Augusto Comte na segunda metade do Oitocentos brasileiro, permitirá múltiplas apropriações e interpretações do positivismo, originando uma forte sugestão sobre os intelectuais e determinando a rota caprichosa e sinuosa desse imaginário político. Para alguns, será teoria da ciência, perspectiva metodológica, filosofia da história ou sistema de idéias pedagógico-científico; para outros, religião laica e civil. (MONARCHA, 1999, p. 133-134).

A partir das reformas republicanas do ensino é que acontece a formação do professor primário na Escola Normal da Capital como poderemos ir confirmando durante os estudos da revista *O Estimulo*. Tem-se uma formação pautada em rituais formais e repetitivos, cultuando heróis e, quanto à instrução, o ensino está pautado

no “método intuitivo e analítico para o ensino da leitura, o ensino racional e científico”. (MONARCHA, 1999, p. 240).

Quanto aos alunos que frequentam a Escola Normal da Capital, como escreveu Rodrigues (1930), e segundo o que acreditava tal autor, a conversão das Escolas Complementares em Escolas Normais Primárias viesse atender “aos filhos do povo, que formam a maioria da população escolar do Estado” (p. 410). Segundo Monarcha (1999), “a expansão do ensino normal e primário está voltada para a incorporação do homem comum – pobre e desarraigado – na grandiosidade da comunidade nacional” (p. 236). Mas, com relação à Escola Normal da Capital, isso não acontece, quem continua a frequentar essa escola é a “pequena elite” (p. 240). Para esse autor, essa escola “continua a desfrutar de singular prestígio intelectual e institucional”. (p. 238).

Com o objetivo de imprimir continuidade entre “o presente e um passado recente” é que formação centrada nos rituais cívicos vai se propagar além das salas de aula nas atividades de demais entidades organizadas dentro das Escolas Normais. Segundo Monarcha (1999, p. 240)

Disseminam-se grêmios normalistas, estandartes, hinos normalistas, jornais estudantis, conferências, discursos de formaturas, comemorações anuais, monografias históricas, poliantéias comemorativas, bustos, todos os elementos decisivos na formação da auto-imagem socioprofissional dos normalista.

Dessa forma, como já citado anteriormente, a Arcádia Normalista é uma das primeiras associações da Escola Normal da Capital fundada por Oscar Thompson⁶³. Mais tarde, quando este ex-aluno é diretor da escola onde estudou, é criado o grêmio normalista.

Constatei a criação da associação de alunos na Escola Normal da Capital na própria revista publicada pelo Grêmio Normalista “Dois de agosto”, *O Estimulo*. A data, como se pode visualizar na ilustração n.5, é do ano de 1906.

⁶³ Oscar Thompson (1872-1935). Formado pela Escola Normal de S. Paulo em 1891. Foi diretor da Escola Normal da Capital de 1901 a 1920 com interrupções para assumir o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública, sendo a primeira gestão de 1909 a 1910 e a segunda gestão de 1917 a 1920. Dirigiu a revista “Escola Pública” e deu continuidade de publicação a “Revista de Ensino”. Forneceu apoio a Liga Nacionalista, adepto do escotismo e da renovação escolar, no Estado. Após 30 anos de dedicação a instrução pública afasta-se se tornando cafeicultor e mais tarde deputado. (D’AVILA, 1946, p.100-101 apud POLIANTEIA, 1946).

Ilustração 5 – Subtítulo que aparece na página de rosto da revista “O Estimulo”.

Na redação do Estatuto do Grêmio “2 de agosto” de 1951, focalizei no artigo 1º outro ano para a criação desta associação de alunos.

O Grêmio Dois de Agosto, fundado no dia dois de agosto do ano de mil novecentos e dois, primitivamente com o nome de Centro Cívico Dois de Agosto, passando depois denominar-se Centro Dois de Agosto e atualmente com o nome de Grêmio Dois de Agosto [...] (PERCHIO, 1951, p. 8).

Verifiquei, de acordo com os critérios que estabeleci como entendimento para associação de alunos, que nesta ata a associação de alunos da Escola Normal da Capital é anterior a mencionada na revista *O Estimulo*, pois é na designação que está a diferença.

Na edição de n. 29 de *O Estimulo*, publicada em 02/08/1914, na coluna NOTICIARIO, no texto intitulado *Grêmio Literario e Sportivo*, há uma menção quanto à organização de um grêmio:

Os alumnos do primeiro ano de nossa escola organisaram uma sociedade cujo fim é cultivar a literatura e o sport. A nova aggreiação foi denominada <Grêmio Literario e Sportivo> e a sua primeira directoria ficou assim constituida: presidente, Laurindo de Almeida; vice-presidente, Francisco Assumpção; e secretario, Affonso H. Mendes. (p. 529).

Confrontando o nome dos alunos que aparecem no trecho acima com as relação dos professores diplomados pela Escola Normal da Capital contida no livro de Rodrigues (1930), confirma-se que o aluno Affonso Henrique Mendes é diplomado em 1918. A partir dessa informação é possível concluir que parece se tratar da criação de outra associação. Porém, nenhum documento que comprovasse isso foi localizado.

Nos livros de atas⁶⁴ do Grêmio Normalista “Dois de agosto”, da Escola Normal Secundária da Capital, encontra-se registrado o desenvolvimento das atividades do grêmio, como posse de seus associados, pagamento da anuidade do grêmio e muitas outras atividades as quais os alunos organizavam.

Em algumas atas do livro de registro das atividades do grêmio, localizei informações a respeito das eleições, quanto aos responsáveis pelo grêmio; o diretor da Escola Normal e os professores e alunos do curso normal, complementar e da Escola Modelo Caetano de Campos. Na ata de 10 de outubro de 1909, o Dr. Ruy de Paula Souza⁶⁵ conduz a eleição e dá posse aos novos dirigentes do grêmio, a saber Presidente: Alcebíades de Oliveira, Vice-presidente: Dr. Sylvia Simões Magro, Secretário: João Alfredo dos Santos, Secretária: Dr. Julieta Tanjota, Orador Oficial: Synesio Rocha, Procuradora: Dr. Palmyra de Carvalho, Tesoureiro: Joaquim Thomas de M.

Localizei, também, na ata de 2 de outubro de 1914, uma nova eleição conduzida pelo diretor da escola, Dr. Oscar Thompson, sendo Presidente: Pedro Pereira da Cunha, Vice-presidente: Dra. Branca do Canto e Mello⁶⁶, Secretário: Euclides de Lima, Secretária: Dr. Laurentina Heitor, Orador: Joaquim Alves C., Procuradora: Germana Didies, Tesoureiro: Diógenes de Lima, Conselho Fiscal: C. F., Edith do Amaral Gama, Maria Aparecida Gouveia, R. M. de Barros, Antonio Vilhalva J. e José da Fonseca Fortes.

Em 12 de novembro de 1915, tem-se nova eleição também conduzida pelo diretor da escola, Dr. Oscar Thompson, sendo eleitos para o exercício de 1915 e 1916, Presidente: José Alves Simões, Vice-presidente: Dr. Laurentina Heitor, Secretário: Luiz Galhanone⁶⁷, Secretária: Dr. Edith do Amaral Gama, Orador: Alípio Guimarães, Procuradora: d. Carmen de Campos Negreiro, Tesoureiro: Olivio

⁶⁴ Dentre eles, tem-se: ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Registro de joia, anuidade e assinatura da revista social do Grêmio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 30 de Outubro de 1909. Alcebíades Oliveira – presidente. ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Registro das actas das sessões do Grêmio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 30 de Outubro de 1909. Alcebíades Oliveira – presidente. ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro destinado ao assentamento das posses das diretorias do Grêmio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 29 de Março de 1951.

⁶⁵ Dr. Ruy de Paula Souza estudou em Paris, bacharelando-se em Letras na Sorbonne. Em 1904 fez concurso e torna-se professor do Curso Normal da Escola Normal da Capital, cadeira de Francês. Durante a ausência de Oscar Thompson, 1910-1914, assume a direção da Escola Normal da Capital. (RODRIGUES, 1930, p. 24 e POLIANTÉIA, 1946, p. 108).

⁶⁶ Dra Branca C. de Canto e Melo aluna da Escola Normal da Capital formando-se no ano de 1915 (p. 57) e mais tarde professora do Curso Complementar da Escola Normal da Capital, cadeira de Ciências. (RODRIGUES, 1930, p. 26).

⁶⁷ Luiz Galhanone aluno da Escola Normal da Capital formando-se no ano de 1917. (RODRIGUES, 1930, p. 61).

Gomes, Conselho Fiscal: Murilo Mendes, Miguel Luciano, Luiz Prioli e d. Maria Saraiva. E, assim, a cada biênio ocorria a eleição e posse da diretoria do grêmio. Mediante a leitura das atas e nesta breve descrição, constatei a presença sempre do diretor da escola nas reuniões para eleição e posse, assim como também na composição da diretoria professores presentes. Outro ponto que se destaca é o rodízio dos membros quanto à ocupação dos cargos, e ainda outro a ser observado é que havia um representante da Escola Normal Primária. Isso se tornou legal na reunião da diretoria do grêmio em 13 de março de 1920: “(2º) que se considere os alunos da Escola Normal Primária como sócios do grêmio, já sendo sido suggerido este projecto em reunião do grêmio normalista, a 29 de maio de 1911” (LIVRO DE ATAS, p. 31).

Também localizei alguns recibos emitidos por prestadores de serviços junto ao grêmio. Não foi possível localizar o estatuto do grêmio⁶⁸.

No periódico de n.28, o autor que não assina o texto escreve:

O expediente dessa edição começa falando um pouco do grêmio: ‘Ninguém ignora quão vasto seria o campo de ação para um gremio da natureza do nosso: quantas cousas uteis poderiam ser feitas por elle, si não lhe faltassem apoio e enthusiasmo por parte de seus associados. Quantos resultados assombrosos não teriamos si todos se esforçassem pela realisação dos fins de tão nobre Associação!’. (p. 477).

No livro de Atas do grêmio, localiza-se, em muitas atas, a aprovação de alterações no estatuto do grêmio. Para melhor compreensão, transcrevo um trecho que apresenta informações sobre as propostas de alteração:

Continuou-se a leitura do est., do art. 28 inclusive até o título XIV, exclusive, sendo quase todos os artigos aprovados, alguns com modificações.

O Sr. Romeu Ferraz propõe a seguinte revisão, (que deverá vigorar do próximo ano em diante) para actual art. 31 do est. da nossa aggremação.

A diretoria do grêmio normalista “Dois de Agosto” compor-se-á de um presidente (preenchido por aluno da secundaria); um vice-presidente

⁶⁸ Registro que houve um empenho muito grande da Dra Fabiana Valeck de Oliveira responsável pelo acervo “Caetano de Campos”, demais assistentes e por mim na busca deste documento, mas não obtivemos sucesso. Porém foi localizado o estatuto do grêmio do ano de 1951 que faz referencia ao estatuto elaborado em 1902.

(idem primária); um secretário (idem da secundária); uma secretaria (idem da primária); um orador (idem da secundária); uma oradora (idem da primária); uma procuradora (idem da secundária), um procurador (idem da primária). (LIVRO ATAS, 28 de abril de 1920, p. 37-38).

Na ata de 30 de março de 1920, localiza-se também a aprovação de alguns artigos do estatuto para a referida associação. Quanto ao conteúdo das demais atas de algumas reuniões, verifiquei que os associados continuavam a realizar a leitura do estatuto e propor algumas alterações, com aprovação em seguida. Podemos confirmar isso na ilustração n.6, em que foi discutido o título XIV com a sugestão de mais um artigo, e o senhor Romeu Ferraz apresenta um projeto para se acrescentar mais um título no estatuto, o de número XI, referindo-se que todas as classes de ambos os cursos da escola normal devem ter um representante junto ao grêmio, um delegado.

Ilustração 6 – Trecho selecionado da ata de 30/10/1909 da sessão do Gremio Normalista “Dois de Agosto”.

Como é possível ler na figura n.6, foi discutido o título XIV do estatuto e acrescentado mais um artigo e também acrescentado o título XI a respeito dos delegados, toda classe dos cursos da escola normal deveria ter um representante, isto é, um delegado junto à associação da escola.

Também localizei algumas notícias referentes a este grêmio, publicadas pela *Revista do Ensino*, em sua coluna NOTICIARIO, que, como os próprios alunos escreveram, “Esta associação, interpretando os sentimentos patrióticos dos alunos

da Escola Normal, tem commemorado condignamente as nossas datas nacionais". Em sua maioria, trata do cronograma das atividades desenvolvidas na comemoração, neste momento conhecida como "programma". Geralmente estas festas eram de cunho literário-musical, com diversas atividades coordenadas sempre pelo diretor do grêmio, nesse período, Oscar Guilherme e pelo diretor da escola, Oscar Thompson.

Também publicavam nessa coluna a eleição e posse das novas diretorias da associação como, por exemplo, quando Oscar Guilherme deixou o cargo de diretor do grêmio e Leowigildo Martins assumiu.

No próprio periódico, publicado pelo grêmio, *O Estimulo*, localizei muitos textos que sempre abordavam algum assunto do grêmio, principalmente publicados na coluna NOTICIARIO.

Na edição de n.37, publicada em 14/11/1917, há uma nota: "O Gremio Normalista «Dois de Agosto» tomou este anno a iniciativa de resgatar a divida de gratidão que todo professorado publico e todos os normalistas do nosso Estado devem a Cesario Motta." (p. 721).

Ainda nesta mesma edição, outra nota no texto *Gremio Normalista "Dois de Agosto*, "Realisou-se, no dia 24 de Setembro ultimo, a posse da Directoria do Gremio Normalista «2 de Agosto» eleita para dirigir os destinos dessa sociedade durante o anno de 1918. Ao acto estiveram presentes o sr. Director desta Escola, o corpo docente e grande numero de alumnos e alumnas." (p. 725).

Também noticiavam as festas promovidas pelo grêmio. No mesmo exemplar, temos o texto *Cruz Vermelha Brasileira*: "Os normalistas vão levar a effeito, no dia 19 decorrente, no Theatro Municipal, uma festa civica, cujos resultados reverterão em favor dos cofres da «Cruz Vermelha Brasileira»." (p. 728).

Na edição de n. 38, publicada em 02/08/1918, no texto intitulado *Discurso pronunciado pelo prof. Reynaldo Ribeiro*, vamos encontrar várias menções à escola normal:

Tantas vezes distiguída pela visita de illustres personagens, nacionaes e estrangeiros, a Escola Normal de S. Paulo, por certo, jamais se sentiu tão ufana e tão enobrecida quando hoje, ao contemplar reunidas, em seus salões, no mesmo momento, talvez pela primeira vez, as supremas autoridades da Nação de do Estado." [...] (p. 734).

As escolas profissionaes, as escolas technicas, especialmente as escolas de chimica – agora que a nossa industria começa a entrar numa phase de florescimento promissor – garantem o futuro e a victoria aos que se atiram ás pugnas do trabalho, na luta pela existencia.”[...] (p. 736).

[...] nada poderá denunciar a serie de trabalhos, reformas e mudanças que originaram a actual Escola Normal desta Capital. (750).

Ainda na mesma edição, no texto *Eleições*, temos:

No dia 11 de maio do corrente anno, na sala da Congregação desta Escola, realizaram-se as eleições do Gremio Normalista «2 de Agosto» para preenchimento dos cargos de Vice-presidente e Secretario, vagos com as exonerações pedidas em virtude de terem as occupantes deixado este curso. (p. 762).

Com esse texto, confirma-se que, para participar do grêmio, precisava ser aluno da escola normal.

Na edição publicada em 06/05/1920, de n. 42, no texto *Publicação Util*, seu autor, Teixeira, tece um comentário sobre a directoria geral da instrução pública: “A Directoria Geral da Instrucção Pública, no proposito louvavel de nos pôr ao par de seu movimento, fez publicar o Anuario do Ensino referente a 1918, obra de grande merito, em que se ventilam todas as questões e factos do círculo da instrucção do Estado.” (p. 888). Nessa mesma edição, no texto *Revista do Ensino*, pude confirmar a relação do Gremio “2 de Agosto” com a *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*: “O numero que tenho á mão da “Revista do Ensino”, como têm sido todos, está muito bem cuidado, não só pela sua organização, como pela variedade e importancia dos artigos que ella encerra.” (p. 890). Ainda na edição em questão, em Gremio Normalista, o autor trata das reuniões administrativas do grêmio: “Têm-se realizado, com muita regularidade, as sessões administrativas da nossa aggremação “Dois de Agosto”, revelando, a actual directoria, esforço e interesse pelo seu engrandecimento, mercê tambem, do valioso concurso que lhe é prestado pela esclarecida directoria desta Escola” (p. 893).

Já na edição de n. 4, publicada em agosto de 1927, há uma nota sobre o Prêmio Rio Branco: “E significativa solenidade, presidida pelo prof. Carlos A. Gomes

Cardim⁶⁹, director da Escola Normal da Capital, fez-se, no dia 21 de maio do corrente, á alumna d. Zelia Dulce de Campos Maia, a entrega do premio “Rio Branco”, na importancia de 420\$000, destinado á recompensa do alumno que alcance a maior nota em historia e geografia do Brasil.” (p. 11).

Como podemos perceber nos trechos acima, extraídos do periódico, é possível concluir que, com os poucos documentos encontrados, a associação dos alunos da Escola Normal Secundária da Capital exercia importante papel junto à parte social da escola na organização das atividades culturais e junto à parte pedagógica, sempre com o acompanhamento de professores e supervisão do diretor nas atividades organizadas pelo grêmio.

Desde a publicação do Decreto n.27, de 12/03/1890, inaugura-se uma marcha republicana. “A Escola Normal – concebida como instituto de formação profissional – deve fornecer educação intelectual, moral e prática para os candidatos ao magistério público”. (MONARCHA, 1999, p. 176).

Por meio das atividades teórico-práticas, escritas e faladas, sejam elas as aulas, conferências, ofícios, reuniões, folhetos, grêmios, periódicos normalistas, os professores e alunos propagam a ideia de educação republicana nacionalista fundamentada em uma didática concebida pelo raciocínio científico na reforma dos métodos de aprendizagem da leitura, os quais são pautados na marcha analítica. Essa propagação torna-se fortemente desenvolvida nas duas primeiras décadas do século XX. Segundo Monarcha (1999, p. 180), “o professor ideal é a encarnação do método oficial de ensino: o método intuitivo fundamentado na biologia e na psicologia da infância e no associativismo”. Daí é possível concluir que a formação pedagógica calcada nessas práticas coloca o grêmio como esfera privilegiada destas a partir da fundamentação do método intuitivo. Isto porque, no grêmio, o aluno desenvolvia uma série de atividades que deveria servir de modelo às atividades que deveria desenvolver no futuro como professor primário. Com isso, o Grêmio Normalista “2 de agosto”, da Escola Normal da Capital, desempenha um papel central na formação do normalista sendo o propagador dessa educação republicana.

⁶⁹ Prof. Carlos Alberto Gomes Cardim (1875-1916) - formou-se na Escola Normal de São Paulo em 1894, trabalhando na Escola-Modelo “Prudente de Moraes”. Foi diretor da Escola Normal de São Paulo, entre 1925 e 1928. Em 1925 criou a primeira biblioteca pública infantil do Brasil, para as crianças do curso primário em São Paulo. Escreveu a *Cartilha Infantil: Método Analítico* publicada pela Tipografia Augusto e Siqueira. É autor de vários outros livros didáticos. (POLIANTÉIA, 1946, p. 105).

4.2 O *Estímulo*: um projeto administrativo

O Estímulo, Órgão do Grêmio Normalista “Dois de Agosto”⁷⁰, constitui-se de uma revista com periodicidade eventual, um número de páginas que varia entre 15 a 30. Na maioria dos exemplares localizados, a revista inicia-se com capa que contém: o título da revista, o órgão responsável, o nome da escola, ano e número de publicação, data e redação e redatores responsáveis. Em seguida, vem a página que contém o título da revista, o órgão responsável, o ano de fundação da associação e o sumário. Na sequência, outra página, que lembra uma capa, tem uma ilustração na parte superior com a repetição do título da revista, o órgão responsável, o nome da escola, ano e número de publicação e data. Logo mais abaixo, inicia-se um artigo.

Ilustração 7 – Revista *O Estímulo*. Capa do número 29, publicado em 10/2/1914.

⁷⁰ Associação fundada em 1906. Em relação a esse periódico, como já informei, foram localizados somente alguns exemplares, num total de 14, publicados entre os anos de 1911 e 1927. Nestes a paginação obedece uma sequência terminando em 892 na revista de número 42 publicada em 06/05/1920. A próxima revista localizada é a de número 4, de agosto de 1927 com as páginas iniciando no número 1.

Os responsáveis pela referida revista nos anos de 1911 a 1914 são: na Redação, o Diretor Técnico - Pedro da Cunha, o Secretário – Segismundo Pereira; os Redatores, D. Edith Amaral da Gama, D. Laurelina Heitor, Humberto de Sousa Leal, F. Ferreira de C. Filho, Romulo Pero, Eldolfo R. de Barros. Em algumas atas do livro de registro das atividades do grêmio, localizei informações a respeito das eleições quanto aos responsáveis pela organização da revista, como, por exemplo, a ata de 29 de maio de 1919, na qual foram eleitos “para o corpo de redação da revista do grêmio “O Estimulo”. Director: José Rangel de Camargo, Secretario: Narbal Fontes, Redactores: Ermelinda Seixas Martinelli, Flora Simões, Ivamith Silva, Affonso Henrique Mendes, Jayme de Aguiar e Epaminondas Doria” (p. 28).

Em 13 de março de 1920, tem-se uma nova eleição: para diretor, Estellita Ribas; Secretário, Romeu Ferraz; redatores, Dorothy Menezes, Lúcia Pacheco Jordão, Alcides de Campos, Tercio Teixeira, Alice Botelho, Maria do Carmo Franco, Benedicto Sergio Ribeiro, Walter Barioni. Um ponto a ser destacado é que sempre havia representantes da Escola Normal Primária e da Escola Normal Secundária, assim como alunos da seção masculina e da seção feminina.

Quanto à impressão, esta ficava a cargo da *Tipografia Augusto Siqueira & Comp.*, localizada na Rua São Bento, 25, em São Paulo. Encontra-se o selo da tipografia na contra capa das revistas. A tipografia imprimia também os livros destinados ao registro das atas, os livros de escrituração do grêmio, como mostra a ilustração abaixo de n.10. Na etiqueta da *Tipografia Augusto Siqueira & Comp.*⁷¹, encontrei dados sobre endereço da loja e do depósito, caixa postal, o número de telefone e também a informação que a casa fabricava os “livros em branco”, os utilizados pelo grêmio.

⁷¹ Para maiores informações sobre a Tipografia Augusto Siqueira & Comp., ver: Razzini, Marcia de Paula Gregório. A produção didática da Tipografia Siqueira: caminhos de pesquisa. *Revista Brasileira de Comunicação (Intercom)*, São Paulo, 2006.

Ilustração 8 – Selo da tipografia Augusto Siqueira & Comp., encontrado no verso da capa dos livros de atas de 1909 da Escola Normal Secundária da Capital.

Para Razzini (2006), os dados recolhidos referentes à Tipografia Augusto & Siqueira Comp. apontaram que os negócios com o estado incluíam desde a venda de “livros em branco”, para escrituração administrativa, muitos destes localizados durante sua pesquisa em escolas públicas, assim como a impressão dos livros didáticos.

Nas páginas de *O Estímulo*, também é possível encontrar ilustrações; quase sempre uma homenagem (d’ “O Estimulo”) para algum professor ou pessoa ilustre, por exemplo uma foto do professor João Lourenço Rodrigues. Também notam-se galerias de fotos dos professores, dos diretores, das turmas. Há ainda outras ilustrações como da fachada da escola, a bandeira brasileira, e, no exemplar de n. 18, dedicado à festa das aves, encontram-se muitas ilustrações, sendo algumas fotos, gravuras, e, particularmente, as poesias contornadas por arabescos; vale destacar que, na parte superior das páginas, temos a seguinte ilustração:

Ilustração 9 – Esse clichê encontra-se na parte superior de quase todas as páginas da revista *O Estímulo*.

Essa revista apresenta artigos referentes às questões da área educacional, como a formação de professores (conteúdo trabalhado/educadores/aulas). O tema desenvolvido geralmente era escrito por um aluno. Observei isso em atas do grêmio, como, por exemplo, na ata de 18/03/1920, as propostas de textos para serem publicados na revista *O Estimulo* deveriam ser apresentadas por escrito (p. 33). Outra evidência está na ata de 13/02/1919, em que é proposto um concurso de trabalhos literários, científicos e pedagógicos, especialmente pedagógicos para serem publicados na revista *O Estimulo*.

Assim, vamos encontrar em exemplares descrições de práticas pedagógicas a partir de determinadas teorias. Outros temas muito abordados: pátria/civismo/Deus, particularmente nas questões que envolvem civismo, patriotismo e nacionalismo vão estar muito presentes nos textos. Na ata de 21/04/1915, temos uma convocação para organização da homenagem a Tiradentes, referindo-se ao “passado histórico” (p. 17). Para Carvalho (1990), o culto cívico, segundo a orientação do “Apostolado positivista”, incluía, além da bandeira republicana, a figura de Tiradentes. Ainda para esse autor, uma das vertentes do republicanismo tinha a seguinte concepção: “Tiradentes não deveria ser visto como herói republicano radical, mas sim como herói cívico-religioso, como mártir, integrador, portador de uma imagem do povo inteiro.”

Essa imagem, esse herói era cultuado pelo campo educacional, uma vez que está diretamente relacionada com a reforma da instrução pública paulista, iniciada em 1890, institucionalizando a busca pela cientificidade e “comunhão-cívica” (MONARCHA, 1999, p. 187).

Certeau (1994) remete à discussão das práticas sociais e das suas possibilidades em promover mudanças estruturais. Em linhas gerais, observa-se que esse autor preocupa-se em tratar de espaços nas quais as práticas servem à manutenção e à mudança de um conjunto de outras práticas inter-relacionadas, relativamente estabilizadas, comumente associadas a certa ideia de estrutura. Ao enfatizar essa maneira de “usar” as práticas cotidianas por parte dos sujeitos, Certeau (1994) indica a adequação de suas propostas para o estudo da estratégia como prática, pois propõe investigar a “arte de fazer”. Assim, é possível pensar que os membros do Grêmio Normalista “2 de agosto” da Escola Normal da Capital realizavam – “arte de fazer” – o que estava sendo divulgado pelos administradores e professores quanto às questões pedagógicas e políticas, uma estratégia de

formação do professor que deu certo, como podemos confirmar nas páginas da revista *O Estimulo*.

Certeau (1994) sugere interrogar as “[...] operações dos usuários, supostamente entregues à passividade e à disciplina”. A intenção do autor é fornecer [...]” (p. 37) alguns caminhos possíveis para análises ainda por fazer. Dessa forma, analisando o trecho da ata de 13/03/1920, onde há o registro de que para as sessões literárias e pedagógicas realizadas pelos alunos deveria ser enviado convite ao Diretor da Escola, ao Secretário do Interior e ao Inspetor de Instrução, cheguei à conclusão que esses administradores modelavam o discurso do normalista, surgindo a normatização pedagógica. Nesta mesma ata ainda tem-se o registro de que “a comemoração das grandes datas nacionais deverão acontecer em sessões cívico-literárias organizadas pelos alunos” (p. 17). A partir desse ato, é possível concluir que este não só dava visibilidade às atividades da escola como também os alunos aprendiam a importância da participação de autoridades nas festas escolares, mesmo que entregues à passividade e à disciplina da qual fala Certeau.

Os periódicos brasileiros divulgavam as práticas, uma vez que neles há a transcrição de lições, conteúdos ministrados e estes poderiam, como confirmei nos próprios periódicos, serem revistos pelos alunos, caso não tivessem conseguido se apropriar do conteúdo em sala de aula. Nesse caso, o conteúdo das revistas funcionava como um reforço de aulas dadas. Quanto ao ideal de valores para a formação do bom professor, este, como já tratei, era pautado nos ideais de civismo, um modelo e uma solução para os problemas que o Brasil enfrentava naquele período.

CAPÍTULO 5

ASSOCIAÇÃO DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA DE SÃO CARLOS E RESPECTIVO PERIÓDICO

5.1 O associativismo estudantil na Escola Normal Secundária de São Carlos

A Escola Normal de São Carlos, atual Escola Estadual Dr. Álvaro Guião, foi criada em 1911, possível mediante a “Lei Orçamentária de 30/12/1910, que destinou as verbas necessárias para a instalação da Escola Normal Secundária de São Carlos. Assim, em 3 de fevereiro de 1911, foram feitas as primeiras nomeações do pessoal docente e administrativo da escola”. (NOSELLA; BUFFA, 2002, p. 35).

No livro *Schola Mater*: a antiga Escola Normal de São Carlos, Paolo Nosella e Esther Buffa (2002), com o objetivo de compreender a história regional e a política educacional da República Velha brasileira e por meio da análise de fontes documentais, enfocam o clima cultural dos anos iniciais dessa escola normal. Concluem que ela representou, para a cidade de São Carlos e região, uma espécie de “quartel-general pedagógico” de todas as reformas educacionais da Primeira República, confirmando a hipótese de que a ideologia da classe dominante cafeeira imperou no contexto escolar da época.

Tanto o Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março” como a publicação da revista *Excelsior!* são iniciativas do diretor da escola, João Chrysostomo Bueno dos Reis Filho⁷², como pude constatar no texto publicado na respectiva revista publicada em 15/11/1911, intitulado *Acta da fundação do Grêmio Normalista 22 de Março e da eleição da directoria provisória*. Esse texto é a transcrição da ata da reunião realizada em 27 de março de 1911, com o objetivo, segundo as palavras do diretor: “[...] fundação de um grêmio Litterario e Pedagogico”. No texto da ata, encontra-se também uma referência ao estatuto da referida associação, como sendo, em partes, cópia do estatuto da Escola Normal da Capital⁷³:

⁷² Assumiu a direção da escola em 3 de fevereiro de 1911 permanecendo no cargo até 25 de novembro de 1911, quando foi nomeado diretor-geral da Instrução Pública do Estado em substituição a Oscar Thompson.

⁷³ Para maiores informações sobre a Escola Normal da Capital, ver: Histórico das Escolas Normais do Estado de São Paulo In: Centenário do Ensino Normal em São Paulo 1846-1946, p. 37-124 e MONARCHA, Carlos. *Escola normal da praça: o lado noturno das Luzes*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

[...] a leitura dos estatutos do Gremio da Escola Normal da Capital de S. Paulo, estatutos estes que seriam também observados em o novo Gremio, salvo as alterações que pelos sócios fossem votadas. Feita a leitura dos títulos I, II, III, IV, V e VI foram postos em discussão sendo plenamente aprovados. (p. 6).

Não localizei cópia do referido estatuto nos arquivos das instituições visitadas, somente ata de criação do grêmio na revista *Excelsior!* de n.1.

O Grêmio Normalista “22 de Março” da Escola Normal Secundária de São Carlos/SP tinha uma atuação marcante na vida da escola, em virtude da organização das festas cívicas e conferências e sua revista *Excelsior!*, também contando, inclusive, segundo Pirolla (1988), com verba do governo: “[...] Excelsior, que também contava com verba dotada pelo Governo do Estado a pedido do Senhor diretor”. (PIROLLA, 1988, p. 53). Contudo, de acordo com Silva (2009, p. 17), somente houve “financiamento dos primeiros números da revista”. A subvenção à revista foi retirada justamente quando João Chrysostomo Bueno dos Reis Filho passou a ser Diretor Geral da Instrução Pública. E, ainda para Silva (2009), a partir dessa tomada de decisão, a revista passou a enfrentar grandes dificuldades para manter-se.

De acordo com o diretor João Chrysostomo, durante a fundação do grêmio, este profere que se tratava da fundação de um grêmio literário e pedagógico com o objetivo dos “alunos mestres pudessem exercitar-se na arte da palavra elaborando trabalhos literários e pedagógicos” (A REDACÇÃO, p. 6, n. 1). Para Pirolla (1988), “Seus objetivos eram os de cultivar o gosto litterario, desenvolver o discernimento, discutir os problemas didáticos do momento, congregar esforços e formar o espírito de classe.” (PIROLLA, 1988, p. 53).

Uma das grandes conquistas do Grêmio Normalista “22 de Março”, para Pirolla (1988), “[...] deu-se a 15 de novembro de 1911 com o aparecimento do primeiro número da revista *Excelsior!*.” (PIROLLA, 1988, p. 53). O segundo número foi lançado no dia 22 de março de 1912 e, ainda de acordo com Pirolla (1988), em 1916, a revista *Excelsior* estava no seu sétimo número e no ano de 1917 foi interrompida a publicação por motivos ignorados.

No periódico publicado por esse grêmio, *Excelsior!*, localizei alguns registros sobre a referida agremiação e sua atuação. Por exemplo, no exemplar de n. 2, publicado em 22/03/1912, o texto *A Escola Normal*, escrito pelo aluno Sebastião

Pinto⁷⁴, vem afirmar a presença do diretor da escola nas reuniões do grêmio: “A prova do que afirmamos está nas palavras do nosso bom director, que em todas as reuniões de nosso Gremio, a par de um conselho para nossa conducta; futura, tinha sempre um elogio para nossa conducta anterior.” (p. 17). No mesmo exemplar, no texto *Salve 22 de Março!*, o aluno Marcondes divulga uma conquista do grêmio, a publicação do segundo número da revista *Excelsior!*: “Commemorando esse grato acontecimento, o nosso Gremio Normalista apresenta-nos hoje o segundo numero do *Excelsior!*, revista litteraria e pedagógica que veio á luz a 15 de Novembro de 1911.” (p. 20).

Na edição de n.7, publicada em 07/09/1916, no texto intitulado *Excelsior!*, seu editorial, provavelmente temos um aluno discorrendo sobre o período de dois anos em que nenhuma edição da revista foi publicada e este escreve: “escapam a nossa raia” e continua:

Reconstituindo o Gremio, o seu digno e activo presidente tratou de pôr mãos á obra para que “Excelsior”, embora singelo, fosse apresentado aos collegas, levando-lhes algumas idéas bem concatenadas, como o são os artigos elaborados pelos espiritos esclarecidos que os subscrevem. (p. 1).

Ainda segundo o autor, a edição contou com o apoio dos professores Juvenal de Azevedo Penteado⁷⁵ e João Augusto de Toledo⁷⁶. O primeiro foi um dos responsáveis pela reorganização do grêmio e o segundo apoiou a parte material da redação.

No n.1, publicado em 15/11/1911, no texto a *Escola Normal de São Carlos*, o autor, que não assina o texto, escreve:

⁷⁴ De acordo com o livro de matrícula “Escola Normal de São Carlos. Livro de Admissão - Secção Masculina, 1911”. Esta foi realizada em 20/03/1911 e consta ainda que Sebatião Pinto nasceu em Itapetininga/SP em 09/08/1887.

⁷⁵ Juvenal de Azevedo Penteado foi nomeado professor da cadeira de Francês e Inglês da Escola Normal Secundária de São Carlos pelo decreto de 3 de fevereiro de 1911. De acordo com Silva (2009), “Juvenal de Azevedo Penteado assumiu o cargo de Diretor Interino da Escola, em 1 de Dezembro, mantendo-se nele até 1919, com sua morte”. (p. 45).

⁷⁶ João Augusto de Toledo (1879-1941) - foi Diretor do Grupo Escolar de Serra Negra e do grupo de Rio Claro, professor da Escola Normal Secundária de São Carlos, lente de Pedagogia, Diretor da Escola Normal de Campinas, Assistente Técnico de Ensino, Diretor da Instrução Pública e do Instituto Ana Rosa da Capital. E ainda de acordo com Ávila sociólogo, historiador, orador e escritor, publicando vários livros. (D’AVILA, 1946, p.112 apud POLIANTEIA, 1946). E também, de acordo com Nery (2009) foi um dos representantes da Diretoria Geral na Sociedade de Educação de São Paulo, participando dos debates em torno do método analítico no ensino de leitura.

Moços, os estudantes normalistas de S. Carlos têm grandes ideaes, remontadas aspirações. Para attingil-os, aggrema-se num club e lançam uma revista: elles não ignoram que no seculo XX a maior de todas as potencias, o gladio poderoso de todas as reivindicações é a imprensa.

Que pretendem?

Elles proporem-se a cultivar o proprio gosto litterario, desenvolver o seu discernimento discutindo os problemas didaticos de maior momento, congregar os esforços, formar o espirito de classe. Pretendem mais, muito mais! Ah! Quem seria capaz de dizer quaes são os programmas da mocidade? (p. 2). – SIC.

Verifiquei, nesses trechos de textos extraídos do periódico *Excelsior!*, o entusiasmo dos alunos por sua associação, o Grêmio Normalista “Vinte e dois de Março”. Assim, vejamos na ilustração de número 1 cópia da ata de criação do grêmio normalista “22 de março” e eleição da diretoria provisória. Como é possível ler no segundo parágrafo do texto da ata, o diretor relata que se trata de um grêmio literário e pedagógico. Confirmei, nos sete exemplares publicados da revista, em suas páginas, a afirmação proferida pelo diretor; muito se tratou da questão pedagógica e da parte literária, há muitos poemas, contos, crônicas⁷⁷.

⁷⁷ Para maiores informações ver ao final desta tese o apêndice E.

EXCELSIOR!

Acta da fundação do «Gremio Normalista 22 de Março» e da eleição da directoria provisoria.

Aos vinte e sete dias do mez de março de 1911, ás duas horas da tarde, numa das salas da Escola Normal desta cidade de S. Carlos, e por determinação do sr. M. D. Director, reuniram-se todos os alumnos Srs. Argemiro Pacheco, Luiz de Arruda Camargo, Architidino Santos, João Aranha, Adolpho Löhbe, Sebastião de Oliveira Rocha, Oscar Fernandes, Paulo Botelho de Camargo, José Ferraz Sampaio Penteado, Arlindo Soares de Azevedo, Raul de Arruda Barros, Francisco Pellegrino, Sebastião Rodrigues de Lima, Sebastião Pinto, Sebastião de Almeida Barros, Mario Corrêa Leite, Alceu Travassos de Menezes, Argemiro Telles Gôphert, José Innocencio da Silva, Ernesto Piedade, e as alumnas senhoritas Haydée Aracy de Arruda, Fausta Suzana de Mattos, Januaria de Arruda Mattos, Eudoxia da Silva Coelho, Marina de Oliveira Novaes, Cleophania Galvão da Silva, Maria de Sampaio e Souza, Anna Margarida de Camargo, Adalgiza Putti, Sebastiana Mazagão, Judith Ferraz de Sampaio, Olga Valente de Oliveira, Zuleika Ribeiro dos Santos, Iracema da Rocha Barros, Adelia de Campos, Aylsa Civatti Rossi, Francisca Braga Botelho, Isabel Botelho de Camargo, Alice Brandão, Escolastica Pantaleão, Julieta Artusi, Elisa de Andrade Nogueira, Angelina Damiano, Julieta Judith de Souza, Elisa de Arruda Barros, Anna Gomide de Barros, Alcina de Sampaio Ozeiro, Evelina Zambrano, Anna Teixeira, Virgínia Faucou, Sebastiana Pereira do Valle, Angelina Villari, Ernestina de Arruda Barros, Izaltina de Meira Mattos, Luiza Morelli, Edméa Nogueira Porto, Maquette Helena Herman, Esther de Barros Marcondes, Aurea Camargo, Iracema Toledo Piza, Carolina Cezar, Auristella Pereira do Valle, Veronica Dropello, Anna Candida de Almeida, Innocencia de Almeida, Marietta Garcia, Aurora Caldas de Souza, Felisbina Fina, Sylvia Artusi, Alynê dos Santos Moraes, Irene de Camargo, Isaura Artusi, Maria Botelho de Almeida, Clarissima de Faria Pinto, Julieta Barboza Lima, Mauricia Aparecida Doria, Rosalina de Faria Votta, Eudoxia Alves da Silva e Maria das Dores Oliveira.

O sr. Dr. Director tomando a palavra expoz o fim da reunião, dizendo que tratava-se da fundação de um Gremio litterario e Pedagogico nesta Escola de São Carlos.

Sua Excia. discorreu sobre a necessidade que tomo da fundação de uma sociedade deste caracter, dizendo que, os alumnos da Escola, futuros professores, deviam empenhar-se na elevação da classe a que mais tarde haviam de pertencer, e que, uma sociedade onde os alumnos mestres pudessem exercitar-se na arte da palavra elaborando trabalhos litterarios e pedagogicos, é um dos principaes factores desta elevação.

Disse ainda Sua Excia. que, a criação desta sociedade na Escola Normal de S. Carlos, ia estreitar nos alumnos o vinculo de solidariedade, o que tambem é factor da mesma elevação.

O sr. Dr. Director, depois de, detalhadamente, ter falado sobre o que acima em resumo deixamos, desejando certificar-se si a fundação do referido Gremio fôra aceita, interrogou a opinião dos alumnos. Sendo

geral a adhesão, Sua Excia. considerou fundado o Gremio, tendo por acesos todos os alumnos actuaes da Escola, tratando então, de formar a directoria provisoria.

Para isto, propoz que, dentre os alumnos, um fosse aclamado presidente.

Pelo sr. Sebastião Pinto foi apresentado, para occupar o cargo de presidente, o sr. Luiz de Arruda Camargo, que, aceito por todos, foi convidado pelo sr. Dr. Director a tomar a presidencia, sendo recebido com entusiastica salva de palmas.

O presidente aclamado escolheu, por sua vez, dois secretarios sendo 1.º o abaixo assignado e 2.º o sr. Paulo Botelho Camargo. Assim, com um presidente e dois secretarios, ficou constituida a directoria provisoria.

O sr. presidente, ja no desempenho de seu cargo, deu inicio aos trabalhos da primeira reunião, propondo ao Gremio recém-fundado o nome «22 de Março» por ter sido este o primeiro dia de aula na Escola Normal desta cidade.

Accepto o nome por todos os socios, determinou o sr. presidente a mim secretario, a leitura dos estatutos do Gremio da Escola Normal da Capital de S. Paulo, estatutos estes que seriam tambem observados em o novo Gremio, salvo as alterações que pelos socios fossem votadas.

Feita a leitura dos titulos, I, II, III, IV, V e VI foram postos em discussão sendo plenamente approvados.

Depois da leitura e approvação dos mencionados titulos, usou de palavra pela segunda vez o sr. Dr. Director, chamando a attenção dos associados para o artigo 3.º do titulo II, que diz: «Para ser admitto socio é necessario ser alumno matriculado em o curso secundario da Escola Normal ou ser por ella diplomado».

Disse Sua Exa. que tambem era de seu parecer que, a nenhuma pessoa que não seja ou não tenha sido alumna desta Escola, deve ser permittido associar-se ao Gremio então fundado. Depois desta referencia continuou Sua Exa. a dirigir-se aos socios, externando-lhes o contentamento que lhe ia n'alma por ter conseguido satisfazer um desejo do Dr. Inspector Geral do Ensino, desejo que tambem era seu, fundando, em sua Escola, um Gremio litterario e pedagogico.

Em seguida falou o sr. presidente propondo que se encerrasse a primeira reunião, designando o dia primeiro de Junho, para a continuação dos trabalhos. Aproveitando a oportunidade o sr. presidente agradeceu aos associados a sua aclamação.

De tudo, para constar, lavrou-se a presente acta que vai assignada pelo presidente da directoria provisoria, commigo secretario que a escrevi.

Em tempo — Por engano foi consignado, na presente acta, que a proposta para o nome do Gremio fôra apresentada pelo sr. presidente, quando foi pela senhoria Julieta Judith de Souza.

Luiz de Arruda Camargo—Presidente interino

Architidino dos Santos—Secretario interino.

5.2 *Excelsior!*: divulgação da pedagogia republicana

O periódico *Excelsior!* surgiu em 15 de novembro de 1911, na Escola Normal de São Carlos/SP, seu ciclo de vida corresponde a sete números publicados entre os anos de 1911 a 1916.

Ilustração 11 – Revista *Excelsior!*. Capa do número 3, publicado em 1913.

O periódico possuía capas que traziam o título ao centro e no alto, assim como demais informações: ano, exemplar, data, entidade responsável pela produção e o nome da escola. Ainda dos sete números, três apresentaram, nas capas, ilustrações feitas pelo professor de Desenho e Caligrafia da própria Escola Normal, Rafael Falco. Observou-se, também, nas capas, que não aparece o nome dos responsáveis pela publicação da revista.

Manteve-se uma estrutura quase fixa desde os primeiros números quanto à organização e distribuição interna das colunas e textos publicados. A ordenação se apresentou da seguinte forma: capa, sumário, editorial escrito pelo redator do periódico (normalista), fotografias (nos três primeiros números), em seguida um artigo feito por um convidado considerado ilustre (um professor da Escola Normal de

São Carlos, ou da Escola Normal da Capital) com tamanho variando de três a seis páginas, depois textos de normalistas e professores com no máximo duas páginas, na maioria apenas uma página ou uma coluna apresentando os exercícios realizados nas aulas, sob diferentes formas, como apontamentos, inquéritos, exames, composições de aulas e por fim uma seção com notícias. O número de páginas mantém uma média de 19, variando de 15 a 26 páginas.

Essa revista apresentava artigos referentes às questões da área educacional, como a formação de professores (conteúdo trabalhado/lições de aulas), e outros temas; muito abordadas, nos primeiros exemplares, são as questões nacionalistas e religiosas. “Senhores alumnos! Que o vosso lema aqui seja – *Por Deus e pela Pátria* [...]”⁷⁸ (PINTO, n. 2, p. 18). Porém, nos últimos números publicados, verifiquei que o tema religião/Deus ficou diluído e o foco esteve na formação de professores pautada na pedagogia republicana. Para confirmar como se dava a formação de professores pautada nessa “Pedagogia Republicana Moderna”⁷⁹, Hilsdorf (2003) explicita que a tarefa republicana, por excelência, trata de projetar e realizar a educação escolarizada, um projeto iniciado pelo educador republicano em São Paulo, Rangel Pestana, que propõe um “projeto de regeneração do país pela educação escolar moderna e republicana” (HILSDORF, 2003, p. 63). Isso vai se consolidando, confirmando em outras escolas da Primeira República, assim, temos, nos anos de 1920, uma escola nacionalista na qual ocorre uma “[...] instrução cívico do povo na obediência às leis e no respeito às tradições nacionais [...]” (HILSDORF, 2003, p. 84).

Bittencourt (2004), em seus estudos sobre os livros didáticos, sejam eles organizados por liberais ou católicos, observa que estes eram compostos da mentalidade nacionalista e utilizados como estratégia de formação. Para Hilsdorf (2003), os líderes da educação em São Paulo, Oscar Thompson, Sampaio Dória e Lourenço Filho, “partilham a mesma matriz política nacionalista da pedagogia”, “[...] uma vertente da escola brasileira da Primeira República no período dos anos de 10 e 20” (HILSDORF, 2003, p. 85).

De acordo com Silva (2009), tanto para o grêmio normalista “22 de março” como para a publicação da revista *Excelsior!*, o diretor da escola Reis Filho parece

⁷⁸ Trecho da transcrição do discurso do professor João Lourenço proferido em comemoração a data do descobrimento do Brasil na Escola Normal de São Carlos na primeira comemoração cívica da escola realizada em 3 de maio de 1911.

⁷⁹ Termo utilizado por Marta Carvalho.

seguir orientações oficiais sobre a constituição destes. Silva (2009) chega a essa conclusão pelo “fato de o grêmio ter sido criado tão rapidamente, logo após o início das aulas” (p. 49), demonstrando que (este) poderia estar previsto na estrutura da Escola Normal no Estado de São Paulo, o que é confirmado pela existência de outros grêmios nas demais escolas normais do Estado de São Paulo criadas a partir de 1911. Com os primeiros números da revista *Excelsior!*, sofre grande influência da administração da escola. Para Silva (2009), há uma primeira fase com uma intensa tutela da direção, tendo o diretor Reis Filho no comando, e uma segunda fase, com mais autonomia por parte dos alunos, com o auxílio de professores nas orientações.

Essas fases que Silva (2009) destaca podem ser percebidas através dos textos publicados no periódico.

Na edição de n. 1 da revista *Excelsior!*, publicada em 15/11/1911, no texto *Fazer para aprender*, o professor João Lourenço Rodrigues aborda sobre alguns pensadores para falar de Pestalozzi e continua seu texto abordando o quanto é importante “aprender vendo”. Para ele, “[...] segundo essa nova orientação, a creança deixa de ser mero receptáculo: ela vê as cousas, palpa as, conta as, verifica-lhes a cor, a sonoridade, o gosto, aprende-lhes nomes [...]”. (p. 12). “Coube a Froebel, contemporâneo e collaborador de Pestalozzi, a gloria de descobrir aquilo que faltava para integralisar lhe o plano educativo”. (p. 13).

Ainda segundo o professor Rodrigues, para Omer Buyse, os dons froebelianos estão fundamentados em quatro grupos: os sólidos, as superfícies, as linhas e o ponto. E, assim, ele focaliza: “Futuros preceptores, os actuaes estudantes da Escola Normal de São Carlos não podem, não devem ignorar a função do trabalho manual na escola, a sua importância como factor da nossa educação integral” (p. 13) e ainda afirma: “É este o ideal da educação moderna”. (p. 13).

O professor João Lourenço Rodrigues, nesse período, encontrava-se já muito envolvido com as novas teorias, tinha viajado pelos Estados Unidos verificando outras experiências, constatando os muitos problemas didáticos, mas considerava que era necessária a mudança, “[...] rompem as peias do egoismo utilitário, para abrir os seios da alma a um grande entusiasmo pelo ideal de bem comum!” (RODRIGUES, 1930, p. 436⁸⁰).

⁸⁰ Para maiores informações, ver: RODRIGUES, João Lourenço. *Um retrospecto: alguns subsidios para a história pragmática do Ensino Publico em São Paulo*. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930.

Ainda neste exemplar, no texto de Arsan, intitulado *Estimulando*, o autor trata da responsabilidade que os jovens normalistas teriam pela frente seguindo a carreira do magistério. Arsan continua o texto fazendo uma analogia entre a futura profissão e os marinheiros gregos, assim como Ulisses, que, terminado o conflito em Troia, iniciou seu regresso a Ítaca, mas um temporal o afastou e começaram, assim, os vinte anos de aventuras pelo Mediterrâneo, que constituíram o argumento da Odisseia⁸¹. Assim é a vida do professor, um longo período de dedicação ao magistério e este conclui: “A nossa vida será vida de mestres. A nossa vida será toda de consagração a Pátria. Apresentemo-nos para ella.” (ARSAN, 1911, p. 18).

No texto *Ubique Patrie Memor*, a aluna Haidéa Aracy de Arruda, no dia da comemoração do aniversário de fundação da Escola Normal de São Carlos, faz menção à conferência do professor João Lourenço Rodrigues, destacando a tarefa do futuro professor:

A Pátria muito espera de nós, futuros mestres, assim nos diz a razão. E' mister portanto que nos façamos dignos dessa confiança, preparando-nos com coragem para a nobre tarefa que nos reserva o porvir. Iremos lapidar diamantes, accender fachos de luz onde haja trevas, desbravar chaos dessas inteligências infantis, formar corações sem leme, enfim, guiar passos vacilantes. (ARRUDA, 1912, p. 14).

No exemplar, muitos textos escritos pelos alunos tiveram como base a conferência e o artigo (transcrição da conferência) do professor Rodrigues sobre “O Barão do Rio Branco: o mestre do civismo”, como o texto escrito pela aluna Arruda, no qual ela pautou-se em ideias nacionalistas, como a conferência proferida na Escola Normal de Casa Branca, no dia 3 de maio de 1919, pelo sr. Guilherme Kuhlmann, intitulada *O civismo nas Escolas*, e publicada pela *Revista de Ensino* de 1919. Foram dedicadas 13 páginas dessa revista à transcrição da conferência de Kuhlmann.

O professor Kuhlmann inicia a palestra parabenizando os alunos pela perseverança em manter o grêmio da escola normal de Casa Branca e, em seguida, trata de vários assuntos relacionados à formação quanto à civilização e ao

⁸¹ Para maiores informações, ver: BULFINCH. Thomas, 1796-1867. *O Livro de Ouro da Mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. Tradução de David Jardim Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 254-281.

progresso, abordando o ensino cívico, as festas nacionais, do ensino moderno, a integridade cívica, o espírito cívico, entre outros.

No texto *O interesse – seu papel como factor educativo*, sem autoria, segundo o autor, o professor Roldão Lopes de Barros foi convidado a ser paraninfo em virtude das aulas lecionadas na disciplina de Pedagogia, aulas que despertavam muito interesse, uma vez que o professor citava muitos educadores e falava de suas teorias, como: Pestalozzi, Claparède e Compyré.

O professor Roldão Lopes de Barros, ao fazer seu discurso pautado no filósofo Herbart, apresenta a “noção de interesse” desenvolvida pelo filósofo, como ponte de ligação do plano intelectual com o plano da vontade e da ação, tendo em vista promover as mudanças comportamentais desejadas.

No texto *Em meio caminho*, a aluna Carolina Cesar trata da sua formação. Relata ela que dois anos se passaram e já se aproxima o final do curso, convocando os colegas à missão honrosa que é confiada ao futuro educador. Para essa aluna, a missão do mestre é “assaz e penosa”, mas precisavam deixar isso de lado e se prepararem com amor e patriotismo para “cumprirmos, do melhor modo possível, os nossos deveres de mestres [...]” (p. 17).

O mesmo assunto também é tratado pelo professor Guilherme Kullmann, em seu discurso pronunciado na sessão solene do Gremio Normalista “11 de junho”, de Pirassununga, publicado na Revista de Ensino de 1914. Intitulado *O Professor e a Sociedade*, nele o Professor Kullmann explicita que os deveres da sociedade e do professor são recíprocos, porém o professor deve se preparar muito bem para a missão que lhe é confiada. E afirma: “O professor é o espelho da classe, diz-se constantemente. As suas maneiras, o seu modo de proceder são copiados constantemente pelos alumnos. Não que para isso se esforce elles, mas pela influencia do convívio, pela imitação natural”. (REVISTA DE ENSINO, 1914, p. 8).

Professor Kullmann, quando trata do método analítico, faz menção às primeiras palavras de Arnaldo Barreto em sua “cartilha analytica”: “Não merece o nome de professor aquelle que para ensinar não recorre aos processos mais de accordo com as leis do espirito”. (REVISTA DE ENSINO, 1914, p. 13). Enfim, para o professor Kullmann, “[...] a missão do educador é cheia de difficuldades, mas também cheia de nobreza. O seu destino social é o de contribuir, modestamente embora, para a formação dos alicerces da nacionalidade”. (REVISTA DE ENSINO, 1914, p. 12).

Na mesma edição, no texto *Uma aula de psicologia*, a aluna Maria Amelia da Silva escreve que a psicologia é a descrição e a explicação dos estados da consciência e também das principais relações da psicologia com as demais ciências.

Também nessa edição, a aluna Philomena Fagnani, no texto *Jogos Escolares---Classificação – Psychologia*, aborda o jogo como algo importante para o desenvolvimento de uma função do indivíduo, discorrendo sobre os educadores que trataram do assunto: Froebel, Bernard, Queyrat, Skorski e os tipos de jogos. Ela dá destaque a Froebel, afirmando que os jogos froebelianos são usados nos jardins de infância.

Para Lourenço Filho, esse foco na psicologia trata dessa nova mudança educacional, as influências da escola nova, mas não se refere somente a um sistema didático, “[...] mas a todo um conjunto de princípios tendentes a rever as formas tradicionais do ensino. De modo geral, deriva de uma nova compreensão de necessidades da infância, inspirada em conclusões de estudos da biologia e da psicologia” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 15). Para esse autor os princípios gerais da Escola Nova estão relacionados com uma abordagem do processo de educação e aprendizagem nos aspectos individual e social. Discutindo questões relacionadas a esse movimento de renovação educacional, Monarcha afirma que a Psicologia e a Biologia vêm proporcionar “[...] uma nova concepção das necessidades da infância” (MONARCHA, 1989, p. 12).

Os trechos destacados dos periódicos apresentam uma preocupação dos normalistas quanto às abordagens de ensino. Ocorre a entrada no campo educacional de fluxos de ideias diferentes, ora a Pedagogia Moderna, ora a Pedagogia da Escola Nova.

Outro ponto a ser destacado nas revistas é a “arte, missão, o sacerdócio” quanto a ser professor primário. O tema é muito tratado pelos autores das revistas, a exemplo do que ocorre na edição n. 5 da revista publicada em 15/11/1913, o aluno Joaquim Siqueira, com o texto *Impressões de aula*, discorre sobre a arte de educar lembrando que “[...] como nós, muito em breve, terão de dirigir a educação intellectual e moral da criança”. E continua que, assim, precisaremos de conhecimentos de pedagogia “[...] para que nos tornemos bons educadores [...]” e também “[...] polir nosso espirito, para que mais tarde, em nossa vida pratica, desempenhemos satisfatoriamente a elevada missão que nos seja confiada”. (p. 4).

Recorri a Pullias e Young (1972), a fim de verificar a compreensão que os alunos tinham da “arte, missão, o sacerdócio”. Para esse autor, a arte de exercer o magistério está vinculada às preocupações básicas do ser humano ao longo de sua dramática luta pela afirmação cultural, isto é, à “transmissão de conhecimentos” e à constante renovação das fontes do humanismo criador que fazem parte de sua sobrevivência. Assim, a necessidade do conhecimento do ensino está, mais do que nunca, presente na consciência de cada professor à altura da sua missão, sendo a arte de ensinar aliada a uma técnica ritual escolar própria de cada um. O professor aborda seu trabalho com positivas e fortes crenças no alto potencial dos seres humanos, numa causa considerada digna, muitas vezes esquecendo-se de si próprio.

No entanto, os valores educacionais, o propósito e a importância da educação, o significado do ensino como trabalho de uma vida, a alegria e satisfação de um trabalho só podem ser realizados com arte, talvez essas seriam as impressões do aluno Joaquim Siqueira.

Na mesma edição, no texto *Camaradagem e Coeducação*, cuja autoria é atribuída à aluna Maria Sampaio e Sousa, é exposto o “exercício da aula de pedagogia do 3º ano” e se apresenta favorável à educação mista, tecendo vários argumentos e ainda lembra, ao final de seu texto, que, na antiguidade, em Esparta, já existiam escolas mistas, apesar de alguns historiadores alegarem que Esparta se tornou a cidade mais corrupta do mundo em virtude desse tipo de educação. Sousa ainda ressalta que não se deve guiar por esse exemplo, mas pelos os que acontecem na Holanda, Finlândia, Bulgária, Estados Unidos, França e em algumas escolas do Brasil, onde têm-se “[...] dado ótimos resultados e que são muito melhores.” (p. 6).

Na edição de n. 6, publicada em setembro de 1914, a aluna Jacy Penteado, no texto *Pedagogia*, trata da pedagogia proposta por Froebel. Após expor as características da escola froebeliana, a aluna entra no mérito da ginástica e dos jogos, lembrando da importância de “[...] provocar o maior número possível de contactos diferentes na diversidade das combinações e associações de movimentos, relações diversas, conexões variadas entre os elementos dos centros sensitivo-motores e fronteiras”, ressaltando que os exercícios físicos devem ser agradáveis e, assim, ela apresenta o jogo como um desdobramento espontâneo da atividade, “a expansão livre do ser”, afirmando que os jogos satisfazem às necessidades da criança e são

preferíveis à ginástica porque permitem movimentos variados , acompanhados de alegria. (p. 15).

De acordo com Froebel, o processo educacional deve estar centrado nos interesses naturais das crianças em seus primeiros anos de vida. E, por meio dos jogos e brinquedos, é possível o professor canalizar a energia do espírito lúdico infantil para as finalidades educacionais. Para esse educador, “o brinquedo é a mais autêntica, a mais espiritual ação do indivíduo [...]” (FROEBEL, 1976, p. 359).

No texto *Como o professor primario falla a seus alumnos*, a aluna Walinda da Cunha Vieira tece uma crítica em relação à linguagem adequada do professor frente às crianças, como se pode confirmar no trecho destacado abaixo, e continua a discorrer sobre outros pontos, como por exemplo o não gritar, o professor falar pouco e deixar os alunos falarem mais, enfim, ela afirma que a “[...] linguagem é uma resultante imitação. É ouvindo o professor fallarem o professor e as pessoas ilustradas as creanças adquirim o uso da linguagem culta e desenvolvida”. (p. 13).

O professor Antonio Firmino de Proença, no momento Diretor interino da escola, no texto *No dominio da technica – lições inductivas*, trata da lição indutiva elaborada por Herbat. Para Proença, a lição indutiva “constitue um todo organico, cujas partes ou *passos firmes* desempenham funcção especifica na consecução do objectivo da lição total”. (PROENÇA, 1916, p. 9).

Verifiquei, a partir dos textos desse periódico, que tem por tema os filósofos e educadores do período iluminista, que, nesse momento – início do século XX –, a preocupação de alguns educadores brasileiros quanto à formação estava pautada na conquista da intelectualidade do aluno; como apontou Herbat, o processo de ensino precisa ser capaz de fortalecer-lhe a vontade e o caráter, promovendo mudanças, isto a partir da conquista da inteligência do aluno, do interesse. Na revista *Excelsior!*, no texto *O interesse – seu papel como factor educativo*, o autor discorre:

[...] como disse Herbart, < interessar é excitar o apetite do espirito>. Interessar, é provocar essa attenção toda espontanea do alumno, sem a qual não ha conhecimento que se grave no cerebro, não ha noção que perdure. Interessar, é desenvolver o gosto pelo estudo, é dar prazer pelo trabalho, minorando o esforço que exige a acquisição de idéas. E é por isso que Hebert, professor toda a sua vida, philosopho maximo da Educação, tendo acompanhado com olhos de psychologo a obra de Pestalozzi, não hesitou em fazer do interesse o centro ao redor do qual gravitam todos os outros factores do Ensino.
[...]

Isto é educar completamente, fugindo a um exclusivismo pernicioso que impedirá as crianças de preencherem, amanhã, seu destino; é fazer espirito largos, tolerantes, sensíveis a tudo que o mundo tem de bello, grande e nobre; é dotar a nossa pátria com uma raça forte, digna da terra que lhe é berço, capaz de encaminhal-a para um grande porvir. (EXCELSIOR!, 1913, p. 12-15).

O aluno Lazaro F. S. Camargo, no texto *Educação dos anormaes*, trata dos alunos tido como anormais. Discorre sobre as experiências que acontecem em outros países, como a França, Estados Unidos, Alemanha, Suíça, Bélgica, Holanda e Dinamarca quanto à preocupação para com a educação dessas crianças, os institutos criados, e termina o texto relatando a experiência do Brasil: “A nossa pátria, o grande Brasil, mantem em sua capital uma escola especial onde aprendem a lêr, a escrever e, finalmente onde são educados os infelizes a quem a Natureza negara o título de anormaes”. (CAMARGO, 1914, p. 16).

O que percebi nos trechos destacados é que a prática de apropriação do discurso, pautado na reforma iluminista – formar as elites, vai deixando marcas dessa representação na formação dos normalistas por meio das teorias propostas para o ensino.

Durante a leitura dos sete números publicados da revista *Excelsior!* e a partir dos textos destacados acima, é possível confirmar as duas fases propostas por Silva (2009) quanto à publicação do periódico *Excelsior!*. Na primeira fase, ocorre a participação dos professores e diretores da Escola Normal de São Carlos, tanto na escrita e divulgação dos seus ideais, como no controle e manutenção de suas vontades na organização do periódico, principalmente pela ação de um professor responsável pela correção e seleção dos textos a serem publicados, demonstrando interesse em produzir um tipo de leitura autorizada. E, na segunda fase, ocorre maior participação dos alunos, o que pode ser percebido pelos textos acima, nos quais estes chegam a tecer considerações sobre vários assuntos. Mas será que realmente isso acontece? Ou, como afirma Certeau (1994), as pessoas comuns fazem seleções a partir de um repertório e estas seleções são utilizadas em novas combinações, colocando-as em um novo contexto, aquilo que haviam se apropriado, empregavam uma “tática” que opera dentro de limites estabelecidos por outros.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

AS ASSOCIAÇÕES DE NORMALISTAS BRASILEIROS, SEUS PERIÓDICOS (*O ESTIMULO E EXCELSIOR!*) E SEUS AUTORES

Para o estudo do ciclo de vida dos periódicos brasileiros: *O Estimulo*, Revista do Grêmio Normalista “Dois de agosto”, da Escola Normal Secundária da Capital e *Excelsior!*, Revista do Grêmio Normalista “22 de Março” da Escola Normal Secundária de São Carlos, pautei-me em Catani e Sousa (2001). Busquei, por meio de Chartier (1998), as informações acerca dos aspectos tipográficos desses dois periódicos estudantis brasileiros tão importantes para a compreensão dos mesmos como um todo.

Barreira (2004) aponta que a “análise desses materiais possibilita apreender como os indivíduos produzem seu mundo social e cultural – na intersecção das estratégias do impresso”. (BARREIRA, 2004, p. 402). Assim, analisei esses dois periódicos.

Constata-se nesses dois periódicos que várias seções preocupavam-se em registrar algumas lições e conteúdos teóricos (material didático), provavelmente com o objetivo dos professores e alunos fazerem uso. Assim, alguns números dos periódicos analisados centralizaram o projeto editorial em determinadas temáticas, tais como: formação de professores, pátria/civismo/Deus, associação e educação feminina, bem como a parte literária e recreativa.

Do corpus analisado, foi possível identificar fases distintas de apresentação visual dos periódicos publicados, particularmente as capas da revista *Excelsior!*.

Em uma leitura global dos dois periódicos publicados nas escolas de formação de professores, no Brasil, percebe-se que a maioria deles é dirigida pelos alunos com a tutela dos professores e diretores.

Esses periódicos apresentavam um elenco de indicadores, como sugestões para qualquer que seja a organização deles em instrumentos de dados. Olhando para o conjunto desses documentos (periódicos/dados), foi possível considerá-los de uma riqueza muito grande para compreensão da constituição das associações de alunos, quais as concepções pedagógicas e perceber suas extensões, embates e conflitos entre alunos, professores e administradores, enfim, as orientações internas e externas da vida escolar quanto à formação de professores.

O estudo dos periódicos relacionados acima pela materialidade dos processos de produção, circulação e apropriação dos saberes pedagógicos, visa à compreensão de estratégias de produção e circulação de saberes pedagógicos das escolas de formação de professores, ajudando, assim, a constituir o campo de formação veiculado. Para tanto, procurei fazer um levantamento sobre os autores dos textos (artigos e matérias) publicados nos periódicos. Com esse fim, encontrei inúmeras dificuldades para realizar, particularmente, esta pesquisa, pois não localizei determinados livros de registros “chave” – todos os livros de matrículas - para elaboração e discussão de tais dados. Contudo, trabalhei com o que localizei e também busquei verificar quem eram esses autores, por meio de outras fontes documentais, como livros de registros (atas, matrículas, aprovações), nos quais encontrei algumas pistas. Dessa forma, parti da categoria discutida por Ginzburg (1989), paradigma indiciário, na qual alguns indícios localizados nos próprios textos (artigos e matérias) levaram-me a concluir se tratar de alunos.

Como é possível visualizar no apêndice “G”, na revista *Excelsior!*, são 139 textos e a aluna/autora que mais escreve é Haidéa Aracy de Arruda, com quatro textos/artigos.

Dentre os nomes relacionados no quadro do apêndice “G”, constatei que: dois textos são escritos pelo diretor; ocorre a participação de quatro professores com seis textos; o secretário com um texto; 17 reproduções; sete autores externos os quais não foi possível identificar a ocupação; 13 textos sem autoria; 9 assinados por *A redação*; 49 assinados por alunos e 13 sem autoria. Dessa forma, considere que os textos assinados pela redação mais os sem autoria podem ser de alunos, uma vez que os dirigentes do grêmio cuidavam da organização da revista *Excelsior!*. Assim, tem-se um total de 68 textos/artigos escritos por alunos. Com isso, confirma-se uma das hipóteses deste trabalho: os sujeitos que escreviam para a revista *Excelsior!*, em sua maioria, eram alunos e que atuavam na formação deles próprios, reproduzindo, de certa forma, o que aprendiam na escola, registrando no periódico organizado por eles.

Um dos assuntos tratados nesse periódico apresenta exemplos de civismo, como a seguir é apresentado. Os excertos selecionados têm por objetivo contribuir para a compreensão de um dos temas que se destacam nesse periódico. O critério utilizado foi o conteúdo abordado. No exemplar de n.1 de *Excelsior!*, publicado em

15/11/1911, no texto *O mestre*, sem autoria, um aluno, provável autor, escreve sobre ter a pátria como princípio e liberdade.

Honremol-o pois! E para honral-o, nós, alumnos da Escola Normal de S. Carlos, devemos nos reunir sob o estandarte luminosos da sciencia, munidos co o estado como armas, tendo a patria por principio e a liberdade, como guia; e assi, fortemente amparados, palmilhemos resolutos a senda escabrosa da vida, não permitindo que, por um momento siquer, paire sobre nós o abutre negro do desalento. (p. 23).

Ainda no mesmo exemplar, em outro texto, intitulado *Gloria in Excelsis*, a aluna Haidéa Aracy de Arruda escreve:

E' com um mixto de entusiasmo e commoção, que nós, os alumnos da Escola normal de S. Carlos, registramos o apparecimento de nossa modesta revista. [...]
[...]E' um mensageiro que deve estimular no coração da mocidade estudiosa, os sentimentos do verdadeiro patriotismo, desse patriotismo ás vezes olvidado, desse patriotismo – força motriz do progresso da Patria.
[...] Um dos nobres intuitos da nossa modesta revista, é dedicar-se á causa da instrucção publica e á classe do professorado. (ARRUDA, 1911, p. 24).

Um aluno que não se identifica escreve o texto *O Barão do Rio Branco – O mestre do civismo*, publicado no exemplar n. 2 de *Excelsior!*, em 22/03/1912, tecendo inúmeras menções ao Barão do Rio Branco

Sim, porque ele foi um trabalhador infatigavel, e é pelo trabalho, pela abnegação, pelo civismo, pela nobreza dos vossos hábitos que demonstrareis a sinceridade dos vossos sentimentos neste acto tão solenne, é assim que honrareis verdadeiramente a memoria veneranda do Barão do Rio Branco. (p. 12).

Ainda no mesmo exemplar, temos o texto do aluno Sebastião Pinto, intitulado *A Escola Normal*, através do qual ele convoca os colegas: “Senhores alumnos! Que vosso lemma aqui seja – Por Deus e pela Patria”. (PINTO, 1912, p. 17).

No exemplar de n. 4, publicado em 18/10/1913, no texto *Theorias da vontade*, a aluna Isabel Botelho de Camargo aborda muitos assuntos, mas destaquei aqui o amor a pátria porque se trata de verificar como esse conteúdo era trabalhado.

Os motivos agem de modo muito variado nos individuos; vejamos o caso do amor da patria: é um sentimento comum a todos os homens, pois bem, porque só o soldado intrepido vae á guerra defendel-a das garras do inimigo ousado? porque o burguez, o homem pacato, amigo, de commodidades não vae? porque no burguez é muito diverso o sentimento affectivo necessario á resolução tomada pelo soldado, a intelligencia lhe mostrou o dever de amar a Patria e elle ama-a; mas a commodidade é motivo superior ao das glorias militares e não lhe veio fazer tomar das armas e ir defender a Patria; se o soldado foi, é porque a escolha do motivo no seu espirito se fez sentir differentemente. Assim ha muitos outros casos. (CAMARGO, 1913, p. 6).

Ainda no mesmo exemplar, no texto *Aos meus collegas*, o aluno Benedicto Simões da Rocha convoca os colegas ao trabalho para que no futuro possam cumprir a missão confiada de “[...] formar o futuro da nossa Patria!” (ROCHA, 1913, p. 10). E, no exemplar publicado em setembro de 1914, no texto *A Escola Normal, o professor, a instrucção em geral*, o aluno José S. Penteado escreve:

E’ na escola primaria que a creança vai adquirir uma noção do que seja a patria. Ahi ella aprende a sua geographia, e della fica conhecendo a immensidade, as bellezas e riquezas naturaes, as producções, as principaes cidades, as vias de communicação dos povos. (PENTEADO, 1914, p. 6).

Já na revista *O Estimulo*, são apresentados 318 textos/artigos e quanto aos autores não foi possível mapear todos, porque não foram localizados todos os livros de matrículas. No entanto, localizei alguns a partir do livro de Rodrigues⁸² e alguns livros de matrículas. O autor que mais escreve é João Borges, com sete artigos. Quanto aos autores dessa revista, não foi possível constatar se todos eram alunos e, dos demais, quais eram as ocupações. O que localizei foi que em várias atas do grêmio há registro da “eleição do corpo de redação da revista *O Estimulo*”, nas quais contam os nomes eleitos e sempre se tratando de alunos.

Como já mencionei acima, os alunos envolvidos com esses periódicos abordavam muito a questão do civismo e nessa revista isso ocorre com mais

⁸² Para maiores informações, ver: RODRIGUES, João L. *Livro jubilar da Escola Normal da Capital contendo a relação completa dos diplomados de todos os institutos congênere do Estado de 1876 a 1929*. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930.

frequência. Os alunos, em seus textos, tratam muito do caráter nacionalista, envolvendo o civismo, o amor à pátria, a moral etc. Observei, nos textos do periódico *O Estímulo*, que as questões imigratórias e de saúde estão ausentes. Temas como Semana de Arte Moderna, Revolução Russa, os altos índices de analfabetismo e as dificuldades enfrentadas pelo magistério em *O Estímulo* não aparecem, e trata-se de uma revista publicada na capital paulista. O que se pode deduzir da ausência desses temas nos periódicos é que eles estavam voltados mais para as questões pedagógicas do que para as questões culturais e políticas. A 1ª Grande Guerra é abordada implicitamente em algumas edições como se pode verificar mais abaixo e na parte III. Agora, seguem alguns exemplos de textos publicados na revista *O Estímulo* quanto à formação republicana nacionalista.

No exemplar n. 18, publicado em 08/04/1911, no texto *A Festa das aves*, o autor trata da natureza como um bem valioso da Pátria, escreve sobre o civismo: “Eis porque o civismo é mui sabiamente cultivado em toda a parte, não pelas estafantes arengas sobre o patriotismo, mas simplesmente pelas festas nacionaes e pelo estudo da historia e geographia patrias.” (p. 87).

No mesmo exemplar, a aluna Jardim escreve o texto *A festa das aves*, e o trecho destacado abaixo caracteriza um alto respeito pelo Estado: “O governo de S. Paulo que, altaneiro, caminha sempre na vanguarda da civilização brasileira, acaba de instituir também a – festa das aves – em nosso Estado.” (JARDIM, 1911, p. 93).

Ainda nesse exemplar, o aluno Mello, ao escrever *Pró-aves*, trata do dever patriota.

Assim cumpramos o nosso dever - humano e patriota: - de humano, rendendo um preito de homenagem á natureza em geral; de patriota, particularmente cultuando, com dedicação e amor, as bellezas naturaes da nossa pátria querida.

E' assim que, hoje, começamos pelo culto ás aves, isto é, pela homenagem a esses seres que, no Brasil, constituem o encanto das nossas florestas como as flores constituem o encanto e beleza dos nossos jardins. (p. 103).

Na edição de n. 27, publicada em 06/10/1913, todos os artigos, até a página 420 da revista, estão carregados de nacionalismo devido ao lançamento do navio de guerra, o encouraçado São Paulo. Além da descrição de todos os atributos do navio, a revista traz também homenagens ao almirante responsável pelo encouraçado,

Alexandrino de Alencar. Dentre os textos encontrados na edição, existem também alguns exaltando o “*symbolismo* da bandeira nacional”.

Mais adiante, nesse exemplar, no texto *Juramento dos Pioneiros da Patria*, o aluno Carvalho apresenta como deviam se portar os alunos perante a pátria: “- amar a minha Patria e servi-la fielmente, tanto na paz como na guerra; - obedecer ao código dos Pioneiros da Patria.” (CARVALHO, 1913, p. 458). No decorrer da mesma edição, tem-se o texto *A grande data*, que trata do 7 de setembro com grande entusiasmo e fervor, escrito pelo aluno Natali.

Na edição de n. 28, publicada em 20/04/1914, no pequeno texto *A Patria*, Barbosa trata do civismo. No exemplar seguinte, de n. 29, no texto *A Data Redemptora*, é tratada a abolição da escravatura pela Lei Áurea vista como ato heroico pelo autor que só registra as suas iniciais E.N.S.

Na edição n. 29, publicada em 02/08/1914, no texto *A escola de outrora e a escola de hoje*, o professor Ernesto Lavisse escreve sobre o sentimento de devoção para com a pátria:

As bellas acções de que a historia conserva a memoria valem por si mesmas, e os heroes não têm necessidade de serem annunciados a toques de clarim. Não me agrada o rumor em torno de Joanna d’Arc, mas espero que sua marcha brilhante das fronteiras de Lorena á fogueira de Ruão, sua agilidade no combate, sua alegria na victoria e sua piedade do sangue derramado, seu dizer genuinamente francez, seus bellos ditos, suas grandes phrases, seu espirito, seu entusiasmo, seus humanos desfallecimentos, suas lagrimas ante a morte, e, atravez da chamma e do fumo, o grito triumphal da confiança indistructivel e Deus e na patria – espero, digo eu, que esse conto maravilhoso e verdadeiro, epico e real, tragico e doce, saibamos contal-o aos filhos de nosso povo, afim de que a alma da boa Lorena se communique ás almas de nossos filhos, para nelles deixar o sentimento delicado, o sentimento piedoso, o sentimento religioso de uma devoção para com a patria. (LAVISSE, 1914, p. 525-526).

Na edição de n. 35, publicada em 14/11/1916, no texto *O patriota e o cidadão*, o aluno autor aborda a questão da formação moral:

No lar, nessa instituição benedita, erigida pelos homens, no momento em que comprehenderam ser a moralidade a base do progresso, no instante em que presentiram-se a vida publica a continuação da vida domestica, e que, sem ter esta regularizada, jámais poderiam possuir aquella, integra; no lar começa a formar-se o cidadão.

Sob o calor das caricias da progenitora, sob os seus cuidados, sob sua delicadeza, sempre pura, influenciada pelo seu affecto, a criança aprende a ser boa, amorosa, delicada. Pelos conselhos do pae que, labutando incançavelmente, dá o exemplo dignificante do trabalho, o menino concebe amor ás a elle concernentes, quando fôr homem. (ANDRADE, 1916, p. 646).

No mesmo texto, Andrade continua a escrever sobre “Formar homens fortes – instruidos e patriotas, dedicados e robustos – é o escopo que a Educação Civica tenta realizar, é o fim para o qual ella caminha a pouco e pouco.” (ANDRADE, 1916, p. 648)

Na edição de n. 37, publicada em 14/11/1917, o aluno Mattos escreve o texto *Culto á Patria e á Republica*, tratando da educação cívica:

Cada um de nós tem o seu idéal, porém, acima desse phenomeno que se chama idéal commum, ergue-se, sobranceira, amiga e hospitaleira, a monumental arcada da nossa Patria, que nos dá agasalho e a quem devemos desembaraçar de todos os perigos, auxiliando-a com as forças maiores da nossa educação civica, do nosso amor, do nosso patriotismo. (MATTOS, 1917, p. 705).

Nesse mesmo exemplar, o texto *Manifestação Civica* não tem autor, porém, pelo teor do texto, chega-se a conclusão de que se trata de um aluno. Esse texto parece apresentar o quanto a escola normal estava envolvida com as questões nacionais:

No dia 30 de Outubro p.p., o sr. Professor Carlos A. Gomes Cardim, nosso estimado director, convocou todos os alumnos, declarando-lhes que ia ler o manifesto do sr. Presidente da Republica, no qual se anunciava ter o Brasil acceito o estado de guerra que, pelas continuas arbitrariedades feitas á nossa bandeira, lhe ahavia imposto o governo allemão. (p. 726).

Como podemos observar há menção à 1ª grande Guerra de maneira implícita, o autor aborda o tema, mas somente dizendo do quanto o civismo é importante para superação de crises internacionais.

Também nesse texto, o autor ainda apresenta o que proferiu [...] o nosso prezado lente de Pedagogia e Educação Civica, Sampaio Doria, que disse sentir-se contente em verificar nos seus jovens alumnos aquellas vibrações de sentimento patriótico [...]. (p. 726).

Na edição de n.38, publicada em 02/08/1918, no texto *Discurso pronunciado pelo prof. Reynaldo Ribeiro*, o autor escreve que tal discurso acontece “por ocasião da honrosa visita do Chefe da Nação a esta escola” (p. 734). E, continua: “A Escola Normal de S. Paulo, por certo, jamais se sentiu tão utana e tão enobrecida quanto hoje, ao contemplar reunidas, em seus salões ao mesmo tempo, talvez pela primeira vez, as supremas autoridades da Nação e do Estado. (p. 734).” O autor, que não assina o texto, transcreve todo discurso tratando de vários assuntos, do qual destaquei dois trechos:

Acontecimento notável, que tão poucas vezes se poderá realizar, será um incentivo mais para lhe intensificar e centuplicar o ardor e os esforços na faina gloriosa de educar, de disseminar a instrução pela mocidade estudiosa. Será um penhor, que assume, para o desempenho de sua nobre missão de formar os corações, de iluminar os cérebros com as scintillações da litteratura e as sciencia, de modelar os futuros cidadãos que serão os mestres de amanha e os apóstolos da civilização. (p. 734).

E prossegue

Como se poderá, então, admitir ou crer que Estados de uma mesma Pátria, irmandados pelo mesmo sangue, vinculados pela mesma historia, que fallam a mesma lingua, que adoram o mesmo Deus, protegidos pelo mesmo sacrossanto pavilhão, disputem, de armas á mão, a posse d'este ou d'aquelle territorio, se é elle de todos, se é o patrimonio inviolavel do Brasil querido? (p. 736).

Professor Reynaldo Ribeiro, em seu discurso por ocasião da visita do presidente Venceslau Brás à Escola Normal, se refere à situação da Primeira Guerra Mundial se posicionando fortemente contra essa situação, que coincidiu com o governo deste (1914-1918) e destaca: “Exmo. Dr. Wenceslau Braz, com todo valor de um estadista talhado para a situação e para a luta, triumphou em toda a linha” (p.735). Em muitos trechos do discurso transparece um considerável ufanismo, exaltando a pátria e defendendo uma igualdade para todo país, conforme um dos trechos acima. Há ainda a necessidade de modelar os alunos. “Habilitam os moços, formam-lhes o character, desviam-nos dos desfalecimentos moraes, transformam-nos em cidadãos presentes, uteis á família, á sociedade e á Pátria”. (p. 736).

No texto *Saneamento*, do aluno José apresenta algumas críticas à saúde das populações rurais, tratando da questão do higienismo:

Aos nossos olhos de brasileiros, nenhum espectáculo se apresenta mais desolador e desconfortante, que o da decadencia physica das nossas populações ruraes, e nenhum problema requer mais prompta e efficaz solução, que o do seu saneamento. Que quer que penetre certas zonas do interior do nosso paiz, fica logo desolado pelo tristissimo abandono em que jaz o caboclo, ahi, em franca decadencia. No physico rachitico e esgrovinhado, deprimido e desanimado no moral, é um simples rebotalho humano, e triste espectro do que já não é. (p. 737).

O aluno José se mostra indignado com a situação do Brasil quanto à questão da higiene, porém vale lembrar que, no ano de 1918, já se havia falado muito sobre higiene, como, por exemplo, a “Campanha Belisário Penna”⁸³, e também o escritor Monteiro Lobato tratou muito desse tema em seu livro *Urupês*⁸⁴. Ainda de acordo com Nery (2009), em 1918 foi promovido um curso em São Paulo para os diretores das Escolas Públicas Paulistas. Para essa autora o higienismo era um forte tema do período e envolvia as escolas nas campanhas.

Encerrando a exibição desse posicionamento cívico dos alunos de respeito e veneração à pátria, tem-se a reprodução publicada no exemplar n. 40, em 02/08/1919, o texto *Litteratura* de Olavo Bilac, em que este escreve que, o que constitui a nacionalidade é a própria língua nacional:

A patria não é raça, não é o meio, não é o conjuncto dos aparelhos economicos e políticos: é o idioma creado ou herdado pelo povo. Um povo só começa a perder a sua independencia, a sua dignidade, a sua existencia autonoma quando começa a perder o amor do idioma natal. (p. 801).

⁸³ Trata-se do médico Belisário Augusto de Oliveira Penna, nascido aos 29/11/1868, em Barbacena, MG. Penna tomou posse como inspetor sanitário no Rio de Janeiro, em maio de 1904, iniciando suas atividades na 5ª Circunscrição do 6º Distrito Sanitário do Rio. Em 1916 iniciou, pelo Correio da Manhã, uma campanha pelo “saneamento do Brasil”, escrevendo os artigos que mais tarde constituiriam o livro publicado com este nome. O livro influenciou a decisão do presidente Wenceslau Brás em criar o Serviço de Profilaxia Rural, em maio de 1918, e de nomear Penna para dirigi-lo. O cargo permitiu-lhe instalar dez postos sanitários nas zonas rurais do Distrito Federal e realizar várias conferências em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro sobre saneamento. Para maiores informações ver *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, maio/ago. 2002. Disponível em: Scielo Scientific Eletronic Library Online – www.scielo.br. Acesso em 15 fev. 2010.

⁸⁴ O livro *Urupês* teve sua primeira edição publicada em 1918. É composto de 14 contos tendo como ênfase a vida do cabloco. O último conto intitulado *Urupês* apresenta a figura do Jeca Tatu, o caboclo típico e preguiçoso. Dentre os vários temas desenvolvidos por Lobato nesse conto, tem-se também a questão da higiene.

Enfim, percebi no conteúdo dos artigos da revista *O Estimulo* que os alunos eleitos para a direção da revista, assim como os professores e diretores da Escola Normal Secundária da Capital, mantinham como foco a vida de personalidades que pudessem servir de exemplo de conduta aos alunos, e às obrigações para com a pátria. Esse tipo de ação realizada no periódico está de acordo com o que Bourdieu chamou de “hagiografia do campo” (BOURDIEU, 1993, p. 122-155), com a publicação de exemplos a serem seguidos e a exaltação de qualidades morais e profissionais. Esse tipo de ação, como o louvor entusiasmado da vida dos benfeitores da educação e do país, criava uma base comum de valores a serem cultuados, estabelecia identificação e, assim, o campo se fundamentava e reforçava os sentimentos de pertencimento. É possível confirmar isso mediante o trecho do texto *Pequenas Notas*, extraído do Orgam Dedicado aos Normalistas – A Sapa, n.2 publicado em novembro de 1919⁸⁵. Para alguns alunos normalistas, opositores a revista *O Estimulo*, esta era um “orgam oficial do Governo Nacionalista”. (A SAPA, 1919, p. 3).

Essa situação mostra que havia alunos que não concordam com a organização e proposta do grêmio “2 de agosto”, servindo de porta-voz do governo, daí o chamarem de “orgam oficial do Governo Nacionalista”. Parece haver uma forte oposição dos alunos do 4º ano da Escola Normal Secundária. Esses deixam alguns registros na edição de n.2 de *A Sapa*, no texto *Pequenas Notas*, quando tratam da egrégia direção do *Estimulo*; das dificuldades de distribuição e do número limitado de folhas; de trabalhos enviados a redação quando alunos do 1º ano e já no 4º ano ainda não foram publicados: “deve estar nos arquivos da redacção si a innocente e impiedosa escova dos serventes não o subtrahiu. Que pena! Era um trabalhinho em francês” (p.3); da apreciação bastante severa como o próprio autor escreveu criticando os textos de determinada aluna publicado na revista *O Estimulo*: “como pode differenciar os diversos barcos pois que nem mesmo conhece nenhum porto de mar sinão o da Ponte Grande” (p.3); e terminam o artigo escrevendo que cabia ao senhor Scropi defender o nome da revista tão desprestigiada nos dois últimos anos. Com isso, é possível comprovar que ocorria um embate entre os normalistas.

Também nota-se o registro de outros embates. A redação do texto *O SAPO* apresenta pistas que me levaram a concluir que também existe o jornal *O Sapo*.

⁸⁵ Jornal publicado pelas normalistas do 4º ano do curso normal em 1919.

Vejamos: “realmente os srs. X. Y. Z. arranjam uma ligação tão absurda para o seu afilhado SAPO, tal como se quizesse a união de um cachorro louco com uma roda de carroça” (A SAPA, 1919, p. 2). O autor desse texto faz uma analogia entre os animais: o sapo/a sapa e o sapo/a sapa jornais. Já em outro texto, na mesma página, intitulado *Os srs. Redactores*, parece que se trata de companheiros: “no 4º ano da Escola Normal Secundária existe uma sociedade anonyma portadora de um título suggestivo – Os Carbonarios, - que é à legitima proprietária do jornal “O Sapo”. O autor tece elogios e depois crítica os redatores de O SAPO por macularem nomes ilustres, publicarem notícia prematura a respeito da extinção do jornal A SAPA. Percebi fortes embates entre os normalistas e administradores, assim como entre os próprios normalistas: “os signatários dos artigos, (um conselho) precisam de ar antes de começar a escrever, porque sinão o final será sempre triste”. E continuam “ainda digam lá, caros leitores, os responsaveis do SAPO não tiveram um baila azar? São em número de vinte, ahi estão denunciados” (A SAPA, 1919, p. 3).

Retomando Carvalho (1998), uma hipótese provável – quando se pensa nos objetivos e organização de periódicos educacionais –, leva à compreensão de que o periódico tem um duplo sentido: “como dispositivo de normatização pedagógica, mas também como suporte material das práticas escolares.” (CARVALHO, 1998, p. 34). Portanto, os questionamentos sobre a ação de professores, diretores e normalistas da escola foram ponto de partida para compreender de que maneira os periódicos *O Estimulo* e *Excelsior!* foram organizados e quais os seus objetivos, que provavelmente transcendiam os ideais anunciados.

Percebe-se em todas as edições que *O Estimulo* e *Excelsior!* funcionaram efetivamente como dispositivos de normatização pedagógica, neles são expostos os exercícios realizados em aulas, e discutidos os assuntos abordados pelos professores nas conferências da escola, assim como noticiadas as questões educacionais mais importantes. Ainda com a publicação de textos, em que o foco está centrado na ação, comportamento e responsabilidades do professor, divulgando assim, virtudes, patriotismo e civismo, ocorre uma tentativa em modelar o comportamento do normalista.

Enfim, o conteúdo desses dois periódicos chegava aos normalistas com o caráter ordenador do trabalho pedagógico. Percebe-se, no decorrer dos próprios periódicos, o intento civilizatório nitidamente indicado. À formação de professores caberá conferir hábitos para os normalistas. Pode-se considerar a publicação de *O*

Estimulo e *Excelsior!* como sendo estratégias do campo pedagógico renovador, a modernidade de um projeto pedagógico inovador, assim como também um discurso em louvor às preocupações morais e sociais. É possível afirmar, ainda, que se trata dos ideais republicanos, pautados no positivismo e cientificismo, que vem à tona nas matérias desses periódicos, trazendo uma preocupação com a nacionalidade. O intuito de enraizar a república, um contexto de afirmação da brasilidade, do caráter nacional e do redescobrimento do Brasil, particularmente após os impactos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), fenômeno responsável por revigorar o ânimo nacionalista por todas as partes, principalmente por meio da educação. Essa afirmação da brasilidade vai aparecer nos livros didáticos, nos símbolos, nas poesias, como, por exemplo, a *Poesia Infantil* de Olavo Bilac.

PARTE 3

OLHARES ENTRECruzADOS: POR UMA HISTÓRIA COMPARADA

“Cada um de nós carece criar os seus próprios instrumentos, pois cada historiador *inventa os seus próprios métodos em função do território empírico que escolheu investigar*. A cada historiador, a sua própria oficina, nas palavras de Furet (1982)”. (FELGUEIRAS, 2002).

CAPÍTULO 6

TECENDO COMPARAÇÕES: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE AS ASSOCIAÇÕES DE ALUNOS

A escolha de uma metodologia comparada para esta pesquisa justifica-se na medida em que se entendia a comparação como algo além de um simples procedimento de identificação de semelhanças e/ou diferenças. O exercício de comparar duas identidades culturais distintas, que desenvolveram práticas semelhantes, num mesmo período, é desafiador para o pesquisador em formação e, por isso mesmo, instigante. Mais do que compreender cada uma dessas experiências, é necessário um olhar arguto para conhecer o outro pelos olhos de seus pares, bem como para nossos pares, e captar as peculiaridades que envolvem o desenvolvimento de práticas semelhantes em culturas e espaços distintos. Partindo dessas premissas, a comparação é desenvolvida.

De acordo com Nóvoa (2000), tradicionalmente a educação comparada teve como matriz o estado-nação, mas atualmente o comparatismo deve voltar-se

[...] para as novas realidades, que não cabem as geografias nacionais. Uma dessas realidades – que tenho vindo a procurar construir como objecto de estudo – é essa comunidade imaginada que dá pelo nome imperfeito de *lusofonia*. Aqui, a possibilidade de um pensamento histórico e comparado torna-se evidente que nos espantamos com a ausência de estudos e pesquisas. (NÓVOA, 2000, p. 127).

Ainda para Nóvoa,

[...] é útil insistir no sentido comparado de toda investigação, mas também na necessidade de fundar um comparatismo elaborado do ponto de vista teórico e conceptual. A intenção de passar das análises dos ‘factos’ à análise do ‘sentido dos fatos’ dá origem a uma nova epistemologia do conhecimento, que define perspectivas de investigação centradas não apenas na materialidade dos factos educativos, mas também nas comunidades discursivas que os descrevem, interpretam e localizam num dado espaço-tempo. (NÓVOA, 2000, p. 130).

Assim, pautada nas categorias de análise proposta por Nóvoa (2000), *história da apropriação e história dos sentidos*, realizei a comparação da temática desenvolvida nesta tese, buscando não somente a materialidade, mas também questionando: quem são essas comunidades discursivas, quem são esses normalistas e administradores? Quais são os discursos constituídos por estas comunidades?

Para Nóvoa, “[...] é preciso que a Educação Comparada seja um meio de compreender o outro [...] a comparação em educação é uma história de *sentidos* e não um arranjo sistematizado de fatos: os sentidos que as diferentes comunidades dão às suas ações e que lhes permitem construir e reconstruir o mundo” (p. 83). Para esse autor, “a Educação Comparada deve olhar o mundo como um texto buscando compreender como os discursos fazem parte dos poderes que partilham e dividem os homens e as sociedades, que alimentam situações de dependência e lógicas de discriminação, que constróem maneiras de pensar e de agir que definem nossas relações como o saber e a pesquisa”. (p. 82).

Ainda para Nóvoa (2000), dentre os novos modos historiográficos, o texto e a imagem estão no centro e transportam diferentes maneiras de ler e olhar. Daí a importância do trabalho com os impressos brasileiros e portugueses.

Para Veyne (1983), “a história pode ser definida como o inventário explicativo não dos homens ou das sociedades, mas daquilo que há de social no homem, ou, mais precisamente, das diferenças manifestadas pelo aspecto social” (p. 46). Dessa forma, conhecendo a materialidade dos periódicos brasileiros e portugueses, analisei os conceitos propostos, tratando do discurso e das práticas que constituem a estrutura desses impressos em questão, um instrumento de afirmação e a propagação de seus ideários culturais, literários, políticos e educacionais.

Para Schaff (1987, p. 119), “[...] tudo depende precisamente do princípio em virtude do qual controlamos fatos e selecionamos acontecimentos”, assim, esse princípio vai determinar a importância que atribuímos “aos acontecimentos passados, o que se deve aceitar e o que se deve rejeitar” para com isso decidirmos a interligação dos fatos selecionados. Fazendo uso dessa ideia de Schaff, decidi

pelos temas: associações de alunos, formação de professores, nacionalidade (pátria, civismo, Deus) e *self-government*⁸⁶.

Assim, segue o gráfico comparativo quanto aos temas selecionados. Como é possível observar no gráfico 1 abaixo, um tema bastante presente nos cinco periódicos é a formação de professores, numericamente significativo quando se leva em conta a quantidade de números publicados, para cada título.

Gráfico 1 – Categorias elencadas para o estudo

Busquei nessas publicações emergir dos textos de forma específica ou indiretamente, particularmente as referências quanto à formação de professores (aulas, conteúdo trabalhado, educadores etc), à organização associativa dos alunos normalistas (órgãos, grêmios, centros cívicos), a nacionalidade (pátria, civismo, Deus) e auto-governo (*self-government*).

Analiso também a atuação das/os alunas/os normalistas frente aos periódicos, alunos que têm uma atuação frente à direção das associações normalistas. Tal atuação é principalmente de normalistas do sexo masculino, em que algumas mulheres desenvolvem papéis fundamentais como foi o caso da aluna Irene Lisboa, que será visto mais detalhadamente ao final deste capítulo. É possível ver o gráfico 2 comparativo quanto à quantidade de textos (artigos e matérias) escritos pelos alunos/as, ou seja, por homens e mulheres.

⁸⁶ Mesmo que o *self-government* não esteja presente em todos os periódicos, optei por manter esta categoria por ser uma proposta de educação assumida para as escolas portuguesas.

Gráfico 2 – Textos escritos por homens e mulheres

Verifica-se, no gráfico 2, que, levando em conta o período e número de edições publicadas, os homens se destacam na quantidade de textos (artigos e matérias) publicados nos periódicos. Embora muitos autores já apontassem que a feminização do magistério começa a acontecer desde o fim do século XIX, verifiquei que, principalmente na década de 1910, ainda temos uma grande presença de homens no Curso Normal. Somente a partir dos anos de 1920, constatei no material analisado (periódicos, livros de matrículas etc) que o magistério começa a feminizar-se. Assim, a presença feminina passou a demarcar-se em ocasiões que iam além de mera cumplicidade em atos protagonizados por homens. Cabe aqui destacar a figura da aluna Irene Lisboa.

Recordando Menocchio, “Até que ponto podemos considerar representativa uma figura tão pouco comum, um moleiro do século XVI que sabia ler e escrever? E, além disso, representativa do que?” (GINZBURG, 2006, p. 72). Até que ponto se pode considerar esses alunos/autores e seus colegas representativos do quê? E de quê? Da classe estudantil? Da escola? Da educação?

Pelas comparações efetuadas, parece que os alunos envolvidos nas associações e produções de periódicos, no caso do Brasil, podem ser considerados representantes da classe normalista, pois recebem poder de um grupo para agir em nome do grêmio, mas também representantes da escola normal, pois, muitas vezes,

organizam atividades em nome da escola. São reconhecidos como uma entidade parceira do diretor das escolas normais e do diretor da instrução pública, divulgam o lema da escola nacionalista. Já no caso de Portugal, também os considerei representantes da classe normalista, porém com algumas diferenças. Na escola de Lisboa, tem-se um grupo totalmente independente, que representa somente o órgão das normalistas de Lisboa. Na escola do Porto, há um grupo muito crítico quanto às políticas públicas, representado as diversas escolas normais de Portugal e, na escola de Coimbra, um grupo de normalista mais preocupado com as questões pedagógicas, grande parceria junto aos professores da escola e outros, talvez uma representação da educação.

Gráfico 3 – Tipos de textos escritos pelos autores dos periódicos

Ao analisar a escrita dos artigos, e também dos avisos, notícias, anúncios, pela forma como estão colocados, esses deixam transparecer uma gama de informações sobre o transcorrer da vida escolar da escola normal. As informações contidas sobre as conferências, acontecimentos, relatos, críticas, excursões denotam acontecimentos relacionados às questões administrativas e ao ensino, à formação dos professores, à educação em geral. Assim, elaborei o gráfico

comparativo 3 quanto aos tipos de textos usados para se expressarem, os mais utilizados. Em primeiro lugar, os artigos e, na sequência, contos, poemas, crônicas e notícias. Os demais tipos de textos que aparecem são utilizados numa variável menor de 40%.

Procurando desenhar o contorno de cada tipo de texto que mais se apresenta nos cinco periódicos, isto é, tecer algumas considerações especialmente sobre os textos mais presentes, como, por exemplo, os artigos, contos, poemas, crônicas e notícias, verifiquei que, no caso de artigos, podem ser estes artigos-relatório ou relatos de experiência relacionados muitas vezes ao tema do periódico (jornal ou revista). Notei que a presença desses artigos nos cinco periódicos é bastante comum e apresentam em seu conteúdo fórmulas matemáticas, teorias pedagógicas, e outros são de ciência etc. Assim, a partir disso, é possível compreender alguns pontos acerca do que pensam os alunos que escrevem esses artigos, o porquê esses textos são selecionados para serem colocados ali, bem como qual a intenção dos que dirigem tais jornais e revistas. Esses autores procuram, mais amplamente, publicar resultados de estudos, novidades, apresentar soluções para algum tipo de problemática, enfim os assuntos discutidos em sala de aula. Percebi que se trata, ou melhor, parece se tratar do registro da memória, conteúdos que provavelmente foram trabalhados em sala de aula e os alunos o retomam.

Outro tipo de artigo que se apresenta muito comum nos periódicos, cuja preocupação é expor um assunto que é objeto de discussão, trabalha assuntos veiculados na imprensa pedagógica, particularmente na *Revista de Ensino*. Parece que os administradores públicos divulgavam tais assuntos, com a intenção de formar os normalistas imbuídos na questão nacionalista, pois o tema central desses artigos é sempre o civismo, o amor à pátria e a Deus. E não se trata somente dos artigos dos alunos, mas das conferências proferidas pelos professores nas escolas normais do Estado de São Paulo, que são publicadas, muitas vezes, nos periódicos normalistas brasileiros aqui analisados e na *Revista de Ensino*.

Já os contos, no caso dos periódicos aqui analisados, encontram-se, em grande parte, contos realistas, gêneros literários da prosa de ficção, nos quais, frequentemente, conta-se a amigos histórias sobre acontecimentos da vida diária apresentando o narrador, personagens, ambientes, algum tipo de conflito em que se encontram os personagens.

Quanto aos poemas localizados nos periódicos analisados, há muitos voltados ao louvor à Pátria, como é o caso dos: “As Caravellas”, “Sugestões de um symbolo” – *O Estimulo*. Também aparecem outros, como: “Sonho de Abril”, “Na escola” – *Excelsior!*; “De menino a homem” – *O Estimulo*; “Alvorecer”, “A um nome”, “Sonhando” – *O Alvorecer*; “Discurso duma criança”, “Quadras para crianças” – *Os Novos*; “Inania verba”, “Charadas em versos” – *Educação Feminina*, estes possuem rimas e expressam os sentimentos, não só de seus autores, mas talvez o sentimento que se queira transmitir no periódico aos leitores.

Já a crônica, por sua vez, tem a função de expor o cotidiano. No caso dos periódicos, poder-se-ia utilizá-las para se saber um pouco mais sobre a vida dos alunos, no entanto, é preciso ter em mente que “[...] o cronista é o mais livre dos redatores de um jornal. Ele pode ser subjetivo.” (SANT’ANNA, 1995, p. 4) e, dessa forma, o cotidiano relatado em uma crônica passa primeiramente pelo olhar de quem o escreve.

As notícias, por sua vez, na grande maioria, têm por objetivo registrar fatos de maneira neutra, porém em muitas vezes entra a subjetividade do autor. Segundo Takazaki (2005), “[...] procura responder às perguntas-chaves: o que, quem, onde, quando, como, porquê.” Ou elas são, de certa forma, tendenciosas. Nos periódicos, encontrei os dois tipos. “Curso de Explicação”, “Matriculas nas Escolas Normais e Districtais” – *O Alvorecer*; “Aquisição de material escolar”, “Leituras recomendadas”, “Constituição dos corpos gerentes as caixa escolar da Escola normal de Coimbra” – *Os Novos*; Noticiario – *Excelsior!* e em *O Estimulo*. Porém, no periódico *Educação Feminina*, é a notícia tendenciosa. Como exemplo, podem ser citadas as colunas intituladas “Diversas” e “Noticia”, particularmente escrita pela aluna Irene Lisboa.

Nora (1991, p. 49) escreve que “aprofundando este pequeno acontecimento, o de um *best-seller*, ser-se-ia levado a descobrir todo o quadro da psicologia nacional. É aqui que parece estar o papel do historiador”. Com esses pequenos acontecimentos, as publicações desses periódicos se apresentam e ajudam a recuperar um período rico da história brasileira e portuguesa, as escolas normais, as associações de alunos e seus impressos, enfim, a formação dos normalistas explícitas e implícitas nesses impressos. Tendo por pressuposto a ideia de Nora, considere que essas fontes levaram-me a descobrir recortes do quadro educacional, como, em partes, essas escolas normais estavam organizadas, fragmentos de como funcionavam as associações de alunos, quais os objetivos para os impressos e, a

partir disso, como se dava a formação dos normalistas, uma formação eclética, ora pautada na Pedagogia Moderna, ora na Pedagogia da Escola Nova.

Retomando a ideia de Schaff (1987), segue a apresentação dos temas selecionados:

6.1 As Associações de alunos e escolas normais: questões políticas

No início do século XX, havia enorme tensão e rivalidade entre os governos das grandes potências europeias, como Alemanha, Inglaterra e França. Assim, na primeira metade deste século, a população viveu uma era de catástrofes com as duas guerras mundiais. Também aconteceram muitas mudanças sócio-político-econômicas, como a Revolução Russa, a crise mundial do capitalismo e a explosão da barbárie nazi-facista, mas, mesmo com tudo isso, ocorre uma notável transformação social e crescimento econômico, através do qual a tecnologia dá um salto vertiginoso.

A primeira Guerra Mundial foi tratada somente no periódico *O Estimulo*, porém num estilo de redação bastante implícito, como, por exemplo nos textos: “A propósito da partida dos Voluntarios Paulistas”, assinado somente pela letra H.; na coluna Noticiario da edição de n. 37, o pequeno texto “Manifestação Cívica”; também na coluna Noticiario da edição de n. 38, os pequenos textos: “A nossa companhia de guerra” e “A entrega da bandeira”. E, nos exemplares seguinte, 39 e 40, também nessa coluna Noticiario, tem-se o texto “A Paz”, que trata do fim da guerra. Percebi que os textos têm uma conotação de enaltecer o civismo e o patriotismo e não de denunciar as atrocidades da guerra, provavelmente este deva ser o motivo pelo qual o tema guerra aparece implicitamente.

Também constatei algo interessante que possa ter alguma relação com a situação provocada pela Primeira Guerra Mundial ou algum sentido. O periódico *O Alvorecer* deixa de ser publicado em abril de 1914. *Excelsior!* só possui exemplar publicado nesse ano no mês de setembro e, em 1916, também um, cessando, assim, a publicação. Já a revista *O Estimulo* são três números publicados em 1914, dois em 1916, mas, em 1917, somente um número publicado e, em 1918, somente dois.

Analisando a questão da publicação, quando foquei a Tipografia Augusto & Siqueira Comp., que imprimia a revista *O Estimulo* do Gremio Normalista “2 de

agosto”, concluí que as editoras nesse período passavam por muitas dificuldades em virtude da guerra, chegando a fazer impressões na Europa. Talvez seja esse o motivo da escassez da publicação da revista *O Estimulo*, o custo do material e impressão. Quanto a essa situação, os redatores do jornal A SAPA, alunos do 4º ano do Curso Normal da Escola Normal Secundária da Capital fazem uma crítica à escassez da publicação e à redução do número das páginas da revista. É possível crer que não tinham noção de toda a situação política e econômica, daí a crítica.

Já em Portugal, é provável que a guerra também possa ser um dos motivos, pois o país participou dos combates. Em um dos últimos números a serem publicados de *O Alvorecer*, em fevereiro de 1914, existe um texto de A. Serrano, intitulado *Coisas que eu penso*, que trata do assunto guerra. Esse autor escreve: “A guerra é a mais hedionda de quantas calamidades assolam a humanidade.” (p. 2). Durante o texto, apresenta vários argumentos sobre o tema guerra e finaliza-o assim: “Herói e fratricida, herói pode ser suicida, herói é ladrão... e um monstro é um herói! Guerra é o cortejo infernal dos heróis... guerra é morte, a morte a destruição... [...]”. (p. 2). Parece aqui que se trata de um desabafo implícito relacionado à 1ª Guerra Mundial, que, pela data da publicação do periódico, estava para explodir⁸⁷, uma vez que Portugal já havia enviado tropas para a defesa das colônias africanas Angola e Moçambique, ameaçadas pela Alemanha sem declaração de guerra. Vale ressaltar que todas as publicações, periódicas ou não, somente foram obrigadas à censura prévia enquanto durasse a guerra, a partir de 28 de março de 1916.

Também na edição de n. 13, em um texto intitulado *Guerra*, há um prenúncio da situação que estava prestes a eclodir; o autor desse texto apresenta a versão do conto de Ballanche⁸⁸, publicada em 1912.

No caso brasileiro, considere-se que a dificuldade de impressão das publicações, ou mesmo a suspensão delas, está relacionada ao alto custo das impressões em virtude da situação econômica provocada pela guerra. Já em Portugal, atribuí essa situação às desavenças ocorridas entre os diretores do periódico *O Alvorecer* e também ao anúncio da guerra, uma vez que constatei alguns indícios dessa situação.

⁸⁷ A Primeira Guerra Mundial ocorreu entre [28 de julho de 1914](#) e [11 de novembro de 1918](#).

⁸⁸ A Guerra - versão - “La douleur seule complète la vie, et il n’y a pas de réel que les lames.” Ballanche. (“A dor sozinha completa a vida, e não há nada mais real que as lâminas.”).

Procurei, aqui, uma vez se tratando das mudanças sócio-político-econômicas, fazer uso de Arrotéia (1993), porque, quando comparamos, precisamos levar em conta o caráter nacional de uma nação, considerando “[...] a importância das comunidades locais e as especificidades regionais que determinam certas particularidades à organização e funcionamento dos sistemas educativos”. (ARROTÉIA, 1993, p. 12-13).

Tendo por base esse conceito, constatei que tanto as escolas normais do Brasil bem como as de Portugal, por serem públicas, tinham por trás de suas atividades o Estado, com suas determinações e normatizações quanto ao ensino. No Brasil, isso está presente mais fortemente, já em Portugal “parecia” haver mais liberdade para o desenvolvimento da imprensa acadêmica no interior das escolas normais, isto quando me refiro à Escola Normal Primária do Porto e à Escola Normal Primária de Coimbra. Quanto à Escola Normal Primária de Lisboa, essa liberdade é fortemente cerceada, talvez pela publicação acontecer no início da República.

Na edição de n.35 da revista *O Estimulo*, de 14/11/1916, no texto *A proposito da partida dos Voluntarios Paulistas*, o autor, que assina somente H., escreve que “o militarismo, portanto, já não póde ser taxado, como foi por muita gente, de verbalismo de poeta. Tomou vulto. Cresceu. E, já sendo compreendido e praticado por muitos jovens, ha de proximamente, se incrementar no nosso caro Brasil, como instituição benefica á soberania do paiz.” (H, 1916, p. 657).

Na mesma edição da revista *O Estimulo*, no texto *O patriota e o cidadão*, Andrade escreve que “formar homens fortes – instruidos e patriotas, dedicados e robustos – é o escopo que a Educação Civica tenta realizar, é o fim para o qual ella caminha a pouco e pouco.” (ANDRADE, 1916, p. 648).

Como já apontei, são as características de cada República que vão diferenciar as escolas normais. Tanto no Brasil como em Portugal, as Constituições proclamam uma República laica. Segundo Catroga (2006),

[...] se desejava *laicizar o capital simbólico*, visando a produção (e reprodução) do consenso social e nacional, quer mediante a substituição de Deus pelo culto da Pátria e a abolição dos juramentos religiosos nos actos políticos e judiciais, quer através da instauração de feriados civis (extinguindo ou restringindo os religiosos) e da promoção de festas e de uma nova hagiografia cívica. (CATROGA, 2006, p. 40).

Para Wheeler (1978), a mobilização política da 1ª República tentou fazer aquilo que nenhum regime anterior tentara;

“[...] «formar um povo moderno», conduzir Portugal para o círculo das nações da Europa ocidental através da criação de uma sociedade mais aberta e auto-suficiente e de um sistema de governo mais representativo, os dirigentes republicanos esforçaram-se por pôr em prática os seus ideais de justiça social e democratização”. (WHEELER, 1978, p. 869).

Ainda para esse autor, “a 1ª República constitui um fenómeno novo na política e no governo em Portugal” (p.867).

Já no Brasil a “Primeira República”, entre os anos de 1910 e 1930, também é conhecida como “República Velha”, “República Oligárquica”, “República dos Coronéis” e “República do Café”. Trata-se de poder oligárquico, o governo era realizado por um pequeno grupo que estabelecia as regras eleitorais, as quais não eram propriamente democráticas. Em algumas regiões, prevalecia a influência e o poder dos coronéis, dos fazendeiros ou criadores de gado.

Também caracterizaram os anos 1920, os grandes debates e discussões na maioria dos Estados, sobre o ensino e a educação chegando a elaborar um diagnóstico nacional sobre os mesmos.

No que se refere ao ensino e à educação, a Primeira República herda

Um ensino primário deficiente, com um corpo docente em geral leigo e mal preparado. Uma escola secundária - ministrando um ensino preponderante literário, livresco - com finalidade propedêutica, mantida principal mente por entidades privadas e destinado aos filhos das classes abastadas; um ensino superior fragmentado... (WEREBE, 1994, p.37).

Segundo Pagni (2000), durante os anos de 1920, a intelectualidade brasileira via a educação como

[...] um modo de formar ‘novas elites’ para servir o Estado e, ao mesmo tempo, promover a formação da nacionalidade por intermédio de uma cultura nacional e de uma educação moral sólidas que assegurassem o progresso de nossa civilização, dentro da ordem estabelecida e sem ruptura política. (PAGNI, 2000, p. 49).

Considero que as “Repúblicas” de Brasil e Portugal apresentam características diferentes devido ao período em que cada uma acontece e consequentemente as escolas normais também apresentam individualidades.

As normatizações administrativas e políticas são bastante explícitas em alguns periódicos, como por exemplo a do “civismo”, na década de 1910, e a do “nacionalismo”, na década de 1920. Constatei isso nos inúmeros textos (artigos e matérias) registrados nos periódicos brasileiros com o desenvolvimento desses dois temas. Esse tipo de formação vai ser embutido nos alunos por meio dos cultos cívicos e as festas escolares. Nos periódicos brasileiros, são muitas as referências ao termo civismo presente em muito conteúdos e também nas festas escolares cívicas. No caso da revista do grêmio da Escola Normal da Capital, há exemplares inteiros dedicados à “festa da árvore”, à “festa das aves”. São relatadas pelos alunos as inúmeras atividades cívicas, organizadas pelo grêmio. Outro exemplo encontra-se na edição de 06/10/1913 da revista *O Estímulo*, na qual todos os artigos até a página 420 estão carregados de patriotismo devido ao lançamento do navio de guerra, o encouraçado São Paulo. Além da descrição de todos os atributos do navio, a revista traz também homenagens ao almirante responsável pelo encouraçado: Alexandrino de Alencar. Dentre os textos encontrados nessa edição, também existem alguns exaltando o simbolismo da bandeira nacional.

Para Nunes (2003, p. 372), “Inúmeras cerimônias para comemorar o Dia da Bandeira eram realizadas nas diversas cidades brasileiras. As festividades em São Paulo, nos anos 20, ficaram famosas.” Segundo Nunes (2003, p. 372), “A bandeira em que o corpo do menino se transforma é o símbolo máximo do Brasil republicano”. Ainda para Nunes (2003, p. 372), ensinava-se o “comportamento daquele que serve o próximo, à cidade e o país”.

Na revista *Excelsior!*, do grêmio da Escola Normal de São Carlos, também aparecem os temas civismo e nacionalismo quanto às festas escolares e os textos das conferências, mas com uma ênfase menor, pois não há nenhum exemplar totalmente dedicado a uma data específica. Em Portugal, como já foi mencionado em capítulos anteriores, tem-se, em *Educação Feminina* e em *O Alvorecer*, o registro da “festa da árvore”, uma data fortemente comemorada pelas escolas portuguesas. Para Pintassilgo (1998), tratava-se a festa da árvore como uma religiosidade cívica republicana que caracteriza a 1ª República.

Para Pintassilgo (1998), talvez esses cultos cívicos tivessem a intenção de substituir “[...] os rituais, cultos e símbolos associados ao catolicismo e apresentar alternativa rituais, cultos e símbolos inspirados no laicismo”. (p. 151-152). Recorrendo a C. Riviére, Pintassilgo afirma que essa ritualização das sociedades modernas é designada “pela expressão «liturgia política», constituindo-se na seguinte: Séries d’actes solennels, répétitifs et codifiés, d’ordre verbal, gestuel et postural, à forte charge symbolique”. (p. 156).

Ainda para esse autor, essa “liturgia política”, caracterizada como um ato repetitivo, estereotipado e simbólico, tinha por objetivo favorecer a integração social dos grupos e reforçar os laços de identidade. Um recurso “característico dos momentos em que uma ideologia (e um poder) necessita de se firmar [...]” (p. 156). Conclui que, no Brasil, não era diferente, aqui também era preciso firmar uma nova ideologia, uma nova forma de governo, de poder, ou seja, a República, tal qual se apresentava naquele momento, ainda se encontrava em processo de legitimação. Daí essa investida nacionalista por meio da educação com seus cultos cívicos e festas escolares, tanto no Brasil como em Portugal. Em Portugal, Mattoso (1994) afirmou que: “depois de 1910, durante algum tempo, a retórica <nacionalista> dominara em absoluto” (p. 593). Para esse autor, somente a partir da década de 1920, é que começa haver mudanças. Já, no Brasil, os temas civismo, patriotismo, nacionalismo são divulgados por muitos desde o final do século XIX, como registrei no percurso desta tese. Entre eles aparecem Olavo Bilac, Rui Barbosa, Rio Branco.

Como exemplo, tem-se o pequeno texto de Rui Barbosa, intitulado *A Pátria*, no qual o autor trata do civismo publicado na revista *O Estímulo* de n.28, em 20/04/1914. Rui Barbosa, além de ser um divulgador do patriotismo, em 1886, traduziu o livro *Primeiras lições de coisas*, de Norman A. Calkins. Esse livro apresenta premissas metodologias baseadas no método intuitivo. Como visto no transcorrer desta tese, as “lições de coisas” estavam muito presentes no currículo.

Na revista *O Estímulo* de n.29, publicada em 02/08/1914, o texto de Olavo Bilac, intitulado *A EDUCAÇÃO*, traz uma visão interessante sobre esse tema. Bilac foi um escritor e jornalista dedicado à vida política do Brasil, principalmente, às campanhas cívicas, das quais a mais famosa foi em favor do serviço militar obrigatório.

A revista *Excelsior!* fez uma grande homenagem ao Barão do Rio Branco em um texto escrito pelo professor João Lourenço Rodrigues. Muitas de suas páginas

foram dedicadas a enaltecer a figura do brasileiro, que defendeu o país em situações de guerra e esteve a frente de negociações pelas divisas de nossas terras, consolidando, assim, as fronteiras brasileiras. No texto, Rodrigues (1912) apresenta os motivos patrióticos e cívicos que o levaram a proferir tal conferência⁸⁹, enaltecendo as virtudes do Barão do Rio Branco, que deveriam ser observadas pelos alunos, pois no momento era de suma importância conhecer os feitos dos grandes homens. Rodrigues repete inúmeras vezes em seu texto a frase considerada pelo Barão do Rio Branco um lema: “onde quer que esteja meu pensamento está na Pátria” (p. 7).

Vale ressaltar que, nas escolas paulistas, essas festas cívicas eram promovidas primeiramente pela direção dos grêmios e, depois, a partir de 1916, pelos professores membros da Liga Nacionalista. Assim, um sinal importante dos anos iniciais das escolas normais paulistas, ocasiões fortemente marcadas pela presença do Orfeão normalista, desenvolvendo atividades musicais diversas e outras, era sempre tudo organizado pela direção do grêmio normalista, como foi possível comprovar em vários textos (artigos e matérias) publicados nos periódicos em questão. Reportei-me aqui ao conceito “estratégia”, proposto por Certeau (1994, p. 99), quando esse autor a define como o cálculo ou manipulação das relações de forças que se torna possível a partir de um momento em que um sujeito de querer e poder, no caso aqui, uma instituição (a escola normal e o grêmio) tem como “estratégia” imprimir à formação dos normalistas um sentido fortemente patriota.

6.2 Os impressos: aspectos tipográficos

Realizando a comparação entre os impressos brasileiros e portugueses destaco que, dentre os jornais e revistas, cada categoria possui as suas especificidades. Analisando o conjunto dos periódicos brasileiros e portugueses, seu *design* gráfico é diagramado dentro de um padrão estabelecido pela época pautado na *Art Nouveau*⁹⁰. Embora o *Art Nouveau* seja uma manifestação típica do século

⁸⁹ O texto do professor João Lourenço Rodrigues é fruto de seu discurso proferido em conferência para todos os alunos da Escola Normal de São Carlos/SP.

⁹⁰ *Art Nouveau* do francês *Arte Nova*, chamado *Arte Nova* em Portugal, foi um estilo estético essencialmente de design e arquitetura que também influenciou o mundo das artes plásticas. Era relacionado com o movimento *arts & crafts* e que teve grande destaque durante a *Belle époque*, nas

XIX, pode-se encontrar traços desse movimento no *design* gráfico posterior no século XX, como é o caso dos impressos brasileiros, as revistas *Excelsior!* e *Estimulo*. Já os periódicos portugueses apresentam algumas características do padrão *Art Nouveau*, porém em menor escala. O padrão apresentado nos periódicos estudados podem ser reconhecidos “pelas suas linhas assimétricas, por suas linhas curvas e sensuais, pelas suas formas delicadas de plantas e insetos e pela maneira de apresentar a beleza feminina idealizada” (BATTERSBY, 1985, p. 15). Dentre a muitas temáticas abordadas pela *Art Nouveau*, a fortemente presente nos periódicos brasileiros é a “temática naturalista (flores e animais)” (ARGAN, 1992, p. 199) e, logo em seguida, vem “a utilização de motivos icônicos e estilísticos, e até tipológicos, derivados da arte japonesa” (idem), geralmente ondulados e sinuosos.

De acordo com Leite, a *Art Nouveau* foi assimilada por brasileiros por volta de 1900 (p. 566), uma predileção pela forma bem delimitada, o amor ao desenho. O movimento *Art Nouveau* apresenta uma corrente muito forte, o decorativismo (p. 562), sendo esse decorativismo que aparece nos periódicos brasileiros e portugueses, uma ornamentação presente em quase todos os textos, particularmente nos brasileiros. Nos periódicos portugueses, temos uma ilustração na parte superior da primeira página, pequenos detalhes para separação dos textos e caput na primeira letra dos mesmos.

Dando prosseguimento à análise dos impressos, pude retomar, de maneira esquemática, agrupando no quadro 3 comparativo, abaixo, alguns dados materiais dos periódicos brasileiros e portugueses, publicados entre os anos de 1911 e 1927, produzidos a partir dos 69 exemplares estudados. Alguns aspectos tipográficos já foram tratados nos capítulos anteriores, mas aqui o foco é a comparação, quais são as semelhanças e diferenças. No que se refere à linha editorial dos periódicos, verifiquei que seus objetivos não se modificaram durante as edições publicadas.

últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX. Avanços tecnológicos na área gráfica, como a técnica da litografia colorida que teve grande influência nos cartazes. Caracteriza-se pelas formas orgânicas, escapismo para a Natureza, valorização do trabalho artesanal, entre outros. *Art Nouveau* modernizou o design editorial, a tipografia e o design de marcas comerciais; além de se destacar pelo desenvolvimento dos cartazes modernos. Disponível em: [www. googlepages.com/05art-nouveau.pdf](http://www.googlepages.com/05art-nouveau.pdf)

PAÍS	ESCOLA	ASSOCIAÇÃO	TÍTULO PERIÓDICO	PERÍODO	Tipo de impresso	Formato	Número de página	Periodicidade	Tipografia	Total de números publicados
Brasil	Escola Normal Secundária de São Carlos	Grêmio Normalista "22 de março"	<i>Excelsior!</i>	1911-1916	Revista	27 x 20	15 a 26	Eventual	Aldina e Joaquim Augusto – São Carlos / Casa Graphica – São Paulo	7
Brasil	Escola Normal Secundária da Capital	Grêmio Normalista "2 de agosto"	<i>O Estimulo</i>	1911-1927	Revista	27 x 20	15 a 30	Eventual	Augusto Siqueira & Comp. – São Paulo	14
Portugal	Escola Normal Primária de Lisboa	Órgão das Normalistas de Lisboa	<i>Educação Feminina</i>	1913	Jornal	50 x 45	4 a 6	Quinzenal	Cezar e Piloto - Lisboa	7
Portugal	Escola Normal Primária do Porto	Associação dos Alunos da Escola Normal do Porto	<i>O Alvorecer</i>	1912-1914	Jornal	50 x 45	4 a 6	Quinzenal	Imprensa Civilização/ Cooperativa Gráfica - Porto	37
Portugal	Escola Normal Primária de Coimbra	Associação dos Alunos da Escola Normal Primária de Coimbra	<i>Os Novos</i>	1925-1927	Revista	28 x 26	8 a 10	Eventual	Reis Gomes - Coimbra	4

QUADRO 3 – ASPECTOS DA MATERIALIDADE 1

Fonte: EDUCAÇÃO FEMININA. Quinzenario literário, científico e artístico. Órgão das Normalistas de Lisboa, 1913. EXCELSIOR! Revista do Grêmio Normalista "Vinte e Dois de Março", 1911 – 1916. O ALVORECER. Quinzenario pedagógico, literário e científico. Órgão dos normalistas do Porto, 1912 - 1914. O ESTIMULO. Órgão do Grêmio Normalista "Dois de agosto" - Escola Normal de S. Paulo, 1911 – 1927. OS NOVOS. Revista dos alunos da Escola Normal Primária de Coimbra, 1925-1927.

Em seu conjunto, esses aspectos oferecem uma visão geral da composição e formato dos cinco periódicos em questão.

Quanto aos títulos dos periódicos, os brasileiros apresentam títulos que remetem a uma forma de idealismo, entusiasmo, otimismo. A revista *Excelsior!* recebe esse título inspirado na balda (é isso mesmo? O sentido do dicionário de balda é mana, costume!?) *The banner*, Henry Wadsworth Longfellow: “[...] um mancebo se encaminha para os cimos cobertos de neves eternas... Em suas mãos apenas uma bandeira e nessa bandeira uma singular divisa *Excelsior!* Mais alto!”. (A REDACÇÃO, 1911, p. 5). Quanto ao *O Estimulo*, não tive acesso ao exemplar de n.1, assim, as conclusões a que cheguei foram somente pelo título, um título que incita, desperta, encoraja a fazer algo pela educação do país.

Quanto aos títulos dos periódicos portugueses, é possível concluir que *Educação Feminina* leva esse nome porque é publicado por mulheres de uma escola feminina e também porque havia ideais feministas, situações vividas nesse período, uma denominação atribuída ao jornal justificada pela causa que defendia. Segundo Nóvoa (1993), era um

[...] jornal vocacionado para a abordagem dos problemas da educação feminina e do papel social e educativo da mulher enquanto normalista e professora, *Educação Feminina* enriquece o seu carácter pedagógico através da publicação de vários artigos e rubricas literárias. (NÓVOA 1993, p. 290).

Nesse sentido, torna-se importante relacionar a publicação do jornal *Educação Feminina* com os movimentos feministas e sufragistas que aconteceram antes de 1914 em alguns países da Europa. Para Pinheiro (1996, p. 70-71):

Tudo leva a crer que Irene, em 1913, conhecia os movimentos de emancipação de que a inglesa Emmeline Pankhurst (1858-1928) era uma das principais mentoras. Emmeline fundara, em 1903, a União Política e Social das mulheres tendo sido presa por duas vezes. Irene e o grupo de jovens reunidas em torno de “Educação Feminina” foram dignas representantes dos movimentos feministas e sufragistas em Portugal [...]

Já *O Alvorecer* tem esse título porque começa com a República um novo olhar, um despertar, surge o primeiro sinal de uma educação e um país melhores. Isso constatei nos assuntos desenvolvidos na maioria dos textos desse periódico, é o início da República. Já com *Os Novos*, Portugal tem uma outra situação política, denominada por Mattoso (1994) de “A República conservadora (1922-1926)” (p. 624), assim, provavelmente o título dessa revista resulte dessa situação, as coisas precisam mudar, apresentarem-se renovadas. Pude considerar que a manutenção dos títulos durante toda a existência dos referidos periódicos, desde o momento em que foram criados, até suas extinções, podem ter sido a busca pela afirmação de uma marca “pública” ou “normalista” aos leitores desses periódicos, particularmente, os normalistas.

O formato das revistas também pode ser considerado o mesmo, uma vez que a diferença entre as brasileiras (27 x 20 cm) e a portuguesa (28 x 26 cm) é muito pequena, a não ser pelo fato de a revista portuguesa ter um formato quase

quadrado. Quanto os jornais portugueses, estes, por sua vez, também apresentam o mesmo formato, 50 x 45 cm. Localizei, no Acervo “Caetano de Campos”, vários exemplares da revista *O Estimulo* encadernados juntos, de certa forma, essa revista passava a ter um formato próximo ao de um livro.

Além do formato, outro aspecto observado foi os textos que compõem a revista. Esses escritos parecem ser os observados para a definição de um livro. É possível notar que há uma semelhança porque na revista encontrei os textos memorial, aulas de professores, textos de palestras, isto é, conferências de professores já publicadas em outros periódicos, exercícios matemáticos, trabalhos de alunos etc, os quais apresentam-se organizados com título, fotografias e ilustrações. O que acontece é uma nova diagramação. Para confirmar isso, de acordo com Hallewell (1985, p. 255), a “Augusto Siqueira e Cia.” era uma “Editora primordialmente de livros didáticos”. No entanto, como apontou Razzini, ela também trabalhava com outras impressões, como os livros-brancos.

Quanto ao número de páginas, observa-se que os jornais têm a mesma quantidade e as revistas brasileiras também mantêm uma média, somente a revista portuguesa *Os novos* apresenta uma diferença, uma redução no número de páginas, ficando entre oito a dez páginas. A numeração das páginas é contínua em cada exemplar. Somente na revista brasileira é que ela é contínua em relação às edições, como já apontei anteriormente. Provavelmente esse procedimento de paginação contínua deve-se ao fato que nesse período era comum a encadernação das edições. Daí a necessidade de uma capa especial para esse conjunto de edições, como foi constatado na revista *O Estimulo*.

Ilustração 12 - Capa localizada junto a encadernação de várias edições da revista *O Estimulo*.

Um quarto aspecto é a periodicidade. Há uma proposta de regularidade quanto à publicação, mas não é o que acontece. Somente com o jornal *O Alvorecer* é que isso ocorre, ele é editado em intervalos regulares. Quanto às demais publicações, parecem acontecer diversos fatores impeditivos para que os diretores mantivessem intervalos regulares e, por isso, eles vão sendo editados de acordo com as circunstâncias.

Os fatores que talvez tenham dificultado a manutenção de uma regularidade das publicações podem ser os motivos tipográficos (recursos financeiros e materiais). Para Hallewell (1985), “[...] houve um acentuado declínio da capacidade técnica das firmas impressoras brasileiras ainda existentes [...]” (p. 130) e também, ainda para Hallewell (1985) no período de 1912-1929 “[...] eles tinham que pagar taxas mais elevadas pelo papel do que pelos livros importados [...]” (p. 131), assim “a maior parte das empresas ainda tinha seus livros impressos na Europa (Hallewell, 1985, p.261). Também há outro fator: os leitores (aqueles que garantem a circulação dos impressos). Aponte, ainda, um terceiro fator: o interesse dos administradores públicos, uma vez que, no caso brasileiro, no início da publicação dos primeiros números, eles financiavam e depois não, como já relatei anteriormente.

Já no caso dos impressos portugueses, um dos fatores pode ser a questão da compra e dos assinantes - aqueles que pagam e podem garantir a continuidade da publicação – porque, de certa forma, dependiam desse dinheiro para dar continuidade ao projeto.

Um quinto aspecto é a impressão. Como já citei em passagens anteriores, as revistas brasileiras *Excelsior!* e *O Estimulo* apresentam uma impressão pautada na *Art Nouveau*. A tipografia *Augusto & Siqueira Comp.* é a que mais apresenta a *Art Nouveau* no design editorial e na tipografia, assim, a revista *O Estimulo*, seus textos e poemas estão sempre acompanhados de um estilo marcado, algumas vezes, pela decoração elaborada e superficial e pelas formas curvilíneas ou sinuosas. Há uma preocupação com o estilo que fixa a página impressa, por sua influência na criação de formatos de letras e de marcas comerciais. Também verifiquei na revista *O Estimulo*, em várias edições, nas capas e páginas internas, o trabalho com litografia colorida. Esse tipo de trabalho tornou-se disponível no final do século XIX. A tipografia *Augusto & Siqueira Comp.* fazia uso de tal técnica. Já as tipografias que imprimiram a revista *Excelsior!*, *Aldina* e *Joaquim Augusto* – São Carlos e *Casa Graphica* – São Paulo, apresentavam na revista esse tipo de trabalho, litografia colorida, principalmente nas capas.

De acordo com Hallewell (1985), ocorre uma mistura de tendências. Para esse autor, houve uma “[...] desastrosa decadência dos padrões estéticos que se seguiu à introdução indiscriminada dos tipos da *Art Nouveau* importados da Alemanha e da Itália, na virada do século”. Ainda de acordo com Hallewell (1985),

O livro e o impresso brasileiro em geral, até mais da metade do século XIX, viveram sob o signo de Plancher e do grafismo estético da arte de impressão francesa. Outras tentativas, como as de italianização e germanização, ocorridas, sobretudo, nas três últimas décadas do século passado, embora tingissem, de preferência, a revista e o jornal, não conseguiram exilar de todo a influência francesa, se bem contribuíssem bastante para desfigurá-la quase completamente. (CRUZ, 1962 apud HALLEWELL, 1985, p. 73).

Um último aspecto a ser destacado é a quantidade de números publicados. Verifiquei que, embora localizando somente 14 edições da revista *O Estimulo*, constata-se que foram mais de 40 os números publicados e por um período superior a duas décadas. *O Alvorecer* publicou 37 edições, mas, como se trata de uma

publicação que obedece a uma regularidade quinzenal, considere-o também com um ciclo de vida bastante efêmero, assim como os demais periódicos em questão. Essa irregularidade, no entanto, está assinalada pelas dificuldades quanto à impressão já apontadas.

Para ampliar e complementar os aspectos materiais, elaborei o quadro comparativo 4.

PAÍS	ESCOLA	ASSOCIAÇÃO	TÍTULO PERIÓDICO	CAPA	SUMÁRIO	ASSINATURAS	PREÇO	NÚMERO DE FOTOGRAFIAS	NÚMERO DE ILUSTRAÇÕES	VEICULAÇÃO DE PROPAGANDA
Brasil	Escola Normal Secundária de São Carlos	Grêmio Normalista "22 de março"	<i>Excelsior!</i>	Sim	Sim	Não	-----	28	7	Não
Brasil	Escola Normal Secundária da Capital	Grêmio Normalista "2 de agosto"	<i>O Estimulo</i>	Sim	Sim	Não	-----	167	150	Não
Portugal	Escola Normal Primária de Lisboa	Órgão das Normalistas de Lisboa	<i>Educação Feminina</i>	Não	Não	Sim	3 meses – 200rs 6 meses – 400 rs	-----	11	Sim
Portugal	Escola Normal do Porto	Associação dos Alunos da Escola Normal do Porto	<i>O Alvorecer</i>	Não	Não	Sim	3 meses – 200rs 6 meses – 400 rs 12 meses – 750 rs	22	42	Sim
Portugal	Escola Normal Primária de Coimbra	Associação dos Alunos da Escola Normal Primária de Coimbra	<i>Os Novos</i>	Sim	Sim	Sim	1\$00 – avulso 2\$50 – 3 números	-----	6	Não

QUADRO 4 – ASPECTOS DA MATERIALIDADE 2

Fonte: EDUCAÇÃO FEMININA. Quinzenario literario, científico e artístico. Órgão das Normalistas de Lisboa, 1913. EXCELSIOR! Revista do Grêmio Normalista "Vinte e Dois de Março", 1911 – 1916. O ALVORECER. Quinzenario pedagogico, literario e científico. Órgão dos normalistas do Porto, 1912 - 1914. O ESTIMULO. Orgam do Gremio Normalista "Dois de agosto" - Escola Normal de S. Paulo, 1911 – 1927. OS NOVOS. Revista sos alunos da Escola Normal Primária de Coimbra, 1925-1927.

Um primeiro aspecto do quadro diz respeito às capas. Somente as revistas possuem capas, uma característica do próprio tipo de impresso. As capas da revista *O Estimulo* são de papel couché, coloridas e algumas com desenhos em alto relevo. As capas da revista *Excelsior!* também são coloridas, porém impressas no mesmo

tipo de papel das demais páginas da revista. Já a revista *Os Novos* tem as capas impressas no mesmo papel da revista e não se utiliza cor. Um fato a ser destacado é que, em algumas edições, observa-se que o sumário foi juntado à capa, isto é, publicado na capa em determinados números, como é o caso da revista *Excelsior!*, n. 4 de 18/10/1913, n. 5 de 15/11/1913 e o n. 7 de 07/09/1916. Na revista *O Estimulo*, isso acontece somente com a edição publicada em 1927 e, na revista *Os Novos*, que não possui sumário, o texto inicia-se na capa no exemplar de 17/02/1927.

Um segundo aspecto diz respeito ao sumário, observa-se que as revistas brasileiras trazem sumário em todos os exemplares publicados, apresentando de forma resumida, sem formalidades, os títulos dos textos que seriam tratados e seus respectivos autores. Já a revista portuguesa *Os Novos* não apresenta sumário, mas acontece algo interessante, há pequenas notas anunciando os textos do próximo número e seus respectivos autores.

Um terceiro aspecto é a circulação por meio de assinaturas, quase todos os periódicos em questão fazem uso desse recurso, exceto as revistas brasileiras. As assinaturas e vendas avulsas arrecadariam recursos para a produção dos respectivos periódicos. Vale ressaltar que os periódicos portugueses dependiam de recursos privados para sua produção, criação e circulação, diferente dos periódicos brasileiros, que contavam com subsídio do Estado, motivo pelo qual, talvez, não trabalhassem com a circulação de assinaturas, e sim a distribuição gratuita, como já mencionado nos capítulos anteriores. Ocorria uma permuta entre as escolas.

Um quarto aspecto diz respeito ao preço das assinaturas. Os periódicos brasileiros, como não circulassem por meio de assinaturas, também não tinham preço. Já os periódicos portugueses eram vendidos mediante assinaturas mensais ou, no caso, a revista *Os Novos* poderia ser comprada de maneira avulsa e por série, sendo que o pagamento deveria ser feito por meio de carta dirigida à Redação de *Os Novos* na Escola Normal de Coimbra. Não há indicação dos locais de revenda dos demais periódicos, por exemplo, uma livraria. Os valores estipulados são semelhantes.

Um quinto aspecto diz respeito às fotografias e ilustrações, uma criação e um desenvolvimento de pôsteres, pautados na *Art Nouveau*, como é o caso das inúmeras fotografias e ilustrações que aparecem, particularmente nas duas revistas brasileiras. Em relação às ilustrações contidas na parte superior das páginas da

revista *O Estimulo*, não foram somadas à contagem, uma vez que se apresentam quase em todas as páginas da revista. No exemplar de n. 27, publicado em 06/10/1913, na coluna Noticiário, há um pequeno texto que se refere às ilustrações da revista:

Grande parte dos clichês que enfeitam as páginas da nossa revista foram ideados e executados pelos nossos distintos companheiros Nicanor Marcondes Domingues, Antonio Paim Vieira e José Maria das Neves. Traçados com senso exacto do desenho, sendo a inspiração toda própria, merecem bem a apreciação dos nossos distintos leitores. (p. 472).

A partir desse trecho é possível concluir que as ilustrações da revista *O Estimulo* não ficavam somente a cargo da tipografia Augusto e Siqueira Comp. O mesmo acontece com a revista *Excelsior!*, algumas ilustrações eram feitas pelo professor de Caligrafia e Desenho, Raphael Falco, em outras essa tarefa ficava a cargo dos alunos e professores.

Os impressos portugueses apresentam um número bastante reduzido de imagens, sendo que *Educação Feminina* e *Os Novos* não apresentam nenhuma foto, somente ilustrações. Quanto ao jornal *Educação Feminina*, sabe-se que era a aluna Ilda Moreira quem fazia os desenhos.

Um último aspecto a ser destacado refere-se aos anúncios ou propagandas comerciais. Somente os jornais portugueses veiculam propagandas, sendo que o mesmo assunto já foi abordado anteriormente quando tratei respectivamente de cada periódico.

6.3 Os impressos: questões educacionais

Os alunos/autores dos cinco periódicos realizavam nas matérias publicadas um chamamento para que eles, alunos, refletissem sobre a responsabilidade quanto à educação. Dessa forma, mantendo o objetivo de estabelecer a comunicação em favor da democracia, os alunos/autores e seus parceiros enfrentaram o desafio de produzir um veículo de comunicação que representou, para muitos deles, um afrontamento à direção e professores da escola normal, como é o caso da Escola Normal Primária de Lisboa. Com isso, a tentativa de uma atividade estudantil, muitas vezes, se extinguiu, como é o caso do *Órgão das Normalistas de Lisboa*. A

aproximação de toda essa situação permite a reflexão sobre as questões educacionais explícitas nesses periódicos.

De certa forma, nos cinco periódicos, os textos (artigos e matérias) funcionaram como meio para a divulgação das ideias advindas da Pedagogia Moderna e da Pedagogia da Escola Nova, fluxos de ideias diferentes que vão circulando através dos periódicos entre o professorado e alunos, um espaço destinado à formação de professores representativos daquele momento histórico, uma vez que são postos em discussão os assuntos, provavelmente, tratados em aula que vão direcionar a formação do aluno normalista.

No Brasil, no caso de São Paulo, tem-se à frente da Diretoria Geral da Instrução Pública, nos anos de 1907 a 1911 e 1917 a 1920, a presença do professor Oscar Thompson. Segundo Monarcha (1999), a administração de Thompson adquire um caráter reformador, produzindo outras possibilidades para o aparelho escolar paulista. “O ensino normal passa por um processo de expansão geográfica e de massificação, como modificações no chamado núcleo de estudos pedagógicos, aprofundando-se a especialização das matérias do currículo”. (MONARCHA, 1999, p. 238).

Professor Oscar Thompson, em 1917, quando assume pela segunda vez a Diretoria Geral do Ensino, determina:

A nossa aspiração é fazer escola-nova. Escola-nova para nós, é a formação do homem sob o ponto-de-vista intelectual, sentimental e volitivo; é o desenvolvimento integral e psíquico; é o estudo individual de cada aluno; é também o ensino individual de cada um deles, muito embora em classes; é adaptação do programa a cada tipo e educando; é a verificação das lacunas do ensino do professor pelas sabatinas e o exame; é o emprego de processos especiais para a correção de deficiências mentais; é a educação física e a educação profissional, caminhando paralelamente com o desenvolvimento mental da criança; é a preparação para a vida prática; é a transformação do ambiente escolar num perene campo de experiência social; é a escola de intensa vida cívica, do cultivo da iniciativa individual, do estudo vocacional, da difusão dos preceitos de higiene, e principalmente dos ensinamentos de puericultura; é, em suma, a escola brasileira, no meio brasileiro, com um só lábaro: formar brasileiros, orgulhosos de sua terra e de sua gente. (ANUÁRIO, 1917, p. 179).

Como podemos perceber na citação acima, Thompson divulga uma escola renovada, uma nova dinâmica para educação. Essa renovação educacional está

pautada no método intuitivo, como já apontou Carvalho em *Modernidade Pedagógica e formação de professores*.

Analisando a formação de professores por meio dos artigos da revista *Excelsior!*, notei que a “atenção espontânea” é tida como um dos principais meios para ensinar, seja ela sendo despertada pelo professor (*O interesse – seu papel como factor educativo*, SEM AUTOR, 1913, p. 12-15, também em *A atenção*, PENTEADO, 1913, p. 8, e *Medidas da atenção*, VIEIRA, 1913, p. 12-13), como na utilização do lúdico a partir de Froebel (*Jogos Escolares: Classificação – Psychologia*, FAGNANI, 1913, p. 8) ou até mesmo não pulando fases da criança (*Pedagogia*, PENTEADO, 1914, p. 13). É muito comum observar que a formação dos professores na escola normal de São Carlos estava permeada por muitas teorias. Essa constatação pode ser confirmada com o excerto a seguir, um frase do educador italiano Angiulli: “*Melhor saber para melhor querer e melhor poder – eis o lema da educação hodierna.*” (ANGIULLI, 1911, p. 13). Como se pode observar, essa citação indica uma adesão à Pedagogia Moderna.

Em Portugal, a divulgação do movimento da Educação Nova aconteceu de forma mais efetiva, em especial para alguns educadores que a divulgavam convictamente, como Adolfo Lima, Álvaro Viana de Lemos, António Faria Lima, António Sérgio, confirmado por Nóvoa em seus estudos.

No entanto, para Pintassilgo (1998), a difusão desse novo ideário de “Escolas Novas” em Portugal não se concretizou, não houve propriamente as escolas novas, entretanto, ele ressalta que, “na *Revista do Professor*⁹¹, a escola nova está lá e passa a ser o discurso do professor”, como aponta Nóvoa (1997).

Para Nery (2006), a imprensa de educação e o ensino em Portugal, particularmente no período republicano, foram muito ricos no sentido de uma larga produção, e, para Nóvoa, “uma fase de grande dinâmica editorial”. (NÓVOA, 1997, p. 27).

Ainda, segundo Nery (2006), os títulos dos periódicos são fortes indícios de quais eram seus objetivos:

Os publicados na 1ª República apresentam títulos que remetem para frente. O *Alvorecer* (1912-14), *O Futuro* (1913) e *O Porvir* (1922) parecem enviar ao que está para vir: “O nosso Futuro preparará o

⁹¹ Não localizei nenhuma informação sobre essa revista.

Futuro da Pátria. Não é, pois, descabido o título da nossa revista" (Justino de Vasconcelos, *O Futuro*, nº 1, 1913). Os publicados após a instalação da Ditadura Militar mas, apoiados por Álvaro Viana Lemos, numa fase de destaque do movimento da Escola Nova em Portugal, dão uma idéia de renovação como *Os Novos* (1926) e *Escola Renovada* (1930). Por outro lado, *Rumo* (1947) e *Escola Remoçada* (1944) remetem ao que já está retomado, no caminho certo de acordo com as orientações do Estado Novo. (NERY, 2006, p. 3).

No Brasil, particularmente no Estado de São Paulo, como já mencionei, também é muito rico esse período no sentido da produção estudantil, a grande maioria das escolas normais paulistas também tinham suas associações que trabalhavam com a imprensa estudantil. Como já visto através de Hilsdorf (1986), isso já acontecia no Brasil desde o final do século XIX. Em Portugal, a imprensa acadêmica é ainda mais presente, conforme já foi possível visualizar no quadro 2 do capítulo 1.

Em uma leitura global dos cinco periódicos publicados nas escolas normais do Brasil e de Portugal, selecionados para pesquisa, percebi que a maioria deles é dirigido pelos alunos. Somente as revistas brasileiras *Excelsior!* e *O Estimulo* apresentam tutela por parte da administração da escola, porém as considerei publicações de alunos das Escolas Normais.

Os discursos veiculados nos cinco periódicos abrangem uma temática variada, tangendo os campos teóricos e práticos do ensino relacionados à elaboração de propostas renovadoras e uma imprensa periódica acadêmico-literária, através da qual os estudantes dedicavam-se ao cultivo das letras de uma forma geral, trabalhando com a diversidade textual, daí os variados tipos de textos: artigo, crônica, poema, frase, notícia, resenha, conto, narrativa histórica, canção, memorial, transcrição de palestras, homenagem, exercícios matemáticos, transcrição de discurso, anúncio, paráfrase, carta, tese, reportagem, folhetim, protesto, agradecimento, reflexões, anedota, acróstico, nota de falecimento, informação, versos, selo de propaganda, desenho, avisos, errata, glossário, soneto, pensamento, felicitações, narrativa, entre outros.

6.3.1 Associações e impressos: formação dos futuros professores

Como já trabalhado na segunda parte desta tese, o associativismo discente no Brasil já vinha se consolidando no meio normalista desde o final do século XIX, inclusive com a participação de Oscar Thompson, João Crysostomo e João Lourenço Rodrigues.

A história do associativismo discente normalista teve início na Escola Normal da Capital, em 1889, com a fundação do Club Republicano Normalista. Para Silva (2009), essa história das associações discentes se desenrola com a implantação da República.

João Lourenço Rodrigues, dois anos antes, enquanto candidato a normalista, já sabia das disputas entre republicanos e monarquistas na escola normal e fora dela. Como aluno participou do abaixo-assinado em favor do Cônego Manoel Martins, assistiu às greves e à criação do Club Republicano Normalista. (SILVA, 2009, p. 50).

Como já tratei na Parte 2, os alunos fundaram a primeira associação discente sob a proteção da Escola Normal, a *Arcadia Normalista*, uma entidade oficial, com apoio de Caetano de Campos, do Secretário do Interior Rubião Junior e do deputado estadual Arthur Breves.

Para Silva (2009, p. 50),

[...] as coincidências na implantação dessa associação, com a criação do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março” não são poucas. Arcadia Normalista serve de referência para a implantação do estatuto do grêmio são-carlense, mas não foi a primeira associação discente no mundo normalista. A primeira foi o Club Republicano Normalista, com teor político combativo e oposicionista diferente da Arcadia, que possuía reforçado viés literário e permaneceu sob a tutela do Estado.

A partir dessa raiz poderia ser dito que se implanta um modelo para todas as Escolas Normais do Estado de São Paulo, conforme apontado na Parte II desta tese.

Essas associações discentes e seus respectivos periódicos, pelo que pude observar nos textos dos mesmos e demais documentos, tinham o claro objetivo de preparar o aluno para o exercício do magistério, enquanto práticas que deveriam ser

modelo de ação docente. Tais práticas estavam pautadas numa discussão cívico-patriótica, como pode ser observado no trecho extraído do texto *Pedagogia Prática – Educação Cívica*, escrito por Aristides de Castro, publicado na *Revista de Ensino*⁹². O autor descreve como o professor deve ministrar a matéria tratando de vários assuntos, partindo da família, da sociedade e da nação. Para o autor, “o amor pátrio tem, como base, o amor da família, que se expande às famílias amigas, abrange o município, dilata se até ao Estado e á Nação”. (p. 31). E continua: “é imprescindível, despertar e manter na infância esse doce e respeitoso sentimento de amor ao passado, dahi advem a grande importância das comemorações das grandes datas nacionais, das festas cívicas, das homenagens prestadas aos grandes benfeitores da Pátria”. (p. 32).

E em muitos outros textos isso vai se confirmando, como, por exemplo, em outra edição da *Revista de Ensino*, “aqui, neste templo da religião cívica (pois toda escola o é) e louvemos o *Gremio Normalista 22 de março* pela iniciativa em realizar este acto de civismo, que acredito, será frequentemente e oportunamente repetido”. (1918, p. 201). O autor desse texto destaca a importância das comemorações e o fato de constituírem-se num “culto da religião da Pátria”. (S. Carlos, 3-5-1916).

Até os anos de 1920, as associações discentes tiveram características de Grêmios e, com a Reforma de 1920, promovida por Sampaio Dória, observar-se, no Capítulo III, que:

Art. 256. – A educação cívica será ministrada aos alunos sob cunho exclusivamente pratico, fazendo-se, tanto quanto possível, por meio de exercícios representativos, o ensino sobre as nossas instituições.

§ ÚNICO. – Em cada escola normal haverá obrigatoriamente uma associação de estudantes com uma dotação correspondente a $\frac{1}{4}$ das taxas pagas pelos alunos. (DECRETO Nº 3.356, 1921, p. 199).

Para Nery (2009), ocorre a transformação das associações discentes (os grêmios) em República Escolar. Para essa autora, trata-se de um marco essencial, uma vez que, a partir desse momento, o *self-government* passa a ser a atividade da associação de alunos.

⁹² REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, anno XV, n. 1, jun. 1916.

De acordo com o Anuario do Ensino (1909 apud NERY, 2009), isso provavelmente aconteceu em virtude das visitas às escolas americanas realizada por educadores brasileiros. Para essa autora, Rodrigues lá se deparou com um tipo de organização discente e diz:

[...] uma das coisas que o impressionou foi a ‘republica escolar’. Por meio delas os alunos exercitavam a vida republicana, constituindo uma espécie de governo, onde aprenderia princípios fundamentais da educação cívica e da organização política do país. Mais do que formação cívica, segundo Rodrigues, a republica escolar ‘é antes de tudo um poderoso instrumento de educação moral. Seu objectivo é preparar a criança para exercer o selfcontrol, o governo de si mesmo; é fazer da criança uma unidade social, perfeitamente consciente e activa. (ANNUARIO DO ENSINO, 1909, p. 214 apud NERY, 2009, p. 68).

De acordo com Nery (2009), aí está “a diferença essencial entre os objetivos das primeiras agremiações das quais Rodrigues participou e esta que se instala nas escolas normais paulistas”. (NERY, 2009, p. 62-63). A partir da reflexão, pode-se dizer que há dois modelos de associações discentes.

Quanto ao associativismo discente em Portugal, já tratado na parte I desta tese, é pioneira a associação conhecida por “Solidárias” da Escola-Oficina n.1 de Lisboa ou do Liceu Pedro Nunes.

Para Ó (2003, p. 336), a imprensa acadêmica, “pequenas publicações periódicas”, tinha alunos na “direção ou corpo de redacção”, foi censurada desde a primeira metade dos anos de 1930 pelas autoridades. De acordo com esse autor, somente com o decreto 22347, de 14/03/1933, é que foi reconhecido que os alunos deviam ter as suas publicações, uma vez que essas serviam de <entretenimento>, constituindo, além disso, <meios de educação ativa>, reveladores de várias vocações. Para esse autor, foi daí que veio a necessidade de amparar esse tipo de iniciativa estudantil.

Quando Ó (2003) trata de “associação escolar”, apresenta que “o associativismo escolar nasceu no ano lectivo de 1905-06, portanto, com a própria escola, por intermédio da Caixa Escolar do Liceu da Lapa” (p. 555), criada por Sá Oliveira, expondo todo relatório dessa associação escolar. Também se refere a Lima (1925), quanto ao: “disciplinamento orgânico dos indivíduos dar-se-ia por ‘gradações’, na razão directa do ‘alargamento’ da ingerência da associação na vida escolar, pedagógica e administrativa” (p. 270). Segundo esse autor, isso produziu

interessantes e inéditas manifestações culturais, artísticas, desportivas, paramilitares, alinhando ao pensamento pedagógico mais avançado, mas sempre para que a Associação Escolar, na qual tinham assento os alunos, pudessem absorvê-las e tomá-las como suas. Essas foram as consequências de muitas realizações.

Com isso, as demais Escolas Normais de Portugal vão aderindo a esse modelo de formação. Para Pintassilgo e Serra (2009), o *self-government* proposto por esse tipo de associação “assumia com finalidade explícita, a educação cívica dos jovens no contexto de uma espécie de *sociedade em miniatura*.” (p. 84), uma educação prática e ativa, formando os normalistas, os futuros cidadãos da República. Segundo Pintassilgo (1998), para Adolfo Lima e António Sérgio, a autonomia escolar é “entendida como um método de educação moral e cívica, sendo, por isso, encarada como a forma por excelência para promover os princípios da liberdade, da iniciativa individual e da independência”. (p. 245-246). Assim, podemos constatar, através dos textos dos impressos, as atividades de cada associação, tinham como finalidade “formar homens” para o futuro.

De acordo com as características da forma de governo do período em que os periódicos são escritos, no jornal *O Alvorecer*, a formação de professores é vista como um compromisso com a Pátria, ou seja, um compromisso com a construção social satisfatória dos indivíduos (MARIO, 1912, p. 1). Segundo esse aspecto de formação, encontram-se metodologias baseadas em outras ciências como a psicologia e a sociologia, além, evidentemente, da pedagogia (MARIO, 1912, p. 1) e uma rigorosa avaliação sobre quem seria apto para a formação no magistério. O aluno Vasconcelos tece críticas sobre esse tema em seu texto *Viva a Folia* (1912, p. 1-2).

Em outro trecho do texto *Crise Moral. Crise Mental*, observei que um dos autores valoriza o ensino como algo técnico (MARIO, 1912, p. 1). Contudo, os alunos que escrevem as matérias do jornal *O Alvorecer* mostram-se muito críticos em relação à formação de professores proporcionada pelo Estado. Também exigem seus direitos, como pude observar no texto *Infamia! Infamia! Infamia!*, (p. 5) e, ainda, são rigorosos quanto aos professores, principalmente se eles não desempenham seu papel, texto *Fora com as injustiças*, sem autoria (1913, p. 5).

É interessante observar que, na edição n. 22 do jornal *O Alvorecer*, como já mencionei anteriormente, o aluno Justino Vasconcelos, responsável pelo expediente e editor chefe do jornal, deixa seu posto contra sua vontade (*A todos os meus*

colegas, VASCONCELOS, 1913, p. 2) e, ao que parece nos números que se seguem, por meio dos artigos, critica a nova direção do jornal (*Parece impossível!*, 1913, p. 2). Aqui paira uma dúvida, pois não foi possível encontrar informações sobre essa situação, o porquê do aluno Justino Vasconcelos ter deixado seu posto. Será que se tem a mesma situação vivida por Irene Lisboa em *Educação Feminina*, uma vez que o aluno tecia críticas à instrução pública de forma geral? Ou ocorreu somente um desentendimento com os colegas?

Nos números de *O Alvorecer* (37 edições), identifiquei muitos traços de patriotismo, a presença de auto-governo, uma grande preocupação com as questões nacionais da educação, uma forte preocupação com a formação e a futura profissão, ser professor primário.

Em *Educação Feminina*, o problema mais evidente é quanto à infraestrutura, particularmente, o prédio escolar. As autoras dos textos desse jornal parecem necessitar de um local melhor para a Escola Normal. Em vários momentos, confirmei seus sutis protestos e reivindicações sobre o prédio onde estudam perante os governantes, que, por sua vez, também vão tratar do professorado dizendo: a estes é dada grande importância, mas também às crianças. Observa-se: “Pedro Ferreira, o nosso proficiente professor de Educação física, disse numa de suas lições: «Cortar as iniciativas, quer sejam boas quer más, é apagar o fogo!» É realmente, isto: o educador é uma nova vestal; o espírito empreendedor da criança o fogo a conservar.” (FILIPE, 1913, n. 3, p. 1).

A grande maioria dos artigos do jornal *Educação Feminina* são escritos por mulheres. Muito se fala da opressão que a mulher vinha sofrendo até então. Em um trecho de artigo, observa-se uma crítica envolvendo a sociedade e a Igreja:

Envolta nas trevas da ignorancia, oprimida depois pelos dogmas da igreja, o se espírito não poudé expandir-se.

A sociedade porem transformou-se; a ação da mulher tornou-se uma coisa necessária; necessário será tambem educada, instrui-la, guiar-lhe os passos ainda vacilantes o aspero caminho da vida.

E grande foi decerto, o auxilio que nosso illustre directos de acordo com o professor de pedagogia nos quiz prestar, propondo a organização de uma serie de conferencias e lições praticas de modo a melhor nos habilitar ao desempenho da nossa futura missão como educadoras. (DIAS, 1913, p. 1).

A mulher é o destaque, mas há muitos excertos que destacam a importância dos professores, o conhecimentos destes e a sua influência na vida das crianças como principal fator na formação para a sociedade.

Nos poucos números de *Educação Feminina* (7 edições), identifiquei muitos traços de uma grande preocupação com a formação das futuras professoras e teorias da pedagogia moderna, muito pouco de patriotismo, mas um grande desenvolvimento da forma de auto-governo, talvez, até inconsciente, como já citei, a tentativa de concretização do *self-government*.

Os autores dos artigos da revista *Os Novos* veem a escola como uma motivadora, um “excitador metódico” (*Preparai-vos para a vida*, LEMOS, 1925, p. 2), bem como uma preparação para a vida. A partir da Escola Normal é que se tem o primeiro contato com as diversas ciências, sendo a vida a contínua aprendizagem (LEMOS, 1925, p. 2).

Ser professor, para eles, é uma questão de amor à profissão, pois é citado que o professor primário é mal remunerado, o que não é muito diferente de hoje. (*A Missão que nos espera...*, REBELO, 1925, p. 7).

Nos poucos números de *Os Novos* (4 exemplares), não identifiquei muitos traços de patriotismo, tampouco de auto-governo, entretanto, o professor é exaltado, como se a revista fosse uma motivação para que os professores se sentissem honrados pela sua profissão ou um culto à profissão a ser exercida futuramente pelos alunos. Percebi que Pestalozzi é muito citado, principalmente pela sua doação à educação (1827 – *Pestalozzi – 1927*, SEM AUTOR, 1927, p. 1, *Dos professores da Escola de Obercrinitz, Saxe, Alemanha*, RINGEL e ZSCHAMMER, 1927, p. 4, *Pestalozzi*, LEMOS, 1926, p. 7, *Centenário de Pestalozzi*, SEM AUTOR, 1925, p.3), como já mencionei anteriormente, para Afonso Duarte, o apóstolo da educação nova, além de outros.

Nas revistas brasileiras, o que está muito presente, particularmente na revista *O Estimulo*, é a valorização do Parnasianismo e, com isso, a aparência e ao que parece, tudo que se pensa é voltado para o bem da Pátria, inclusive o ensino: “O escopo de ensino é este e, em tornal-o obrigatorio não se viola a liberdade de ninguém, porque não é violação de liberdade obrigar-se a pratica de uma cousa essencialmente necessaria ao progresso, á segurança, ao bem-estar social.” (*A Obrigatoriedade do Ensino*, FRAGOSO, 1917, p. 706).

Além do patriotismo mencionado várias vezes, dentre eles está a valorização das imensas florestas do Brasil, o Estado de São Paulo é também exaltado pelos normalistas: “O governo de S. Paulo que, altaneiro, caminha sempre na vanguarda da civilização brasileira, acaba de instituir também a – festa das aves – em nosso Estado.”. (JARDIM, 1911, p. 93). No texto *A festa das aves*, esse trecho parece caracterizar um alto respeito pelo Estado: “São Paulo não é apenas quasi um pais pela sua situação econômica. S. Paulo é o civilizador, o que tem ensinado á União tudo quanto ella tem feito de bom e mesmo muita coisa que a União ainda não fez.” (*A Instrução Pública em S. Paulo*, 1913). Em suma, essa revista trata da educação voltada para o patriotismo, o progresso. Vale lembrar que o aluno normalista é uma elite que passou, em sua maioria, pela escola secundária, daí a importância de afirmar quem é o brasileiro.

Também nessa revista, muito se fala em Pátria juntamente com *Deus* “*Senhores alumnos! Que vosso lemma aqui seja – Por Deus e pela Patria*” (*A Escola Normal*, PINTO, 1912, p. 17), uma característica da educação no Brasil nessa época, relacionada ao lema estabelecido. Constatei, também, nos textos (artigos e matérias) escritos pelos alunos, o uso da analogia. Uma analogia muito presente é junto à Sagrada Escritura, aos fatos religiosos e à mitologia grega, como já apontei anteriormente em algumas análises e, como, por exemplo, no artigo *A Arca da Bandeira do Couraçado “São Paulo”*, em que o autor faz uma analogia à Arca da Aliança. Há outro, o poema *O Paladino*, do poeta Guilherme de Almeida, que faz analogia à vida, aos últimos dias de São Policarpo. Segundo Thompson (1981 apud ALTHUSSER, LC, 63/II), “a analogia pode ser útil de certas maneiras, e inútil de outras” (p. 119), porque “em seu uso comum como um processo humano de realização, é um conceito ideológico” (p. 119). Nessas situações, pode-se pensar que o uso de analogias pelos alunos e outros escritores está relacionado ao conceito ideológico.

Nos poucos números da revista *Excelsior!* (7 edições), identifiquei muitos traços de patriotismo e pouco de auto-governo, entretanto, a formação é muito valorizada, os alunos normalistas parecem sentir muito orgulho pelo curso escolhido e por participarem da associação de alunos.

Com relação ao clima intelectual e político desse período, Portugal era mais receptivo. Escreveu Carvalho (2005) que a adoção de modelos estrangeiros, como via para a <regeneração> nacional (p. 503), encontravam-se em total euforia com a

implantação da República, pois ocorria a “expansão do modelo e da ideologia escolar moderna” (CARVALHO, 2005, p. 503).

Já no Brasil, com as reformas de 1920, em São Paulo com Sampaio Dória, na Bahia com Anísio Teixeira, em Pernambuco e Distrito Federal com Carneiro Leão e, logo em seguida, 1927-29, as reformas de Fernando de Azevedo, em 1930, a criação do Ministério de Educação e Saúde Pública com Francisco Campos, e, em 1932, a divulgação do *Manifesto dos Pioneiros*, são fatores que vão contribuir para que se pense a educação do país de outra forma.

Os cinco periódicos aqui analisados remetem a lugar de poder, com destinatários estabelecidos e práticas que se formalizam. Há uma forte representação do professor (o normalista), tem-se aqui explícito que o modelo de escola é para todos, os periódicos dão ideia de como acontecia a preparação pedagógica, porém deve-se pensar em quem os escreve, os saberes construídos e o uso que os escritores e leitores fazem e, ainda, quais os educadores mencionados. Pelos pensadores mencionados em muitos dos artigos publicados nos cinco periódicos, como Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Herbart, Locke, há uma clara adesão à Pedagogia Moderna, haja vista que o período estudado é de transição entre a Pedagogia Moderna e a Pedagogia Nova, tal qual afirma Carvalho (2000). Pestalozzi é o educador que mais aparece, isto é, é citado nos cinco periódicos. Tal fato faz pensar que isso acontece porque Pestalozzi é o precursor da educação moderna. Esse educador define educação como o “desenvolvimento natural, progressivo e harmonioso de todas as faculdades do ser”. Sua análise está pautada em três estados: Estado Natural ou Primitivo, Estado Social e Estado Mental, concluindo que o homem possui o germe da razão e do sentimento.

Em questões educacionais, ainda tem-se um outro assunto que surge nos periódicos de ambos os países: as conferências pedagógicas. Em Portugal, são determinadas pela *Circular sobre as Orientações do Ensino e Organização das Conferências Pedagógicas*, partindo da *1ª Repartição de Instrução Primária e Normal (Pedagógica) aos Inspectores dos Círculos Escolares*, para que se tomassem providências quanto à organização de conferências a serem proferidas pelos professores nas escolas normais, tendo como objetivo a formação do

normalista e, em muitas situações, como já se viu em *Educação Feminina*, eram as alunas que proferiam as conferências⁹³.

Já as conferências pedagógicas nas escolas normais brasileiras, organizadas pelos grêmios (o acontecimento), eram proferidas sempre por convidados, no caso um professor, apresentando-se como atividades relevantes, ocasião em que elas se tornavam local de cultura pedagógica e a cidade voltava seus olhos para a instituição, um momento de festa, de espera, em que a presença da direção, dos professores e dos alunos, ao que tudo indica, era obrigatória. Tais conferências, em sua maioria, eram instituídas pela Cadeira de Psicologia e Pedagogia.

Além da conferência, que sempre girava em torno de um tema de interesse da formação dos normalistas, ocorriam atividades culturais como apresentação do Orfeão, declamação de poesias, exposição dos trabalhos manuais ou mesmo uma exposição de pinturas feitas pelos alunos, como encontrei registrado nos periódicos e demais fontes, como a que segue, por exemplo:

⁹³ Sobre as conferências pedagógicas em Portugal reuni as seguintes informações: “A criação das Conferências Pedagógicas, na sequência de uma reivindicação formulada, sobretudo pelos “normalistas”, que permitiram, ao longo da década de 1880, debater muitos assuntos escolares e pedagógicos. Estas Conferências, dirigidas pelos inspectores escolares dos círculos, eram, ao mesmo tempo, um lugar de aperfeiçoamento e de formação dos professores e um espaço associativo. Foi esta característica que levou à sua extinção, uma vez que estas reuniões foram assumindo um cariz claramente reivindicativo, levantando algumas dificuldades às autoridades públicas”. (NÓVOA, 2003, p. 765). Um dos que contribuiu para as grandes inovações pedagógicas do final do século XIX, como, por exemplo, a criação das conferências pedagógicas foi António Rodrigues Sampaio (1806-1882) e mais tarde Henrique Freire (1842-1908) e Simões Raposo (1840-1900) desempenhando um papel muito ativo na formação de professores como dinamizadores das conferências pedagógicas. (NÓVOA, António. (Dir.). *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto: Edições Asa, 2003). E em FERREIRA, F. Palyart Pinto. Circulares sobre a orientação do ensino e organização das conferencias pedagógicas. (publicada em 27/12/1917). In: REPÚBLICA PORTUGUESA. *Boletim Oficial do Ministério de Instrução Pública*, ano II, n. 20/22, p. 627-628 encontram orientações quanto a responsabilidade e organização das conferências pedagógicas.

Ilustração 13 – Capa do convite para comemoração do 49º aniversário da Escola Normal da Capital, 1929.

Ilustração 14 – Interior do convite: Programa da comemoração do 49º aniversário da escola, 1929.

Constatai, nos periódicos analisados, que essas conferências e demais atividades aconteciam com muita dedicação; por exemplo, como já mencionei anteriormente, em *Educação Feminina*, são as alunas que organizam e proferem as conferências de acordo com um tema proposto e não os professores. Nos demais periódicos, temos conferências proferidas por professores e alunos como é o caso do registro das mesmas em *O Alvorecer*. Outro fato que vale registrar é que, em Portugal, essas conferências também estavam previstas nos estatutos das associações estudantis, já no caso brasileiro não é possível a verificação, uma vez que os mesmos não foram localizados. Outra atividade organizada pelo “Gremio Normalista 2 de agosto” é o registro em um livro ata dos trabalhos literários organizados e desenvolvidos pelos sócios. Nesse livro, encontram-se o registro dos discursos dos sócios em comemorações cívicas e as poesias recitadas.

Propagandas, os tidos como anúncios, não eram trabalhadas pelas revistas brasileiras como tipo de patrocínio, mas os periódicos portugueses sim. *Educação Feminina* e *O Alvorecer* dedicam uma página inteira para os anúncios. Um fato curioso aqui é que esses anúncios são sempre relacionados direta ou indiretamente com algo que possui relação com os normalistas, particularmente em *O Alvorecer*, divulgação de papelaria, tipografia, cursos de ensino, compêndios, obras para o ensino primário, fazendas para confecção de uniformes, entre outros. Em *Educação*

Feminina, além dos citados, aparece um anúncio publicitário de um jornal anarquista, intitulado *Terra Livre*⁹⁴.

6.3.2 Os impressos estudados: uma dimensão técnica e instrumental ao cotidiano escolar

Os periódicos em estudo oferecem múltiplas possibilidades de leitura sobre a cultura escolar das escolas em questão, como, por exemplo, o discurso pedagógico. Depois de se iniciarem como fonte de discussão sobre as questões educacionais que envolvem o trabalho do professor, passam, também, a se caracterizar pela exposição dos trabalhos desenvolvidos nas aulas, um apoio às práticas escolares. São apresentadas lições de aulas, transcrição das conferências, exposição de fórmulas, entre outras atividades.

As preocupações mais específicas e presentes dizem respeito às formas de praticar – desenvolvimento e trabalhos - nesses periódicos, que eram publicados por normalistas, sob a responsabilidade de seu grêmio, apresentando, em alguns deles, certo grau de tutela por parte dos professores da escola.

Para Viñao Frago (1995), a cultura escolar recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de normalistas a professores, de normas a teorias. Na sua interpretação, engloba tudo o que acontece no interior da escola. Ainda para esse autor:

A cultura escolar é toda a vida escolar. Feitos e ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, dizer e fazer. O que sucede é que neste conjunto há alguns aspectos que são mais relevantes que outros, no sentido (que) de que são elementos organizadores que ajustam e definem. Dentre estes elijo dois os quais tenho dedicado alguma atenção nos últimos anos: o espaço e o tempo escolares. Outros não menos importantes, como as práticas discursivas e linguísticas ou as tecnologias e modos de comunicação empregados, são agora deixados ao lado. (VINÃO FRAGO, 1995, p. 69)⁹⁵

⁹⁴ De acordo com Pinheiro (1990), se trata de um semanário publicado às quintas-feiras. *Terra Livre* é um órgão de luta social e econômica, e oposição a toda espécie de governo. Também o único jornal que pugna pela emancipação integral da mulher.

⁹⁵ La cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes y cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer. Lo que sucede es que en este conjunto hay algunos aspectos que son más relevantes que otros, en el sentido que son elementos organizadores que la conforman y definen. Dentre ellos elijo dos a lo que he dedicado alguna atención en los últimos años: el espacio y el tiempo escolares. Otros no menos importantes, como las prácticas discursivas y lingüísticas o las tecnologías y modos de comunicación empleados, son ahora dejados a un lado. (p. 69).

Dessa forma, os discursos publicados nos periódicos, assim como as mais diversas dimensões do cotidiano das escolas normais, contribuíram para se conhecer como acontecia a publicação desses periódicos, suas representações e a formação dos futuros professores para o ensino primário.

É possível analisar as formas como são absorvidos pelos normalistas tais assuntos, e de que forma participam na veiculação desse conhecimento, se em convergência com o pensamento que lhes é oferecido, e de forma consciente, se tutelado como observado em alguns deles, ou buscando resistências em suas práticas cotidianas. Enfim, fundamentada nas contribuições de Chartier e Certeau, busquei verificar as especificidades editoriais da organização dos periódicos selecionados quanto à produção de sentidos, em suas tentativas de orientação, tendo a participação dos diferentes agentes e suas posições, e, por fim, as táticas de apropriação e produção realizadas a partir das representações divulgadas pelos alunos nos textos/artigos dos periódicos. O intuito foi conhecer os modos pelos quais se constitui a cultura profissional dos futuros professores, normalistas dessas escolas normais do Brasil e de Portugal.

A publicação desses periódicos pelas suas associações é uma prática que acontece com os demais grêmios das escolas normais do estado de São Paulo e da Capital⁹⁶ e, em relação a Portugal, também parece ser uma prática, como já visto, por incentivo da educação nova, referente ao aspecto autonomia dos alunos.

6.3.3 Apropriações dos saberes e práticas pelos alunos nas revistas e jornais normalistas

As preocupações mais específicas e presentes dizem respeito às formas de praticar, desenvolver as atividades explicitadas nos periódicos analisados. Nesse sentido, Certeau, enfatizou em *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (1994), a cultura comum e cotidiana enquanto apropriação, o consumo é considerado como “uma maneira de praticar”, uma operatória de produção.

⁹⁶ Verifica-se isto na *Revista de Ensino* publicada pelo Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo, hoje, Centro do Professorado Paulista (CPP). Em vários números são mencionados o nome das escolas normais, suas respectivas publicações e essa troca de periódicos entre os grêmios. Ver especificamente: REVISTA DO ENSINO, n. 4, 1914.

Dentre as práticas reveladas pelos periódicos paulistas – *Excelsior!* e *O Estimulo* –, a arte de fazer, tem-se as agremiações de alunos, Festas Escolares com sarais artísticos, os cultos cívicos, o Orfeão Escolar e as Conferências Pedagógicas. Em Portugal, as práticas presentes nos periódicos – *Educação Feminina*, *O Alvorecer* e *Os Novos* – são as Conferências Pedagógicas, as Excursões de Estudo, a presença de agremiações de alunos e ex-alunos, a Caixa Escolar e o Conselho Escolar. Nessas atividades relatadas nos periódicos, observei que ocorre uma grande influência de princípios e presença de rituais católicos no cotidiano dessas escolas.

Para pensar as práticas existentes nas escolas normais em Portugal, é necessário também considerar os prédios em que tais práticas ocorriam. Das três escolas selecionadas para este estudo, apenas a do Porto tinha um edifício próprio⁹⁷, construído ainda no período da monarquia. Cuidadosamente planejado para abrigar uma escola de formação de professores para a escola primária, o prédio apresentava espaços apropriados e instalações adequadas, segundo atestam os periódicos.

A Escola Normal Primária de Lisboa, como já mencionado anteriormente, localizava-se na Freguesia de Marvila, em Lisboa, no palácio e quinta pertencentes à Casa de Abrantes e, em 10 de dezembro de 1916, foi inaugurado o edifício que está situado na Quinta dos Marrocos, em Benfica⁹⁸, construído especificamente para o desenvolvimento de atividades ligadas ao ensino normal.

A Escola Normal Primária de Coimbra foi a que mais tardiamente teve seu próprio edifício para o desenvolvimento das atividades. Em 1926, o professor da escola Álvaro Viana de Lemos, em defesa da imediata construção, protesta contra a ideia de instalá-la em edifícios já existentes na cidade. Ele argumenta que a Escola Normal deve ser construída no centro da cidade, uma vez que a vida do professor é de muito sacrifício e luta e que deve, então, ter uma iniciação apropriada. (Lemos, 1926, p.1). Somente na década de 1950 é que esta escola terá prédio próprio⁹⁹.

A reivindicação quanto a um edifício próprio para escola normal é muito presente em dois periódicos: *Educação Feminina* e *Os Novos*. Os alunos descrevem, nesse período, a escola como um local anti-higiênico, sem estrutura

⁹⁷ Atualmente o antigo edifício da Escola Normal do Porto é ocupado pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), onde funciona o Teatro Helena Sá e Costa.

⁹⁸ Atualmente funciona a Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx).

⁹⁹ Atualmente neste prédio funciona a Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC).

física e sem adequado mobiliário para as atividades de formação. Uma outra grande reivindicação dos normalistas é a construção das escolas anexas para o desenvolvimento das atividades laborais de formação. Nos três periódicos portugueses, essa “cobrança” aparece em vários textos.

No Brasil, especialmente no Estado de São Paulo, a construção de prédios para abrigar as escolas normais foi uma medida tomada pelo governo paulista, segundo o modelo republicano de construção escolar. Os prédios foram construídos com materiais nobres, de forma planejada com grandes alas, onde temos a presença de pinturas, esculturas, afrescos e vitrais, presentes nos *halls* de entrada e nos Salões Nobres. Das duas escolas estudadas, a Escola Normal da Capital¹⁰⁰ possuía prédio próprio desde 2 de agosto de 1894, uma reivindicação de Caetano de Campos, que não chegou a ver concretizados seus anseios, pois a morte o surpreendera em 1891. Quanto à Escola Normal de São Carlos,¹⁰¹ somente em 18 de setembro de 1916, foi instalada num majestoso prédio, “projetado e construído num momento histórico em que a República priorizava a escola primária obrigatória, universal e gratuita, como instrumento para a modernização do país” (NOSELLA; BUFFA, 2002, p. 38). Também os prédios construídos no estilo neo-clássico apresentam o *design* da decoração, como lustres, vitrais e cristais, pautados na *Art Nouveau* francesa; no caso de Portugal, também, particularmente a Escola Normal de Lisboa e a Escola Normal do Porto.

Para Kuhlmann Jr. (1994), o prédio construído para a Escola Normal da Capital foi uma obra cuja arquitetura tornou-se símbolo da transformação política. Foi um dos símbolos da República e orgulho dos republicanos, em especial da elite paulistana, tornando-se centro de referência e pólo difusor de teorias científicas e pedagógicas, palco de experiências educacionais que marcaram a história da educação brasileira.

Outra prática muito presente nos periódicos, principalmente nos portugueses, é a troca de cartas. Para Chartier (1991), a correspondência, como uma das variações do uso da escrita, é decisiva para se compreender:

Como as comunidades ou os indivíduos constroem as representações de seu mundo e investem suas percepções e suas experiências em significações plurais, contrastadas. Em uma história

¹⁰⁰ Atualmente neste prédio funciona a Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo.

¹⁰¹ Atualmente EE “Dr. Álvaro Guião”.

cultural redefinida como o lugar em que se articulam práticas e representações, o gesto epistolar é um gesto privilegiado. Livre e codificado, íntimo e público, mantido entre segredo e sociabilidade, a carta, melhor que qualquer outra expressão, une o social e a subjetividade. Cada grupo vive e formula de sua maneira esse problemático equilíbrio entre o sujeito e os outros. Reconhecer essas diversas maneiras de manipular a atitude para corresponder e, sem dúvida, para melhor compreender isso, faz com que uma comunidade exista, firmada pela partilha dos mesmos usos, das mesmas normas, dos mesmos sonhos. (CHARTIER, 1991, p. 9)¹⁰².

Para Chartier (1991), conforme a citação acima, numa história cultural redefinida como o lugar no qual se articulam práticas e representações, o gesto epistolar é um gesto privilegiado, ao mesmo tempo um gesto livre e codificado, íntimo e público, mantendo a tensão entre segredo e sociabilidade, a carta, melhor do que qualquer outra expressão, associa o lugar social e a subjetividade. No caso do periódico *O Alvorecer*, são muitas as cartas que a redação desse jornal recebe e publica, um total de 15 cartas. Chegam cartas de alunos das mais variadas escolas do país, particularmente das normais e em sua grande maioria os assuntos tratados são os mesmos, sobre o ensino, a educação de forma geral.

Um conterrâneo que reside em Manchester escreve cartas intituladas *Cartas de Inglaterra*. Frederico Duarte relata, em suas cartas, aulas tratadas em seu curso, como as de Matemática e Trigonometria, expondo, inclusive, métodos de operações; outras lições recebidas em suas aulas em Manchester. Relata acontecimentos, como a trágica morte do violãoceista Augusto Van Biene, durante uma apresentação, fala do movimento sufragista, escrevendo que até aquele momento mais de seis milhões de mulheres já estavam filiadas à Liga, reivindicando o direito ao voto, e afirma: “a Inglaterra em breve terá mulheres no Parlamento e, talvez, quem sabe, no Governo” (DUARTE, 1913, p. 1). Relata, ainda, a viagem do conterrâneo, Manoel Moreira Reinão, com o fim de adquirir conhecimentos sobre a língua inglesa e estudar inovações e reformas com o objetivo de executá-las no

¹⁰² Comment les communautés ou les individus construisent des représentations du monde que est le leur et investissent de significations plurielles, contrastée, leurs perceptions et leurs expériences. Dans une histoire culturelle redéfinie comme le lieu où s'articulent pratiques et représentations, le geste épistolaire est un geste privilégié. Libre et codifiée, intime et publique, tendue entre secret et sociabilité, la lettre, mieux qu'aucune autre expression, associe le lien social et la subjectivité. Chaque groupe vit et formule à sa manière ce problème d'équilibre entre le moi intime et les autres. Reconnaître ces diverses façons de manier l'aptitude à correspondre est sans doute mieux comprendre ce qui fait qu'une communauté existe, cimentée par le partage des mêmes usages, des mêmes normes, des mêmes rêves. (CHARTIER, 1991, p. 9).

colégio de Ermesinde¹⁰³, do qual é diretor. Acompanha esse colega nas visitas aos ginásios e colégios ingleses. Trata da fotografia como recurso didático para as aulas de “Ciências Naturais” no ensino primário e secundário, dizendo que o professor português precisa fazer uso desse recurso, mesmo com toda precariedade da educação portuguesa. Alega que o professor deve contribuir, “esforçar-se para o engrandecimento do país, da pátria” (DUARTE, 1913, p. 2).

Frederico Duarte trata principalmente das questões que envolvem o ensino e a educação em geral, sempre tecendo uma comparação com Portugal. Entendi que essa comparação pautase no incentivo aos os futuros professores a fazer uma educação diferente e melhor no seu país. Assim, ele vai tratando de várias outras questões, “tipo de letra usado nos livros oficiais” (p. 2), estrutura dos prédios escolares, organização das turmas, sempre relatando que visita escolas primárias e descrevendo o que encontra, observa.

Tudo leva a crer que esse aluno se pautou no trabalho realizado pelo escritor José Maria Eça de Queirós¹⁰⁴, enquanto colaborador da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, desde 24/07/1880, enviando correspondências intituladas *Cartas de Inglaterra*, durante 16 anos.

Nos demais periódicos, encontrei, em *Os Novos*, sete cartas, em *Educação Feminina*, uma, em *O Estimulo*, uma e, em *Excelsior!*, nenhuma carta.

Mas não é somente a carta que chega. Há outros tipos de textos que chegam de outras escolas, correspondências que trazem sonetos, notícias, informações. Como afirmou Chartier (1991), reconhecer essas diversas formas de manejar a atitude de se corresponder é, sem dúvida, o melhor caminho para se compreender o que faz com que uma comunidade exista, cimentada pela partilha dos mesmos usos, das mesmas normas, dos mesmos sonhos.

Em Portugal, particularmente em *O Alvorecer*, identifiquei o sonho da reconstrução do país por meio da educação para todos. Esse entusiasmo parece contagiar a todos que produzem essa comunicação. Em São Paulo, ou melhor, nas

¹⁰³ Colégio de Ermesinde - Colégio de inspiração católica – A serviço da educação desde 1912. Tv. da Formiga - Qt.ª da Formiga - 4445-443 ERMESINDE - Porto – Valongo.

¹⁰⁴ As correspondências enviadas por Eça possuem uma feição mais ensaísta e menos noticiosa, ancorando-se num fato único ou aspecto da realidade. Focavam diversos aspectos da vida inglesa ou tinham um cunho mais nitidamente político. Essas correspondências foram reunidas num volume denominado *As Cartas de Inglaterra*, publicado em 1905. (www.citi.pt/cultura/.../cartas_inglaterra.html acessado em 16/02/2010).

escolas paulistas investigadas, não ocorre essa troca de correspondência entre os alunos. A direção da revista recebe alguns textos de professores para a publicação, como já citei anteriormente.

Enfim, dentre os temas elencados para este estudo o que se destacou nos cinco periódicos foi “formação de professores”, as apropriações dos saberes e práticas pelos alunos normalistas, como podemos visualizar no gráfico de n.4, quase 50%. Um praticar (as ações desenvolvidas na formação) para depois se apropriar (saber fazer quando professor).

Gráfico 4 - Resumo dos temas elencados para o estudo.

6.4 Cruzando os olhares

Para Dominique Groux (1997), a comparação em educação nunca é gratuita, ela sempre tem um sentido, daí a necessidade de se efetuar rigorosamente a leitura dos aspectos comuns e das diferenças relativas a uma problemática, as quais fornecem informações mais interessantes que as resultantes de uma leitura dessa mesma problemática num só contexto. Segundo esse autor, a comparação em educação gera uma dinâmica de raciocínio que obriga a identificar diferenças e semelhanças entre dois ou mais fenômenos, fatos ou processos educativos e a interpretá-los, levando sempre em consideração a relação destes com os contextos cultural, social, político e econômico, aos quais pertencem.

No Brasil, quanto às publicações dos periódicos pelas associações estudantis, levando em considerando os espaços onde isso é reerguido, as relações de poder, verifiquei que os “capitais sociais” fabricam modelos – acontece a criação de associações de alunos, designadas por grêmios e a publicação de seus respectivos periódicos em quase todas as escolas normais do estado de São Paulo, inclusive no livro de atas do grêmio “2 de agosto” há uma nota que trata da proposta de federação dos grêmios normalistas do estado de São Paulo. Os periódicos permitem iluminar a circulação e prática local, isto é, as atividades de cada instituição, os modos de pensar, fazer, os profissionais, os projetos de aprendizagem, embora os discursos administrativo e político fossem sempre os mesmos, fundamentados no patriotismo, na moral. Fica evidente que, no Brasil, há um modelo a ser seguido e, já em Portugal, esse modelo, se é que existe, é mais diluído.

Em Portugal, as publicações selecionadas foram as das três principais cidades do país: Coimbra, Lisboa e Porto. Aqui não há um modelo estabelecido, a organização parte dos alunos, como já mencionei anteriormente, pautados na divulgação do governo autônomo, mas não de uma forma rígida, um modelo de estatuto para todos, como acontece no Brasil.

Quanto à fundamentação intelectual, entendi que, em todas as instituições investigadas (portuguesas e brasileiras), eram as mesmas concepções, ou seja, pautadas ora nos educadores da Pedagogia Moderna e outra nos divulgadores da escola nova, Dewey, Ferrière, Claparède e outros. Ocorre um “movimento pendular” entre a Pedagogia Moderna e a Pedagogia da Escola Nova.

Quanto à situação política dos dois países, o Brasil vivia um regime presidencialista e Portugal, o que o historiador José Mattoso (1994) assim definiu: uma República em quatro facas (Bonapartista, Radical, Conservadora e o Mito do 28 de Maio).

Quanto à reprodução da forma dos discursos (cultural, social, política e administrativamente), no Brasil, isso é mais presente, o que é possível perceber pelos discursos proferidos por determinadas autoridades e professores transcritos nos periódicos, como já citei. Já em Portugal, são mais “ausentes”, estão preocupados “talvez” com outras coisas e não com o que os normalistas estivessem pensando, apesar de terem cedido a algumas reivindicações dos normalistas como o constato no periódico *O Alvorecer*.

Quanto às escolas normais, em ambos os países, como já citei, são instituições administradas pelo governo, instituições públicas em que seus administradores têm que cumprir leis, decretos, pareceres, circulares etc, determinados por seus superiores.

Quanto às urgências sociais, tanto o Brasil como em Portugal, as estatísticas apresentavam um grave problema a resolver, o grande número de pessoas analfabetas. Daí a criação e expansão das escolas normais em ambos os países, e uma preocupação com a formação dos futuros professores.

De acordo com Schriewer (1993), até o presente momento trabalhei com sua primeira abordagem da comparação:

As técnicas simples ou de nível único são procedimentos que relacionam os objetos da comparação entre si, com a visão direcionada exclusivamente em seus aspectos fáticos e, ao fazer isto, restringem seu âmbito a um nível único de análises definido por campos de características homólogas. (SCHRIEWER, 1993, p. 107).¹⁰⁵

Partindo do segundo pressuposto de Schriewer,

Consistem, portanto, em operações de estabelecimento de relações que estão informadas não por teorias explícitas, e sim por conceitos observáveis, por assim dizer, empíricos, ministrados pela experiência social cotidiana ou por categorias sociais facilitadas pela familiaridade com as situações culturais estudadas. (SCHRIEWER, 1993, p. 107).¹⁰⁶

Apresentei, assim, os conceitos que foram possíveis ser observados quanto à associação de alunos e ao auto-governo.

Para Leany (1971, p. 57), “O termo associação tem significado psicológico, pedagógico, social e jurídico”. Tanto o significado psicológico liga-se ao pedagógico

¹⁰⁵ Las técnicas simples o de único nivel son procedimientos que relacionan los objetos de la comparación entre si, con la vista puesta exclusivamente en sus aspectos fácticos y, al hacer esto, restringen su ámbito a um único nivel de análisis definido por campos de características homólogas. (p.107).

¹⁰⁶ Consistem, por tanto, em operaciones de establecimiento de relaciones que están informadas no por teorias explícitas, sino por conceptos observables, es decir, empíricos, suministrados por la experiencia social cotidiana o por categorías sociales facilitadas por la familiaridad con las situaciones culturales estudiadas. (p.107).

como o significado social e jurídico, que dizem respeito à educação. Nos cinco periódicos analisados, aparecem essas relações.

Já o auto-governo, para Leany (1971, p. 65), designa-se

O aspecto propriamente moral da auto-educação; indica também a modalidade de exercício de direitos cívicos e políticos. No primeiro sentido, em todas as línguas (exemplo, *self government*, *maitrise de soi*, *Selbstregierung*) indica a capacidade de disciplinar as próprias acções. No segundo sentido, exprime uma instancia fundamental de democracia.

Como já explicitiei anteriormente, a questão do auto-governo foi desenvolvida em *Educação Feminina* e no *O Alvorecer*, mas a considerei implicitamente desenvolvida a partir do conceito de Leany (1971) nos demais periódicos analisados, porque parece não ocorrer na ação dos alunos envolvidos no sentido da democracia, mas no sentido de um modelo.

Penso que a incumbência de gerir uma associação representativa leva o jovem a consolidar sua identidade como cidadão iniciando sua vida política, como sujeito de um processo coletivo de escolhas e tomadas de decisão. Além de a participação em uma associação estudantil ser um intenso processo pedagógico de negociação, questionamento e empreendedorismo, são elementos centrais de amadurecimento individual e profissional. Assim, refleti sobre o papel da aluna Irene Lisboa, da Escola Normal Primária de Lisboa, entendi que ela foi a aluna que mais representou a figura do normalista engajado na associação de alunos e, consequentemente, na vida educacional política.

Irene Lisboa prosseguiu seus estudos na Escola Normal Primária de Lisboa, vindo a concluir o curso normal primário em 3 de Julho de 1914. Quando aluna da Escola Normal Primária de Lisboa, Irene Lisboa usou de muita arte para dirigir o jornal *Educação Feminina* e de muita arte também para produzir especificamente a secção “Em Foco”. É brincando com as palavras e a organização do texto que chama a atenção de seus colegas não comprometidos para os problemas estruturais da escola, do ensino, da sociedade, uma artista na arte, talvez, de provocar a reflexão, uma pessoa contemporânea ou, mais ainda, muito à frente do seu tempo, como, especificamente nas questões femininas abordadas.

Irene iniciou sua atividade de docência como professora substituta nas escolas oficiais da cidade de Lisboa. Quando nomeada para a Escola do Beato,

Irene se defrontou com uma realidade de pobreza material e diversificada. Dessa forma, a sua compreensão de escola, criança e família foram alargadas porque centrou suas preocupações nos problemas sócio-educativos.

Quando foi convidada a assumir a Escola da Tapada, como docente do ensino infantil, preparou-se juntamente com sua colega Ilda Moreira, estudando teorias de Montessori, Decroly e Felix Klein. Realizou muitas leituras, possuiu desejo de aperfeiçoamento, foi considerada uma autodidata. Essa necessidade de conhecimento a levou a se inscrever no curso de especialização do ensino infantil da Escola Normal de Lisboa e, em Julho de 1923, concluiu o curso. Mais tarde, Irene voltou à Escola Normal de Lisboa na qualidade de professora de Pedagogia nos cursos de formação inicial.

Leandro (2003), escrevendo sobre Irene Lisboa, apresenta:

A especialização pedagógica é fundamental mas pode bem dizer-se que se funda grandemente em esforços pessoais, que se não baseia apenas no que se aprende de fora, mas também no que se descobre e discorre. Que o modo nenhum dispensa a penetração da mentalidade e do comportamento infantil por via directa, pessoal” (1954 p. 7). Com base na experiência pessoal construiu um quadro teórico de grande pertinência, que vai enriquecer posteriormente com a continuidade da aprendizagem in loco das directrizes da Escola Nova. Demonstra preocupação e articular o vivido e o teorizado; para ela, as “ciências da educação” não se circunscreviam a miradas teóricas e abstratas sem possibilidades de se operacionalizarem numa direcção definida no terreno concreto da prática. A sua capacidade de reflexão sobre as práticas profissionais e o gosto e a disciplina em transcrevê-las transformam-se num elemento importante da sua formação contribuindo para o desenvolvimento da sua competência profissional. É assim que, na conferência proferida no Grémio dos Professores Primários Oficiais e que deu lugar ao artigo “Escola atraente”, publicado em 1926 na *Revista Escolar*, reforçando o sentido da articulação teoria-prática, confessa que se lhe oferecia um só recurso: “pensar, lembrar, ordenar, dar luz às faces vivas e mortas das observações pessoais. (LEANDRO, 2003, p. 779).

Observando o que Leandro (2003) escreve sobre Irene Lisboa e o que ela mesma tece a seu respeito, é possível traçar algumas considerações sobre essa mulher que desempenhava vários papéis. Assim, parafraseando Pullias e Young (1972), apresento as múltiplas facetas de Irene Lisboa:

- A professora envolvida: Na sua procura pela qualidade no desempenho, habilidosa na condição do ensino-aprendizado, quando se preocupa com seus

alunos do ensino infantil e vai à busca de estudar para poder ajudá-los em todos os sentidos, se envolvendo, inclusive, com as questões sociais.

- A professora investigadora: Uma professora com um poder criador enorme, uma capacidade especial na qual sua energia criadora, que se expressava eficazmente, tinha a capacidade de “fazer” dentro de um padrão satisfatório. Parece que, quanto mais sabia, mais forte era o desejo de saber além, aprender, refletir. Constata-se isso no relatório das viagens de estudo dos bolsheiros, quando esteve em Genebra¹⁰⁷, no Instituto Jean Jacques Rousseau. Irene produz um relatório publicado em 1933 que abrange vários assuntos e dentre eles “Bases para um programa de escola infantil”, em que apresenta um roteiro de trabalho a partir dos princípios da escola nova. Um ensino pautado pela liberdade, nos jogos, nos trabalhos manuais, nos cuidados com a higiene etc. Para Fernandes (2007, p. 235), “O programa de Irene, ela própria o reconhecia, não estabelecia uma linha doutrinária rígida, limitava-se a propor um arranjo dos locais e dos materiais a utilizar”.

- A professora criadora: Irene apresenta também o aspecto de uma atitude de professora criadora, aquela que dá asas à liberdade, à imaginação. Uma relação criada entre ela e os alunos permite essa capacidade criadora. Uma artista que se movimenta no palco da sala de aula com grande desenvoltura dando a imagem da professora viva para seus estudantes. “Eu via o gosto nos pequenos aprendizes e tirava disso estímulo. Multiplicava-me, fazia da minha imaginação o jardim da classe, alegria e recurso dos apetites dos alunos” (REVISTA ESCOLAR, 1926, p. 406). Quando escreve o artigo “A escola atraente”, Irene Lisboa (1926) faz uma crítica ao tipo de educação e escola vigentes e escreve: “se o professor quiser... falseará as regulamentações, rejeitará ou não o horário oficial e o programa, alijará a carga da autoridade quando achar incômoda, espremerá as didáticas e as mecanizações escolares até lhes encontrar o suco vital”. Pede desculpas por esse conselho abusivo e, em seguida, apresenta a “escola nova”, dizendo que ela “não é o paraíso dos justos, não elimina o trabalho, mas envolve muita responsabilidade, criação.” (p. 413).

Muitos são os textos de Irene que tratam da escola nova e, dentre eles, o livro *Modernas Tendências da Educação* (1942), no qual descreve alguns métodos,

¹⁰⁷ Principal centro de produção de teorias da Escola Nova na Europa.

como Montessori, Decroly, de projetos, também os planos Dalton, o trabalho de grupos e, por fim, sobre a escola Winnetka.

- A professora artista: Aquela que é capaz de exercer a profissão com uma dose de arte, desenvolvida com a redação seja ela científica ou literária. Para Leandro, “uma mulher seriamente empenhada na sua arte, que reconhece que a sua poesia não tem as características da poesia feminina até então praticada” e, ainda, “sobre a arte, num trecho do seu livro *Solidão*, expressa sua opinião exortando as mulheres a derrubar o preconceito de que há uma arte feminina, a arte das mulheres, diferente da dos homens”. (LEANDRO, 1997, p. 238-239).

- A professora cosmopolita: Viveu diversas situações em diversos locais, viagens de estudo a Suíça, Bruxelas e Paris, viveu intensamente a vida de professora em todos os seus sentidos, dentro de suas opções políticas, sociais e humanísticas. Para alguns autores, a noção de artista relacionada à criatividade, a sensibilidade, a personalidade própria de cada professor. Irene Lisboa uma “artista cientista”.

Concluí que a participação de Irene Lisboa na associação de alunos a incitou a exercer atividades formais e administrativas sempre de acordo com suas convicções, quando estas não foram aceitas pelos dirigentes estatais, essa mulher se afastou da educação tornando-se poetisa. Para Williams (1969, p. 152), “[...] a arte não é o simples produto de uma faculdade <estética>, mas uma atividade de todo o ser. A excelência do artista é também sua <inteireza> e a excelência de uma sociedade está em possuir meios de criar condições para a <inteireza do ser>”.

Enfim, é este o princípio sobre qual se assenta o chamado *self-government*, proposto pela educação nova em Portugal, organizar uma sociedade escolar e preparar esse aluno para as futuras decisões junto à educação. Assim, para alguns alunos envolvidos nas associações de alunos e na publicação dos respectivos periódicos, isso aconteceu, como considere o caso, em particular, de Irene Lisboa.

Por fim, para Nery, Serra e Silva (2007), as associações de alunos e ex-alunos das escolas de formação de professores em Portugal são representantes de uma significativa parcela das práticas desenvolvidas nas instituições. Além de serem responsáveis por boa parte das atividades extraclasse, tais associações também se ocupavam da publicação dos periódicos dessas escolas.

Considere que os alunos que participaram das associações de alunos da escola normal de Lisboa e do Porto foram os mais políticos e envolvidos com a

educação num todo. O Órgão *Educação Feminina* representou uma dentre várias tentativas incitadoras, na época, de concretização do chamado *self-government*, por iniciativa dos alunos, ainda que com o patrocínio de educadores abertos à inovação. Para Pintassilgo e Serra (2009),

O *self-government* assumia, como finalidade explícita, a educação cívica dos jovens no contexto de uma espécie de “sociedade em miniatura”. Para os educadores que o preconizavam, o *self-government* era também considerado como uma estratégia privilegiada tendo em vista a disciplina dos alunos, conseguida por via da autodisciplina. No caso concreto, o facto do director e professores da Escola Normal não conseguirem impedir as “farpas” irreverentes e irónicas que lhes eram lançadas nas páginas da *Educação Feminina* acabou por conduzir à suspensão forçada do jornal, ainda que ele estivesse a contribuir, como certamente o fez, para a educação prática e activa das “normalistas” como cidadãs futuras da república. (PINTASSILGO; SERRA, 2009, p. 84).

Já os alunos envolvidos nas associações de alunos das demais escolas em questão parecem ter um posicionamento um tanto neutro, cumprir somente com aquilo que lhes era proposto, exceto Justino de Vasconcelos, como já tratei anteriormente.

A análise também buscou compreender o sentido em que a imprensa estudantil foi utilizada, nesses casos como estratégia. Para Michel de Certeau (1982), o objeto impresso é marcado como produto de estratégias determinadas remetendo a um lugar de poder. A estratégia, segundo o autor, postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças. No caso dos periódicos, uma estratégia possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder próprios se circunscreveram no mundo educacional, normalistas e respectivas associações de alunos. Enfim, as associações de alunos das escolas de formação de professores são responsáveis por uma boa parcela das atividades extraclasse e da publicação dos periódicos dessas escolas, assim essas associações são representantes das práticas desenvolvidas, uma significativa estratégia de organização da formação de professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos estabelecidos para esta pesquisa e as informações alcançadas, sejam pela fundamentação teórica, sejam pelos documentos localizados, possibilitaram conhecer algumas dimensões da associação de alunos, autogoverno e da formação do professor para o ensino primário, estas sempre pautadas nos periódicos das associações estudantis em questão.

De uma forma geral esses periódicos revelaram-se importantes para o estudo em questão, uma vez que foram protagonizados por instituições – associações de alunos/Escolas Normais – que promovem a formação de professores. Para além dos textos (artigos e matérias) de reflexão e crítica, enunciadores de um posicionamento teórico face à educação e a pedagogia em geral, os periódicos concedem um espaço amplo à divulgação de conhecimentos e das atividades escolares e extra-escolares das Escolas Normais brasileiras e portuguesas. Quanto às formas de disposição dos textos nos periódicos, não há diferenças entre os periódicos que publicam textos internos à escola e outros mais abertos à participação externa. Todos trabalham com os dois aspectos, porém uns mais e outros menos. Um exemplo disso foi encontrado na ata da Assembleia Geral do Gremio Normalista “2 de agosto”, realizada a 11 de outubro de 1910, na qual é proposto que, para a revista deste, acrescente-se ao artigo 51 do estatuto do grêmio que “será permittida a collaboração de pessoas estranhas ao Gremio ou mesmo a Escola a prezada Comissão Redactora”. (p. 8).

De forma geral, os cinco periódicos estudados eram abertos à participação externa, porém nos periódicos portugueses essa participação era maior, contando muito com alunos de outras escolas normais e professores. Dentre eles, é possível citar *O Alvorecer*, o mais aberto de todos, em que ocorre uma efetiva participação de alunos de várias freguesias, depois *Os Novos* com a participação de professores e dirigentes da instrução pública. Já nos brasileiros, as participações externas, pelo que verifiquei, ficaram a cargo somente de professores.

Quanto a serem abertos ao público, chegar até determinados leitores, isso acontece com os periódicos portugueses, pois eram vendidos e circulavam por várias instituições. Já os periódicos brasileiros circulavam somente entre os alunos das respectivas escolas, pois a distribuição era gratuita, entre as demais Escolas

Normais do Estado de São Paulo, mediante permuta, e também eram distribuídos à Associação de Professores de São Paulo.

Outro dado interessante a ser destacado aqui é que dois periódicos que sobrevivem a uma turma de alunos (desde o ingresso até a formatura), como é o caso da revista *O Estimulo*, apresentam dispositivos tipográficos iguais. Muda-se o corpo redacional anualmente, mas as características do periódico permanecem. Os números desses periódicos, localizados entre 1911 e 1920, apresentam as mesmas características. Já o número localizado em 1927 apresenta dispositivos tipográficos diferentes, redução das ilustrações e fotos, início de nova paginação, menos ornamentação junto aos textos. Não possui capa, isto é, o sumário é publicado na capa. No outro periódico, *Excelsior!* (1911-1916), ocorrem algumas mudanças, diminuição do número de páginas, alternância de tipografias, redução quanto ao número de fotos publicadas. Essas alterações provavelmente ocorreram em virtude da redução de custos na sua produção.

Os artigos de reflexão e crítica apresentam e abordam temáticas diversas como: higiene escolar, objetivos da educação física, estrutura física dos prédios escolares; experiências pedagógicas; função didática dos métodos de ensino; as festas escolares; a questão moral no ensino; o amor a pátria; e tecem considerações quanto ao combate do analfabetismo e formação de professores primários. Nos cinco periódicos foram publicadas reproduções de artigos de escritores brasileiros, portugueses e franceses como podemos observar nos apêndices ao final desta tese.

Ainda preocupados com a divulgação de conhecimentos, os periódicos publicam textos ou resumos de conferências e palestras, visitas de autoridades, incluindo sessões realizadas desde a criação das Escolas Normais; visitas de estudo e experiências de auto-educação. Os periódicos ainda fornecem várias informações sobre as atividades das associações de alunos: lista das publicações educacionais indicadas, movimento das aulas; resultados dos exames; programas das conferências; troca de correspondência; disputa pela liderança e ideais; e participação e organização de diversas atividades como foi apresentado nas partes desenvolvidas nesta tese.

Como pude constatar nos cinco periódicos analisados nesta pesquisa, a experiência administrativa, política e cultural inerente ao processo de formação e consolidação das associações de alunos é também um importante exercício de aprendizagem do processo pedagógico. Afinal, os alunos vivenciam o período de

eleição, opinam quanto aos artigos do estatuto, tecem planos, mesmo com a interferência administrativa, participam do pleito eleitoral e, posteriormente, gerenciam a associação de alunos ou, caso não sejam vencedores ou sejam alunos que não participaram da disputa eleitoral, colaboram com os eleitos, cobrando-os ou construindo com eles como se viu pela gerência estudantil.

Entre os autores, além dos normalistas, verifiquei a presença de professores, diretores, secretário de escola, homens de influência da sociedade local e também administradores da instrução pública, isto no caso do periódico brasileiro. No periódico português, *Educação Feminina*, somente alunos participam e nos demais ocorre a presença de alguns professores, como em *O Alvorecer* e *Os Novos*. Vale aqui lembrar que, nos periódicos portugueses, há grande participação de alunos de outras escolas normais através da troca de correspondência.

Em uma leitura global dos cinco periódicos publicados nas escolas normais, escolas de formação de professores, percebi que no Brasil a maioria deles é dirigida pelos alunos com a tutela dos professores e diretores. Já nos periódicos publicados em Portugal, os alunos são os coordenadores de todo o trabalho.

Observei que, nestes cinco periódicos, várias seções estavam destinadas a fornecer material didático para uso do aluno. Assim, alguns números dos periódicos analisados privilegiaram centralizar o projeto editorial em determinadas temáticas, tais como: o ensino, saberes escolares, formação de professores, pátria/civismo/Deus, e associação, bem como a parte literária e recreativa mediante os poemas, sonetos, contos, folhetins etc. Práticas pedagógicas e culturais que foram firmando-se.

No caso dos periódicos brasileiros, em seus artigos, alunos, professores e diretores das escolas normais mantinham também como foco a vida de personalidades que pudessem servir de exemplo de conduta aos alunos e às obrigações para com a pátria. Esse tipo de ação realizada no periódico está de acordo com o que Bourdieu chamou de “hagiografia do campo” (BOURDIEU, 1993, p. 122-155), com a publicação de exemplos a serem seguidos e a exaltação de qualidades morais e profissionais. Esse tipo de ação, como o louvor entusiasmo da vida dos benfeitores da educação e do país, criava uma base comum de valores a serem cultuados, estabelecia identificação, assim, o campo se fundamentava e reforçava os sentimentos de pertencimento.

Para Chartier (2002), a realidade possui a dimensão da representação: ela deve ser apreendida pelos sujeitos sociais por meio de imagens. É mediante as práticas que a realidade se materializa, ou seja, as práticas visam a reconhecer uma identidade social, mostrando uma maneira própria de estar no mundo por intermédio de formas institucionalizadas. A dimensão da apropriação, sendo a maneira pela qual os indivíduos interagem com a realidade, tem por objetivo uma história social das interpretações que são sociais, institucionais, culturais e inscritas nas práticas que as produzem. Sendo assim, o estudo dessas representações contribuiu no processo de compreensão da construção da realidade no caso dos periódicos brasileiros *Excelsior!*, e *O Estimulo* e dos periódicos portugueses *O Alvorecer*, *Os Novos* e *Educação Feminina* na apreensão do discurso predominante, possibilitando construir interpretações sobre o itinerário histórico da publicação desses, conferindo, assim, identidade cultural e educacional de época.

Observando o conjunto desses documentos – os periódicos e seus conteúdos –, constatei que são de riqueza extraordinária, pois contribuíram para a compreensão da constituição das associações de alunos, quais as concepções pedagógicas, suas extensões, embates e conflitos entre alunos, professores e administradores, enfim, as orientações internas e externas da vida escolar. É bom lembrar que a história cultural, sobretudo pela via da micro-história, tem um interesse por fontes menos seriais e mais qualitativas. Assim a proposta da micro-história é pensar o individual inserido no coletivo, de modo que o individual não se opõe ao social. Como afirma Le Goff (1989), não há oposição entre a história local e a história global; a primeira é uma modulação particular da segunda.

Assim, com o mapeamento dos periódicos e a análise dos artigos selecionados, verifiquei como acontecia a organização da associação de alunos, a autonomia e o ensino e as práticas escolares quanto à formação dos professores primários. Como escreveu Duby (1971, p. 36), “É sobretudo ao nível desta micro-história que se estabelecem as relações entre os grupos e as pessoas: reacção do indivíduo às pressões exteriores.”

No Brasil, especificamente no Estado de São Paulo, encontrei alguns indícios de associações de alunos, conhecidas por Grêmio Normalista, e que parecem ter funcionado, sobretudo, durante a 1ª República. Por isso, os ideais das diretorias das escolas normais, empenhadas em imprimir um sentido de comportamento exemplar, civismo e responsabilidade para com a família e a

sociedade. Já em Portugal, essas associações também parecem ser bem organizadas; pude afirmar isso em virtude das regras, estatuto localizado, e a comprovação do desenvolvimento de suas ações nos textos dos periódicos. Como já mencionei anteriormente, no Brasil, não localizei os referidos estatutos dos *Grêmios Normalistas* “22 de Março” da Escola Normal de São Carlos, interior de São Paulo, e do Orgam dos alunos Grêmio Normalista “Dois de agosto” e o da Escola Normal Secundária da Capital de São Paulo – Brasil, confirmei que existiram porque verifiquei isso nas atas dos livros de registros do grêmio da Escola Normal da Capital e no próprio periódico *Excelsior*!

Considere que, sendo a escola o espaço aglutinador da juventude, aqui no caso os normalistas, é ela, a escola em si, o espaço central e privilegiado para a formação de lideranças e promoção cultural, aqui, neste estudo, a promoção da cultura cívica. Assim, emerge daí a importância do processo de formação e consolidação das associações de alunos – os grêmios.

Concluí, ainda, que as vantagens extraídas de uma experiência administrativa representativa nessas escolas estudadas são muitas, ainda mais se os frutos a serem colhidos forem considerados a longo prazo, como já explicitiei sobre a normalista Irene Lisboa, aluna da Escola Normal Primária de Lisboa.

O meu propósito nesta tese foi chamar a atenção para, dentre as práticas presentes na escola de formação de professores - Escolas Normais –, a existência de um movimento dos alunos denominado por mim associativismo estudantil. Este olhar singular dos alunos para os sentidos das práticas presentes nas Escolas Normais, bem como pelas apropriações que fazem dos saberes pedagógicos nos artigos publicados nas páginas dos periódicos em questão, significou novas possibilidades de aproximação com o universo dessas instituições, um modelo de formação de professores disseminado pelos periódicos que passa de uma forma normativa e aconselhadora para um modelo de divulgação das práticas das aulas, lições, exercícios de aula etc.

Constatei que as escolas normais portuguesas e brasileiras “controladas” pelos dirigentes da instrução pública tinham em mente, parafraseando Carvalho (1990), formar a “alma da pátria brasileira e portuguesa”. De acordo com Oliveira (2001, p. 9),

[...] mas para que esta 'matéria-prima' (o aluno), da pátria fosse devidamente preservado, para que os normalistas fossem futuros homens livres, os governos republicanos não abriram mão da sua tutela e da sua guarda. É em nome do amparo dessa liberdade futura e do respeito pela liberdade de todos que excluem a religião das escolas; buscam uma escola 'neutra. Nem a favor de Deus nem contra Deus', uma escola onde só tenha cabimento uma religião: 'a religião do dever, que será o culto eterno desta nova igreja cívica do Povo'.

Com o estudo dos cinco periódicos, foi possível confirmar que práticas, como o associativismo discente faziam parte do projeto de formação do professor, idealizadas por Oscar Thompson, na qual o aluno, associando-se, participava de uma série de atividades cívicas e culturais, que deveriam ser reproduzidas na sua prática de professor. O mesmo acontece em Portugal, porém com as particularidades próprias da educação daquele país. Confirma-se, assim, que esses periódicos funcionaram como normatização da formação de professores nas respectivas Escolas Normais através das associações de alunos. No Brasil, trata-se de um projeto de formação controlado pela administração pública, que assume a característica do *self-government*, a partir da Reforma de 1920 com Sampaio Doria, e, em Portugal, um projeto pautado no desenvolvimento do *self-government* desde seu início com a Escola-Oficina n.1.

“A história não pode, logicamente, separar o estudo do passado, do estudo do presente e do futuro” (REVISTA *ANNALES*, 1952). Assim “o que acontece é fazer-se em função do presente, re-leituras constantes do passado, que deve sempre poder ser posto em causa” (LE GOFF, 1984, p. 306) do presente. Logo, tenho o maior respeito pelo passado, pela vivência humana, pela cultura porque “em educação, a história não tem lições para dar. Mas tem, certamente, matéria suficiente para nos dar a pensar.” (NÓVOA, 2005, p.10).

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Giana Lange. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. *História da Educação*, Pelotas, n. 11, p. 117-130, abr. 2002.
- ARAUJO, José; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (Org.). *As escolas normais no Brasil: do Império à República*. Campinas: Alínea, 2008.
- ARAUJO, Marta Maria de (Org.). *História(s) comparada(s) da educação*. Brasília: Liber Livro: UFRN, 2009.
- ARENILLA, Louis et al et al. *Dicionário de pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1979.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. Tradução Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARROTEIA, Jorge. *Estudos em educação comparada*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1993.
- BAPTISTA, Maria Isabel. *O ensino normal primário: currículo, práticas e política de formação*. Lisboa: Educa, 2004.
- BARREIRA, Luiz Carlos et al. Estudo de periódicos: possibilidades para a história da educação brasileira. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). *Educação, memória, história: possibilidades de leituras*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 401-450.
- _____. Imprensa de educação e ensino: fonte privilegiada para uma história da educação do trabalhador urbano em Portugal nas primeiras décadas do século XX. . *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 5, p. 95-105, 2006.
- BASTOS, H. Teixeira. A participação dos estudantes na administração escolar. *Arquivo Pedagógico: Boletim da Escola Normal de Coimbra*, Coimbra, v. 4, n. 1/4, p. 1-7, mar./dez. 1930.
- BASTOS, Maria Helena Camara. A imprensa periódica educacional no Brasil: de 1808 a 1944. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 173-187.
- BATTERSBY, Martin. *Art Nouveau: 54 pranchas a cores*. Tradução de Ronaldo de Abreu Sertã. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1985.
- BITTENCOURT, Circe M. F. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, v. 30, n. 3, set./dez. 2004.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993. p. 122-155.

CAMARGO, Marilena A. Jorge Guedes de. *Coisas velhas: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928 – 1958)*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CANDEIAS, António. *Educar de outra forma: a escola oficina nº 1 de Lisboa (1905-1930)*. Lisboa: IIE, 1994.

_____. Ensaio sobre a educação nova. In: CANDEIAS, António; NÓVOA, António; FIGUEIRA, Manuel Henrique. *Sobre a Educação Nova: cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)*. Lisboa: Educa, 1995. p. 13-24.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CARVALHO, Luís Miguel. Explorando as transferências educacionais nas primeiras décadas do século XX. *Análise Social*, v. 40, n. 176, p. 499-518, 2005.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUZA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara (Org.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998. p. 31-40.

CARVALHO, Rómulo. *História do ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1985.

CATANI, Denise Bárbara. *Educadores a meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo (1902-1918)*. 1989. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989. Orientadora: Maria da Penha Villalobos .

_____.; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

_____.; SOUZA, Cynthia P. A geração de instrumentos de pesquisa em história da educação: estudos sobre revistas de ensino. In: VIDAL Diana, G.; HILSDORF, Maria Lúcia S. (Org.). *Brasil 500 anos: tópicos em história da educação*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2001. p. 241-254.

CATROGA, Fernando. *O republicanismo em Portugal: da formação ao 5 de outubro de 1910*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1991. (Coleção Estudos, n. 15, primeira parte – gabinete de publicações).

_____. Secularização e laicidade: a separação das Igrejas e da escola. In: PINTASSILGO, Joaquim (Org.). *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais*. Lisboa: Edições Colibri: Centro de Investigação em Educação, Faculdade da Universidade de Lisboa, 2006. p. 13-40.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991.

_____. *O ordem dos livros*. Lisboa: Codex, 1997.

_____. *História cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002a.

_____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução Patricia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002b.

CRUZ, Luís Santa. Um padrão de cultura, o S.D. do M.E.C. *Cadernos Brasileiros*, v. 4, n. 1, p. 20, 1962.

CUNHA, Luiz Antônio. Religião, moral e civismo na escola pública - sintonia oscilante: religião, moral e civismo no Brasil - 1931/1997. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 281-369, maio/ago. 2007.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS da Língua Portuguesa. versão 1.0.7. Produzido e Distribuído pela Editora Objetiva Ltda – Setembro de 2004.

DUBY, Georges. *Para uma história das mentalidades*. Tradução Amélia Joaquim. Lisboa: Terramar, 1971.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. História comparada da escola pública. In: *Escola Pública em Portugal (século XVIII-XX): problemas em debate*. Lisboa, 2002.

FERNANDES, Rogério. Irene Lisboa e Áurea Judite Amaral: dois olhares sobre a escola a partir da “Escola Nova”. In: MIGNOT, A. C. V.; GONDRA, J. G. *Viagens pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 217-245.

FROEBEL, Friedrich. A educação do homem. In : MAYER, Frederick. *História do pensamento educacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GINZBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GIRÃO, Laura Maria Batista da Mota. *Tacto, bom senso, prudência nos manuais de pedagogia e didática do magistério primário*. 2005. (Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005. Orientador: João Barroso.

GOMES, Joaquim Ferreira. *Estudos para a História da Educação no século XIX*. 2. ed. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1996.

GOUVEIA, Inês. Irene, minha madrinha. In: MORÃO, Paula. *Irene Lisboa 1892-1958*. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1992.

GROUX, D. L'Éducation comparée: approches actuelles et perspectives de développement. *Revue Française de Pédagogie*, n. 121, p. 111-179, oct./déc. 1997.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira, revista e atualizada pelo autor. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1985.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. 1986. 350 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

_____. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. Escola Normal de S. Paulo, entre o nós e o outro. In: ARAUJO, José; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (Org.). *As escolas normais no Brasil: do Império à República*. Campinas: Alínea, 2008. p. 91-105.

INOUE, Leila Maria. *Divulgando "novos" ideais de formação docente: a Revista de Educação 1921-1923*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

_____. *Nacionalismo através dos impressos: a Revista de Educação (1921-1923) e a coleção Atualidades Pedagógicas (1931-1945)*. 2008. Projeto de Pesquisa (Mestrado em andamento) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

KUHLMANN JR., M. O Jardim da infância Caetano de Campos. In: REIS, Maria C. D. (Org.). *Caetano de Campos: fragmentos da história da instrução pública em São Paulo*. São Paulo: Associação de Ex-Alunos do IECC: Moderna, 1994. p. 61-71.

LE GOFF, Jacques. Presente / passado. In: GIL, Fernando (Coord.). *Memória – história*. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. (Enciclopédia Einaudi - Edição Portuguesa, v. 1).

_____. Documento/monumento. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. *Memória-história*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1994. v. 1.

_____. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEANDRO, M. E. Irene do Céu Lisboa. In: NÓVOA, A (Dir.). *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: Edições Asa, 2003. p. 773-784.

_____. *Irene Lisboa educadora - Caminhos e (des) caminhos da educação de infância*. 1997. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997. Orientador: Rogério Fernandes.

LEANY, Mario. *Dicionário de pedagogia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971. p. 57-59.

LEITE, José Roberto Teixeira. A “Belle Époque”/556: entre a Proclamação da República e a eclosão do modernismo, a evolução das artes plásticas, do realismo burguês ao *Art Nouveau*, passando pelas matizes impressionistas e simbolistas, e tendo como tema principal a figura humana. In: ARTE no Brasil. São Paulo: Abril Cultural, [19--?]. v. 2.

LIMA, Adolfo. A autonomia dos educandos e as associações escolares: as solidárias. *Educação Social: Revista de Pedagogia e Sociologia*, Lisboa, ano 2, n. 15, p. 141-146, maio 1925.

_____. *Pedagogia sociológica: princípios de pedagogia e plano de uma organização geral de educação*. Porto: Livraria Escola Progredior, 1936. v. 2.

LISBOA, Irene. A escola atraente. *Revista Escolar*. Publicação Mensal de Educação e Ensino, Lisboa, ano 6, n. 10, p. 411-413, dez. 1926.

_____. *Relatório das viagens de estudo dos bolseiros*. Lisboa: Junta de Educação Nacional, 1933.

_____. *Modernas tendências da educação*. Lisboa: Cosmos, 1942.

LOURENÇO FILHO, M. B. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

MARQUES, A. H. de Oliveira (Coord). *Nova história de Portugal: Portugal da Monarquia para a República*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa: Circulo de Leitores, 1994.

MONARCHA, Carlos. *Escola normal da praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999a.

_____. (Org.). *História da educação brasileira: formação do campo*. Ijuí: Unijuí, 1999b.

MONICO, Reto. *Suisse-Portugal: regards croisés 1890-1930*. Genève: Société d'Histoire et d'Archéologie de Genève, 2005.

NERY, Ana Clara Bortoleto. *A Revista Escolar e o Movimento de Renovação Educacional em São Paulo (1925-1927)*. 1993. Dissertação (Mestrado em

Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1993.

_____. *A sociedade de educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*. 1999. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. Periódicos educacionais portugueses: circulação e apropriação de modelos culturais. *Cadernos de História da Educação*, n. 5, p. 73-82, jan./dez. 2006.

_____. *Em busca do elo perdido: a ação reformadora de Oscar Thompson e a formação de professores (1911-1923)*. 2009. Tese (Livre-docência) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

_____.; SERRA, Áurea Esteves; SILVA, Emerson Correia da. Raízes da formação dos administradores escolares: associativismo discente nas escolas normais no Brasil e em Portugal. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 4., 2007, Lisboa, Portugal. *Anais ...* Lisboa: O Governo das Escolas - Livro do Congresso, 2007. v. 1. p. 83-84.

_____.; SILVA, Emerson Correia da. Associativismo discente nas Escolas Normais do Brasil e de Portugal. *Revista Educação e Cidadania*, v. 2, p. 25-37, 2006.

NERY, Ana Clara Bortoleto et al. *Divulgando práticas e saberes: a produção impressa dos docentes das Escolas Normais do Brasil e Portugal (1911-1950)*. Marília: FAPESP, 2007. CD-ROM.

NORA, Pierre. O acontecimento e o historiador do presente. In: LE GOFF, Jacques; LADURIE, Le Roy; DUBY, Georges. *A nova história*. Lisboa: Edições 70, 1991. p. 45-55.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Éster. *Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos*. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

NÓVOA, António. *Le temps des professeurs: analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIII-XX siècle)*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica, 1987. v. 1-2.

_____. (Dir.). *A imprensa de educação e ensino: repertório analítico (séculos XIX-XX)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993. (Memórias da educação, 1).

_____. *Modelos de análise em educação comparada: disciplina de educação comparada*. Lisboa: Serviço de Documentação, 1994.

_____. Les modèles d'analyse en éducation comparée: le champ et la carte. *Les Sciences de L'éducation: Pour l'ère Nouvelle*, v. 1, p. 9-61, 1995a.

_____. Uma educação que se diz nova. In: CANDEIAS, António; NÓVOA, António; FIGUEIRA, Manuel Henrique. *Sobre a Educação Nova: cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)*. Lisboa: Educa, 1995b. p. 25-40.

_____. *Educação e sociedade: abordagens históricas e comparadas*. Marília: UNESP, 1996.

_____. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

_____. *Historie & comparaison* (essais sur l'éducation). Lisboa: Educa, 1998.

_____. (Dir.). *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: Edições Asa, 2003.

_____.; BANDEIRA, Filomena (Coord.). *A educação portuguesa: corpus documental (séculos XIX-XX)*. Porto: Edições Asa, 2005.

_____.; BERRIO, J. Ruiz (Org.). *A história da educação em Espanha e Portugal: investigações e actividades*. Lisboa: Edição Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1993.

_____.; SCHRIEWER, Jurgen. (Org.). *A difusão mundial da escola - alunos - professores - currículo - pedagogia*. Lisboa: EDUCAL, 2000.

NUNES, Clarice. (Des)encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 371-398.

Ó, Jorge Ramos do. *O governo de si mesmo: modernidade pedagógica e encenação disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX)*. Lisboa: Educa, 2003.

OLIVEIRA, Clementina Maria Esteves de. *O positivismo e o ideário educativo de João de Barros*. Coimbra: Maia: Instituto Superior, 2001.

OZELIN, Jaqueline Rampeloti. *Revista da Escola Normal de São Carlos (1916-1923): a formação do professor*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

PAGNI, Pedro Angelo. *Do Manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Injuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

PEDAGOGIA – O movimento novo em educação. *Revista do Ensino*, São Paulo, ano XI, n. 2, p. 15, jun./ago. 1912.

PIAGET, Jean. *Os procedimentos da educação moral*. Archives Jean Piaget. CLA 1930/4/por/13526.

_____. A evolução social e a pedagogia Nova. *Archives Jean Piaget*. CLA 1933/5/por/13520.

PINHEIRO, José Eduardo Moreirinhas. *Do ensino normal na cidade de Lisboa 1860-1960*. Lisboa: Patrocínio Porto Editora, 1990.

_____. *Centenário do nascimento de Irene Lisboa : Irene Lisboa e a educação infantil*. Lisboa: ESELx e Centro de Documentação e Informação, 1992.

_____. *Notas sobre personalidades e instituições do ensino e a cultura em Portugal*. Lisboa: ESELx, 2001.

_____. *Notas dispersas sobre a escola e professores*. Lisboa: ESELx, 2002.

_____. Entrevista concedida à Áurea Esteves Serra, Escola Superior de Educação de Lisboa no dia 14 de agosto de 2007. Lisboa, 2007a.

_____. Entrevista concedida à Áurea Esteves Serra, Escola Superior de Educação de Lisboa no dia 17 de agosto de 2007. Lisboa, 2007b.

PINTASSILGO, Joaquim. *República e formação de cidadãos: a educação cívica nas escolas primárias da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

_____.; SERRA, Áurea Esteves. A “Educação Feminina” (1913), um projecto das normalistas de Lisboa. In: PINTASSILGO, Joaquim; SERRAZINA, Lurdes (Org.). *A Escola Normal de Lisboa e a formação de professores: arquivo, história e memória*. Lisboa: Centro de Investigação em Educação: Edições Colibri, 2009. p. 79-98.

_____.; SERRAZINA, Lurdes (Org.). *A Escola Normal de Lisboa e a formação de professores: arquivo, história e memória*. Lisboa: Centro de Investigação em Educação: Edições Colibri, 2009.

PIROLLA, Maria Christina Girão. *Memórias do Instituto: 1911-1976*. São Carlos: Camargo Artes Gráficas, 1988.

POLIANTÉIA: comemorativa do primeiro centenário do Ensino Normal em São Paulo (1846-1946). São Paulo: Gráfica Bréscia, 1946.

PORTUGAL. Ministério da Educação. *Reformas do ensino em Portugal: reforma de 1911*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1989. t. 2, v. 1.

PULLIAS, E. V.; YOUNG, J. D. *A arte do magistério*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

RAPOSO, Isabel. *Memórias, momentos e lições: 446 anos de Educação em São Paulo*. São Paulo: 2002.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio A produção didática da Tipografia Siqueira: caminhos de pesquisa. *Revista Brasileira de Comunicação* (Intercom), São Paulo, 2006. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/.../R0571-1.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2009.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, anno XVIII, n. 1/4, jun./dez. 1918.

REVISTA DO PROFESSOR. São Paulo: Centro do Professorado Paulista, 1934-1940.

REVISTA DOS ANNALES, 1952. In: BURKE, PETER. *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)*. Trad. Nilo Odália. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 1992.

REVISTA ESCOLAR. Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo. São Paulo: Typografia do Estado, 1925-1927.

RODRIGUES, João L. *Livro jubilar da Escola Normal da Capital contendo a relação completa dos diplomados de todos os institutos congêneres do Estado de 1876 a 1929*. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930a.

_____. *Um retrospecto: alguns subsidios para a história pragmática do Ensino Publico em São Paulo*. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930b.

SANT’ANNA, A. R. *Porta de colégio e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1995.

SÃO PAULO (Estado). Decreto n. 3356 de 31 de maio de 1921. Regulamenta a Lei n.1750, de 8 de dezembro de 1920, que forma a Instrução Publica. *Anuario do Ensino do Estado de S. Paulo, 1920-1921*. Publicação organizada pela Directoria Geral de Instrução Publica, com autorização do Governo do Estado.

_____. *Comemorações do Primeiro Centenário do Ensino Normal. 1846-1946: relatório da comissão*. São Paulo: Gráfica Brescia, 1946.

SCHAFF, Adam. *História e verdade*. Tradução Maria Paula Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

SCHRIEWER, Jürgen; HOLMES, Brian (Ed.). *Theories and methods in comparative education*. 3. ed. Frankfurt am Main & New York: Peter Lang, 1990.

SCHRIEWER, Jürgen; PEDRÓ, Francesc. (Ed.). *Manual de educación comparada*. Barcelona: PPU, 1993.

SÉRGIO, António. *Educação cívica*. Porto: Renascença Portuguesa, 1915.

SERRA, Áurea Esteves. *A formação do professor alfabetizador em Birigui/SP (1961/1976)*. Araraquara: Junqueira & Marin; São Paulo: FAPESP, 2007.

_____. Educação Feminina – Órgão das Normalistas de Lisboa: uma atividade estudantil, 1913. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2008, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.

SILVA, Emerson Correia da. *O professor ideal em Excelsior! (1911-1916): o periódico dos alunos da Escola Normal de São Carlos*. São Carlos: RiMa, 2007.

_____. *A configuração do habitus professoral para o aluno-mestre: a Escola Normal Secundária de São Carlos (1911-1923)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

TAKAZAKI, H. H. *Língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: IBEP, 2005.

TANURI, Leonor Maria. *O ensino normal no estado de São Paulo: 1809-1930*. São Paulo: USP, FE, 1979. (Estado e Documentos, 16).

TUFANO, Douglas. *Guia prático da nova ortografia: saiba o que mudou na ortografia brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

VASCONCELOS, A. Faria. O «self-government» na escola. *Revista Escolar*, n. 9, p. 353-359, 1925.

VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças: história e sociologia*. Tradução Sônia Salzstein. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VIÑAO FRAGO. Historia de la educación e historia cultural. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 0, p. 62-82, set./dez.1995.

WHEELER, Douglas L. A primeira república portuguesa e a história. *Análise Social*, v. 14, n. 56, p. 865-872, 1978.

WILLIAMS Raymond. *Cultura de sociedade: 1780 – 1950*. Tradução Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO TEÓRICO

ADÃO, Áurea. *O estatuto sócio-profissional do professor primário em Portugal (1901-1951)*. Oeiras: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1984.

_____. A história da profissão docente em Portugal: balanço da investigação realizada nas últimas décadas. In: NÓVOA, A.; BÉRRIO, J. R. *A história da educação em Espanha e Portugal*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1993. p. 123-135.

AFONSO, Almerindo Janela et al. *Por favor, elejam a B: o associativismo estudantil na Escola Secundária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

ALMEIDA, Jane Soares. Currículos da Escola Normal Paulista (1846 – 1920): revendo uma trajetória. *Revista Brasileira Estudos Pedagógicos*, v. 76, n.184, p. 665-689, set./dez.1995.

ALTBACH, Philip G. Trends in comparative education. *Comparative Education Review*, v. 35, n. 3, p. 491-507, 1991.

_____. ; ARNOVE, Robert F.; KELLY, Gail P. (Ed.). *Comparative education*. New York: Macmillan Publishing Company, 1982.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. São Paulo: Graal, 2001.

ARNOVE, Robert; ALTBACH, Philip; KELLY, Gail (Ed.). *Emergent issues in education: comparative perspectives*. Albany: SUNY Press, 1992.

AZEVEDO, Fernando de. *A educação na encruzilhada: problemas e discussões*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1957.

_____. *A educação na encruzilhada*. Problemas e discussões. Inquérito para “O Estado de São Paulo, em 1926”. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960. 6 v.

_____. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

_____. *A transmissão da cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

BARRADAS, Ana. *Dicionário incompleto de mulheres rebeldes*. Lisboa: Antígona, 1998.

BICAS, Maurilane S.; CARVALHO, Marta M. C. Reforma escolar e práticas de leitura de professores: a Revista do Ensino. In: CARVALHO, Marta M. C.; VIDAL, Diana G. (orgs.). *Biblioteca e formação docente: recursos de leitura*. Belo horizonte: Autêntica, 2000. p. 63-91.

BOLI, John; RAMIREZ, Francisco O.; MEYER, John W. Explaining the origins and expansion of mass education. *Comparative Education Review*, v. 29, n. 2, p. 145-170, 1985.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. A historiografia da educação em Portugal e no Brasil: convergências e desafios. *Contemporaneidade e Educação: Revista Semestral de Ciências Sociais e Educação*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 7, p. 34-50, 1º sem. 2000.

BOURDIEU, Pierre ; PASSERON, Jean-Claude. La comparabilité des systèmes d'enseignement. In: CASTEL, Robert ; PASSERON, Jean-Claude (Ed.). *Éducation, développement et démocratie*. Paris: Mouton, 1967. p. 21-33.

BRAGA PAIXÃO. Educação moral: o liceu, a família, o meio social. *Revista de Educação Geral e Técnica: Boletim da Sociedade de Estudos Pedagógicos*, série 3, n.1, jul. 1914.

BRZEZINSKI, Iria. *A formação do professor para o início da escolarização*. Goiânia: Ed. UCG, 1987.

BURNS, Robin J.; WELCH, Anthony R. (Ed.). *Contemporary perspectives in comparative education*. New York: Garland, 1992.

CAMARGO, Ana M. A. *A imprensa periódica como objeto e instrumento de trabalho*. 1975. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1975.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999.

CANDEIAS, António; NÓVOA, António; FIGUEIRA, Manuel Henrique. *Sobre a Educação Nova: cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)*. Lisboa: Educa, 1995.

CARVALHO, Luís Miguel; CORDEIRO, Jaime. *Brasil – Portugal nos circuitos do discurso pedagógico especializado (1920-1935)*. Lisboa: Educa e Autores, 2002.

_____.; FERNANDES, Ana Lúcia. Mens Agitat molem: the Pedagogical Congresses of the Liga Nacional de Instrução (Lisbon, 1908-1914). *Paedagogica Historica*, v. 40, n. 5/6, p. 685-703, 2004.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A configuração da historiografia educacional brasileira. In: FREITAS, Marcos Cesar (Org.). *Historiografia brasileira com perspectiva*. São Paulo: Contexto; Bragança Paulista: EDUSF, 1998. p. 329-353.

_____. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. *São Paulo em Perspectiva*, v. 14, n. 1, p.111-120, 2000.

_____. O novo, o velho, o perigoso: relendo a cultura brasileira. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 227-240.

CARVALHO, Rómulo. *História do ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1985.

CASTRO, Zília Osório; ESTEVES, João (Dir.). *Dicionário no feminino (séculos XIX – XX)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

CATANI, Denise Bárbara. Estudos comparados sobre a escola: Portugal e Brasil (séculos XIX e XX). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro.

_____.; SOUSA, C. P (Org.). *Imprensa periódica educacional paulista (1890-1996): catálogo*. São Paulo: Plêiade, 1999.

CATROGA, Fernando. *O republicanismo em Portugal: da formação ao 5 de outubro de 1910*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1991. (Coleção Estudos, n. 15, primeira parte – gabinete de publicações).

_____. Secularização e laicidade: a separação das Igrejas e da escola. In: PINTASSILGO, Joaquim (Org.). *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais*. Lisboa: Edições Colibri: Centro de Investigação em Educação, Faculdade da Universidade de Lisboa, 2006. p. 13-40.

CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1982. p. 65-119.

_____. *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

CORDEIRO, Jaime ; CARVALHO, Luís Miguel. A circulação de modelos educativos nas revistas pedagógicas: Portugal e Brasil (1920-1935). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25., 2002, Caxambu, MG.

_____. *Brasil – Portugal nos circuitos do discurso pedagógico especializado (1920 – 1935): um estudo histórico-comparado de publicações de educação*. Lisboa: Educa e Autores, 2002.

_____. Educational journals and worldwide circulation of pedagogical knowledge: Brazil and Portugal (1921-1935). *Paedagogica Historica*, v. 40, n. 1/2, p. 131-141, 2005.

CORNARY, Henri. *Dicionário de pedagogia*. Lisboa: São Paulo: Editora Verbo, 1980.

CORREIA, António Carlos da Luz. Na banca do alquimista: as transformações curriculares dos ensinos primários e liceal em Portugal: 1860-1960. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2006. Orientador: António Nóvoa.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em revista: catálogo da imprensa cultural e de variedade paulistana 1870-1930*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997. (Coleção Memória, Documentação e pesquisa, 4).

CUNHA, Luiz Antônio. Religião, moral e civismo na escola pública - sintonia oscilante: religião, moral e civismo no Brasil - 1931/1997. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 281-369, maio/ago. 2007.

DIAS, Marcia Hilsdorf. Escola Normal de São Paulo do Império: entre a metáfora luzes e a história republicana. In: ARAUJO, José; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; LOPES, Antônio de Pádua Carvalho (Org.). *As escolas normais no Brasil: do Império à República*. Campinas: Alínea, 2008. p. 75-89.

DETIENNE, Marcel. *Comparer l'incomparable*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

DUBY, Georges. *Para uma história das mentalidades*. Tradução Amélia Joaquim. Lisboa: Terramar, 1999.

DULIBIN, C. *Du travail autonome à l'aide au travail personnel*. Paris: INR, 1993.

FEBVRE, L. Vers une autre histoire, *Revue de Métaphysique et de Morale*, Paris, v. 58, p. 419-438, 1953.

FELGUEIRAS, Margarida. *A acção dos "Brasileiros" no séc. XIX e XX em Portugal*. Coimbra: SPCE, 2004. (Escolas, Culturas e Identidades, v. 3).

_____. *A Escola Pública em Portugal (Séc. XVIII-XX): problemas em debate*. In: LOMBARDI, José C.; SAVIANI, Demerval; NASCIMENTO, Maria Isabel M. (Org.). *A escola pública no Brasil: história e historiografia*. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2005. p. 109-141.

FERNANDES, Ana Lúcia Cunha. *O conhecimento pedagógico: análise comparada de revistas de educação e ensino: Brasil – Portugal (1880-1930)*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007. Orientador: António Nóvoa.

FERNANDES, Rogério. *Educação: uma frente e luta*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

_____. *A pedagogia portuguesa contemporânea*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1979. n. 37, I. C.P.

FERREIRA, António Gomes. O sentido da educação comparada: uma compreensão sobre a construção de uma identidade. *Educação*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 124-138, maio/ago. 2008.

FERREIRA, Susana C. *A I Conferência Brasileira de Educação*. 1988. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1988.

FRANKFURT, Sandra Herszkowicz. *As práticas das festas escolares na Escola Normal de Pirassununga*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Orientadora: Maria Rita de Almeida Toledo.

FROEBEL, Friedrich. A educação do homem. In: MAYER, Frederick. *História do pensamento educacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GOMES, Joaquim Ferreira. O ensino da pedagogia e psicologia nas escolas normais primárias (1862-1974). In: FERNANDES, Rogério; ADÃO, Aurea (Org.). *Leitura e escrita em Portugal e no Brasil (1500-1970)*. Porto: SPCE, 1998. v. 3, p.199-202.

HARRIS, Theodore L.; HODGES, Richard E. (Org.). *Dicionário de alfabetização: vocabulário de leitura e escrita*. Tradução de Beatriz Viegas-Farias. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOFSTETTER, Rita; SCHNEUWLY, Bernard. The role of congresses and institutes in the emergence of the educational sciences. *Paedagogica Historica*, v. 40, n. 5/6, p. 569-589, 2004.

_____. Introduction educational sciences in dynamic and hybrid institutionalization. *Paedagogica Historica*, v. 40, n. 5/6, p. 569-589, 2004.

HOLMES, Brian. *Comparative education: some considerations of method*. London: Allen & Unwin, 1981.

_____. Models in comparative education. *Compare*, v. 11, n. 2, p. 155-161, 1981.

HÜFNER, Klaus; MEYER, John W.; NAUMANN, Jens. Comparative education policy research: a world society perspective. In: DIERKES, Meinolf; WEILER, Hans N.; ANTAL, Ariane B. (Ed.). *Comparative policy research - learning from experience*. New York: St. Martin's Press, 1987. p. 188-243.

MADEIRA, Ana Isabel. *Ler, escrever e orar: uma análise histórica e comparada dos discursos sobre a educação, o ensino e a escola em Moçambique, 1850-1950*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007. Orientador: António Nóvoa.

MARBEAU, V. *L'Innovation dans l'enseignement secondaire: le travail autonome des élèves*. Strasbourg: Conselho da Europa, 1979.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Loyola, 1990.

MEYER, John; KAMENS, David; BENAVIDOT, Aaron. *School knowledge for the masses: world models and national primary curricular categories in the twentieth century*. Washington: The Falmer Press, 1992.

MEYER, John; RAMIRES, Francisco; SOYAL, Yasemin. World expansion of mass education, 1870-1980. *Sociology of Education*, v. 65, n. 2, p. 128-149, 1992.

MONARCHA, Carlos. *A reinvenção da cidade e da multidão*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo-1876/1994. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília: MEC, INEP, COMPED, 2000.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, 1974.

_____. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, 1976.

NERY, Ana Clara Bortoleto. Produção e circulação de saberes pelos docentes: representações sobre educação e ensino nos periódicos brasileiros e portugueses (1911-1930). In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; PINTASSILGO, Joaquim

(Org.). *Modelos culturais e saberes pedagógicos, instituições educacionais: Portugal e Brasil, histórias conectadas*. São Paulo: EDUSP, 2010.

NIESSEN, Manfred; PESCHAR, Jules (Ed.). *Comparative research on education*. Oxford: Pergamon Press, 1982.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, p. 7-28, 1981.

NÓVOA, António. *Modelos de análise em educação comparada: disciplina de educação comparada*. Lisboa: Serviço de Documentação, 1994.

PAULA, Lucília Augusta Lino de. *O movimento estudantil na UFRuralRJ: memórias e exemplaridade*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Orientadora: Zaia Brandão.

PEDRÓ, Francesc. Conceptos alternativos y debates teórico-metodológicos en educación comparada: una panorámica introductoria. In: SCHRIEWER, Jürgen; PEDRÓ, Francesc (Ed.). *Manual de educación comparada*. Barcelona: PPU, 1993. p. 21-88.

PEREYRA, Miguel A. La comparación, una empresa razonada de análisis. Por otros usos de la comparación. *Revista de Educación: (Los usos de la comparación en Ciencias Sociales y en Educación)*, p. 24-76, 1990.

_____. La construcción de la educación comparada como disciplina académica. In: SCHRIEWER, Jürgen; PEDRÓ, Francesc (Ed.). *Manual de educación comparada*. Barcelona: PPU, 1993. p. 255-323.

PESCUNA, Derna. *O grêmio estudantil: uma realidade a ser conquistada*. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990. Orientadora: Yvonne G. Khouri.

PIMENTEL, Irene Flunser. *História das organizações femininas*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

PINHEIRO, José Eduardo Moreirinhas. Actividade pedagógica de Irene Lisboa. *Escola Democrática*, ano 7, n. 3, p. 58-63, jan. 1985.

_____. Irene Lisboa normalista. *Escola Democrática*, ano 8, n. 1, p. 41-46, dez. 1985.

_____. Actividade pedagógica de Ilda Moreira. *Escola Democrática*, ano 11, n. 3/4, p. 79-84, jul. 1991.

_____. Mostra da actividade pedagógica de Ilda Moreira. *Escola Democrática*, ano 11, n. 3/4, p. 85-91, jul. 1991.

_____. *Centenário do nascimento de Irene Lisboa: Irene Lisboa e a educação infantil*. Lisboa: ESELx e Centro de Documentação e Informação, 1992.

_____. *Notas e documentos para a história do ensino primário e normal*. Lisboa: ESELx, 1997.

_____. *Subsídios e reflexões para a história do ensino primário e normal*. Lisboa: ESELx, 1998.

_____. *Notas para a história do ensino em Portugal*. Lisboa: ESELx, 1999.

_____. *Notas sobre personalidades e instituições do ensino e a cultura em Portugal*. Lisboa: ESELx, 2001.

_____. *Textos dispersos sobre educação e cultura*. Lisboa: ESELx, 2004.

PINTASSILGO, Joaquim. O mestre como artesão/prático e como intelectual. In: ESCOLANO, A.; MAGALHÃES, J. (Org.). *Os professores na história*. Porto: S.P.C.E, 1999. p. 83-98.

_____. Ser professor de liceu no “Estado Novo” português. O discurso dos professores na imprensa pedagógica. *História da Educação*, Pelotas, p. 17-38, set. 2002.

_____. Construção histórica da noção de democratização do ensino. O contributo do pensamento pedagógico português. In: VIEIRA, Maria Manuel; PINTASSILGO, Joaquim; MELO, Benedita Portugal. *Democratização escolar: intenções e apropriações*. Lisboa: Centro de Investigação em Educação, FCUL, 2003. p. 119-129.

_____. Manuais de pedagogia e inovação educativa no primeiro terço do século XX: entre a tradição e a inovação. In: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2004, Évora/Portugal.

_____. *História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais*. Lisboa: Edições Colibri: Centro de Investigação em Educação, Faculdade da Universidade de Lisboa, 2006.

_____. et al. *A história da educação em Portugal: balanços e perspectivas*. Porto: Asa, 2007.

PLANCHARD, Emile. *A pedagogia escolar contemporânea*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1967.

RIBEIRO, J. Querino. *A reforma das escolas normais: contribuição para o seu estudo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Secção de Publicações, 1952. (Cadernos da Faculdade, 1).

ROMANELLI, Otaíza O. *História da educação no Brasil (1930-1973)*. 8. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

SAMPAIO, J. Salvado. *O ensino primário 1911-1969: contribuição monográfica*. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica, 1975. v. 1, 1^o Período – 1911-1926.

SANFELICE, José Luís. *Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 1964*. Campinas: Alínea, 2008.

SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo. *Dicionário da história de Lisboa*. Lisboa: Europam, 1994.

SARTO, Luis Sánchez. *Dicionário de pedagogia*. Barcelona: Editorial Labor, 1936.

SCHRIEWER, Jürgen. The method of comparison and the need for externalization: methodological criteria and sociological concepts. In: SCHRIEWER, Jürgen; HOLMES, Brian (Ed.). *Theories and methods in comparative education*. 3. ed. Frankfurt am Main & New York: Peter Lang, 1992. p. 25-83.

_____. World-system and interrelationship-networks: the internationalization of education and the role of comparative inquiry [in press]. Frankfurt am Main & New York: Peter Lang, 1995.

_____. *Formas de externalização no conhecimento educacional*. Lisboa: Educa, 2001.

SZESZ, Christiane Marques (Org.). *Portugal-Brasil no século XX: sociedade, cultura e ideologia*. Bauru: EDUSC, 2003.

SOYAL, Yasemin; SRANG, David. Construcion of the first mass education systems in nineteenth-century Europe. *Sociology of Education*, v. 62, n. 10, p. 277-288, 1989.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981). 2001. 295 f. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientadora: Marta Maria Chagas de Carvalho.

TUFANO, Douglas. *Guia prático da nova ortografia: saiba o que mudou na ortografia brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

VICENTE, Ana Claudia. *A introdução do escutismo em Portugal – 1911-1942*. Lisboa: ISCTE, 2004.

WELCH, Anthony R. Knowledge, culture, and power: educational knowledge and legitimation in comparative education. In: BURNS, Robin; WELCH, Anthony (Ed.). *Contemporary perspectives in comparative education*. New York: Garland Publishing, 1992. p. 35-68.

_____. Class, Culture and the State in Comparative Education: problems, perspectives and prospects. *Comparative Education*, v. 29, n. 1, p. 7-27, 1993.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá; NIENOV, Gisele. Escola Normal rural e seu impresso estudantil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 45, p. 81-105. jun. 2007.

WILLIAMS Raymond. *Cultura de sociedade: 1780 – 1950*. Tradução Leônidas H. B. Hegenberg, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

FONTES DOCUMENTAIS PRINCIPAIS

EDUCAÇÃO FEMININA. Quinzenario literario, científico e artístico. Orgão das Normalistas de Lisboa, 1913.

EXCELSIOR! Revista do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março”, 1911 – 1916.

O ALVORECER. Quinzenario pedagógico, literario e científico. Orgão dos normalistas do Porto, 1912 - 1914.

O ESTIMULO. Orgam do Gremio Normalista “Dois de agosto” - Escola Normal de S. Paulo, 1911 – 1927.

OS NOVOS. Revista dos alunos da Escola Normal Primária de Coimbra, 1925-1927.

FONTES DOCUMENTAIS

1 Fontes documentais: estágio no exterior

1.1 Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC)

BASTOS, H. Teixeira. A participação dos estudantes na administração escolar. *Arquivo Pedagógico*: Boletim da Escola Normal de Coimbra, Coimbra, v. 4, n. 1/4, p. 1-7, mar./dez. 1930.

COUSINET, Roger. L'éducation esthétique à l'école primaire (2^o article). *l'Éducateur Moderne*, Paris, 8^e Année, p. 49-61, Février 1913.

COUSINET, Roger. L'éducation esthétique à l'école primaire (3^o article). *l'Éducateur Moderne*, Paris, 8^e Année, p. 163-176, Avril 1913.

COUSINET, Roger. L'éducation esthétique à l'école primaire (4^o article). In: *l'Éducateur Moderne*, Paris, 8^e Année, p. 241-248, Juin 1913..

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA (Sexo Masculino). Livro de Aproveitamento e Comportamento, 3ª classe, 1913 a 1914. (Agostinho dos Santos Jorge, pág. 2).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA E ESCOLA PRIMÁRIA SUPERIOR DE COIMBRA. *Livro de Termo de Posses*. 1913 a 1926. (José Tomás da Fonseca, pág. 14).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 3ª classe, 1925 a 1926. (Selda Salgado de Oliveira Mendes, pág. 25).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 1ª classe, 1923 a 1924. (Selda Salgado de Oliveira Mendes, pág. 37 verso).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 3ª classe, 1926 a 1927. (Vitorino Morais Barbosa, pág. 39 verso).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 2ª classe, 1925 a 1926. (Vitorino Morais Barbosa, pág. 29 verso).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento, 1ª classe, 1924 a 1925. (Vitorino Morais Barbosa, pág. 27 verso).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 1ª classe, 1925 a 1926. (Martinho Rebêlo, pág. 23 verso).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 2ª classe, 1926 a 1927. (Martinho Rebêlo, pág. 16 verso).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro dos Termos de Exames de Admissão*, 1911 a 1912. (Virgínia Faria Gersão, pág. 33 verso).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Folha de vencimento do pessoal – gratificação por serviços de exames finais*. Ministério da Instrução Pública. Ano Económico de 1927-1928. (Agostinho Jorge).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Folha de vencimento do pessoal – gratificação por acumulação de regências*. Ministério da Instrução Pública. Ano Económico de 1927-1928. (Alvaro Viana de Lemos).

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Folha de vencimento do pessoal – efectivo, ativo e contratado*. Ministério da Instrução Pública. Ano Económico de 1927-1928. (Afonso Duarte, Alvaro Viana de Lemos e Agostinho Jorge).

ESCOLA PRIMÁRIA SUPERIOR DE COIMBRA. *Livro do Registro das notas de frequência*, 2ª classe, 1922 a 1923. (Vitorino Morais Barbosa, pág. 1).

ENSINO PRIMÁRIO E NORMAL. Instruções relativas ao funcionamento das escolas normaes – Circular de 18 de Outubro de 1902. In: *Boletim da Direcção Geral da Instrução Pública*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1904. Anno III, Fasc. IV-VI, Abril-Junho.

PEETERS, Edward. Les écoles nouvelles démocratiques. *Arquivo Pedagógico*: Boletim da Escola Normal de Coimbra, Coimbra, v. 4, n.1/4, p. 313-319, mar./dez. 1930.

REPÚBLICA PORTUGUESA. *Boletim Oficial do Ministério de Instrução Pública*. Circulares – sobre a orientação do ensino e organização de conferências pedagógicas. Ano II, n. 20 a 22.

1.2 Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx)

ANJO, Isabel César; PEDROSO, Alberto. A figura da quinzena: António Sérgio. *O Diário*.

ANJO, Isabel César; PEDROSO, Alberto. A figura da quinzena: Afonso Duarte. *O Diário*.

BOLETIM GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA - Publicação semanal. Discurso de Abertura da Escola Normal Primária de Lisboa – Abril, 21 – 1862. Lisboa: Ministério da Instrução Pública, Imprensa Nacional, 1862, N. 15, Abril, 50.

BOLETIM PEDAGÓGICO Nº 1: *Instruções sobre jogos de leitura*. Portaria nº 3:891, Lisboa: Ministério da Instrução Pública, Imprensa Nacional, 1923-1924.

ESCOLA NORMAL DE LISBOA. *Livro de Actas* – da Associação Académica, Lisboa.

ESCOLA NORMAL DE LISBOA. *Livro de Actas* – Papelaria, Lisboa.

ESCOLA NORMAL DE LISBOA. *Livro de Actas* – Conselho Fiscal, Lisboa.

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE LISBOA. *Livro de Actas do Conselho de Instrução*. 1918-1919. Lisboa.

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE LISBOA DO SEXO FEMININO. *Livro de Actas os exames finais*. 1905-1919. Lisboa.

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE LISBOA. *Livro de Actas do Conselho da Escola Normal para o sexo masculino*. 1895-1915. Lisboa.

ESCOLA NORMAL DE LISBOA DO SEXO MASCULINO. *Livro de termo da entrega de diploma*, 1913-1914. Lisboa.

ESCOLA NORMAL DE LISBOA DO SEXO FEMININO. *Livro de matrícula*, n.2, 1904-1918. Lisboa.

ESCOLA NORMAL DE LISBOA DO SEXO FEMININO. *Livro de matrícula*, n.3, 1904-1919. Lisboa.

ESCOLA NORMAL DE LISBOA DO SEXO MASCULINO. *Livro de matrícula*, n.1, 1903-1915. Lisboa.

ESTATUTO da Associação Académica da Escola do Magistério Primário de Lisboa impresso na Tipografia do Reformatório Central de Lisboa “Padre António de Oliveira”.

LEMOS, Alvaro V. Carta dirigida ao director da Escola do Magistério Primário de Lisboa. Coimbra, 23 de outubro de 1930.

LIMA, Adolfo. A autonomia dos educandos e as associações escolares: as Solidárias. *Educação Social - Revista de Pedagogia e Sociologia*. Lisboa, 2º ano, n. 15 – maio 1925.

PORTUGAL. Ministério da Instrução Pública. Secretaria Geral. Circular n. 3. João de Barros, 28 de maio de 1915.

_____. Decreto n. 6:351 de 16 de janeiro de 1920. *Regulamento Interno da Escola Normal Primária de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1920.

1.3 Instituto Politécnico do Porto (IPP)

ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Livro de Actas*. Porto, 1990-1912.

ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Livro de matrícula da 3ª classe*, 1914-1917. Porto.

ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Livro de matrícula da 2ª classe*, 1914-1916. Porto.

ESCOLA NORMAL DO SEXO MASCULINO DO PORTO. *Livro de matrícula do 3º ano*, 1904-1914. Porto.

ESCOLA NORMAL DO SEXO FEMININO DO PORTO. *Livro de matrícula do 3º ano*, 1904-1914. Porto.

ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Livro de registos de aproveitamento – frequência e comportamento*, 1902-1909, Porto.

ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Termo de exames finais – Sexo Masculino*. 1905-1931. Porto.

ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Termo de posse conferida aos professores da Escola Normal do Porto – Sexo feminino e depois mista*. 1882-1919. Porto.

ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Livro registos de diploma*, 1905-1915. Porto.

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DO PORTO. *Livro de correspondência expedida* n.3. 1933, Porto.

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DO PORTO. *Livro de correspondência expedida* l.2. 1932-1933, Porto.

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DO PORTO. *Livro de correspondência expedida*. 1925-1927, Porto.

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DO PORTO. *Livro de correspondência expedida* l.12. 1944, Porto.

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DO PORTO. *Livro de Actas* – exames de estado. 1945-1960, Porto.

FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DOS PROFESSORES DOS LICEUS PORTUGUESES. Congresso Pedagógico do Ensino Secundário Oficial realizado em Braga nos dias 9, 10, 11 e 12 de junho de 1929. Braga: Oficina S. José, 1930.

LEMOS, Alvaro V.. *O escotismo na educação*. Conferência realizada na Universidade Livre de Coimbra em 24.2.1926. Coimbra: Minerva Central, 1926.

1.4 Biblioteca Pública Municipal do Porto

O ALVORECER. Quinzenário Pedagógico, Literário e Científico – Propriedade dos primeiranistas da Escola Normal do Porto, 1912. (Número 1).

1.5 Biblioteca Nacional em Lisboa

ASSOCIAÇÃO. Alunos da escola Oficina n.1. As Solidárias. Lisboa: Imprensa Nacional, 1912 - 1920. Relatório Geral de 1911-1912, 1916. (Cota: SC 1081 V).

ASSOCIAÇÃO ESCOLAR. Liceu Pedro Nunes – regulamento geral. Lisboa: Tipografia Universal, 1916. (Cota: SC 10651. P).

ASSOCIAÇÃO ESCOLAR. Liceu Pedro Nunes – regulamento geral. Lisboa: Tipografia Universal, 1919. (Cota: SC 7424. 5V).

ASSOCIAÇÃO ESCOLAR. Liceu Pedro Nunes – estatutos. Lisboa: Tipografia Universal, 1914. (Cota: SC 7071 5V).

EDUCAÇÃO FEMININA. Quinzenário pedagógico, literário e científico. Órgão das Normalistas de Lisboa, 1913. (Número 1 - 01/04/1913; Número 2 - 21/04/1913; Número 3 - 05/05/1913; Número 4 - 28/05/1913; Número 5 - 09/06/1913; Número 6 - 30/06/1913; Número 7 - 22/09/1913).

ESTATUTOS. Associação dos Estudantes da Escola Normal do Porto – Aprovado em Assembleia Geral de 25 de Janeiro de 1917. Porto: Tipografia Mendonça, 1917. (Cota: SC 10649 8P).

ESTATUTOS. Associação Escolar do Liceu Gil Vicente – fundada e 1918-1919. (Cota:10 880 15P).

ESTATUTOS. Associação Escolar do Liceu Central de Garret. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1912. (Cota:12 299 12P).

ESTATUTOS. Associação Escolar do Liceu Normal de Lisboa (Pedro Nunes). Lisboa: Tipografia Emilio Braga. (Cota:12 299 12V).

ESTATUTOS. Caixa Escolar dos Alunos da Escola Normal para o Sexo Masculino em Coimbra. Coimbra: Imprensa Academica, 1911.

O ALVORECER. Quinzenário Pedagógico, Literario e Científico – Propriedade dos primeiranistas da Escola Normal do Porto, 1912. (Números de 2 a 16).

O ALVORECER. Quinzenário Pedagógico, Literario e Científico – Propriedade dos secundaristas da Escola Normal do Porto, 1913. (Números de 17 a 31).

O ALVORECER. Quinzenário Pedagógico, Literario e Científico – Órgão dos normalistas do Porto, 1913. (Números de 32 a 37).

OS NOVOS. Revista dos alunos da Escola Normal Primária. Coimbra: Número 1 - 1ª serie - 18/12/1925.

OS NOVOS. Revista dos alunos da Escola Normal Primária. Coimbra: Ano 1º - Número 2 - 1ª Serie - 10/02/1926.

OS NOVOS. Revista dos alunos da Escola Normal Primária. Coimbra: Ano 1º - Número 3 - 1ª Serie - 12/03/1926.

OS NOVOS. Revista dos alunos da Escola Normal Primária. Coimbra: Número comemorativo do centenário de Pestalozzi – 17/02/1927.

1.6 Bibliotheque sociopedagogique Dr. Decroly - Centre D'Etudes Decrolyennes – Fondation F. Et L.Brunfaut – Bruxelles

CARTA. José da Cruz Filipe dirigida ao Dr. Decroly. Lisboa, 04 de maio de 1928.

CARTA. José Rodrigues Miguéis dirigida ao Dr. Decroly. Lisboa, 28 de setembro de 1929.

CARTA. Faria de Vasconcelos dirigida ao Dr. Decroly. Lisboa, 05 de novembro de 1930.

CARTA. José de Almeida dirigida ao Dr. Decroly. Ouro Fino, 02 de setembro de 1928.

TELEGRAMA. Dr. Decroly dirigido a Lourenço Filho, São Paulo. Bruxelles, 21 de fevereiro de 1929.

TELEGRAMA. Cecília Alvarenga dirigido ao Dr. Decroly. Belo Horizonte, 13 de dezembro de 1930.

1.7 Archives Institut J.-J. Rousseau - Faculté de Psychologie et des Sciences de L'éducation -Section des Sciences de L'éducation - Genève

ANTIPOFF, Hélène. Lettre du Brésil. *L'Intermédiaire des Educateurs*. XVII Année, n. 143, Aout 1931, Genève.

CLAPARÈDE, Ed. Cinquante jours au Brésil. *L'Intermédiaire des Educateurs*. LXVII Année, n. 8, 11 Avril 1931.

CORRESPONDANCE DE LA DIRECTION. Orientation Professionnelle. Ministre Helio Lobo – Délégation Permanente du Brésil. Genève, le 24 Janvier 1949.

CORRESPONDANCE DE LA DIRECTION. Laura Lacombe para Claparède. Rio, 01 de julho de 1925.

CORRESPONDANCE DE LA DIRECTION. Laura Lacombe para Claparède. Rio, 26 de abril de 1926.

ELÈVES RÉGULIERS DE L'INSTITUT SE TROUVANT À GENÈVE. *L'Intermédiaire des Educateurs*. XVII Année, n. 143, Aout 1931, Genève. (59. Portugal – LISBOA, Irene Melle, c/o Jebesen, 19, Av. Beau-Séjour).

FERRIÈRE, Ad. Progress actuels du mouvement en faveur de l'éducation nouvelle. *Pour L'ère Nouvelle. Revue Internationale D'Éducation Nouvelle*, 3 Année, n.10, Avril 1924.

FERRIÈRE, Ad. L'Ecole nouvelle et le Bureau international des Ecoles nouvelles. *Pour L'ère Nouvelle. Revue Internationale D'Éducation Nouvelle*. 4 Année, n.15, Avril 1925.

FERRIÈRE, Ad. L'Éducation nouvelle au Brésil. *Pour L'ère Nouvelle. Revue Internationale D'Éducation Nouvelle*. 10 année, n.67, Avril-Mai 1931.

FONSECA, J. B. Une tâche sociale urgente: La transformation des Ecoles Normales au Brésil. *Pour L'ère Nouvelle. Revue Internationale D'Éducation Nouvelle*. 11 année, n.80, Août-Septembre 1932.

LISTE DES PARTICIPANTS DU COURS DE VACANCES, du 27 juillet au 1^{er} août 1931. *L'Intermédiaire des Educateurs*. XVII Année, n. 143, Aout 1931, Genève. (35. Portugal – MOREIRA, Ilda Me, Instit. D'Instruction primaire élémentaire et enf. Rua da Gloria, 41.40, Lisboa, Portugal).

LISTE DES ELÈVES DU SEMSTRE D'ÉTÉ 1931. *L'Intermédiaire des Educateurs*. XVII Année, n. 142, Juin 1931, Genève. (62. LISBOA, Irene - Portugal).

LIVRE D'OR DES ÉTUDIANTS DE L'INSTITUT. Irene Lisboa (Lisboa). Novembro de 1929 a julho de 1930.

LIVRE D'OR DES ÉTUDIANTS DE L'INSTITUT. Irene Leite da Costa (Porto). Outubro de 1937 a novembro de 1938.

LIVRE D'OR DES ÉTUDIANTS DE L'INSTITUT. Laura Lacombe (Brasil). Janeiro de 1925 a março de 1925.

LIVRE D'OR DES VISITENS DE L'INSTITUT. Pedro Pernambuco Filho, Livre Docente e Assistente da Faculdade de Medecina, Rio de Janeiro.

LIVRE D'OR DES VISITENS DE L'INSTITUT. José Dias dos Santos Coelho, Correspondant de "O Século" auprès de la S. D. N., Lisboa, 07 de setembro de 1929.

LIVRE D'OR DES VISITENS DE L'INSTITUT. Oscar Arthur Guimarães, Assistente Technico de Ensino, Juiz de Fora, Minas, Brasil.

VIE ET OEUVRE D'ADOLPHE FERRIERE (1879-1960). Chronologie de son existence, Première partie: 1879-1934. Rémy Gerber, Genève, Juin 1989.

STANWOOD COBB, M. S. L'Association d'Education progressive et le mouvent des Ecoles nouvelles en Amérique. *Pour L'ère Nouvelle. Revue Internationale D'Éducation Nouvelle*. 2 année, n.8, Octobre 1923.

UNIVERSITÉ DE GENÈVE, Institut des sciencies de l'Education (Institut J.J. Rousseau). Cours de Vacances du 27 juillet au 1 août 1931.

UNIVERSITÉ DE GENÈVE, Institut des sciencies de l'Education (Institut J.J. Rousseau). Rapports de la Direction – Rapports sur l'Annee universitaire 1930-1931. (11. Recherches. Melle Lisboa: Les jeux moteurs).

VASCONCELOS, Faria de. L'Institut d'Orientation professionnelle "Maria Luisa Barbosa de Carvalho" à Lisbonne. *Pour L'ère Nouvelle. Revue Internationale D'Éducation Nouvelle*. 10 année, n.73, Décembre 1931.

1.8 Archives Jean Piaget - UNI-MAIL - Genève

PIAGET, Jean. Observações psicológicas sobre o self-government. CLA 1934/2/por.

PIAGET, Jean. A evolução social e a pedagogia nova. CLA 1933/5/por.

PIAGET, Jean. Les Réalités morales dans la vie des Enfants. CLA 1931/8.

PIAGET, Jean. Os procedimentos da Educação Moral. Tradução de Maria Suzana de Stefano Menin. CLA 1930/4/por.

PIAGET, Jean. Avant-propos de la seconde édition. CLA 1930/6/por.

PIAGET, Jean. La notion de justice chez l'enfant. CLA 1930/2/por. (self-government).

PIAGET, Jean. *De la Pédagogie*. Editions odile Jacob.

PARRAT-DAYAN, Silvia. La réception de l'oeuvre de Piaget dans le milieu pédagogique des années 1920-1930. *Revue Française de Pédagogie*. N. 104, juillet-août-septembre 1993, 73-83.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Piaget, la psychologie et ses applications. *Archives de Psychologie*, 1997, 65, 247-263.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Le texte et ses voix: Piaget lu par ses pairs dans le milieu psychologique des années 1920-1930. *Archives de Psychologie*, 1993, 61, 127-152.

PROCÉS-VERBAUX ET RÉOLUTIONS, Gouvernements représentés a la conference. Discours du S. E. F. d'Aquino Correa (Brésil). In: VII conférence Internationale de L'Instruction Publique, Genève, 1938. CLA 1938/5.

1.9 Bibliothèque publique et universitaire de Genève

CARTA. Lourenço Filho dirigida a Claparède. São Paulo, 28 de março de 1927.

CARTA. Claparède dirigida a Lourenço Filho. Genève, 22 de juillet de 1927.

CARTA. Lourenço Filho dirigida a Claparède. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1932.

CARTA. Claparède dirigida a Lourenço Filho. Genève, 9 de fevereiro de 1932.

CARTÃO DE VISITA. M. Bergstron Lourenço Filho, professor da Escola Normal de São Paulo.

LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? *Le Débat*, Paris, n. 54, p. 46-53, mar./abr. 1989.

2 Fontes documentais: Brasil – Estado de São Paulo

2.1 Instituto de Estudos Educacionais “Sud Mennucci”

ANUARIO DO ENSINO DO ESTADO DE S. PAULO. Publicação organizada pela Directoria Geral de Instrução Publica, com autorização do Governo do Estado. 1920-1921.

BOLETIM DA EDUCAÇÃO PÚBLICA. Publicação Trimestral da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, Brasil. Janeiro/março de 1930.

BOLETIM DA EDUCAÇÃO PÚBLICA. Publicação Trimestral da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, Brasil. Julho/setembro de 1930.

CORRÊA; Maria Elizabeth Peirão; MELO, Mirela Geizer de; NEVES, Helia Maria Vendramini. *Arquitetura escolar paulista 1890-1920*. São Paulo: FDE, 1991.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1905. Anno IV, abril, n. 1.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1905. Anno IV, junho, n. 2.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1905. Anno V, agosto, n. 3.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1905. Anno V, fevereiro, n. 6.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1906. Anno IV, janeiro, n. 4.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1906. Anno IV, março, n. 5.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1906. Anno IV, maio, n. 6.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1906. Anno V, junho, n. 1.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação bimestral. São Paulo: Typographia Tolosa, 1907. Anno VI, março, n. 3 e 4.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação bimestral. São Paulo: Typographia Tolosa, 1907. Anno VI, junho, n. 1.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação bimestral. São Paulo: Typographia Tolosa, 1907. Anno VI, setembro, n. 4.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação bimestral. São Paulo: Typographia Tolosa, 1907. Anno VI, novembro, n. 5.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação bimestral. São Paulo: Typographia Tolosa, 1912. Anno XI, março, n. 1.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação bimestral. São Paulo: Typographia Tolosa, 1912. Anno XI, junho, n. 2.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1913. Anno XII, março, n. 1.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1913. Anno XII, junho, n. 2.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1913. Anno XII, setembro, n. 3.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1913. Anno XII, dezembro, n. 3.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1914. Anno XIII, março, n. 1.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1914. Anno XIII, junho, n. 2.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1914. Anno XIII, setembro, n. 2.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1914. Anno XIII, dezembro, n. 4.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1914. Anno XIV, junho, n.2.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1915. Anno XIV, março, n. 4.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1915. Anno XIV, junho, n. 1.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1915. Anno XIV, setembro, n. 2.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1915. Anno XIV, dezembro, n. 3.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1916. Anno XV, junho de 1916, n. 1.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1919. Anno XVIII, junho a dezembro de 1918, n. 1 a 4.

REVISTA DE ENSINO – Orgam da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo. Publicação trimestral, sob os auspícios da Diretoria Geral da Instrução Pública. São Paulo: Typographia do “Diário Oficial”, 1918. Anno XVII, dezembro de 1917 e março de 1918, n. 3 e 4.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, 1 de setembro de 1933. Anno I, n. 2.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, outubro de 1933. Anno I, n.3 e 4.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, março de 1934. Anno II, n. 6.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, julho de 1934. Anno II, n. 9.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, 1ª quinzena de 1934. Anno II, n. 10.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, agosto de 1934. Anno 2, n. 11.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, setembro de 1934. Anno 2, n. 12.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, outubro de 1934. Anno 2, n. 13.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, abril de 1948. Anno 16, n. 5.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, agosto de 1949. Anno XVII, n. 2.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, setembro de 1949. Anno XVII, n. 3.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, agosto de 1954. Anno XXII, n. 1.

O NORMALISTA – Orgam do Gremio Literário “Alvares de Azevedo”. Campinas, novembro de 1954. Anno XXII, n. 2.

SÃO PAULO (Estado). *Comemorações do Primeiro Centenário do Ensino Normal 1846-1946*. São Paulo: Gráfica Brescia, 1946. Relatório da comissão.

SÃO PAULO (Estado). *Arquitetura Escolar Paulista: restauro*. São Paulo: FDE, 1998.

SÃO PAULO (Estado). Decreto n. 3356 de 31 de maio de 1921. Regulamenta a Lei n. 1750, de 8 de Dezembro de 1920, que reforma a Instrução Publica. *Anuário do Ensino do Estado de São Paulo*, 1920-1921. Publicação organizada pela Directoria Geral de Instrução Publica, com autorização do Governo do Estado.

2.2 Centro de Referência Mário Covas Núcleo de Memória da Educação Paulista - CRMC

Revista "O Estimulo"
Revista "Escola Publica"
"Revista de Instrução"

2.3 Arquivo do Estado de São Paulo

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. “Escola Nova” – 1931. São Paulo. . (digitalizada).

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. “Revista do Ensino” – março de 1908, São Paulo.

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. “Revista Escolar” – 1925 a 1927. São Paulo.

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. “Revista de Educação” – 1923 a 1946, São Paulo.

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Sistema de arquivos do Estado de São Paulo – catálogos de periódicos. São Paulo

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em revista: catálogo da imprensa cultural e de variedade paulistana 1870-1930*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997. (Coleção Memória, Documentação e pesquisa, 4).

2.4 Acervo “Caetano de Campos” – CRE/CENP/SEE – São Paulo/SP

A SAPA. Orgam Dedicado aos Normalistas de 1919. São Paulo, novembro de 1919, n.2.

CARDIM, Carlos Gomes. Convite para a solenidade do compromisso dos professorandos de 1919. São Paulo, 24 de novembro de 1919.

CONVITE. Commemoração do 49º Aniversário da Escola Normal da Praça da República, Gremio Normalista “Dois de Agosto”, 1929.

ESCOBAR, José Ribeiro. Histórico da Instrução Pública paulista (Feito para o Anuário do Ministério da Educação). In: *Revista de Educação*, set. 1933.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Registro de joia, anuidade e assinatura da revista social do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 30 de Outubro de 1909. Alcebíades Oliveira – presidente.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Registro das actas das sessões do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 30 de Outubro de 1909. Alcebíades Oliveira – presidente.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro destinado aos Trabalhos Literários dos socios do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 1907.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Presença e Apuração da eleição para o Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 1919.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro destinado ao assentamento das posses das diretorias do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 29 de Março de 1951.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do quarto Anno - Sexo Feminino. 27/06/1894-191.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do Primeiro Anno - Sexo Masculino. 07/06/1894-1920.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do Primeiro Anno – Sexo Masculino. 14/03/1907-1911.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do Terceiro Anno – Sexo Feminino. 07/03/1910.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do Quarto Anno – Sexo Feminino. 25/03/1911.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do Primeiro Anno – Sexo Feminino. 25/03/1912.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, setembro de 1911. Ano V, n. 18.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 6 de outubro de 1913. Ano VI, n. 27.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 20 de abril de 1914. Ano VII, n. 28.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 1 de agosto de 1914. Ano VII, n. 29.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 12 de setembro de 1914. Ano VII, n. 30.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 11 de junho de 1916. Ano IX, n. 34.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 14 de novembro de 1916. Ano IX, n. 35.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 14 de abril de 1917. Ano X, n. 37

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 2 de agosto de 1918. Ano XI, n. 38.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 13 de maio de 1919. Ano XII, n. 39.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 2 de agosto de 1919. Ano XII, n. 40.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 12 de agosto de 1919. Ano XII, n. 41.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 6 de maio de 1920. Ano XIII, n. 42.

ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo, 6 de maio de 1927. Ano XIII, n. 4.

ESCOLA NORMAL DE SÃO PAULO. Irradiação de cultura (Réplica pedagógica do bandeirismo – A. Almeida Jr) Expansão do Ensino Normal no Brasil. (manuscrito, sd.).

ESCOLA NORMAL. Exame de Sufficiencia. Secção Feminina. Diário Oficial, 1916. p. 307 - 400.

ESCOLA NORMAL. Exame de Sufficiencia. Secção Masculina. Diário Oficial, 1916. p. 400 - 401.

ESCOLA NORMAL. Livro destinado exclusivamente aos assentamento das posses das diretorias do Gremio Dois de Agosto de acôrdo com o artigo 56º dos Estatutos do mesmo. São Paulo, 29 de março, de 1951.

MANUSCRITO. A primeira Escola Normal. sd.

MANUSCRITO. A nossa escola. sd.

MANUSCRITO. Inauguração do atual prédio da Escola Normal. sd.

POLYANTHÉA - Commemorativa ao 21 de Abril 1792-1915. Organizada pelos professorandos normalistas primários de 1915.

REIS, Maria Candido Delgado. "Caetano de Campos": Fragmentos da História da Instrução Pública no Estado de São Paulo. São Paulo: Associação de Ex-alunos do Instituto de Educação "Caetano de Campos", 1994.

RODRIGUES, João Lourenço. A primeira Idea, uma Escola Normal em São Paulo. (manuscrito, sd.).

TRENCH, Maria José Cardoso Gomes. Histórico da Escola Normal: marco do desenvolvimento do ensino em São Paulo. 1967. (manuscrito).

2.5 Escola Estadual "Padre Anchieta" - São Paulo/SP

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DO BRAZ. Ofício n. 199 dirigido ao presidente do Grêmio Normalista "16 de maio". O Director da Escola Normal Secundária do Braz. São Paulo, 21 de novembro de 1914.

ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DO BRAZ. Correspondência acusando o recebimento da revista "O Estimulo" – Orgam do Grêmio Normalista "2 de Agosto". O Director da Escola Normal Secundária do Braz. São Paulo, 29 de outubro de 1913.

2.6 Escola Estadual "Dr. Álvaro Guião" - São Carlos/SP

Escola Normal de São Carlos. Livro de Ponto, 1911.

Escola Normal de São Carlos. Educação e Ensino - Discurso pronunicado na Escola Normal de São Carlos, a 18 de novembro de 1916 por ocasião da entrega de diplomas aos professores desse curso. (Juvenal de Azevedo Penteado).

Escola Normal de São Carlos. Atas de inscrição do curso normal profissional de 20/03/1911 a 15/02/1921 – matrículas do 1º ano masculino, 1911.

Escola Normal de São Carlos. Livro de Admissão - Secção Feminina, 1911.

Escola Normal de São Carlos. Livro de Admissão - Secção Masculina, 1911.

Escola Normal de São Carlos. Livro Compromisso, 1911.

Escola Normal de São Carlos. Livro de Nomeações, abril de 1911 a fevereiro de 1913.

2.7 Biblioteca da Unidade Especial de Informação e Memória da Universidade Federal de São Carlos (UEIM)

REVISTA *EXCELSIOR!* Revista do Grêmio Normalista “22 de Março” da Escola Normal de São Carlos, n.1, nov. 1911.

REVISTA *EXCELSIOR!* Revista do Grêmio Normalista “22 de Março” da Escola Normal de São Carlos, n.2, mar. 1912. v Escola Normal de São Carlos, n.3, fev. 1913.

REVISTA *EXCELSIOR!* Revista do Grêmio Normalista “22 de Março” da Escola Normal de São Carlos, n.4, out. 1913.

REVISTA *EXCELSIOR!* Revista do Grêmio Normalista “22 de Março” da Escola Normal de São Carlos, n.5, nov. 1913.

REVISTA *EXCELSIOR!* Revista do Grêmio Normalista “22 de Março” da Escola Normal de São Carlos, n.6, set. 1914.

REVISTA *EXCELSIOR!* Revista do Grêmio Normalista “22 de Março” da Escola Normal de São Carlos, n.7, set. 1916.

2.8 Escola Estadual “Conselheiro Rodrigues Alves” - Guaratinguetá/SP

ESCOLA ESTADUAL “CONSELHEIRO RODRIGUES ALVES”. 100 anos ensinando gerações. *Revista Comemorativa do Centenário da Escola Estadual “Conselheiro Rodrigues Alves” 1902-2002*. Guaratinguetá – Estado de São Paulo, 2002.

ACERVOS E ARQUIVOS CONSULTADOS

1 Locais de desenvolvimento da pesquisa no exterior

Acervo particular do prof. Dr. Joaquim António de Sousa Pintassilgo.
Rua Augusto Alexandre Jorge, 7, 5E – Odívelas - Portugal.

e-mail: japintassilgo@fc.ul.pt

Archives Institut J.-J. Rousseau

Faculté de Psychologie et des Sciences de L'éducation
Section des Sciences de L'éducation
Boulevard du Pont-d'Arve 40 / CH-1205 Genève - Suíça
e-mail: François.bos@pse.unige.ch

Archives Jean Piaget

UNI-MAIL
Bd. du Pont-d'Arve 40 / CH-1205 Genève - Suíça
e-mail: marylene.bennour@pse.unige.ch ; silvia.parrat-dayan@pse.unige.ch

Bibliothèque publique et universitaire de Genève

Promenade des Baastions 1211 Genève 4 - Suíça
e-mail: mss.bpu@ville-ge.ch

Bibliothèque sociopédagogique Dr. Decroly

Centre D'Etudes Decrolyennes – Fondation F. Et L.Brunfaut
Drève des Gendarmes, 45
B1180 – Uccle- Bruxelles – Belgica

Biblioteca Central do Instituto Politécnico do Porto

Rua Dr. Roberto Frias, 712/4200-465 - Porto - Portugal.
e-mail: bib@sc.ipp.pt

Biblioteca Central da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

e-mail: mmmpino@fc.ul.pt

Biblioteca da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx).

Campus de Benfica do Instituto Politécnico de Lisboa, 1549-003, Lisboa.
e-mail: stellas@eselx.ipl.pt

Biblioteca da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC).

Instituto Politécnico de Coimbra
Praça Heróis de Ultramar - Solum
3030-329 Coimbra
e-mail: mpaiva@esec.pt

Biblioteca da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Lisboa

Alameda da Universidade
1649-013 – Lisboa - Portugal
e-mail: biblio@fpce.ul.pt

Biblioteca Nacional de Portugal.

Campo Grande 83, 1749-081 – Lisboa - Portugal.
www.bn.pt

Biblioteca Pública Municipal do Porto

Rua de D. João IV (ao Jardim de S. Lázaro). 4049-017 - Porto - Portugal.
e-mail: bpmp@cm_porto.pt

Biblioteca da Universidade de Lisboa – Serviços de Documentação – Reitoria.

Cidade Universitária, 1649-004 - Lisboa - Portugal.

e-mail: reitoria@reitoria.ul.pt

Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Edifício C6, Piso 1, Sala 6.1.20, Campo Grande, 1749-016 – Lisboa - Portugal.

E-mail: cdeducacao@fc.ul.pt

Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Edifício C6, Piso 1, Sala 6.1.20, Campo Grande, 1749-016 – Lisboa - Portugal.

E-mail: educacao@fc.ul.pt

2 Locais de desenvolvimento da pesquisa no Brasil**Arquivo do Estado de São Paulo**

Rua Voluntários da Pátria, 596 – Santana – São Paulo

Arquivo Público e Histórico

Praça Antonio Prado, s/n – Centro – São Carlos/SP

Fone: 3373 2709

Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo/SP

Biblioteca do Centro Universitário Central Paulista (UNICEP)

São Carlos/SP

Biblioteca da Unidade Especial de Informação e Memória da Universidade Federal de São Carlos (UEIM)

São Carlos/SP - Brasil

Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília/.

Marília/SP - Brasil

Centro de Referência Mário Covas

Avenida Rio Branco, n.1260 – Campos Elíseos - CEP: 01206-0001

Fone: 11 3334 0100

www.crmariocovas.sp.gov.br

Coordenadora: Maria Almeida Salles

Escola Estadual “Alvaro Guião”

Avenida São Carlos, 2190 – Centro – São Carlos/SP

Fone: 3371 9328

Contato: Alessandra Arce

e-mail: alessandra.arce@gmail.com

Escola Estadual “Barão do Rio Branco” (Escola Complementar de Piracicaba)
Rua Ipiranga, 924 – Centro - Piracicaba/SP - CEP 13400-485

Escola Estadual “Conselheiro Rodrigues Alves” (Escola Normal Primária de Guaratinguetá)
Rua Visconde de Guaratinguetá, 224 – Centro - Guaratinguetá/SP - CEP 12501-290
Bete Calil
e-mail: e012661a@see.sp.gov.br

Escola Estadual “Padre Anchieta”
Rua Visconde de Abaeté, 154 – Brás - São Paulo/SP - CEP 03012-150

Escola Estadual Pirassununga (Escola Normal Primária de Pirassununga)
Rua José Bonifácio, 325 – Centro - Pirassununga/SP - CEP 13630-010
Carmen Mistieri
e-mail: e0210441@see.sp.gov.br

Instituto de Estudos Educacionais “Sud Mennucci”
Rua Joaquim Távora, 756 – Vila Mariana – São Paulo
Fone: (11) 5539 5348
Diretora: Aurora Fioretti Novais
Atendentes: Ivanildes e Arlene
e-mail: instituto@cpe.org.br

Memorial de Educação - Acervo Histórico “Caetano de Campos” – CRE/CENP/SEE – Livros de Registro.
Rua João Ramalho, 1546 – Perdizes – São Paulo
Fabiana Valeck de oliveira
e-mail: f.oliveira@edunet.sp.gov.br

Núcleo de Memória da Educação Paulista - CRMC
Avenida Rio Branco, 1260 – Campos Eliseos – São Paulo – CEP: 01206-001
Contato: Suely Ramos e-mail: suely.silva@edunet.sp.gov.br
Fone: (11) 3334 0100 Ramal 118 ou (11) 3334 0311 Ramal 118
Site: www.crariocovas.sp.gov.br

3 Sites consultados

3.1 Brasil

<http://www.prossiga.br/anisioteixeira/artigo/reorganizacao.htm/>
<http://www.sbhe.com.br>
<http://www.cpdoc.br>
<http://www.scielo.br>
<http://www.cgb.unesp.br>
<http://www.anped.org.br>
<http://www.inep.gov.br>
<http://www.google.com.br>
<http://www.unicamp.br>
<http://www.saopaulominhacidade.com.br>
<http://www.intercom.br>

3.2 Portugal e Genebra

www.bn.pt

www.cie.fc.ul.pt

www.eselx.ipl.pt

www.educ.fc.ul.pt

www.esec.pt

www.uc.pt/bguc/

www.uc.pt/bibliotecas/index.html

www.cm-arruda.pt/mil

www.biblioteca.ipp.pt

www.cm-porto.pt

www.ville-ge.ch/bpu

www.unige.ch/piaget/

www.fpce.ul.pt/biblioteca/

APÊNDICES

APÊNDICE A – Jornal *Educação Feminina*
Quinzenario Literario, Científico e Artístico - Órgão das Normalistas de Lisboa da
Escola Normal Primária de Lisboa

JORNAL EDUCAÇÃO FEMININA Quinzenario literario, científico e artístico - Órgão das Normalistas de Lisboa da Escola Normal Primária de Lisboa			
Página	Título dos textos	Autor	Tipo de texto
Número 1 - 01/04/1913			
01	Expediente	Irene Lisboa	Expediente
01	Considerações oportunas	Irene Lisboa	Editorial
01	Conferências e práticas	Lucinda Dias	Artigo
01	A Festa da Árvore	Alice Oeiras	Artigo
02	No remanso da noite	Irene Lisboa	Folhetim n.1
02	Jogos olímpicos da Grécia I – As corridas pedestres	Barthélemy - Tradução de Irene Lisboa	Narrativa histórica
02	Missão de luz	Ilda Moreira	Artigo
02	A nuvem	Gonçalves Crespo	Poema
02	No remanso da noite... Para almas simples		Folhetim n. 1
02	Em foco	Irene Lisboa	Crônicas
02	Metarmofoses I – O bicho da seda	Dulce Faria	Crônica
03	A emoção artística nas Escolas	Alice Oeiras	Crônica
03	Amor vivo	Antero de Quental	Poema
03	A mulher e a educação	Virgínia Gersão	Artigo
03	Diversas		Agradecimentos/ Informações
04	Papelaria e Tipografia; A Polycommercial; Obras para o ensino primário de Augusto Luiz Zilhão; Livros de Ensino do professor Ulysses Machado; Educação Feminina - assinatura		Propaganda
Número 2 - 21/04/1913			
01	Expediente	Irene Lisboa	Expediente
01	Educação Feminina	António Luís Filipe	Editorial
02	D. Alda	Francisca Julia da Silva	Poema
02	A bussola	Ilda Moreira	Artigo
02	Esboço	Lucinda Dias	Crônica
02	Em Foco	Irene Lisboa	Crônicas
02	Inania verba	Olavo Bilac	Poema
02	Metamorfoses II – A rã	P. Mantegazza	Crônica
03	Um passeio instrutivo	Alice Oeiras	Narrativo
03	Jogos olímpicos da Grécia II – A corrida dos carros	Barthélemy - Tradução de Irene Lisboa	Narrativa histórica
03	Ao entardecer	B. M.	Folhetim n. 2
04	Papelaria e Tipografia; A Polycommercial; Obras para o ensino primário de Augusto Luiz Zilhão; Livros de Ensino do		Propaganda

	professor Ulysses Machado; Vago; Educação Feminina - assinatura		
Número 3 - 05/05/1913			
01	Não possui Expediente	-	-
01	O nosso jornal	Joana Condesso	Editorial
01	Feia	Fernando Gaddeira	Poema
01	A escola	António Luís Filipe	Artigo
02	Em Foco	Irene Lisboa	Crônicas
02	Charadas em versos	Irene Lisboa	Poema
02	As flores	Chateaubriand	Crônica
02	Dias de outono	Flip.	Poema
02	Um crepúsculo na praia	Irene Lisboa	Conto
02	Secção humorística	Erazan	Acróstico
02	Os deserdados	Dagmar Ferreira	Folhetim n. 3
03	Sonho doentio	Georgina Ângela da Costa Murta	Conto
03	A nossa correspondência	Irene Lisboa	Avisos
03	Diversas	Irene Lisboa	Agradecimentos/ Informações
03	A Policomercial		Propaganda
04	Jornal anarquista <i>Terra Livre</i> ; Livros de ensino; Obras para o ensino primário; Papelaria e Tipografia; Educação Feminina.		Anúncio publicitário
Número 4 - 28/05/1913			
01	Expediente	Irene Lisboa	Expediente
01	A mulher portuguesa e o trabalho	Dagmar Ferreira	Editorial
01	O amor e o tempo	Antonio Feijó	Poema
01	Gralhas	Irene Lisboa	Errata
01	Recordando... notas d'uma excursão	Lucinda Dias	Crônica
01	A Escola II	Antonio Luis Filipe	Artigo
02	Beijos	Gonçalves Dias	Poema
02	Noite de maio	Eugênio de Castro	Folhetim n.3
02	Em foco	Irene Lisboa	Crônicas
02	A uma boca	Irene Lisboa	Poema
02	Remeniscencias de Coimbra...	Irene Lisboa	Poema
02	Os atractivos da natureza	Bergane. Tradução de Luiza E. da Silva	Crônica
03	Trovas	Flip.	Poema
03	Secção humorística	Erazan	Acrósticos, frases etc.
03	Obsequiosa noticia	Irene Lisboa	Noticia
03	Agradecimento	Irene Lisboa	Agradecimento/ poema
03	Diversas	Irene Lisboa	Notícia

03	A Policomercial ; Paris em Alcântara; Águas medicinais nacionaes e estrangeiras; Gonzaga & Souza.		Propaganda
04	Jornal anarquista <i>Terra Livre</i> ; Livros de ensino; Obras para o ensino primário; Papelaria e Tipografia; Educação Feminina.		Anúncio publicitário
Número 5 - 09/06/1913			
01	Expediente	Irene Lisboa	Expediente
01	Ao correr da pena...	Irene Lisboa	Editorial
01	As mondadeiras	Do conde	Poema
01	Praticas e Conferencias: Camões e a sua obra	Lucinda Dias	Artigo
02	A Escola III	Antonio Luis Filipe	Artigo
02	Em Foco	Irene Lisboa	Crônicas
03	Coimbra, ainda motivo de jubilo...		Crônica
03	Num álbum	Eugenio de Castro	Poema
03	Os pirilampos	Teófilo Gautier	Conto
03	Cantinas escolares	Joana Condesso	Artigo
03	O professor	Beatriz A. Ferreira	Artigo
03	O jardineiro		Folhetim n. 5
04	Noticia	Irene Lisboa	Noticia
04	Reetificando	Irene Lisboa	Errata
04	As andorinhas	Ilda Moreira	Conto
04	Respingando velharias		Glossário
04	Santa Clara	Manoel D.	Poema
04	Canção perdida	Guerra Junqueira	Poema
05	Cartas de Lisboa	Alice Oeiras	Carta
05	A Policomercial ; Paris em Alcântara; Águas medicinais nacionaes e estrangeiras; Gonzaga & Souza.		Propaganda
05	Secção humorística	Erazan	Acrósticos, frases etc.
05	Soneto A Mademoisele H.	Antonio Cardoso de Ponse Lião	Soneto
06	Jornal anarquista <i>Terra Livre</i> ; Livros de ensino; Obras para o ensino primário; Papelaria e Tipografia; Educação Feminina.		Anúncio publicitário
Número 6 - 30/06/1913			
01	Aviso	Irene Lisboa	Aviso
01	Expediente	Irene Lisboa	Expediente
01	Concessões imerecidas aos professores primários e secundários	A.C. do Curso de Letras	Carta à Directora
01	A um primeiro cabelo branco	Gomes Leal	Poema

01	A Escola IV	Antonio Luis Filipe	Artigo
02	Maria	Pereira Barreto	Poema
02	Rimas	Gabriela de Moraes Pinto	Poema
02	Juízo final	Ramalho Ortigão	Conto
02	““““Conferencias e praticas”“““	Lucinda Dias	Artigo
02	Cartas de amor	Ofélia	Folhetim n. 6
03	Em foco	Irene Lisboa	Crônicas
03	A deusa das noites	Amália da Veiga Pestana	Conto
03	Nuvens	Flip.	Poema
03	A Policomercial ; Paris em Alcântara; Águas medicinais nacionaes e estrangeiras; Gonzaga & Souza.		Propaganda
03	Secção humorística	Erazan	Acrósticos, frases etc.
04	Jornal anarquista <i>Terra Livre</i> ; Livros de ensino; Obras para o ensino primário; Papelaria e Tipografia; Educação Feminina.		Anúncio publicitário
Número 7 - 22/09/1913			
01	Expediente	Irene Lisboa	Expediente
01	Ao correr da pena	Irene Lisboa	Editorial
01	Coimbra heróica	A.C.	Artigo
01	Um pedido	Jose Simões	Poema
02	A domadora	Damasco Vieira, sonetista brasileiro.	Poema
02	A nossa exposição de labores		Notícia
02	Um milagre	V. S. B.	Conto
02	Madrigal tardio	Fernandes Costa	Poema
02	Versos de François Coppée	Tradução de Flip.	Poema
02	Férias	Irene Lisboa	Conto
02	Um auto de fé nos tempos modernos	Almedina Sarmiento	Crônica
03	Pensamentos de Carmem Sylva	Irene Lisboa	Pensamento
03	Epitáfio de um poeta pobre	Gomes Leal	Poema
03	A Escola V	Antonio Luis Filipe	Artigo
03	No país das formigas		Folhetim
04	Felicitando	Irene Lisboa	Felicitações
04	““““Conferencias e praticas”“““	Lucinda Dias	Artigo
04	De Gonçalves Crespo		Poema
04	A última	Olavo Bilac	Poema
04	Em foco	Policarpa Flores	Crônicas
05	Jogos olímpicos da Grecia III – A luta		Narrativas históricas
05	O porto de Marselha	Tradução de Flip.	Conto

05	A Policomercial ; Paris em Alcântara; Águas medicinais nacionais e estrangeiras; Gonzaga & Souza.		Propaganda
05	Secção humorística	Erazan	Acrósticos, frases etc.
06	Vago; Vago; Jornal anarquista <i>Terra Livre</i> ; Papelaria e Tipografia; Educação Feminina.		Anúncio publicitário

Fonte: EDUCAÇÃO FEMININA. Quinzenário pedagógico, literário e científico. Órgão das Normalistas de Lisboa, 1913. (Número 1 - 01/04/1913); (Número 2 - 21/04/1913); (Número 3 - 05/05/1913); (Número 4 - 28/05/1913); (Número 5 - 09/06/1913); (Número 6 - 30/06/1913); (Número 7 - 22/09/1913).

APÊNDICE B – Jornal *O Alvorecer*
Quinzenário Pedagógico, Literário e Científico – Propriedade dos Primeiranistas e
Segundaristas da Escola Normal do Porto

JORNAL O ALVORECER¹⁰⁸			
Quinzenário Pedagógico, Literário e Científico da Escola Normal do Porto			
Página	Título dos textos	Autor	Tipo de texto
Número 1 - 25/04/1912¹⁰⁹			
1	O nosso lema	Justino de Vasconcelos	Expediente
1	Em Luta	Mario	Artigo
1	Viva a Folha	Justino de Vasconcelos	Artigo
2	Renascimento Social	Manoel Vieira	Artigo
2	Devaneio	Anselmo Vieira de Vasconcelos	Artigo
2	Desorientação	Almeida Cardoso	Artigo
2	Retalhos – o mundo dos insetos	Mario	Artigo
2	A Vida moderna exige esforço	Herminio	Artigo
3	O Alvorecer	A. Torres	Poema
3	O Alvorecer	Anselmo Vieira de Vasconcelos	Poema
3	Alvorecer	Mario	Poema
3	Vieira e Bernardes	Justino de Vasconcelos	Artigo
3	Primavera	Manoel Pinto Barbosa	Conto
3	Bocage e Camões I	Sem autor	Artigo
Número 2 - 10/05/1912			
1	O nosso ensino	Mario	Expediente
1	O trabalho e a alimentação do espírito	Vitorino H. do Bento	Artigo
1	Siga a bicha!...	Sem autor	Artigo
1	Hoje como ontem	Mario	Artigo
2	Quando será?!...	Sem autor	Crônica
2	Justos reparos	Sem autor	Artigo
2	Irreverentes	Sem autor	Artigo
2	Hamlet pôde ser um fatalista e um sonhador sceptico?	José de Vasconcelos	Artigo
2	Historia de Manon Lescant	Sem autor	Folhetim
3	Quem fala semeia	Manoel Pinto Barbosa	Crônica
3	Ingrata	Anselmo Vieira de Vasconcelos	Poema
3	A primavera	José Paes de Andrade	Poema
3	Retalhos – o mundo dos insetos	Mario	Artigo
3	Infamia! Infamia! Infamia!	Sem autor	Protesto
Número 3 - 27/05/1912			
1	Alérta	Sem autor	Artigo
1	Não pôde ser!!...	Justino de Vasconcelos	Expediente
2	Livros Escolares	Justino de Vasconcelos	Artigo

¹⁰⁸ Não foi relacionado neste quadro o conteúdo da última página de cada número do jornal *O Alvorecer*, os anúncios publicitários. Mas tratei destes no corpo do trabalho.

¹⁰⁹ Do número um até o sétimo o periódico *O Alvorecer* é Propriedade dos Primeiranistas da Escola Normal do Porto.

2	Ternura Maternal	Manoel de Castro Guerra	Crônica
2	Siga a bicha!...	José de Castro	Artigo
2	Tudo suspira	Anselmo Vieira de Vasconcelos	Poema
2	Panorama das idades	José de Vasconcelos	Crônica
3	Excursão a Parêdes	Alfredo Augusto Alves	Narrativa
3	O amôr na idade media e moderna	Aurêlio Teixeira Martins	Artigo
3	Trabalhando	Sem autor	Notícia
3	Hesitante	Caetano de Oliveira	Poema
3	Renascimento Social	Manoel Vieira	Artigo
3	Tudo eram ilusões	Anselmo de Vasconcelos	Conto
Número 4 - 08/06/1912			
1	A divisão do trabalho	Ulisses Machado	Expediente
1	Se amas a vida não desperdices o tempo	Manoel Pinto Barbosa	Crônica
1	Ora ainda bem...	Justino de Vasconcelos	Artigo
1	Amor!	A. Mesquita	Crônica
2	A um nome	Caetano Oliveira	Poema
2	Segredos do coração	Abilio J. Martins	Crônica
2	Ainda o caso das notas	Sem autor	Agradecimento
2	Panorama das idades	José de Vasconcelos	Crônica
2	Retalhos – o mundo dos insetos	Mario	Artigo
2	Historia de Manon Lescant	Sem autor	Folhetim
3	Ausente	Abilio J. Martins	Poema
3	O estudo	Coelho Alves	Artigo
3	Adeus, Emilia	Anselmo V. de Vasconcelos	Poema
3	Vida teatral	Sem autor	Resenhas
Número 5 - 22/06/1912			
1	Escolas Normais do Porto	Sem autor	Expediente
2	O amor ao passa é a nossa Ressurreição	Justino de Vasconcelos	Crônica
2	A proposito dum livro que escandalizou... os cegos	José C. de Vasconcelos	Artigo
2	A degeneração da raça portugueza	Anselmo V. de Vasconcelos	Artigo
3	Fora com as injustiças!...	Sem autor	Artigo
3	Modos de manifestar nossos pensamentos e suas respectivas vantagens	Mauricio Bernier	Artigo
3	Sarau Camoneano	Sem autor	Artigo
3	Esclarecendo	Caetano Oliveira	Artigo
3	A escola nova	Sem autor	Notícia
3	Representação	Sem autor	Notícia
3	Vida teatral	Sem autor	Resenhas
Número 6 - 06/07/1912			

1	O ensino da moral	Justino de Vasconcelos	Expediente
1	Um pedido justo	Sem autor	Artigo
1	A missão do professor primário	Almeida Cardoso	Artigo
2	As criancinhas	João dos Santos	Poema
2	Solidão	Justino de Vasconcelos	Crônica
2	O Estudante	Manoel Pinto Barbosa	Crônica
2	Esperança mútua	Caetano de Oliveira	Poema
2	O amor patrio	Augusto Herminio Esteves	Artigo
2	Historia de Manon Lescant	Sem autor	Folhetim
3	O Estudo	Manuel Vieira	Artigo
3	Vida Teatral	Sem autor	Resenhas
3	Propaganda popular	Sem autor	Anúncio
3	Problemas sociaes	Sem autor	Resenhas
Número 7 - 19/07/1912			
1	Boa Viajem!...	Justino de Vasconcelos	Expediente
1	Mariotte e os livres pensadores portugueses	Sem autor	Artigo
2	Os Lusíadas	Manuel de Castro Guerra	Artigo
2	Minha Patria	José dos Santos da G. Cabós	Poema
2	Elegia	D. Coelho Torres	Poema
2	Um sonho de morte	Sem autor	Conto
3	A educação nacional	Manoel Pinto de Souza	Artigo
3	Ultimos Versos	Caetano de Oliveira	Poema
3	A sabedoria	Vitorino Henrique do Bento	Artigo
3	Soneto	Alves Pacheco	Poema
3	Vida Teatral	Sem autor	Resenhas
3	Bocage e Camões	Sem autor	Artigo
3	A mentalidade dos livres pensadores	Sem autor	Reflexões
3	Propaganda popular	Sem autor	Notícia
3	O Estado sem Deus	Sem autor	Resenhas
Número 8 - 06/08/1912¹¹⁰			
1	Exames de admissão	Justino de Vasconcelos	Expediente
1	Desalento	Caetano de Oliveira	Conto
1	As férias	Manoel Pinto Barbosa	Artigo
2	Triste	Sergio Brandão	Poema
2	Assombroso!!!	Sem autor	Artigo
2	Arrebatamentos!!..	Justino Vasconcelos	Crônica
2	Eterno amor	João dos Santos da Graça	Poema
2	Os meus amigos	Almeida Cardoso	Artigo
3	Soneto	Alves Pacheco	Poema

¹¹⁰ A partir deste número o periódico *O Alvorecer* passa a ser Propriedade dos Segundaristas da Escola Normal do Porto.

3	Pelas Escolas Normais	Sem autor	Artigo
3	Vida Teatral	Sem autor	Resenhas
3	Cartas a um livre pensador, por Mariotte	Mariotte	Reflexões
Número 9 - 21/08/1912			
1	O mal não tem cura!...	Justino Vasconcelos	Expediente
1	O ensino da literatura no curso secundario. As suas deficiencias e os seus erros	José Cerqueira de Vasconcelos	Artigo
2	Carta a J.R. Pral	Antonio dos Reis	Carta
2	Saudade	Manoel de Castro Guerra	Crônica
2	Uma pagina primitiva	José Cerqueira de Vasconcelos	Conto
2	Conto singelo	Caetano de Oliveira	Poema
3	Os meus amigos	S.R	Crônica
3	Correio de "O alvorecer"	Sem autor	Agradecimentos
3	"A Revolução Francesa"	Sem autor	Resenhas
3	Vida Teatral	Sem autor	Resenhas
3	Publicações	Sem autor	Notícia
3	Historia de manon Lescant	Sem autor	Folhetim
Número 10 - 07/09/1912			
1	O ensino da gramática na escola primária	Ulysses Machado	Expediente
1	Do sonho á realidade	Justino de Vasconcelos	Conto
1	Bem pensado	Sem autor	Artigo
2	Num album	Elvira Cunha	Poema
2	Excerto	Caetano de Oliveira	Conto
2	Curso de habilitação de admissão ás Escolas Normais	Sem autor	Notícia
2	Carta aos meus colegas	M. Pinto Barbosa	Carta
2	Numa hora de saudade	J. Seivas	Poema
2	Desengano	João Augusto Mano	Artigo
3	A mulher	José Francisco Cobrila	Poema
3	Os meus amigos	Manuel de Castro Guerra	Crônica
3	Sonhando	João dos Santos da Graça	Poema
3	Visão crepuscular	F. Barros	Crônica
3	Lindos olhos	Caetano de Oliveira	Poema
3	Correio de "O alvorecer"	Sem autor	Agradecimento
3	Vida Teatral	Sem autor	Resenhas
Número 11 - 25/09/1912			
1	Leves considerações	Justino de Vasconcelos	Expediente
1	Como Tolstot ensinava geografia na sua escola primaria de Yasnaia Poliana – Valor da pedagogia métrica.	José Cerqueira de Vasconcelos	Artigo

1	Notas tristes	F. Barros	Conto
2	Maria	Sergio Brandão	Poema
2	Ao romper de alva	Justino de Vasconcelos	Crônica
2	Saudade	Domingos A. Ferreira da Silva	Crônica
2	Escola Districtal de Faro	Sem autor	Artigo
2	O luar de agosto	Adriano Gonçalves	Crônica
2	Exames de Admissão	Sem autor	Notícia
3	Amor de mãe	João dos Santos	Poema
3	Os passarinhos	A. Almeida Cardoso	Artigo
3	A arte e a moral	José Cerqueira de Vasconcelos	Artigo
3	Educação nacional	Sem autor	Notícia
3	Curso de Explicação	Sem autor	Notícia
3	Matriculas nas Escolas Normais e Districtais	Sem autor	Notícia
3	A mentalidade dos livres pensadores portugueses	Sem autor	Notícia
3	Vida teatral	Sem autor	Resenhas
Número 12 - 22/10/1912			
1	Vergonha! Vergonha! Vergonha!	Justino de Vasconcelos	Expediente
1	O amor onde impera a virtude	Emanuel	Conto
1	O criticismo filosófico dos gregos – O negativismo de Euripedes	José Cerqueira de Vasconcelos	Narrativa
2	O passado!...	Fausto	Conto
2	Achaques de estupidez	Sem autor	Artigo
2	Impressões da Beira-mar	José Francisco Cobrila	Artigo
2	Os ipocritas	Manoel Pinto Barbosa	Artigo
2	Despedida	Caetano de Oliveira	Poema
2	Creúsa	Nytu Koskin	Conto
3	Oh! Pai! Quem duvidará?!	Domingos A. F. da Silva	Conto
3	O carnaval	Fop.	Poema
3	Agradecimento	Sem autor	Agradecimento
3	Saudade	Adriano Gonçalves	Conto
3	Bofim Beneficente	Sem autor	Artigo
3	O nosso jornal	Sem autor	Notícia
3	Cronica Tetral	Sem autor	Resenhas
3	A Revolução Francesa	Sem autor	Artigo
Número 13 - 06/11/1912			
1	Barco mal governado	Justino de Vasconcelos	Expediente
1	Um manual de moral e civismo com doutrina anti-patriótica.	José Cerqueira de Vasconcelos	Artigo
1	Chorando	J....?	Poema
1	O amor onde impera a virtude	Emanuel	Conto
2	Em dia de finados!	F. Barros	Crônica
2	O criticismo filosófico dos gregos –	José Cerqueira de	Narrativa

	O negativismo de Eurípedes	Vasconcelos	
2	Os seus admiradores	Sergio Brandão	Poema
2	A sonhar	Manoel Pinto Barbosa	Conto
2	A guerra	Justino de Vasconcelos	Conto
3	O mendigo e o avarento	João dos Santos	Poema
3	Fatal dia!...	Antonio da Rocha Madureira	Crônica
3	Galeria de colegas	Sem autor	Notícia
3	Infeliz	A. Torres	Poema
3	Camões	Manuel Guerra	Artigo
3	Crônica Teatral	Mario	Resenhas
3	A Revolução Francesa	Sem autor	Artigo
Número 14 - 20/11/1912			
1	Custou...	Justino de Vasconcelos	Expediente
1	Mãe	J. S....?	Poema
1	Um manual de moral e civismo com doutrina anti-patriótica.	José Cerqueira de Vasconcelos	Artigo
1	Saudade	Rei Phino	Artigo
1	É preciso acordar	Anselmo V. Vasconcelos	Artigo
1	Celas lúgubres	Raul Cabrita	Conto
2	Atração e repulsão	J. R. Santos	Poema
2	"O Despertar"	Sem autor	Artigo
2	Como compreendiam o amor os poetas pagãos e como o compreende o christianismo	Justino de Vasconcelos	Narrativa
2	Porque me não amas?	Manoel Pinto Barbosa	Poema
2	O amor aonde impera a virtude	Emanuel	Conto
2	Orfeon Academico	Sem autor	Notícia
3	Mal entendido	Sérgio Brandão	Poema
3	Ministério da Instrução Publica	Sem autor	Artigo
3	Exames de Admissão	Sem autor	Notícia
3	Meditando	Almeida Melo	Poema
3	Recordações tristes	Manoel Vieira	Crônica
3	Crônica teatral	Mario	Resenhas
3	A Revolução Francesa	Sem autor	Artigo
Número 15 - 05/12/1912			
1	Padrinhos e afilhados	Justino de Vasconcelos	Expediente
1	Orfeon Académico	Joaquim da C. Cardoso Junior	Notícia
1	Frederico Duarte	Sem autor	Artigo
1	Juventude	Laura da Cunha	Artigo
1	Quem me déra!	Silva T...?	Poema
1	Carta de Inglaterra	Frederico Duarte	Carta
2	Sentimentos	Raul Cabrita	Crônica
2	Recordação Saudosa	Natália	Conto
2	A' Luz da Lua	Caetano de Oliveira	Poema
2	Tinha sido um sonho	A. V. Vasconcelos	Crônica

2	Sofrer é viver	M. Castro Guerra	Poema
2	Recordando	Rei Phino	Conto
2	Exames de admissão	Sem autor	Notícia
3	Quanto tens tanto vales	Manoel Pinto Barbosa	Artigo
3	Uma digressão	Manoel Vieira	Crônica
3	Meditando	?	Poema
3	Crônica teatral	Mario	Resenhas
3	A Revolução Francesa	Sem autor	Artigo
Número 16 - 20/12/1912			
1	A proposito da falsidade do sistema histórico aplicado pelos iconoclastas primarios	José Cerqueira de Vasconcelos	Expediente
1	Carta aberta	Anselmo Vieira de Vasconcelos	Artigo
1	Deixando o mundo	Manoel Vieira	Poema
1	Cartas de Inglaterra	Frederico Duarte	Carta
2	Questões práticas	Ulysses Machado	Artigo
2	Na minha aldeia	Mario L.	Conto
2	O amor aonde impera a virtude	Emanuel	Conto
2	Natal	Rei Amôr	Crônica
2	O passado	Rei Phino	Conto
2	Felicidade efêmera	Rosalina	Crônica
3	A minha... Ela!...	Fausto	Conto
3	Recordação	A.F.C	Conto
3	Soirée de Gala	Sem autor	Notícia
3	Galeria de colegas	Sem autor	Notícia
3	Crônica teatral	Mario	Resenha
3	Manual de Viajante ao Distrito de Aveiro	Sem autor	Artigo
Número 17 - 08/01/1913			
1	Silva Barrêto	Justino de Vasconcelos	Expediente
1	A vida e destino	João de Moraes Alves	Artigo
1	Aspectos da Historia. A sua forma simbolica.	José Cerqueira de Vasconcelos	Narrativa
1	Proemio duma incebração (não tenho certeza desse nome)	Raul Cabrita	Artigo
2	Cartas de Inglaterra	Frederico Duarte	Carta
2	Funesto ano	Justino de Vasconcelos	Artigo
2	Hora Fatal	Manoel Pinto Barbosa	Poema
2	Recordações da minha terra	Natercia	Conto
2	Natal triste	Pinheiro Fonseca	Artigo
3	Amor	Gustavo Simões	Poema
3	Carta	Josefa	Carta
3	Manual do Viajante do Distrito de Aveiro	Sem autor	Artigo
3	Henrique de Sant'Ana	Sem autor	Artigo
3	Paixoninha	D.A.F. Silva	Conto
3	Cronica teatral	Mario	Resenhas

3	O nosso jornal	Sem autor	Notícia
3	Almanaque d'A Liberdade	Sem autor	Ilegível
3	Turistes!	Sem autor	Notícia
Número 18- 24/01/1913			
1	Bemvidos	Sem autor	Expediente
1	Realidades tristes	Julio Cunha	Crônica
1	De raspão	Anselmo V. de Vasconcelos	Conto
2	Uma saudade	Anselmo V. de Vasconcelos	Poema
2	O amor	L.	Artigo
2	Cartas de Inglaterra	Frederico Duarte	Carta
2	Suspeitas	Sérgio Brandão	Poema
2	A cadeia	José Augusto d' Almeida Cardoso	Artigo
3	A Pátria e a Epopeia Lusa	Sem autor	Notícia
3	Exames de admissão	Sem autor	Notícia
3	Saudade e esperança	M.	Poema
3	O meu deus	Manoel Vieira	Conto
3	Livros	Sem autor	Notícia
3	Turistes!	Sem autor	Notícia
3	Crônica teatral	Mario	Resenhas
3	Almanaque d'A Liberdade	Sem autor	Ilegível
3	Almanach de Gaya	Sem autor	Notícia
Número 19- 08/02/1913			
1	Escola Bulgara	José Cerqueira de Vasconcelos	Expediente
1	Desilusão e esperança	João de Moraes Alves	Poema
1	Cartas de Inglaterra	Frederico Duarte	Carta
2	Delicias do pranto	Silva Teixeira	Artigo
2	Impressões de O Amôr	X.P.T.O	Artigo
2	Alguem	Caetano de Oliveira	Poema
2	Um sonho	Rosalina	Conto
2	A mulher	M.P.Barbosa	Artigo
2	Um contraste	Raul Cabrita	Crônica
2	Recordando	Irene de Amaral	Conto
3	O lenço bordado	Nikil	Conto
3	Pensamento algo pedagogico	Anselmo V. Vasconcelos	Artigo
3	Saudade	Adelaide Sofia Ferreira C.	Crônica
3	Relação dos alunos admitidos a matricula do 1º ano da E.N. de Castelo Branco no selectivo de 912 – 918	Sem autor	Notícia
3	Cronica Teatral	Mário	Resenhas
3	Aos nossos assinantes	Sem autor	Notícia
3	Turistes!	Sem autor	Notícia

3	Manual do viajante no districto de Aveiro	Sem autor	Ilegível
Número 20- 23/02/1913			
1	Escolas Normais do Porto	Disse	Expediente
2	Não ha direito contra direito	José Cerqueira de Vasconcelos	Artigo
2	Cartas de Inglaterra	Frederico Duarte	Carta
3	Vida dolorida	Camacho	Conto
3	Outra conferência	Sem autor	Notícia
3	Qual o verdadeiro amor?	Abilio Martins	Artigo
3	Orfeon Academico do Porto	Sem autor	Notícia
3	Cronica teatral	Mário	Resenhas
Número 21- 11/03/1913			
1	Jean Jacques Rousseau, a Revolução e a moral laica official, defendendo os bandidos aarquistas. A sociedade Bonnot, Garnier e C ^a acusa e professor primeiro	José Cerqueira de Vasconcelos	Expediente
2	Religião	João de Moraes Ramos	Artigo
2	Basta de letargia!	Amalia Durão Martins	Artigo
2	Tuna Académica da Universidade de Coimbra	Sem autor	Artigo
2	Talvez não saibas!	José dos Santos da G.C.	Poema
2	Cartas de Inglaterra	Frederico Duarte	Carta
3	Atualidades	Níkil	Artigo
3	Conferências de estudo	Sem autor	Notícia
3	Ao autor das Impressões de O Amor	Rosalina Montes Lapa	Carta
3	O Remorso	José Augusto de Almeida Cardoso	Artigo
3	Carta	F. Barros	Carta
3	Cronica teatral	Sem autor	Resenhas
Número 22- 09/04/1913			
1	Associação dos Estudantes do Porto	Justino de Vasconcelos	Expediente
1	A sessão soléne no Teatro Agui d'Ouro	Sem autor	Artigo
2	A todos os meus colegas	Justino de Vasconcelos	Artigo
2	A amizade	Abel de Azevedo Codinho	Artigo
2	Uma pagina de leitura na Semana Santa	José Cerqueira de Vasconcelos	Artigo
2	Uma imoralidade	Sem autor	Artigo
2	A luz da liberdade	Vieira da Silva	Artigo
2	Cartas de Inglaterra	Frederico Duarte	Carta
3	Aviso	Sem autor	Notícia
3	A vida	Alberto José Ribeiro	Crônica

3	O professor no exercicio do seu mistér	Ilegível	Artigo
3	Cronica teatral	Mário	Resenhas
Número 23 - 25/04/1913			
1	Salve 25 de Abril de 1913	Sem autor	Expediente
2	Clama ne cesses	Augusto C. Torres	Artigo
2	O Alvorecer	Anselmo Vasconcelos V.	Poema
2	Ridente futuro	Vieira da Silva	Conto
2	A minha ingratidão	José Augusto Mario	Crônica
2	Tuna Académica do Porto	Sem autor	Notícia
2	A amizade	Manoel Vieira	Artigo
2	Bem vindo sejas	Agostinho Moreira da C.	Conto
3	Dôce esperança	C.F.G.	Artigo
3	O “grupio” das sumidades	Mercurio e Espreita	Poema
3	Aviso	Sem autor	Notícia
3	Um passeio	Manoel A. Areias	Crônica
3	Convite	Sem autor	Notícia
3	Cronica teatral	B.	Resenhas
3	Reinaldo e Amélia	Anselmo Vasconcelos V.	Folhetim
Número 24 - 13/05/1913			
1	O caráter moral da juventude	P. Barbosa	Expediente
1	A renascença e seus efeitos	Coelho Alves	Narrativa
1	Aos seus olhos	A. C. Torres	Poema
1	A mulher	Alberto José Ribeiro	Artigo
2	Satisfazendo	Sem autor	Artigo
2	Os pobresinhos	João Augusto Mario	Artigo
2	Agradecimento	Sem autor	Agradecimento
2	A orfã	Segismundo Chaves	Conto
2	Noutro Tempo	Ésoj Areirom	Crônica
2	Ávante	Manoel Vieira	Artigo
3	A pobre	M.A. Areias	Poema
3	No nosso meio	Sem autor	Artigo
3	A terra	Victorino H. do Bento	Artigo
3	Para rir	Mercurio e Espreita	Anedota?
3	Cronica teatral	P. Barbosa	Resenhas
3	Livraria internacional	Sem autor	Anúncio
3	Reinaldo e Amélia	Anselmo Vasconcelos V.	Folhetim
Número 25 - 27/05/1913			
1	A'vante pela instrução	Pinto Barbosa	Expediente
1	Margarida	A. S...?	Poema
1	A Instrução em Portugal	Coelho Alves	Artigo
2	A literatura do século XVI	Trindade e Lina	Artigo
2	O professor primario	A.V. Vasconcelos	Artigo

2	O vício	M. A. Areias	Conto
2	Soneto	A. V. Vasconcelos	Poema
2	Parece impossível!	Sem autor	Artigo
2	O torrão natal	Ferreira da Silva	Artigo
2	Carta	Joséph	Carta
3	Para as sereias	Augusto dos Santos Rita	Poema
3	Um homem	Sem autor	Artigo
3	Ao anoitecer	A. Rocha Madureira	Conto
3	Noticiário	Sem autor	Notícias
3	Cronica teatral	P. Barbosa	Resenhas
3	Livraria Internacional	Sem autor	Anúncio
3	Reinaldo e Amélia	Anselmo V. Vasconcelos	Folhetim
Número 26- 11/06/1913			
1	Os exames da admissão	P. Barbosa	Expediente
1	Em volta das nossas colonias	Joaquim Pereira	Artigo
1	A corrupção moral da sociedade	Coelho Alves	Artigo
1	Do Porto ao Poço do Canto	Manoel Vieira	Conto
2	Jalemo	A. S...?	Poema
2	O professor	Vitorino Henrique Bento	Artigo
2	Mãe	Trindade e Lima	Artigo
2	No nosso meio	Sem autor	Notícia
2	O feminismo	Uma aluna da Escola Normal do Porto	Artigo
3	Soneto	M. A. Areias	Poema
3	Impressões da minha terra	Ferreira da Silva	Conto
3	Aviso	Sem autor	Notícia
3	Coloquios engraçados	A.V. Vasconcelos	Conto
3	Cronica teatral	Sem autor	Resenhas
3	Livraria Internacional	Sem autor	Anúncio
3	Reinaldo e Amélia	Anselmo V. Vasconcelos	Folhetim
Número 27- 26/06/1913			
1	Ide aos vossos lares	Pinto Barbosa	Expediente
1	A correção moral da sociedade	Coelho Alves	Artigo
1	Do Porto ao Poço do Canto	Manuel Vieira	Conto
2	Portugal	Ferreira da Silva	Artigo
2	Perjuro	A. Torres	Poema
2	A amizade	Agostinho M. da Costa	Artigo
2	Aos nossos estimados assinantes	Sem autor	Notícia
2	Justiça! Justiça!	Trindade e Lima	Artigo
2	Opinião ácerca do "Feminismo"	Sem autor	Artigo
3	Pégas despegadas	Anselmo V. Vasconcelos	Conto
3	Juncal em festa	Sem autor	Notícia
3	Os chavelhos do diabo	Sem autor	Artigo

3	Ao meu querido irmão Benjamim Areias, residente em S. Paulo	Manoel A. Areias	Poema
3	Leia com atenção própria do teu interesse	Joaquim Cerqueira	Anúncio
Número 28- 13/11/1913			
1	Haja união	Manoel Pinto Barbosa	Expediente
1	Cumprimentos	Augusto Torres	Artigo
1	Evocando o passado	Coelho Alves	Conto
2	A despedida	Manoel Vieira	Crônica
2	Aviso	A empresa	Notícia
2	Resposta ao Sillabus	Guerra Junqueira	Poema
2	Gratidão	Sem autor	Poema
2	O Egito	Anselmo Vasconcelos V.	Narrativa
2	A escola ao ar livre	F.M.	Artigo
3	Miseráveis!...	Manoel de Castro Pereira	Conto
3	A Republica e a instrução	A...??	Artigo
3	Soneto	Anselmo Vasconcelos V.	Poema
3	Reinaldo e Amelia	Anselmo Vasconcelos V.	Folhetim
Número 29- 29/11/1913			
1	As Escolas Moveis	Manoel P. Barbosa	Expediente
1	Viva a Patria livre!	Augusto Torres	Artigo
1	Longe de ti	Illegível	Poema
1	Miseráveis!...	Manoel de Castro Pereira	Conto
2	O sentimentalismo do português	Coelho Alves	Artigo
2	A alguém	Manoel A. Areias	Poema
2	Devaneio	Quim	Conto
2	Sonho desfeito	Antonio Silves	Poema
2	O Egipto	Anselmo Vasconcelos V.	Narrativa
2	Da minha terra	Rocha Madureira	Conto
3	Recordando o passado	Ferreira da Silva	Conto
3	Quimeras!	Adjuio Corrêa de Melo Osorio Sarmento	Conto
3	Avisos	Sem autor	Notícia
3	Teatros	Sem autor	Resenhas
3	Reinaldo e Amelia	Anselmo Vasconcelos V.	Folhetim
Número 30- 16/12/1913			
1	À união	Terrestaucos (?)	Expediente
1	A civilização da antiga Grécia	Coelho Alves	Narrativa
1	Cantinas Escolares	Sem autor	Artigo
2	Miseráveis!...	Manoel de Castro Pereira	Conto

2	Impressões	Manoel A. Areias	Artigo
2	Zélia Adorada!...	Manoel de Castro Pereira	Poema
2	Divagando	R. A. Trigo Moraes	Crônica
2	O Egipto	Anselmo V. Vasconcelos	Narrativa
3	Noticiario	Sem autor	Notícia
3	O desenho da môsca	Terrestaucos	Poema
3	Coisas que eu li	Sampaio Melo	Artigo
3	Psicologia dum indolente	Antonio Silvares	Conto
Número 31- 23/12/1913			
1	Natal	Manoel P. Barbosa	Expediente
1	Miseraveis!...	Manoel de Castro Pereira	Conto
1	Dôr maternal	Amor Perfeito	Conto
2	Trechos epistolograficos	Coelho Alves	Crônica
2	Coisas que eu li	Sampaio Melo	Artigo
2	O altruismo	Manoel. A. Areias	Artigo
2	Horas tristes	Anselmo V. Vasconcelos	Carta
3	Recordando	R. Madureira	Carta
3	Corre!	Sem autor	Artigo
3	O amor	Ferreira da Silva	Artigo
3	Tuna Academica do Porto	Sem autor	Notícia
3	Aviso	Sem autor	Notícia
3	Acrostico de felicitação	Turrestaucos	Acróstico
3	Teatro	Sem autor	Resenhas
3	Reinaldo e Amelia	Anselmo V. Vasconcelos	Folhetim
Número 32- 24/01/1914¹¹¹			
1	O caracter moderno	Manoel Pinto Barbosa	Expediente
1	Miseraveis!...	Manoel de Castro Pereira	Conto
1	A renascença e seus efeitos	C. A.	Narrativa
2	Na sepultura do passarinho	Augusto Torres	Poema
2	Comemorando	Quim	Artigo
2	Jura	Rocha Madureira	Poema
2	Escola infantil	Luiz	Artigo
2	Reminiscencias	Eug. A. Leite Braga	Conto
3	Noticiario	Sem autor	Notícia
3	Um saudoso adeus!	Sempre vivo	Conto
3	Os Reis em Rebações	Antonio Silvares	Conto
3	Juramento	Asor	Poema
3	Longe de ti	Rosa Camélia Abreu	Conto
3	Teatros	Sem autor	Resenhas

¹¹¹ A partir deste número o periódico *O Alvorecer* passa a ser o Órgão dos Normalistas do Porto.

Número 33- 08/02/1914			
1	O Carnaval	Manoel Pinto Barbosa	Expediente
1	Miseraveis!...	Manoel de Castro Pereira	Conto
1	Estudo sobre a origem da Língua Portuguesa	Augusto Torres	Artigo
2	Fitas...	Nytu Korhé	Crônica
2	A prudencia	Anviva	Artigo
2	Coisas que lembram	Manoel A. Areias	Conto
3	Reminiscencia	Antonio Silvares	Conto
3	Soledade	A. E.	Poema
3	No meio academico	Sem autor	Notícia
3	Tuna Academica do Porto	Sem autor	Notícia
3	Mulher perdida	A. B. e Emanuel	Poema
3	Teatros	Sem autor	Resenhas
Número 34- 28/02/1914			
1	Os estudantes pobres	Sem autor	Expediente
1	A agua	Irene Bragança	Artigo
1	O nosso jornal	A empreza	Anúncio
2	Miseraveis!...	Manoel de Castro Pereira	Conto
2	Amor Eterno	Francisco dos Santos	Poema
2	Tudo ilusões!...	P. Barbosa	Conto
2	Convertimento	Antonio Silvares	Crônica
2	Recordações	Eugenia A. Leite Braga	Conto
3	A festa do semanario "O Verdilhão"	Sem autor	Artigo
3	Poesia infantil	Augusto Torres	Poema
3	Musa popular	Sem autor	Poema
3	Nostalgia	R. A. Trigo Moraes	Crônica
3	Momentos ditosos	Ilegível	Conto
3	Bondade ingênita	A. Castro	Poema
3	Coisas que lembram	Manoel A. Areias	Conto
Número 35- 21/03/1914			
1	Festa da Arvore	Sem autor	Expediente
2	Nuvem dissipadora	Mario Ximenes	Poema
2	Um belo passeio	Sempre viva	Conto
2	Media dos 15	Sem autor	Notícia
2	Tempos, tempos...	Francisco dos Santos	Crônica
2	O dia 25 de abril	A empreza	Anúncio
2	A mulher	Sem autor	Poema
2	Recordações da minha aldeia	Maria Lucilia	Conto
3	A agua	Irene Bragança	Artigo
3	Carta dum desgraçado	Trindade e Lima	Carta
3	Coisas que lembram	Manoel A. Areias	Conto
3	Teatros	Sem autor	Resenhas
Número 36- 16/04/1914			
1	Necrologia	Sem autor	Nota de

			falecimento
1	O dia 25 de abril	A empreza	Anúncio
1	Coisas que lembram	Manoel A. Areias	Conto
1	Lamentos	Francisco dos Santos	Poema
2	O professor e a gratidão das crianças	Sem autor	Poema
2	O que eu sonhei	Antonio Madureira	Conto
2	O meu casamento com Mimi	Antonio Silares	Conto
2	A vida urbana	Olhos Azues	Crônica
3	A' saudosa memoria de minha mãe	Eugenia dos Anjos Leite Braga	Poema
3	A agua	Irene Bragança	Artigo
3	Medias dos 15	Sem autor	Notícia
3	Escola Normal do Porto	Sem autor	Notícia
3	Teatros	Sem autor	Resenhas
Número 37- 25/04/1914			
1	A'vante!	Sem autor	Expediente
1	Uma semana de Glória!	Alves de Sousa	Artigo
2	A Imprensa	Augusto Torres	Artigo
2	Salve! Salve!	R. Madureira	Poema
2	Salve, "Alvorecer"	Franklin da Costa	Carta
2	A agua	Irene Bragança	Artigo
3	O alvorecer	A. T.	Poema
3	O pastor	Luiz	Conto
3	Primavera	B.	Artigo
3	Coisas que lembram	Manoel A. Areias	Conto
3	O alvorecer	Anselmo Vasconcelos	Poema
3	A. M. J.	Manoel A. Areias	Poema
3	Lágrimas	E. Miranda	Conto
3	Convite	A empreza	Anúncio

Fonte: O ALVORECER. Quinzenário Pedagógico, Literario e Científico – Propriedade dos Primeiranistas da Escola Normal do Porto, 1912. (Número 1 a 16). O ALVORECER. Quinzenário Pedagógico, Literario e Científico – Propriedade dos Segundaristas da Escola Normal do Porto, 1913. (Números de 17 a 31). O ALVORECER. Quinzenário Pedagógico, Literario e Científico – Órgão dos normalistas do Porto, 1913. (Números de 32 a 37).

APÊNDICE C – Revista *Os Novos*
Revista dos Alunos da Escola Normal Primária de Coimbra

REVISTA OS NOVOS Revista dos alunos da Escola Normal Primária de Coimbra			
Página	Título dos textos	Autor	Tipo de texto
Número 1 - 1ª serie - 18/12/1925			
01	A laia de apresentação		Informação
01	Preparai-vos para a vida	Alvaro Viana de Lemos	Artigo
03	Edifícios escolares		Artigo
03	Os que morrem		Artigo
03	Centenário de Pestalozzi		Artigo
04	Nós e a educação física	Vitorino Moraes	Artigo
05	Agradecimentos		Agradecimento
05	Os nossos poetas - A flor	Martinho Rebelo	Versos
06	Aos meus ex-discipulos	Maria Nogueira Nunes	Carta
06	Capa e batina		Nota
07	A missão que nos espera	Martinho Rebelo	Artigo
08	Excursão escolar	Belmira Brigida	Artigo
08	Expediente		Assinatura do jornal
Ano 1º - Número 2 - 1ª Serie - 10/02/1926			
01	A nova Escola Normal, a cidade e a liga propulsora da instrução	Alvaro Viana de Lemos	Artigo
03	13 de fevereiro		Nota
03	Os nossos poetas – A primavera		Versos
03	A nossa imagem	Martinho Rebelo	Poema
04	Quando eu for professor...	Vitorino Moraes	Artigo
04	Os novos, e a imprensa		Noticia
05	Uma lição modelo – corpos porosos	Antonio Sérgio	Aula
06	António Sérgio		Nota
07	O desenho na escola	Afonso Duarte	Artigo
07	Pestalozzi	Alvaro Viana de Lemos	Artigo
08	A hera e as ruínas	Selda Salgado de Oliveira Mendes	Artigo
09	Aquisição de material educativo		Noticia
09	Leituras que “Os Novos” recomendam		Nota
09	Constituição dos corpos gerentes da Caixa Escolar da Escola Primária de Coimbra, no ano de 1925-1926		Nota de divulgação
Ano 1º - Número 3 - 1ª Serie - 12/03/1926			
01	O edifício escolar	Vitorino Moraes	Artigo
02	A lição do renascimento dada pela cartinha de João de Barros (1496-1570)	Afonso Duarte	Artigo
04	A primavera	Maria C. Amado	Artigo
04	Melhoras ao professores		Nota
05	Os alunos da Escola Normal de Coimbra	António Sérgio	Artigo

06	A batalha de Ourique nos Luziadas	Agostinho Jorge da Silva	Artigo
07	Volta da Primavera		Nota
07	Herculano – Opositores, tomo VIII – Instrução Pública, 1841.		Nota
08	Sonetinhos	Martinho Rebelo	Soneto
08	O desenho de memória	Alvaro Viana de Lemos	Artigo
08	Inauguração da nossa bandeira		Nota
09	O corvo e a raposa	Albino Gonçalves	Desenho
09	Expediente		Assinatura do jornal
Número comemorativo do centenário de Pestalozzi – 17/02/1927			
01	1827 – Pestalozzi - 1927	A Comissão	Artigo
02	A nossa comemoração	A Comissão	Artigo
03	Cartas recebidas	Le Ministre de Suisse	Carta
03	Dos alunos da Escola de Obercrinitz (Saxónia)	Edith Liebold	Carta
04	Dos professores da Escola de Obercrinitz (Saxe) Alemanha	Martin Ringel e Herbert Zchammer	Carta
04	Da Direção da Escola Normal Primária do Porto	João Gomes de Oliveira	Carta
04	Da Associação de A VOZ DO OPERÁRIO	Amantino do Nascimento	Carta
05	Outras comemorações		Nota
06	Exposição enviada pela comissão do centenário ao ministro de instrução pública	A Comissão Promotora do Centenário	Carta
06	Notícia da nossa comemoração em publicações estrangeiras		Notícia
07	Cesar Porto e “Os Novos”	César Porto	Artigo/Carta
07	Discurso duma criança	Martinho Rebelo-2º ano	Poema
08	Inquérito da biblioteca de Leipzig	Afonso Duarte	Artigo/ Inquérito
08	Centenário de Pestalozzi	Afonso Duarte	Nota
09	O centenário na Bélgica	Le Ministre Cam. Huysmans	Texto/Cartas
10	Pontos principais a fixar da vida e acção de Pestalozzi		Artigo
10	Quadras para crianças	Clotilde Gaspar Cabral – 3º ano	Poema
10	Centenário de Pestalozzi		Sêlo de propaganda

Fonte: OS NOVOS. Revista dos alunos da Escola Normal Primária. Coimbra. (Número 1 - 1ª série - 18/12/1925); (Ano 1º - Número 2 - 1ª Série - 10/02/1926); (Ano 1º - Número 3 - 1ª Série - 12/03/1926); (Número comemorativo do Centenário de Pestalozzi – 17/02/1927).

APÊNDICE D – Revista *O Estimulo*
Orgam do Gremio Normalista “Dois De Agosto” da Escola Normal da Capital

REVISTA O ESTIMULO			
Orgam do Gremio Normalista "Dois de agosto" da Escola Normal da Capital			
Página	Título dos textos	Autor	Tipo de texto
NÚMERO 18 - 08/04/1911			
87	A festa das aves	N/C	Expediente
88	O Pintasilgo	Maria Clara da Cunha Santos	Poema
89	O homem e o Passaro	Alcibiades de Oliveira	Narrativa
91	A's aves	Freitas Guimarães	Poema
92	As aves	Marietta A. do Nascimento	Crônica
93	Dear Mary	Marina do A. Gama	Carta
93	A festa das aves	Maria da C. Moraes Jardim	Artigo
94/95 ¹¹²	As aves	Ernesto de Campos	Artigo
95	A ave e a flor	Maria das Dores Neves	Artigo
96	A perdiz e o carapinhé	Maria Augusta de Andrade Justo	Artigo
97	O Urubu	Alcibiades de Oliveira	Crônica
98	As aves	Freitas Guimarães	Poema
99	Entrada o Outono	Calixto Portella Marim	Artigo
99	Commemoração da entrada do Outono	Sigismundo Severo	Crônica
100	As aves e o João de Barro	João Köpke	Poema
100	Desamparados	Afonso Arinos	Conto
101	A morte do Sabiá	Baptista Cepellos	Conto
102	O Picapáu ¹¹³	Eduardo Prestes Merbacel	Conto
103	Pró Aves	Annibal de Mélo	Artigo
105	Passarinhos	Zalina Rolim	Poema
105	Passaros e flores	Izaura Moraes	Crônica
NÚMERO 27 – 06/10/1913			
	O Estimulo	N/C	Expediente
382 ¹¹⁴	Almirante Alexandrino de Alencar	N/C	Artigo
385	O <O São Paulo>	José Eduardo	Artigo

¹¹² Na paginação do documento original, na página anterior a 95, consta o número 49. Levando em conta a sequência do documento, deduz-se que seja a página de número 94.

¹¹³ O título deste texto N/C no sumário.

¹¹⁴ Nem todas as páginas desse número da revista possuem numeração. A paginação tabelada acima é deduzida a partir dos números existentes em algumas páginas.

		Macedo Moraes	
391	As Caravellas	Antonio Peixoto	Poema
392	Ao hastear da Bandeira	Paulo R. Pestana	Artigo
393	Em prol de um Symbolo	José Feliciano	Artigo
395	O Couraçado <São Paulo>	Leopoldo de Freitas	Artigo
397	A nossa bandeira	Maximo Moura Santos	Artigo
399	Factos da história da navegação	N.M.	Narrativa
404	Sugestões de um symbolo	José Escobar	Poema
406	A bandeira	Leonor Schmidt	Artigo
407	A arca da bandeira do couraçado <São Paulo>	G.C.	Artigo
414	A nossa ideia	N/C	Artigo
421	Literatura – Castro Alves José Bonifácio (o moço) Julio Ribeiro Arthur Azevedo	Olga Bourroul Maria C. de Andrade e Silva Nicanor Ortiz Constancio Teani	Artigos
433	A instrução Pública em São Paulo	N/C	Artigo
446	Brasil	Luiz Guimarães Junior	Poema
448	Energia e matéria	Saverio Cristofaro	Artigo
453	Bianca Rosa	Pietro Vanni	Poema
454	Esthética	Raul Cardoso de Almeida	Artigo
456	Rio Amazonas	José Escobar	Poema
456	A morte da arvore	Oscar de Oliveira Ramos	Poema
456	Lagrimas	Felix Pacheco	Poema
457	Educação Physica e moral	Augusto R. de Carvalho	Artigo
459	O vaso partido	Renata de Barros	Poema ¹¹⁵
460	Conde de Monscaraz	N/C	Memorial
Trabalhos Diversos			
461	A sympathia	C.M. Leme Junior	Artigo
462	Rosas	Gonçalves da Silva	Conto
463	A grande data	Herminio Natali	Artigo
463	A diferença enre o sentido do olfacto e do gosto	N/C	Artigo
464	A borboleta	Carlos de Laet	Conto
464	Na roça	Regina Penteado Whitacker	Conto
465	O brinquedo das côres	Antonio Peixoto	Poema
466	Divagando	Carlos Caniato	Crônica
467	O charuto	Gonçalves da Silva	Conto

¹¹⁵ N/C no sumário assim como os artigos das páginas 463, 469 e 470.

467	Uma viagem ao sertão	Zelia Moreira	Conto
468	Jesus	O.F.A.	Conto
469	A inteligência	Mario Maia Cantinho	Artigo
469	A equação da beleza	N/C	Artigo
470	Os lyrios	Luiz Guimarães Filho	Crônica
470	Duas pilherias	Dias Barros	Artigo
471	Treze de Maio	Antonio Peixoto	Poema
472	Noticiário	N/C	Notícias em geral
NÚMERO 28 – 20/04/1914			
477 ¹¹⁶	Diretoria	N/C	Expediente
478	Vinte e um de abril	R. Cardoso de Almeida	Artigo
479	O amor do bello – a arte	Ruy Gonçalo	Artigo
483 ¹¹⁷	Os problemas da Educação	Romulo Pero	Artigo
484	Hygiene do Sentimento	Ruy Gonçalo	Crônica
486	Deus ajuda a quem trabalha	Horácio de Andrade	Artigo
486	A Patria	Ruy Barbosa	Crônica
487	Le Pere	François Coppée	Poema
487	O Pae	Antonio Peixoto	Poema
487	O Rio Sapucahy	Ismael P. Brasiliense	Poema
488	Educação Physica	N/C	Artigo
490	Anchieta	E. Lima	Narrativa
492	Os Hebreus na Antiguidade Oriental	Affonso Ribeiro Persicano	Narrativa
493	A Educação	Maria Castro Ferraz	Artigo
494	Recreação Mathematica	Ismael P. Brasiliense	Exercícios matemáticos
495	Regeneração	Clorinda Dante	Conto
496	Palestra feita pelo Prof. Vital Fogaça no Grupo Escolar da Liberdade por ocasião da festa das aves, em abril de 1913.	N/C	Texto da palestra ¹¹⁸
498	Dr. Ascendio Reis	N/C	Homenagem
499	Sylvia Borges Vieira	N/C	Memorial
500	Noticiário	N/C	Notícias gerais
NÚMERO 29 – 02/08/1914			
509	Nossa Escola	P.P.C.	Expediente
510	Os Gracchos	Paulo Seixas Porciuncula	Narrativa
511	Lenda Oriental	Amadeu Amaral	Conto
511	A data redemptora	Affonso Ribeiro	Artigo

¹¹⁶ Nesta edição, a numeração das páginas aparece em algumas páginas. Seguir-se-á a seqüência com base na paginação existente.

¹¹⁷ Esta página contém o final do artigo *Os Problemas da Educação*, pois faltam as páginas anteriores.

¹¹⁸ A partir desta edição encontram-se textos de palestras ou discursos.

		Persicano	
512	Recordações	J.A.F	Conto
514	A Partida da Monção	José Escobar	Poema
515	Conselhos a um Moço de Vinte anos	C. Malheiro Dias	Crônica
516	Em colóquio com as colegas	Jacy Moema	Artigo
517	Oração da tarde	Maria de Castro Ferraz	Conto
517	O somno da floresta virgem	Aurora Viegas	Conto
518	A festa da Bandeira	Luiz Pistarini	Poema
518	Em aula	Azôr de Araujo	Poema
519	Para aprender a aprender	Medeiros E. Albuquerque	Artigo
521	De menino a homem	Antonio Peixoto	Poema
522	A escola de outrora e a escola de hoje	Ernesto Lavissee	Discurso
526	A Educação	Olavo Bilac	Artigo
526	A derradeira lição	Afonso Daudet	Conto
529	Noticiário	N/C	Notícias ¹¹⁹
NUMERO 30 – 12/09/1914			
535	N/C	Adalgiso Pereira	Expediente
536	In memoriam	H. Viotti	Memorial
537	Homenagem	Mario Coutinho	Poema
538	Requiescat	J. Cardoso	Artigo
539	Dr. Sá e Benevides	Pedro P. da Cunha	Memorial
540	A' memoria do Dr. J.E.C. de Sá e Benevides	Américo de Moura	Poema
541	In Memoriam...	José Maria D'Avila	Memorial
542	Dr. Sá e Benevides	Noel dos Santos	Memorial
542	In perpetuum	Afonso Ribeiro Persicano	Memorial
543	Um erro...	Romulo Pero	Memorial
544	As cruzadas	José Pereira da Cunha Filho	Poema
545	Ao inesquecível mestre falecido	Maria de Castro Ferraz	Memorial
545	A' beira de um tumulo	J. Scaramelli	Memorial
546	Despedindo	H. Souza Leal	Crônica
546	Dr. José Estacio Corrêa de Sá e Benevides	Aurora Viegas	Memorial
547	Mais um que passa...	J.L.O	Crônica
548	Dr. Sá e Benevides	Paulo Porciuncula	Memorial
548	Homenagem Posthuma	Euclides de Lima	Memorial
550	Noticiário	N/C	Notícias relacionadas ao falecimento do Dr. Benevides
NÚMERO 34 – 11/06/1916			

¹¹⁹ Apesar de as notícias gerais desta seção não conterem autores, a última notícia está assinada com as iniciais A.G.

618	A ultima pagina do diário de HARPAGON	Angelo Candia	Expediente
619	Homenagem d' "O estímulo"	N/C	Homenagem
619	Escola nacional de Botucatú	N/C	Anúncio
619	Dr. João Köpke	Horacio de Oliveira Andrade	Artigo
620	O Enterro do Sol	Correia Junior	Poema
621	Reparos	Jota A.	Artigo
622	Salpicos...	N/C	Artigo
N/C	Velas...	Mario Coutinho	Poema
626	Musas da França	Alcides Maya	Artigo
627	Luctador	Gomes-Leite	Poema
628	Arvores	Azoro de Araujo	Poema
629	N/C	Jota A.	Artigo
630	A "Greve"	Mar-tinho	Conto
631	Resumo Historico de São Paulo	N/C	Narrativa
633	Em 1500	Narral Fontes	Poema
633	O cinematographo	Avila Junior	Artigo
634	Estudo da invenção	João de Oliveira Filho	Artigo
635	Dotes da Lingua Portuguesa	Rodrigues Lobo	Artigo
635	Riso e Lagrima	Benedicta de Rezende	Artigo
636	Noticiário	N/C	Notícias gerais
638	"Um homem sem Patria"	N/C	Narrativa
NÚMERO 35 – 14/11/1916			
644	N/C	Professor Augusto R. de Carvalho	Expediente
645	A escola	José do Patrocinio	Artigo
646	O patriota e o cidadão	Oliveira Andrade	Artigo
648	A Madrugada	F. Oliveira Junior	Poema
648	Liberdade na escola primaria	José Alves Simões	Artigo
649	Estudo da invenção	João de Oliveira Filho	Artigo
650	Perfil da Caridade	A. Mendes	Artigo
651	O bombyx	Cardim Filho	Artigo
653	Phases da vida	Correia Lima	Poema
653	Familia e a Educação	J.A.S	Artigo
654	A minha iniciação Sociológica	J. Scaramelli	Artigo
656	O fiel	O.P.B	Paráfrase
657	A proposito da partida dos Voluntarios Paulistas	H.	Artigo
658	A Escola Normal	N/C	Artigo
659	Suggestões do Crepusculo	R.S	Crônica
659	Noticiário	N/C	Notícias gerais
NUMERO 37 – 14/11/1917			
N/C	O Estimulo	N/C	Expediente

704	Ave, Patria!	Marsillac Fontes	Poema
705	Culto á Patria e á Republica	Alfredo F. de Mattos	Artigo
706	A obrigatoriedade do ensino	Raul A. Fragoso	Artigo
707	Echos e Saudades	Cleómedes Campos	Poema
708	Uma idéa	João Borges	Artigo
709	A origem da linguagem	Israel Alvez dos Santos	Crônica
710	A nossa lucta	O. Carvalho	Artigo
711	Dorylia	Epicteto Fontes	Conto
712	Num álbum	J. Borges	Poema
713	Considerações sobre a accepção em que é tomada a palavra "Character"	Francisco Nobre Vieira	Artigo
714	Novos limites do Brasil	N/C	Notícia
715	O Paladino	Guilherme de Almeida	Poema
716	Natura Duce	J.S	Artigo
718	A Seleção na Sociedade	J.L. da Veiga	Artigo
718	Noite de S. João	Luiz Galhanone	Narrativa
720	Conselhos a um moço de vinte anos	C. Malheiro Dias	Crônica ¹²⁰
721	Noticiário	N/C	Notícias gerais
NÚMERO 38 – 02/08/1918			
N/C	Dr. Wenceslau Braz	N/C	Expediente
732	Dois de Agosto	J. Simões	Artigo
733	A Educação da Mulher	Dra. Maria Saraiva	Artigo
734	Discurso	Prof. Reynaldo Ribeiro	Discurso
737	O Saneamento	José ??? ¹²¹	Artigo
738	O caboclo	José Luis do ???	Crônica
740	Tres de Maio	Dr. Djalma Forjaz	Discurso
743	Sciencia e Arte	Ferreira Alves Junior	Poema
744	Nós, professores perante a Patria	Maria Luiza Rocha	Artigo
745	As glorias de Portugal	Prof. Raul Avila de Macedo	Discurso
748	Macedo Soares	Prof. Gomes Cardim	Discurso
750	Escola Normal	R.Cavalheiro	Narrativa
751	Cleveland souza Faria	Alipio A. Guimarães	Homenagem
752	O soldado brasileiro	Julia Lopes de Almeida	Carta
754	Noticiário	N/C	Notícias gerais
NÚMERO 39 – 13/05/1919			
N/C	Treze de Maio	N/C	Expediente

¹²⁰ Mesmo texto da edição 29 de 02 de agosto de 1914.

¹²¹ Ambos os nomes com interrogações estão rubricados na revista, pouco se entende da caligrafia dos autores.

766	Festa das aves	N/C	Notícia
767	Tres de Maio	G.C	Artigo
768	Os nossos mortos ¹²²	N/C	Artigo
774	Ensino Profissional	Dr. Oscar Thompson	Discurso
778	Impaludismo	Adhebar Nogueira	Artigo
782	A terra vive?	J. Souza	Artigo
784	Descrição	Catharina Prado	Conto
785	Bolhas de sabão	Wenceslau Brandão	Poema
786	Estudos de Litteratura tentativa de uma crítica	Odette de Souza Carvalho	Artigo
787	Vanitas	Dulce Rodrigues dos Santos	Artigo
787	Noticiário	N/C	Notícias gerais
NUMERO 40 – 02/08/1919			
N/C	Dr. Oscar Rodrigues	N/C	Expediente
790	Dois de Agosto	N/C	Artigo
794	Rumo ao mar	N/C	Discurso
800	A paz	J. Souza	Artigo
801	Litteratura	Maria Paiva de Carvalho	Artigo
802	Moinhos	Wenceslau Brandão	Poema
803	Prece	Edwiges H. de Carvalho	Artigo
804	Questão interessante	N/C	Artigo
804	Patria	Dr. Antonio Sampaio Doria	Artigo
810	Nossa Bandeira	G. Midrac	Poema
811	Litteratura	Narral Fontes	Artigo
812	Sonho	G. Midrac	Poema
813	O Escotismo	N/C	Artigo
816	Reparos	Francisco Nobre Vieira	Artigo
817	Adivinhação	G. Midrac	Poema
818	A Anrylostomiase	Antonieta Ribeiro de Saboya	Tese
821	As aulas de Hygiene Publica	Zenon C. Moura	Relatório
822	Noticiário	N/C	Notícias em geral
NÚMERO 41 – 12/10/1919¹²³			
	Doze de Outubro	N/C	
	Discurso	Dr. Djalma Forjaz	
	A missão do professor	G. Cardim	
	Dissertação (poesia)	B.B Pires	
	Intuição analytica	J.S	
	Viver só para si não é viver	L.P.J	

¹²² Falta páginas.

¹²³ Este número consta apenas de capa e sumário de onde foram tirados os títulos e autores.

	Uma despedida (poesia)	G. Midrac	
	Educação Moral	Francisco Nobre Vieira	
	O papel da linguagem na vida humana	J. Aguiar	
	A caminho da Escola (poesia)	João Borges	
	A professora	Olivia S. Silva	
	A epopeia da Grecia	J.S	
	Mãe! (poesia)	João Borges	
	Escola Normal	Lucio José dos Santos	
	A graça	C.B	
	Ancia Suprema (poesia)	Aldrovando Condé Scrosoppi	
	Methodologia	Guimar A. Goés	
	Magna dor	Colatino de Campos	
	O estudo	Gloria Quintella	
	Canhenho de um normalista	Romeu Ferraz	
	Caminho de Luz (poesia)	Wenceslau Brandão	
	Saudade	Isabel Bueno	
	Desilusão	Sheba Gennari	
	Nocturno	Fernando Motta Netto	
	Crepusculo	H.P.J	
	Noticiário	N/C	
NÚMERO 42 – 06/05/1920			
N/C	Uma homenagem	N/C	Expediente
862	Curso de Hygiene	N/C	Discurso
866	Bosquejo Psychologico	Lucia Pacheco Jordão	Artigo
871	Sagradas Cinzas	Estellita Ribas	Crônica
871	A cruz	Maria Candida Conceição	Oração
872	Canção das Aguias	Plinio Salgado	Poema
873	Na Estrada do Damasco...	Romeu Ferraz	Artigo
874	Jesus	Orminda Pinheiro	Dissertação
875	Prantos	João Borges	Poema
876	Um casal	Sophia Pacheco Jordão	Crônica
878	Tres de Maio	N/C	Artigo
879	Cysne	Sergio Ribeiro	Poema
879	Horas de Saudades	Olivia Silva	Conto
880	Helio!	João Borges	Poema
881	Aboizes lingüísticos	Romeu Ferraz	Artigo
882	Recuerdo de Mestre-Escola	Oliveira e Sousa	Narrativa
883	Pergaminho	Walter Borioni	Poema
884	A morte do Canario	Joaquim Jacintho da Rosa	Poema
885	Methodos da Psychologia	Antonieta Cavalcanti	Artigo

885	Exposição de Miniaturas	Gloria Quintella	Resenha
886	Mãe	Collatino de Campos	Conto
886	Abut	Frederico Albuquerque	Conto
888	Publicação útil	Tercio Teixeira	Artigo
890	Revista de ensino	Maria do Carmo Junior	Artigo
890	O Guarany	Helena Pacheco Jordão	Artigo
891	A China e os Chineses	Leopoldo Freitas	Artigo
892	Noticiário	N/C	Notícias gerais
NÚMERO 4 – AGOSTO DE 1927¹²⁴			
1	Dois de Agosto	N/C	Expediente
3	Bases para o programa de arithmetica e álgebra da Escola Normal da capital em 1926	José Escobar	Artigo
7	Nossos sellos mais antigos	A. Moura	Artigo
11	Premio “Rio Branco”	N/C	Reportagem
14	Homenagem ao Dr. Carlos de Campos	José Rizzo	Homenagem
15	As secas do Nordeste	João Borges	Poema
16	Sentido Motor e memória cinética	Cyro de Freitas Gaia	Artigo
19	A influencia nacionalizadora da linguagem	Anita de Castilho e Marcondes Cabral	Artigo
21	Um heroe nacional	João Penna	Narrativa
23	A linguagem na creança	Leontina Bergstrom Lourenço	Artigo
25	As questões de limites depois da proclamação da Republica	Campos Maia	Tese
30	Noção Geral de Habito	João Penna	Artigo
32	Festa das Aves	Cyro de Freitas Gaia	Artigo
34	Os tests e sua importância	Oscar Araujo	Artigo
36	Plano do “Romance de Amadis”	Cora do Camargo	Tabela
N/C	Da minha janella	Elisa Martinez	N/C

Fonte: ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Revista “O Estimulo” – Orgam do Gremio Normalista “Dois de Agosto”. São Paulo. (setembro de 1911. Ano V, n. 18); (6 de outubro de 1913. Ano VI, n. 27); (20 de abril de 1914. Ano VII, n. 28); (1 de agosto de 1914. Ano VII, n. 29); (12 de setembro de 1914. Ano VII, n. 30); (11 de junho de 1916. Ano IX, n. 34); (14 de novembro de 1916. Ano IX, n. 35); (14 de abril de 1917. Ano X, n. 37); (2 de agosto de 1918. Ano XI, n. 38); (13 de maio de 1919. Ano XII, n. 39); (2 de agosto de 1919. Ano XII, n. 40); (12 de agosto de 1919. Ano XII, n. 41); (6 de maio de 1920. Ano XIII, n. 42); (6 de maio de 1927. Ano XIII, n. 4).

¹²⁴ Nesta edição, parece haver um recomeço da numeração da revista. A paginação também recomeça a cada edição.

APÊNDICE E – Revista *Excelsior!*
Revista do Grêmio Normalista “22 De Março” da Escola Normal de São Carlos

REVISTA EXCELSIOR!			
Revista do Grêmio Normalista "22 de Março" da Escola Normal de São Carlos			
Página	Títulos dos textos	Autor	Tipo de texto
Número 1 – 15/11/1911			
2	Sem título	Sem autor	Expediente
6	Acta da fundação do "Grêmio Normalista 22 de Março" e da eleição da directoria provisória.	Luiz de Arruda Camargo Architidino dos Santos	Artigo
8	Instrução e Imprensa	Paulo Camargo	Poema
10	Escola Normal de São Carlos	José de Camargo	Artigo
12	Sem título	Ruy Barbosa	Frase
12	Fazer para aprender	J.L. Rodrigues	Artigo
13	Sem título	Angiulli	Frase
14	Pelago invisível	Raymundo Corrêa	Poema
16	Oscilações da taxa Cambial	Argemiro Pacheco	Artigo
17	Simile	Pinto e Silva	Poema
18	Estimulando	Arsan	Artigo
19	Um beijo, apenas...	A.O.B	Artigo
19	Sem título	Sem autor	Frase
20	Sonho de Abril	C.N	Poema
20	Amores, amor...	Alceste	Poema
23	Sem título	Sebastiana Mazagão	Artigo ¹²⁵
23	O mestre	E.S.	Artigo
24	Salve, 15 de novembro	Adalgiza Putti	Artigo
24	Gloria in Excelsis	Haydéa Haracy de Arruda	Artigo
25	Justificando...	A.	Conto
25	Miniaturas	Jenny Maia	Crônica
25	Aos jovens professores	Dr. Menezes Vieira	Artigo
26	A instrução em S. Paulo	Ruy Barboza	Sem definição
26	Noticiário	Sem autor	Notícias
Número 2 – 22/03/1912			
3	Laboremus!	Sem autor	Expediente
?	Marmorea	J.V.	Poema
7	O Barão do rio Branco – O mestre do civismo	Sem autor	Artigo
13	Na Escola	Sem autor	Poema
13	Um redivivo	Manoel de Mattos Azevedo	Poema
14	Ubique patrie memor	Haydéa Aracy de Arruda	Artigo
14	Homenagem ao "Excelsior"	Autora Caldas de Souza	Artigo
15	Eminentes educadores	L. Vosso	Artigo

¹²⁵ Faltam as páginas 21 e 22, nas quais provavelmente constam outros textos bem como o início deste.

16	Num álbum	Evelina Zambrano	Crônica
16	A rosa e a borboleta	Sebastiana Masagão	Conto
17	A Escola Normal	Sebastião Pinto	Resenha
20	Le besoin d'instruction	Jannaria de Mattos	Conto
20	Salve 22 de Março!	Esther de Barros Marcondes	Artigo
21	Rio Branco	Sem autor	Artigo
21	Noticiário	Sem autor	Notícias
Número 3 – Fevereiro de 1913			
? ¹²⁶	Excelsior!	Sem autor	Expediente
?	Sem título	Henry W. Longfellow	Poema
?	Necessitamos de “Classes preparatórias” anexas aos grupos escolares	Theodoro de Moraes	Artigo
?	A mulher	Yáyá Braga	Artigo
?	Sem título	Metchnikoff	Frase
?	Tres paginas	Phocion	Crônica
?	Sem título	Pascal	Frase
?	Homenagem do Excelsior!	Sem autor	Artigo
?	O trabalho	Aluizio de Azevedo	Crônica
?	A musica	Haydéa Aracy de Arruda	Artigo
?	O interesse	Sem autor	Artigo
?	Primeiro amor	Benedicto S. Rocha	Poema
?	Os meus amigos	Castello Branco	Poema
?	L'Angélus	W.C.V.	Artigo
?	Rosa que desprende	Jacy Penteado	Poema
?	Em meio caminho	Carolina Cesar	Artigo
?	O Rouxinol	Aleidia A. Silva	Conto
Número 4 – 18/10/1913			
1	O Excelsior!	Sem autor	Expediente
2	Paisagem	Maria Malividade	Poema
3	Uma questão pedagógica	Haydéa Aracy de Arruda	Artigo
4	Noção de fracção	Luiz de Arruda Camargo	Artigo
5	Theorias da vontade	Isabel Botelho de Carvalho	Artigo
7	Uma aula de psychologia	Maria Amelia Silva	Artigo
8	Jogos Escolares --- Classificação – Psychologia	Philomena Fagnani	Artigo
10	Aos meus colegas	S.Rocha	Artigo
10	Mãe	Stella Freire de Lima	Artigo

¹²⁶ Nesta edição não há registro do dia, somente o mês e também não possui nenhuma numeração de página e também não é possível visualizar na capa o número da revista.

10	Os inquéritos pedagógicos e S. Carlos	Sebastião Pinto	Artigo
11	Uma composição de aula	João Aranha	Artigo
12	A Instrucção	Suzana Mattos	Artigo
13	Lançamento da pedra Fundamental do novo prédio da Escola Normal	O. Penteado	Artigo
15	A oedipo	Sem autor	Sem definição
15	Expediente	Jota Esse	Expediente
16	Notas	Sem autor	Notícias
16	Tedio	J.A.	Poema
Número 5 – 15/11/1913			
1	Excelsior!	A.P.	Expediente
2	15 de novembro	Romão de Campos Junior	Artigo
3	O Valor de Um Symbolo	Euclydes da Cunha	Conto
4	Impressões de aula	Joaquim Siqueira	Artigo
5	Soledade	João Aranha	Poema
6	Camaradagem e coeducação	Maria Sampaio e Sousa	Artigo
6	Bibliothecas Infantis	Argemiro Pacheco	Artigo
7	Trabalho de methodologia	Architilino dos Santos	Artigo
7	A Escola Moderna	Mario C. Leite	Artigo
8	A Attenção	Jacy M. de Oliveira Penteado	Artigo
12	Medidas da attenção	Walinda da Cunha Vieira	Artigo
14	Vantagens pedagógicas decorrentes do estudo da attenção	Marina Novaes	Artigo
15	Importancia do habito na educação	Josè Ferraz de Sampaio	Artigo
16	A Bandeira Nacional	A. Proença	Narrativa histórica
18	Antes da luta...	Sem autor	Artigo
19	Concurso Literario	Sem autor	Notícia
Número ? – Setembro de 1914			
3	Datas nacionaes – 7 de Setembro	R.C.	Artigo
4	28 de Setembro	R.C.	Artigo
4	Medidas da intelligencia	Lazaro Camargo	Artigo
5	Os Lusiadas	M. Leite	Artigo
6	A Escola Normal, o professor, a instrucção em geral	Jose S. Penteado	Artigo
8	Um soneto	Machado de Assis	Conto
9	Qual o vestuário mais conveniente ás crianças?	Olga Valentie de Oliveira	Artigo
10	Festas na Escola – 13 de maio	R.C.	Artigo
10	Excelsior!	A Redação	Notícia
11	O medo	Maria Botelho	Artigo
12	Visão	N. Sampaio Souza	Artigo
13	Pedagogia	Jacy Penteado	Artigo

15	Breve Notícia	Yáyá Braga	Notícia
16	A preguiça	Zuleika Valente de Oliveira	Artigo
17	A polemica	Xavier Marques	Artigo
18	A bordo do “Araguaya”	B. Simões da Rocha	Poema
Número 7 – 07/09/1916			
?	“Excelsior”	A.	Expediente
?	Na escola	Mario Natividade	Artigo
?	Audição	Noemia Novaes	Artigo
?	Como professor primário falla a seus alumnos	Walinda da Cunha Vieira	Artigo
?	René Barreto	Romão Campos	Artigo
?	Sem título	René Descartes	Frase
?	Sem título	Platão	Frase
?	Despedida	Stella F. Lima	Poema
?	Soneto	Octavio Penteado	Poema
?	O soldado	Sem autor	Conto
?	No dominio da technica	A. Proença	Artigo
?	Henriquinho	Joaquim Siqueira de Camargo	Poema
?	Doutrina da Evolução	Noemia S. de Souza	Artigo
?	A pedagogia	S. Rocha	Crônica
?	Nossa gente e seu futuro	F. Martins	Artigo
?	Educação do anormaes	Lazaro F. S. Camargo	Artigo

Fonte: REVISTA *EXCELSIOR!* Revista do Grêmio Normalista “22 de Março” da Escola Normal de São Carlos. (Número 1, nov. 1911); (Número 2, mar. 1912); (Número 3, fev. 1913); (Número 4, out. 1913); (Número 5, nov. 1913); (Número 6, set. 1914); (Número 7, set. 1916).

APÊNDICE F – Autores com mais textos – Periódicos Portugueses

AUTORES COM MAIS TEXTOS – PERIÓDICOS PORTUGUESES					
Jornal <i>O Alvorecer</i>		Jornal <i>Educação Feminina</i>		Revista <i>Os Novos</i>	
Autores ¹²⁷	Nº de artigos	Autores	Nº de artigos	Autores	Nº de artigos
Anselmo P. de Vasconcelos - <i>aluno</i>	25	Irene Lisboa - <i>aluna</i> (incluindo traduções)	34	Martinho Rebelo - <i>aluno</i>	5
Justino de Vasconcelos - <i>aluno</i>	24	Lucinda Dias - <i>aluna</i>	6	Alvaro Viana de Lemos - <i>professor</i>	4
Manoel Pinto Barbosa - <i>aluno</i>	17	Antonio Luis Felipe - <i>aluno</i>	6	Vitorino Moraes - <i>aluno</i>	2
Mario - <i>aluno</i>	15	Flip – não identificado (incluindo traduções)	5	António Sérgio – <i>professor/colaborador externo</i>	2
José C. Vasconcelos - <i>aluno</i>	13	Erazan - não identificado	5	Afonso Duarte - <i>professor</i>	2
M. A. Areias	11	Alice Oeiras - <i>aluna</i>	4	A Comissão - <i>alunos</i>	2
Coelho Alves	10	Ilda Moreira - <i>aluna</i>	3	Mario Nogueira Nunes – <i>aluno</i>	1
Caetano Oliveira – de Braga	10	Olavo Bilac – poeta/jornalista / parnasianismo brasileiro	2	Belmira Brigido – <i>aluna</i>	1
Manoel Vieira - <i>aluno</i>	9	Joana Condesso – <i>colaboradora externa</i>	2	Selda Salgado de Oliveira Mendes – <i>aluna</i>	1
Manoel de Castro Pereira - <i>aluno</i>	8	Gomes Leal - <i>escritor</i>	2	Maria do Carmo da Costa Amado – <i>aluna</i>	1
A. Torres	8	Eugênio de Castro - <i>escritor</i>	2	Agostinho Jorge da Silva - <i>professor</i>	1
Antonio Silveiras – de Ribaças / Abragão	6	Dagmar Ferreira - não identificado	2	Mario Alberto Fernandes de Oliveira - <i>aluno</i>	1
Sérgio Brandão	5	Barthélemy – jornalista francês	2	Edith Liebold – <i>aluna da Escola de Obercrinitz (Saxe)</i>	1

¹²⁷ Em pesquisa realizada na Biblioteca do Instituto Politécnico do Porto – nos reservados da Berud e documentos do arquivo interno - localizei somente quatro livros de matrículas e somente em dois desses livros confirmei alguns alunos/autores, alunos esses da Escola Normal do Porto que dirigiam e escreviam para o periódico *O Alvorecer*. Como não localizei os demais livros de matrículas que me ajudassem quanto a estes dados para maiores informações consultei o livro: ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Termo de posse conferida aos professores da Escola Normal do Porto – Sexo feminino e depois mista*. 1882-1919. Porto.

				Alemanha.	
Manoel de Castro Guerra - aluno	5	A. C. - não identificado	2	Matin Ringel e Herbert Zschammer – professores da Escola de Obercrinitz (Saxe) Alemanha.	1
Frederico Duarte – de Manchester / Inglaterra	5	Virgínia Gersão – aluna da Escola Normal de Coimbra	1	João Gomes de Oliveira – diretor da Escola Normal Primária do Porto.	1
Ferreira da Silva – de Luzim	5	V.S.B - não identificado	1	Amantino do Nascimento – secretário da Associação <i>A voz do Operário</i>	1
Emanuel	5	Teófilo Gautier - poeta, crítico e romancista / parnasianismo francês	1	A Comissão Promotora do Centenário - alunos	1
Augusto C. Torres	5	Ramalho Ortigão - poeta/jornalista português	1	Cesar Porto - professor/ colaborador externo	1
Vitorino H. Bento - aluno	4	Policarpa Flores - não identificado	1	Le Ministre Cam. Huysmans – Ministro das iências e artes de Bruxelas.	1
Trindade e Lima – de Faro	4	Pereira Barreto - escritor	1	Clotilde Gaspar Cabral - aluna	1
Raul Cabrita – aluno da Escola Normal de Faro	4	P. Mantegazza - escritor	1	Le Ministre de Suisse - Ministro da Suíça.	1
João dos Santos	4	Ofélia – escritora, poetisa, atriz (pseudónimo utilizado por Ana de Albuquerque)	1	Sem autor	16
Irene Bragança	4	Manoel D. - não identificado	1	Total	49
Ulisses Machado	3	Luiza E. da Silva (uma tradução)	1		
Terrestaucos	3	José Simões - não identificado	1		
Rosalina	3	Guerra Junqueira - escritor	1		
Rei Phino	3	Gonçalves Dias - poeta e teatrólogo brasileiro	1		
R. A. Trigo Moraes	3	Gonçalves Crespo - escritor	1		
Francisco dos Santos	3	Georgina Angela da Costa Murta – colaboradora	1		

		externa			
F. Barros	3	Gabriela Moraes Pinto - não identificada	1		
Eugênia A. Leite Braga – professora oficial	3	Francisca Julia da Silva - não identificada	1		
Domingos A. Ferreira da Silva	3	Fernando Gadeira - não identificado	1		
Almeida Cardoso	3	Fernandes Costa - não identificado	1		
Abílio J. Martins – de Vila Real	3	Dulce Faria - aluna	1		
Vieira da Silva	2	Do Conde - não identificado	1		
Silva Teixeira	2	Damasco Vieira - não identificado	1		
Sampaio Melo – do Colégio A. Garret	2	Chateaubriand - escritor, ensaísta, diplomata e político francês	1		
Quim	2	Bergane - não identificado	1		
Nikil – de Pena	2	Beatriz A. Ferreira - colaboradora externa	1		
Manuel Vieira	2	B.M - não identificado	1		
Luiz	2	Antonio Feijó - poeta e diplomata português	1		
José Francisco Cobrila	2	Antonio Cardoso de Ponse Lião -	1		
José dos Santos G. C	2	Antero de Quental – escritor, poeta e político	1		
José Augusto Mario	2	Amália da Veiga Pestana - colaboradora externa	1		
José Augusto d'Almeida Cardoso	2	Almedina Sarmiento - não identificada	1		
João de Moraes Alves	2	Sem autor	21		
João Augusto Mario	2	Total	129		
Antonio da Rocha Madureira	2				
Alves Pacheco	2				
Uma aluna da Escola do Porto	2				
X.P.T.O – de Faro	1				

Sempre Vivo	1				
Sempre viva	1				
Segismundo Chaves normalista – aluno de Bragança	1				
S.R.	1				
Rosa Camélia Abreu	1				
Rei Amôr	1				
Pinheiro Fonseca	1				
Olhos Azues	1				
Nytu Korhé	1				
Nitu Koskin	1				
Netercia	1				
Natália	1				
Mercurio e Espreita	1				
Maurício Bernier	1				
Mariotte	1				
Mario Ximenes	1				
Maria Lucilia	1				
Manoel Pinto de Souza - aluno	1				
Laura da Cunha	1				
Julio Cunha	1				
Joséph - Algarve	1				
Josefa - de Faro	1				
José de Paes Andrade	1				
José de Castro	1				
Joaquim Pereira	1				
Joaquim da C. Cardoso Junior	1				
João Moraes Ramos	1				
J.R. Santos	1				
J. Sevivas	1				
Irene de Amaral	1				
Hermínio	1				
Gustavo Simões	1				
Guerra Junqueira	1				
Franklin da Costa – de Viana do Castelo	1				
Fop	1				
Fausto	1				
Esoj Areirom (Jose Moreira)	1				

Elvira Cunha	1				
E. Miranda	1				
Disse	1				
D. Coelho Torres	1				
Camacho – de Faro	1				
Aurélio Teixeira Martins	1				
Augusto Hermínio Esteves	1				
Augusto dos Santos Rita	1				
Asor (Rosa?)	1				
Antonio dos Reis	1				
Amália Durão Martins	1				
Alves de Sousa	1				
Almeida Melo	1				
Alfredo Augusto Alves – da Escola Normal de Bragança	1				
Alberto José Ribeiro	1				
Agostinho M. da Costa	1				
Adriano Gonçalves	1				
Adjuio Corrêa de Melo Osorio Sarmiento	1				
Adelaide Sofia Ferreira	1				
Abel de Azevedo Codinho	1				
A. Mesquita	1				
A. Castro	1				
Anviva	1				
D. A. F. Silva – de Vieiros	1				
João dos Santos da G. - de Faro	1				
C. F. G. estudante - aluno	1				
Sem autor	140				
Ilegíveis e outros	22				
Total	497				

Fonte: EDUCAÇÃO FEMININA. Quinzenario literario, científico e artístico. Orgão das Normalistas de Lisboa, 1913. O ALVORECER. Quinzenario pedagogico, literario e científico. Orgão dos normalistas do Porto, 1912 - 1914. OS NOVOS. Revista dos alunos da Escola Normal Primária de Coimbra, 1925-1927. ESCOLA NORMAL DE LISBOA DO SEXO MASCULINO. *Livro de termo da entrega de diploma*, 1913-1914. Lisboa. ESCOLA NORMAL DE LISBOA DO SEXO FEMININO. *Livro de*

matrícula, n.2, 1904-1918. Lisboa. ESCOLA NORMAL DE LISBOA DO SEXO FEMININO. *Livro de matrícula*, n.3, 1904-1919. Lisboa. ESCOLA NORMAL DE LISBOA DO SEXO MASCULINO. *Livro de matrícula*, n.1, 1903-1915. Lisboa. ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Livro de matrícula da 3ª classe*, 1914-1917. Porto. ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Livro de matrícula da 2ª classe*, 1914-1916. Porto. ESCOLA NORMAL DO SEXO MASCULINO DO PORTO. *Livro de matrícula do 3º ano*, 1904-1914. Porto. ESCOLA NORMAL DO SEXO FEMININO DO PORTO. *Livro de matrícula do 3º ano*, 1904-1914. Porto. ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Livro de registros de aproveitamento – frequência e comportamento*, 1902-1909, Porto. ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Termo de exames finais – Sexo Masculino*. 1905-1931. Porto. ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Termo de posse conferida aos professores da Escola Normal do Porto – Sexo feminino e depois mista*. 1882-1919. Porto. ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Livro registros de diploma*, 1905-1915. Porto. ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA E ESCOLA PRIMÁRIA SUPERIOR DE COIMBRA. *Livro de Termo de Posse*. 1913 a 1926. (José Tomás da Fonseca, pág. 14). ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 3ª classe, 1925 a 1926. (Selda Salgado de Oliveira Mendes, pág. 25). ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 1ª classe, 1923 a 1924. (Selda Salgado de Oliveira Mendes, pág. 37 verso). ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 3ª classe, 1926 a 1927. (Vitorino Morais Barbosa, pág. 39 verso). ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 2ª classe, 1925 a 1926. (Vitorino Morais Barbosa, pág. 29 verso). ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 1ª classe, 1924 a 1925. (Vitorino Morais Barbosa, pág. 27 verso). ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 1ª classe, 1925 a 1926. (Martinho Rebêlo, pág. 23 verso). ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro de Notas de Aproveitamento, Frequência e Comportamento*, 2ª classe, 1926 a 1927. (Martinho Rebêlo, pág. 16 verso). ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Livro dos Termos de Exames de Admissão*, 1911 a 1912. (Virgínia Faria Gersão, pág. 33 verso). ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Folha de vencimento do pessoal – gratificação por serviços de exames finais*. Ministério da Instrução Pública. Ano Económico de 1927-1928. (Agostinho Jorge). ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Folha de vencimento do pessoal – gratificação por acumulação de regências*. Ministério da Instrução Pública. Ano Económico de 1927-1928. (Alvaro Viana de Lemos). ESCOLA PRIMÁRIA SUPERIOR DE COIMBRA. *Livro do Registro das notas de frequência*, 2ª classe, 1922 a 1923. (Vitorino Morais Barbosa, pág. 1). ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE COIMBRA. *Folha de vencimento do pessoal – efectivo, ativo e contratado*. Ministério da Instrução Pública. Ano Económico de 1927-1928. (Afonso Duarte, Alvaro Viana de Lemos e Agostinho Jorge).

APÊNDICE G – Autores com mais textos – Periódicos Brasileiros

AUTORES COM MAIS TEXTOS – PERIÓDICOS BRASILEIROS			
Revista <i>O Estímulo</i> ¹²⁸		Revista <i>Excelsior!</i>	
Autores	Nº de artigos	Autores	Nº de artigos
João Borges ¹²⁹ – professor do curso normal, cadeira de Physica e Chimica	7	Haidéa Aracy de Arruda - aluna	4
Antonio Peixoto – aluno (1913)	5	Architclino dos Santos - aluno	3
G. Midrac -	4	Argemiro Pacheco - aluno	3
José Escobar ¹³⁰ - professor do curso normal, cadeira de Arithimética e Algebra	4	Benedicto Simões da Rocha - aluno	3
Affonso Ribeiro Persicano – aluno (1914)	3	Carolina Cesar - aluna	3
Francisco Nobre Vieira -	3	Jacy Penteado - aluna	3
J.S – aluno	3	Walinda da Cunha Vieira - aluna	3
Romeu Ferraz - aluno	3	A. -	2
Wenceslau Brandão -	3	Antonio Firmino de Proença - professor	2
Alcibiades de Oliveira – aluno (1911)	2	Castello Branco – escritor português	2
Prof. Gomes Cardim - professor	2	E.S. – aluna/o	2
Freitas Guimarães -	2	Jannaria de Mattos - aluna	2
Olga Bourroul – aluna do 3º ano (1913)	2	Jenny Maia -	2
Gonçalves da Silva -	2	João Aranha – aluno	2
Ruy Gonçalo -	2	João Lourenço Rodrigues - Professor	2
Horácio de Andrade - aluno	2	José de Camargo - secretário	2
Ismael P. Brasiliense -	2	J. Esse - aluno	2
Paulo Seixas Porciuncula - aluno	2	Lazaro F. S. Camargo - aluno	2
Romulo Pero – aluno (1914)	2	Luiz de Arruda Camargo - aluno	2
Maria de Castro Ferraz - aluna	2	Mario Corrêa Leite - aluno	2
Aurora Viegas – aluna do 3º ano 1913	2	Metchnikoff – bacteriologista russo	2
João Penna - aluno (1928)	2	Noêmia Sampaio de Souza - aluna	2
Mario Coutinho - aluno	2	Raymundo Corrêa - poeta	2
Azôr de Araujo - aluno	2	R.C. - aluno	2
Américo de Moura -	2	Romão de Campos Junior - aluno	2
Jota A. – aluno	2	Rui Barbosa – político	2
Narval Fontes - aluno	2	Otávio Penteado - aluno	2
João de Oliveira Filho – aluno (1917)	2	Sebastião Rocha - aluno	2
José Alves Simões - aluno	2	Sebastiana Masagão – aluna	2
Dr. Djalma Forjaz – professor do curso normal, cadeira de História da civilização	2	Sebastião Pinto - aluno	2
Gloria Quintella – aluna (1918)	2	Stella Freire de Lima - aluna	2
J. Souza -	2	Suzana Mattos – aluna	2
Olivia S. Silva -	2	Yayá Braga - aluna	2
Colatino de Campos -	2	A.O.B. -	1

¹²⁸ Não foi possível mapear todos os autores dos textos publicados na revista *O Estímulo* em virtude da não localização de fontes documentais que contribuíssem para esse trabalho.

¹²⁹ Diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo em 1895.

¹³⁰ Diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo em 1903.

G.C. -	2	Alceste – trágico grego	1
Cora Camargo - aluna (1928)	1	Aleidia A. Silva - aluna	1
Maria Clara da Cunha Santos - aluna	1	Aluizio de Azevedo - Escritor	1
Marietta A. Nascimento – aluna do 3º ano	1	Angiulli – educador italiano	1
Marina do A. Gama - aluna	1	Aurora Caldas de Souza - aluna	1
Maria da C. Moraes Jardim - aluna	1	Argemiro Pacheco - aluno	1
Ernesto de Campos – aluno 1911	1	Arsan -	1
Maria das Dores Neves – aluna do 3º ano (1912)	1	Alexandrina Barreto - aluna	1
Maria Augusta de Andrade Justo – aluna do 3º ano (1912)	1	Adalgiza Putti - aluna	1
Calixto Portella Marim -	1	Benedicto Simões Rocha - aluno	1
Sigismundo Severo – aluno (1916)	1	Browne Duryen - professora	1
João Köpke - educador	1	C. N - aluna	1
Afonso Arinos -	1	Descartes – filósofo francês	1
Baptista Cepellos -	1	Dr. Menezes Vieira - médico	1
Eduardo Prestes Merbacel - aluno	1	Esther de Barros Marcondes – aluna	1
Elisa Martinez - aluna (1928)	1	Evelina Zambrano - aluna	1
Zalina Rolim – escritora	1	Euclides da Cunha - escritor/jornalista	1
Izaura Moraes – aluna (1911)	1	Henry W. Longfellow – poeta/educador americano	1
Leonor Schmidt – aluna do 3º ano (1913)	1	Isabel Botelho de Carvalho - aluna	1
Leonor Magalhães - aluna	1	J. A. – aluna/o	1
Ilka de Souza Lima - aluna	1	Jotapejota -	1
Ondina Villela -	1	L. Vosso -	1
José Nicanor Domingues - aluno	1	J.V. – aluna	1
Cyro Côte Brilho - aluno da Escola Normal Primária (1913)	1	Manoel de Mattos Azevedo - tabelião	1
Luiz Schilirô -	1	Maria Amelia da Silva – aluna	1
Antonio Ponzio -	1	Mario Natividade - professor	1
José de Oliveira - aluno	1	Machado de Assis - escritor	1
Fausto Penteado -	1	Octavio Penteado – aluno	1
Mario Sales -	1	Pascal – filósofo francês	1
Alcides Flôres -	1	Paulo Camargo – aluno	1
Canto e Mello - aluna (1915)	1	Philomena Fagnani – aluna	1
Antonio Monteiro -	1	Phocion – general ateniense	1
Carlos Teixeira -		Platão – filósofo ateniense	1
Wolff – aluno	1	Pinto e Silva -	1
Paschoal Demetrio Aldrovando - aluno	1	Roldão Lopes de Barros - professor	1
Armenio Góes -	1	S. Rocha - aluno	1
Dante Autuori -	1	Theodoro de Moraes – professor	1
Darwin Côte Brilho -	1	Xavier Marques -	1
Rubino de Magalhães Castro -		José S. Penteado - aluno	1
Moacyr Cid - aluno	1	Olga Valentine de Oliveira - aluna	1
Renato Pereira -	1	B. Simões da Rocha - aluno	1

Fernando Cardoso -	1	Zuleika Valentine de Oliveira - aluna	1
Hugo de Lima -	1	Maria Botelho - aluna	1
Paulo Nicolellis -	1	Noemia Novaes – aluna	1
Ulysses da Silva -	1	Joacquir Siqueira – aluna	1
Aristides Simões -	1	Maria Sampaio e Sousa - aluno	1
Nelson de Almeida -	1	A redação	9
Raul Duarte -	1	Sem autor	13
José Eduardo Macedo Moraes -	1	Total	139
Paulo R. Pestana -	1		
José Feliciano – escritor português	1		
Leopoldo Freitas -	1		
Maximo Moura Santos - aluno	1		
N.M. -	1		
Arthur Telles -	1		
Maria C. De Andrade e Silva -	1		
Nicanor Ortiz - aluno	1		
Constancio Teani - aluno	1		
Luiz Guimarães Junior -	1		
Luiz Guimarães Filho -	1		
Saverio Cristofaro -	1		
Pietro Vanni -	1		
Raul Cardoso de Almeida - aluno	1		
Oscar de Oliveira Ramos -	1		
Felix Pacheco -	1		
Augusto R. de Carvalho -	1		
Renata de Barros -	1		
C.M. Leme Junior - aluno	1		
Herminio Natali - aluno	1		
Carlos de Laet -	1		
Regina Penteado Whitaker – aluna 3º ano (1912)	1		
Carlos Caniato – aluno	1		
Zelia Moreira – aluna do 3º ano (1913)	1		
O.F.A – aluno	1		
Mario Maia Coutinho - aluno	1		
Dias Barros -	1		
R. Cardoso de Almeida - aluno	1		
Ruy Barbosa – político e escritor	1		
François Copée – escritor e poeta francês	1		
E. Lima – aluno	1		
Maria Castro Ferraz – aluna do 4º ano (1914)	1		
Clorinda Dante – aluna do 4º ano (1914)	1		
P.P.C. -	1		
Amadeu Amaral -	1		
J.A.F -	1		

Jacy Moema - aluna	1		
Luiz Pistarini -	1		
Medeiros E. Albuquerque -	1		
Ernesto Lavissee - professor	1		
Olavo Bilac – poeta/jornalista/inspetor de ensino	1		
Affonso Daudet -	1		
Adalgiso Pereira -	1		
H. Viotti -	1		
J. Cardoso – aluno	1		
Pedro P. Da Cunha - aluno	1		
José Maria D'Avila – aluno	1		
Noel dos Santos - aluno	1		
José Pereira da Cunha Filho - aluno	1		
J. Scaramelli - aluno	1		
H. Souza Leal -	1		
E. N. S.	1		
J.L.O -	1		
Euclides de Lima - aluno	1		
Angelo Candia -	1		
Correia Junior -	1		
Alcides Maya -	1		
Gomes-Leite -	1		
Mar-tinho -	1		
Avila Junior -	1		
Rodrigues Lobo -	1		
Benedicta de Rezende - aluna	1		
José do Patrocinio - abolicionista	1		
Oliveira Andrade -	1		
F. Oliveira Junior -	1		
A. Mendes -	1		
Cardim Filho – aluno	1		
Correia Lima -	1		
J.A.S -	1		
O.P.B -	1		
H. -	1		
R.S -	1		
Marsillac Fontes - aluno	1		
Alfredo F. Mattos -	1		
Raul A. Fragoso – aluno	1		
Cleómedes Campos -	1		
Israel Alvez dos Santos – aluno	1		
O. Carvalho – aluno	1		
Epicteto Fontes - aluno	1		
Guilherme de Almeida – poeta brasileiro	1		
J.L da Veiga -	1		

Luiz Galhanone – aluno (1917)	1		
Dra. Maria Saraiva -	1		
Prof. Reynaldo Ribeiro - professor	1		
José ? -	1		
José Luis do ? -	1		
Ferreira Alves Junior -	1		
Maria Luiza Rocha -	1		
Prof. Raul Avila de Macedo – professor	1		
R. Cavalheiro - aluno	1		
Alipio A. Guimarães -	1		
Julia Lopes de Almeida – escritora brasileira	1		
Dr. Oscar Thompson – Diretor da Escola Normal da Capital	1		
Adhebar Nogueira -	1		
Catharina Prado -	1		
Odette de Souza Carvalho -	1		
Dulce Rodrigues dos Santos -	1		
Maria Paiva de Carvalho -	1		
Edwiges H. de Carvalho -	1		
Dr. Antonio Sampaio Doria – professor	1		
Antonieta Ribeiro de Saboya -	1		
Zenon C. Moura -	1		
B.B. Pires -	1		
L.P.J -	1		
J. Aguiar -	1		
Lucio José dos Santos -	1		
C.B -	1		
Aldrovando Condé Scrosoppi – aluno (1915)	1		
Guiomar A. Goés - aluna	1		
Isabel Bueno -	1		
Sheba Gennari – aluna do 1º ano (1918)	1		
Fernando Motta Neto -	1		
H.P.J -	1		
Lucia Pacheco Jordão -	1		
Estellita Ribas – aluna (1920)	1		
Maria Candida Conceição -	1		
Plinio Salgado – jornalista, filósofo e intelectual brasileiro	1		
Ormindia Pinheiro -	1		
Sophia Pacheco Jordão -	1		
Sergio Ribeiro -	1		
Oliveira e Sousa -	1		
Walter Borioni -	1		
Joaquim Jacintho da Rosa -	1		

Antonieta Cavalcanti - aluna	1		
Frederico Albuquerque -	1		
Tercio Teixeira -	1		
Maria do Carmo Junior -	1		
Helena Pacheco Jordão -	1		
José Rizzo – aluno da Escola Complementar (1903)	1		
Cyro Freitas Gaia - aluno (1927)	1		
Anita de Castilho – aluna (1927)	1		
Marcondes Cabral -	1		
Leontina Bergstrom Lourenço - aluna (1925)	1		
Campos Maia -	1		
Oscar Araujo – aluno (1927)	1		
Annibal de Mélo - aluno (1911)	1		
Sem autor -	46		
Total	318		

Fonte: EXCELSIOR! Revista do Grêmio Normalista “Vinte e Dois de Março”, 1911 – 1916. O ESTIMULO. Orgam do Gremio Normalista “Dois de agosto” - Escola Normal de S. Paulo, 1911 – 1927. Escola Normal de São Carlos. Livro de Ponto, 1911. Escola Normal de São Carlos. Atas de inscrição do curso normal profissional de 20/03/1911 a 15/02/921 – matrículas do 1º ano masculino, 1911. Escola Normal de São Carlos. Livro de Admissão - Secção Feminina, 1911. Escola Normal de São Carlos. Livro de Admissão - Secção Masculina, 1911. Escola Normal de São Carlos. Livro Compromisso, 1911. Escola Normal de São Carlos. Livro de Nomeações, abril de 1911 a fevereiro de 1913. ESCOLA NORMAL. Exame de Sufficiencia. Secção Feminina. Diário Oficial, 1916. p. 307 - 400. ESCOLA NORMAL. Exame de Sufficiencia. Secção Masculina. Diário Oficial, 1916. p. 400 - 401. ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do quarto Anno - Sexo Feminino. 27/06/1894-191. ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do Primeiro Anno - Sexo Masculino. 07/06/1894-1920. ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do Primeiro Anno – Sexo Masculino. 14/03/1907-1911. ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do Terceiro Anno – Sexo Feminino. 07/03/1910. ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do Quarto Anno – Sexo Feminino. 25/03/1911. ESCOLA NORMAL DE S. PAULO. Livro de Matrícula do Primeiro Anno – Sexo Feminino. 25/03/1912. RODRIGUES, João L. *Livro jubilar da Escola Normal da Capital contendo a relação completa dos diplomados de todos os institutos congênere do Estado de 1876 a 1929*. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930.

APÊNDICE H – Professores da Escola Normal do Porto

PROFESSORES DA ESCOLA NORMAL DO PORTO	
NOME	CARGO/FUNÇÃO
José Guilherme Parada da Silva Leitão - 1911	Diretor
Henrique Santana - 1913	Diretor
Antonia Antunes Navarro Dardavisat	Professora efetiva
Dr. José Pinto de Queiroz Magalhães	Professor interino
Dr. José Gomes de Oliveira	Professor interino
Acácio Fernandes Lopes Parreira	Professor interino
José Lopes de Araújo	Professor interino
Maria Isabel Martins Ferreira	Professora interina
Ana Emilia Ferreira Guichard	Professora interina
Maria Margarida Barbosa Portela	Professora efetiva
Julia Pereira Botelho Esteves	Professora efetiva
Bento Candido da Silva	Professor interino
D. Maria José da Costa Prata	Professora interina
Joaquim Gomes de Oliveira	Professor interino
Francisco José Cardoso Júnior	Professor interino
Joaquim Soares Ribeiro	Professor interino

Fonte: ESCOLA NORMAL DO PORTO. *Termo de posse conferida aos professores da Escola Normal do Porto – Sexo feminino e depois mista.* 1882-1919. Porto.